

O Brasil Lê

**Mapeamento e
análise de projetos
de formação de
leitores no Brasil**

OUTUBRO 2021

O BRASIL QUE LÊ

Mapeamento e análise de projetos de formação de leitores no Brasil

Instituto Itaú Cultural

Eduardo Saron
Claudiney Ferreira
Kety Nassar
Roberta Roque

Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio

Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio
Gilda Carvalho

Coordenação da Pesquisa

Denise Ramalho

Coordenação Executiva

Gilda Carvalho

Coordenação de Tecnologia

Aline Frederico
Viviane Moreira

Pesquisadoras

Aline Frederico
Claudia Medeiros
Denise Ramalho
Gilda Carvalho
Lucia Fidalgo
Rosália Guedes
Stella Pellegrini
Viviane Moreira

Estagiários

Liz Cerqueira
Milena Pires
Pedro Wainstok

Supervisão da Pesquisa

JCastilho Consultoria

Eliana Yunes
José Castilho

Consultoria

Maria Elvira Charría
Vera Teixeira de Aguiar

Edição Executiva dos Relatórios

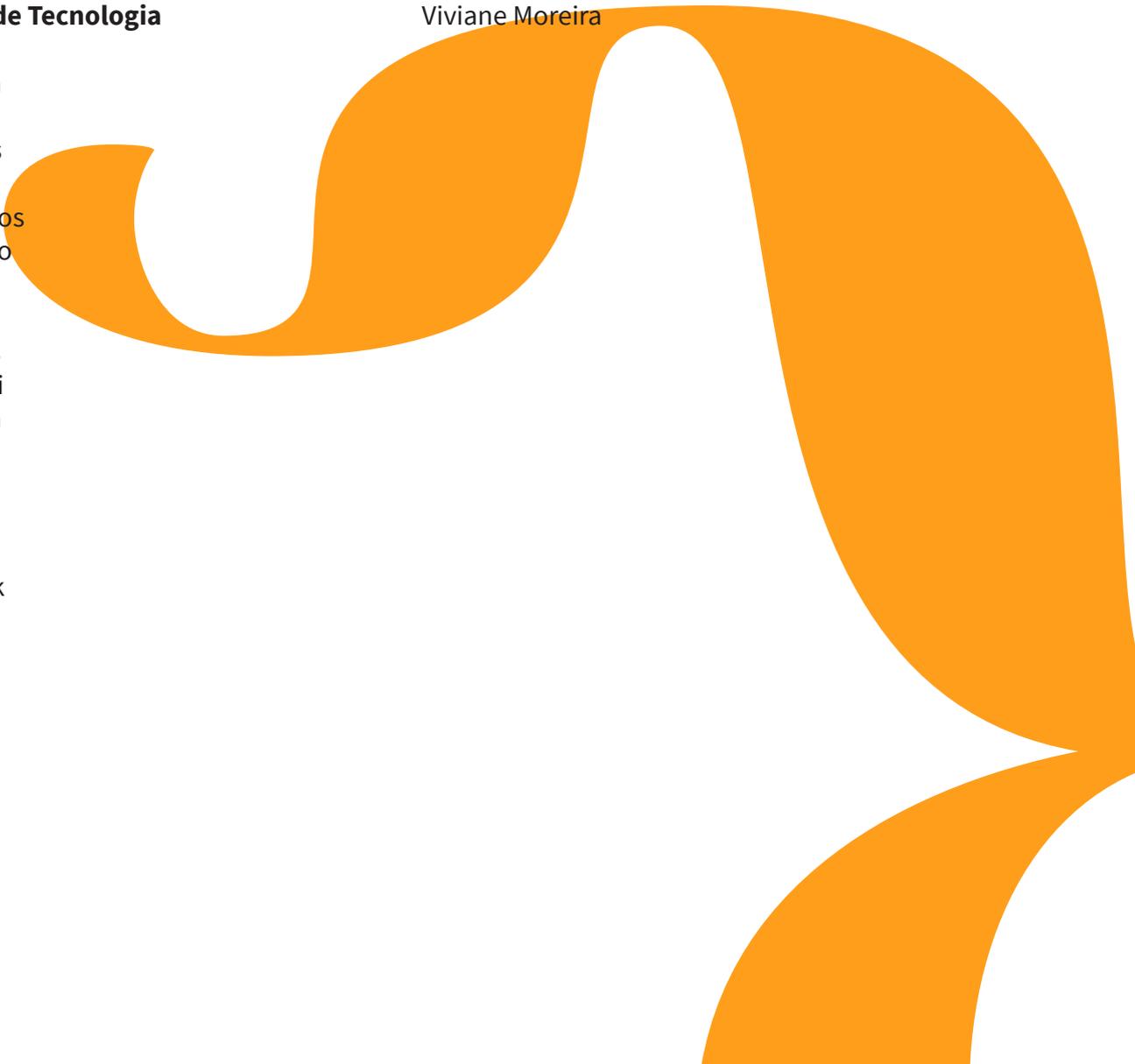
Eliana Yunes

Identidade Visual e Projeto Gráfico

Antonia Yunes

Gráficos

Antonia Yunes
Viviane Moreira



Agradecimentos

A equipe da pesquisa O Brasil que Lê agradece às pessoas e instituições que colaboraram com este trabalho

Aldo Lima

RELER/UFPE

Kenny Santos

DF

Alice Matsuda

RELER/UTFPR

Lidia Cavalcante

RELER/UFC

Angela Fronckowiak

RELER/UNISC

Maria Elvira Charría

Argentina

Angela Rolla

RELER/ULBRA

Marta Moraes

RELER

Diógenes Buenos Aires

RELER/UESPI

Ministério do Turismo

DF/Setor de Arquivo

Ebe Lima

RELER/UEG

Patrícia Constâncio

RELER

Eliane Galvão

RELER/UNESP

Santinho Ferreira

RELER/UFES

Goiandira Ortiz

RELER/UFG

Silvana Carrijo

RELER/UFG

Helber Paiva

iiLer/RJ

Sylvia Trussen

RELER/UFPA

Hugo Monteiro

RELER/UFRPE

Valéria Medeiros

RELER/UFTO

Instituto Pró-Livro

SP

Valéria Pereira

RELER/CES-JF

Joana D'Arc Bezerra

BCH/UFC

Vera Teixeira Aguiar

RELER/PUC-RS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Autor

Título / Autor. — Cidade: Editora, Ano.

ISBN 000-00-00000-00-0

1. Assunto 2. Assunto

00-00000 CDD-000.0

Índice para catálogo sistemático:

1. Índice: Índice 0



9 **PROJETOS DE LEITURA**
Resilientes e Criativos

11 **PRÓLOGO**
Para dar a ver O Brasil que Lê

I.
O BRASIL QUE LÊ
Mapeamento analítico de iniciativas de leitura

16 **APRESENTAÇÃO**
Quem é e quem faz esse Brasil que lê?

19 **1. Análise dos projetos**

19 1.1. Perfil dos responsáveis pelo projeto

21 1.1.1. *Distribuição geográfica*

23 1.1.2. *Situação dos projetos quanto à duração*

24 1.1.3. *Origem do projeto — de onde partiu a iniciativa: articulações, parcerias, fontes de recursos*

28 1.1.4. *Espaços virtuais e abrangência dos projetos*

34 1.1.5. *Público-alvo e acervo*

38 1.1.6. *Equipe do projeto: perfil, formação*

44 1.1.7. *Conceituação de leitura e Objetivos do projeto X Atividades realizadas*

49 1.1.8. *Metas, avaliações, atendimentos, desdobramentos*

56 1.1.9. *Desafios e sonhos*

58 **2. Ações de destaque e correção de rumos**

61 **CONCLUSÃO**

63 **BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA**

64 **SOBRE AS AUTORAS**

II.
O BRASIL QUE LÊ
Mapeamento de metodologias de mediação
e gestão de projetos de leitura

66 **APRESENTAÇÃO**
Metodologias e Gestão em diálogo

68 **1. Metodologias de Promoção de Leitura: teorias, práticas, encontros**

69 1.1. O desafio da Mediação de Leitura e práticas mais adotadas

70 1.1.1. *Leitura individual obrigatória ou livre*

71 1.1.2. *Contação de Histórias*

72 1.1.3. *Leitura em voz alta*

72 1.1.4. *Círculos de Leitura*

72 1.1.5. *Empréstimos de itens do acervo*

73	<i>1.1.6. Outras práticas da área do Livro e da Leitura</i>
74	1.2. Apontamentos finais em metodologias e práticas
76	2. Gestão de Projetos de Promoção de Leitura: técnica e paixão
77	2.1. Como os projetos começam...
78	2.2. Conceitos e objetivos: escolhendo caminhos
80	2.3. Planejamento e estratégias: consolidando ações
82	2.4. Pessoas, acervos e tecnologia: lá, onde tudo acontece
84	2.5. Avaliação e impactos: que resultados queremos?
85	2.6. Sonhos, porque é preciso tê-los
86	CONCLUSÃO
88	BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA
89	SOBRE AS AUTORAS
III.	
O BRASIL QUE LÊ	
Mapeamento de perfis de mediadores de leitura	
91	APRESENTAÇÃO
94	1. Leitura, leitor e mediador: implicações
98	2. Análise dos projetos quanto à formação de mediadores de leitura
98	2.1. Perfil dos mediadores
99	<i>2.1.1 Tipos de mediador de maior destaque</i>
100	<i>2.1.2 Mediadores com ou sem formação inicial</i>
103	<i>2.1.3 Remuneração das equipes de mediadores</i>
103	2.2. Quantidade de mediadores X Equipe
105	3. Projetos que trabalham com Formação de Mediadores
106	3.1. Perfil dos mediadores, remuneração, público-alvo e espaços onde os projetos acontecem
108	<i>3.1.1 Remuneração</i>
108	<i>3.1.2 Público-alvo</i>
110	<i>3.1.3 Espaços e quem desenvolve os projetos de formação de mediadores</i>
113	3.2. Formação continuada de mediadores para formar mediadores
115	CONCLUSÃO
	Formação de mediadores para formar leitores
119	BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA
120	SOBRE AS AUTORAS

IV.
O BRASIL QUE LÊ
Mapeamento da aplicação das novas tecnologias
em projetos de leitura

122 APRESENTAÇÃO

124 1. Usos das novas tecnologias nos projetos de leitura

126 1.1. Mídias sociais

137 1.1.1. Booktubers e outros projetos baseados nas redes sociais

139 1.2. Websites e blogs

144 1.3. Plataformas de mensagens instantâneas

145 1.4. Plataformas de videoconferência

146 1.5. Podcasts

148 1.6. Aplicativos desenvolvidos pelos próprios projetos

149 1.7. Mídias tradicionais: rádio e televisão

150 2. Infraestrutura tecnológica

151 2.1. Infraestrutura tecnológica nas diferentes regiões do país

153 2.2. Infraestrutura tecnológica de acordo com a origem dos projetos

155 2.3. Recursos tecnológicos de acordo com o ambiente de realização do projeto

157 2.4. Necessidade de mais recursos tecnológicos

158 3. Acervos digitais

161 3.1. Variedade de itens no acervo

165 CONCLUSÃO

168 BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

169 SOBRE AS AUTORAS

V.
O BRASIL QUE LÊ
Tabulações e gráficos

171 APRESENTAÇÃO

173 1. Perfil dos projetos por tabulação simples

209 2. Tabulação cruzada considerando perguntas e respostas sobre novas tecnologias, infraestrutura tecnológica e acervos digitais

218 3. Tabulação cruzada considerando o perfil dos mediadores

225 4. Tabulação cruzada considerando a pergunta Q10 (Estado do projeto)

227 SOBRE A AUTORA

VI.
O BRASIL QUE LÊ
Relatório de supervisão e conclusão da pesquisa

229 Considerações para uma avaliação dos relatórios finais

238 SOBRE OS AUTORES

239 APÊNDICE
Questionário O Brasil que Lê

271 LISTA DE GRÁFICOS





PROJETOS DE LEITURA Resilientes e Criativos

Ao pesquisar e refletir sobre os projetos de leitura de administrações públicas, mas, principalmente, os criados e sustentados pela sociedade civil, **O Brasil que Lê** valoriza a ação dessas iniciativas. A pesquisa revela que são ações que, na sua maioria, atuam com poucos recursos e estímulos público e empresariais, mas se revelam criativos, transformadores de muitos espaços comunitários, muitas vezes sustentados principalmente pela dedicação de voluntários. Cerca de 44% dos projetos têm voluntários como seus mediadores de leitura. Este é um dado que revela a importância desta pesquisa inédita e original, pois como afirma a apresentação do trabalho, devemos pensar em ações que fomentem projetos de formação de pessoas em mediação de leitura, “já que os mediadores são a alma dos projetos.”

O caso dos mediadores voluntários nos faz pensar muito em possíveis políticas públicas para a leitura — em especial na educação e na cultura. Os parceiros de **O Brasil que Lê** — o Itaú Cultural, o Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio e a Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, com a supervisão da JCastilho Consultoria —, acreditam que o desenvolvimento do país só se dará de verdade com políticas públicas contextualizadas com nossa realidade, de forma criativa e em longo prazo. Para isso, são necessários o bom conhecimento das problemáticas e a produção de métricas que captem as variadas facetas de cada assunto, além da análise e da divulgação desses panoramas. Esta pesquisa fornece a gestores públicos, editores, escritores, livreiros e outros cidadãos interessados — meios de entender o que o Brasil lê, quem são seus leitores — e, a partir daí, projetar o que é preciso para ampliar a leitura no país. Colaborar com a construção de uma país de leitores, humanistas, é o desejo dos parceiros da pesquisa **O Brasil que Lê**.

O Itaú Cultural também foi parceiro do Instituto Pró-livro na quinta edição da pesquisa Retratos da Leitura. O panorama apresentado naquela pesquisa revela que, de 2015 a 2019, sofremos uma perda: passamos de 104,7 milhões de leitores para 100,1 milhões – uma queda de 4,6 milhões, mais acentuada nas classes A (de 76% de leitores para 67%) e B (de 70% para 63%) e entre os que cursaram o Ensino Superior (de 82% para 68%). Essas e outras informações recolhidas pela pesquisa têm um tom de alerta. O desenvolvimento social e econômico do Brasil depende de combatermos o analfabetismo funcional – segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2018, três em cada dez brasileiros entre 15 e 64 anos têm esse déficit. Devemos insistir que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) leve em conta as marcas da leitura e estimular a paixão por ler nas famílias – afinal são elas que criam o gosto pela leitura: mães, pais e parentes são os mais influentes nesse contexto. Alguns dados da pesquisa nos surpreenderam e nos deram mais ânimo e alegria. Saber, por exemplo, que 21% dos projetos pesquisados lidam com... bebês, e 69%, com crianças. Não seremos centrais em nossa própria história sem a leitura, o que afeta a educação, a pesquisa científica, nossa evolução institucional, nossa humanidade, afinal o livro é a ponta de lança de uma luta por equidade.

Para o Itaú Cultural, informações e dados são essenciais para pensar a gestão cultural e a formulação de políticas públicas. Dessa forma se deu a parceria com o Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio e a Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio para desenvolver **O Brasil que Lê**, da pesquisa aos webnários sobre projetos de leitura a reflexão sobre a pesquisa. O Itaú Cultural também é parceiro, com o Instituto Pró-livro, na realização da atual pesquisa Retratos da Leitura. Nesse caso, a atuação se deu por meio do Observatório Itaú Cultural, um espaço de pesquisa, formação e reflexão sobre o setor cultural. O Itaú Social do Itaú Cultural na instituição mantenedora, a Fundação Itaú para a Educação e a Cultura, também realiza trabalhos significativos em favor da leitura, por meio de programas de fomento e formação. Mais do que garantir o acesso à literatura de qualidade, é preciso qualificar os profissionais que atuam nas diversas instâncias de formação de leitores. O Leia com uma Criança é uma das iniciativas realizadas nesse campo e, em 12 anos, já distribuiu mais de 59 milhões de livros para crianças de todo país e formou mais de 27 mil profissionais da educação.

O Brasil que Lê tem seu lado resiliente que marca a memória de todos aqueles que colaboraram na construção deste trabalho. A história está contada na apresentação da publicação. As conversas, negociações e definição de diretrizes da pesquisa ocorreram até final de 2019. Portanto, antes do início da pandemia no Brasil, em meados de março de 2020. Mas a triste e abrupta entrada em nossas vidas do COVID-19 não impediu que algo de qualidade fosse realizado, mesmo que em um formato diferente do primeiramente planejado. Os dados estão aí. Potentes e reveladores. Números influenciados pelo vírus, claro, não poderia ser diferente. Apesar das dificuldades que todos passamos (estamos passando), 73% dos projetos pesquisados estão vivos e atuando. Este número revela muita gente que acredita na leitura, na imaginação, na educação, na arte, na ciência, nas pessoas.



PRÓLOGO

Para dar a ver O Brasil que Lê

Quando escrevemos a proposta que deu origem a esta pesquisa, tudo era diferente. Esse trabalho começou a ser desenhado em julho de 2019 com a ideia que o Itaú Cultural nos colocou, no sentido de ver realizado um mapeamento sobre os projetos de leitura existentes em todo o Brasil, que pudesse mostrar onde estão os sucessos e as dificuldades na formação de leitores.

Aos poucos, o desenho final foi sendo construído e, em abril de 2020, já com o mundo paralisado pela pandemia da COVID-19, iniciamos **O Brasil que Lê**. As três instituições parceiras — o Instituto Itaú Cultural, a PUC-Rio, por meio do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio e da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, e a JCastilho Consultoria — descobriam-se desafiadas a realizar um trabalho de modo totalmente remoto; e aqui estão os resultados encontrados, que nos revelam um país sofrido, mas que pulsa e resiste.

A pesquisa, além de localizar os projetos e seus territórios de atuação, apresenta uma avaliação sobre perfis de mediadores, metodologias aplicadas, critérios de gestão empregados e o impacto do uso de tecnologias para a promoção de leitura. Para realizá-la, foi reunida uma equipe multidisciplinar que pudesse oferecer um enfoque multifacetado, enriquecido pela integração de diversos campos do saber. Coincidência ou não, uma equipe totalmente feminina, composta por pesquisadoras das áreas de Letras, Biblioteconomia, Educação, Administração, Comunicação e Informática e que, para além do conhecimento teórico, possuem ampla experiência em gestão e análise de projetos de promoção de leitura. Esse time trabalhou

por meio de reuniões semanais que desde junho/2020 e permanecerá ativo até a entrega e divulgação dos resultados.

¹ O questionário levou em consideração as disposições da Lei n.º 13.709/2018 — Lei Geral de Proteção de Dados.

Foi essa mesma equipe que desenvolveu o questionário de captação das informações¹ que possibilitasse as respostas que a pesquisa colocava. Um questionário longo, complexo, com 85 perguntas, acrescidas de dois campos para envio de anexos e informações adicionais, e divididas em blocos: identificação do projeto e do responsável pelo projeto, status do projeto, territórios de atuação, audiência (públicos-alvo), recursos, equipes, justificativas, conceitos e metodologias, metas estabelecidas, atividades realizadas, avaliação e impactos sociais e, por fim, desdobramentos possíveis. Embora extenso, o respondente que tivesse em mãos as informações necessárias, não demoraria mais que 20 minutos para preenchê-lo. O iiLer ofereceu uma infraestrutura via *site*, telefone, WhatsApp e *lives* periódicas para atendimento aos projetos com dificuldades de inscrição e preenchimento, facilitando o acesso ao questionário e a resolução de dúvidas.

Em abril de 2020, porém, o mundo estava parado; o ritmo da vida tinha se transformado e, sabemos, nunca mais voltará a ser o mesmo. A proposta contratada para a realização da pesquisa previa, para a realização das análises já citadas, o mapeamento de pelo menos 1.000 projetos (ativos ou não) dos últimos 30 anos, a utilização de diversas bases de dados em referência a projetos já disponibilizadas por instituições da área da leitura e a visita *in loco* de 5 projetos por estado brasileiro. Embora naquele momento a situação sanitária fosse bastante grave e já se vislumbrasse uma impossibilidade de convívio presencial por um período bastante longo, o projeto foi também afetado por duas questões inesperadas:

- a dificuldade de obtenção de dados de projetos em bases já consolidadas como os arquivos do Prêmio VivaLeitura, do extinto MinC;
- e, sobretudo, o encontro com o desalento e o desamparo generalizados, provocados, além das próprias dores do enfrentamento de uma pandemia, pela ausência de políticas públicas nas áreas da cultura e da leitura, com conseqüente desânimo mesmo entre tantas pessoas marcadas pela capacidade de resistir.

Tais desafios significaram a necessidade de um trabalho intensivo de divulgação da pesquisa, lançada a público em 09/11/2020. Além do evento de lançamento, transmitido pelo YouTube e com ampla divulgação em mídias sociais e tradicionais, o convite à participação foi enviado a Secretarias Municipais e Estaduais de Cultura e Educação, a projetos das bases de dados do iiLer/Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio e do Instituto Pró-Livro, que nos franqueou o respectivo acesso, e às bibliotecas públicas e comunitárias de todos os estados brasileiros. A RELER — Rede Avançada de Pesquisa em Leitura associada à Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio também contribuiu com a divulgação da pesquisa, organizando encontros com promotores de leitura nos diversos estados onde se encontra. Mediados pela RELER, foram realizados encontros em Santa Catarina, Goiás, Amapá e Tocantins. Outras instituições e perfis de redes sociais associaram-se a este esforço de

divulgação, oferecendo espaços para apresentação da pesquisa para diversos públicos.

Mais de 10.000 emails foram enviados entre novembro/2020 e março/2021. O cronograma inicial foi estendido por dois meses (fevereiro e março/2021) e durante todo esse período uma intensa campanha de divulgação foi mantida em nossas redes sociais. Mas, as barreiras já estavam colocadas e não foi possível chegar ao número estimado de projetos inscritos.

Foram recebidas 997 respostas ao questionário. Destas, 586 estavam incompletas, faltando dados importantes para avaliação. Aos projetos que ao menos incluíram informes que possibilitassem um contato foi oferecida uma assessoria para o preenchimento total de suas respostas, sem termos alcançado, contudo, um retorno extenso para a complementação dos dados de todos.

Cada membro da equipe de pesquisa leu todas as 411 respostas identificadas para possível análise, e, desta leitura, reuniu sua base de dados, com a seguinte composição:

- 373 respostas completas e validadas.
- 29 respostas foram descartadas por não configurarem projetos de promoção de leitura: são trabalhos valiosos, que ou ainda não estavam iniciados ou tratavam de prestação de serviços para produção e consultoria editorial ou venda de livros.
- 9 projetos com respostas incompletas foram recuperados e ofereceram informações suficientes para sua análise, sendo por isso incorporados.

O *corpus* da pesquisa está composto, portanto, por 382 projetos, compreendendo 24 estados brasileiros – exceções Acre, Alagoas e Sergipe. Distribuem-se pelas capitais e interiores, atendem às mais diversas pessoas, com diferentes e criativas atividades. Praticam a resistência, esperança. É sobre esses projetos, suas práticas, suas pessoas, seus mecanismos e tecnologias que vamos falar agora.

Seguem-se cinco grandes relatórios:

- I. O Brasil que Lê: Mapeamento analítico de iniciativas de leitura**
- II. O Brasil que Lê: Mapeamento de metodologias e gestão de projetos de leitura**
- III. O Brasil que Lê: Mapeamento de perfis de mediadores de leitura**
- IV. O Brasil que Lê: Mapeamento da aplicação de novas tecnologias em projetos de leitura**
- V. O Brasil que Lê: Tabulações e gráficos**

Este último, não previsto inicialmente, foi incluído no trabalho como forma de registrar os resultados tabulados da pesquisa, sem qualquer análise. Este material foi gerado diretamente, a partir das respostas às perguntas fechadas do questionário de pesquisa e, indiretamente, a partir do cruzamento entre respostas e a distribuição estadual e/ou regional, conforme o caso. Deles se servem os demais relatórios para, aí sim, destacar e analisar temas e questões específicas aos projetos.

Ao reunirmos todos os relatórios em um único volume, aproveitamos para incluir também o texto escrito pelos professores José Castilho Marques Neto e Eliana Yunes, que atuaram como supervisores da pesquisa. Ao conhecer seus resultados, os dois traçam, a partir daqueles, um perfil atualizado sobre a situação da promoção da leitura em nosso país, incluindo os fatores políticos e históricos que contribuem para os percalços enfrentados por aqueles que se dedicam a essa tarefa.

Agradecemos ao Itaú Cultural e à JCastilho Consultoria pelo diálogo constante e fundamental para que esse trabalho atingisse a maturidade para vir a público. Que possamos ter cumprido a tarefa de mostrar que a formação de leitores merece mais apoio e investimento, pois transforma a qualidade de vida e a cidadania. Ao fim, uma certeza: há um Brasil que lê e que vale a pena conhecer!

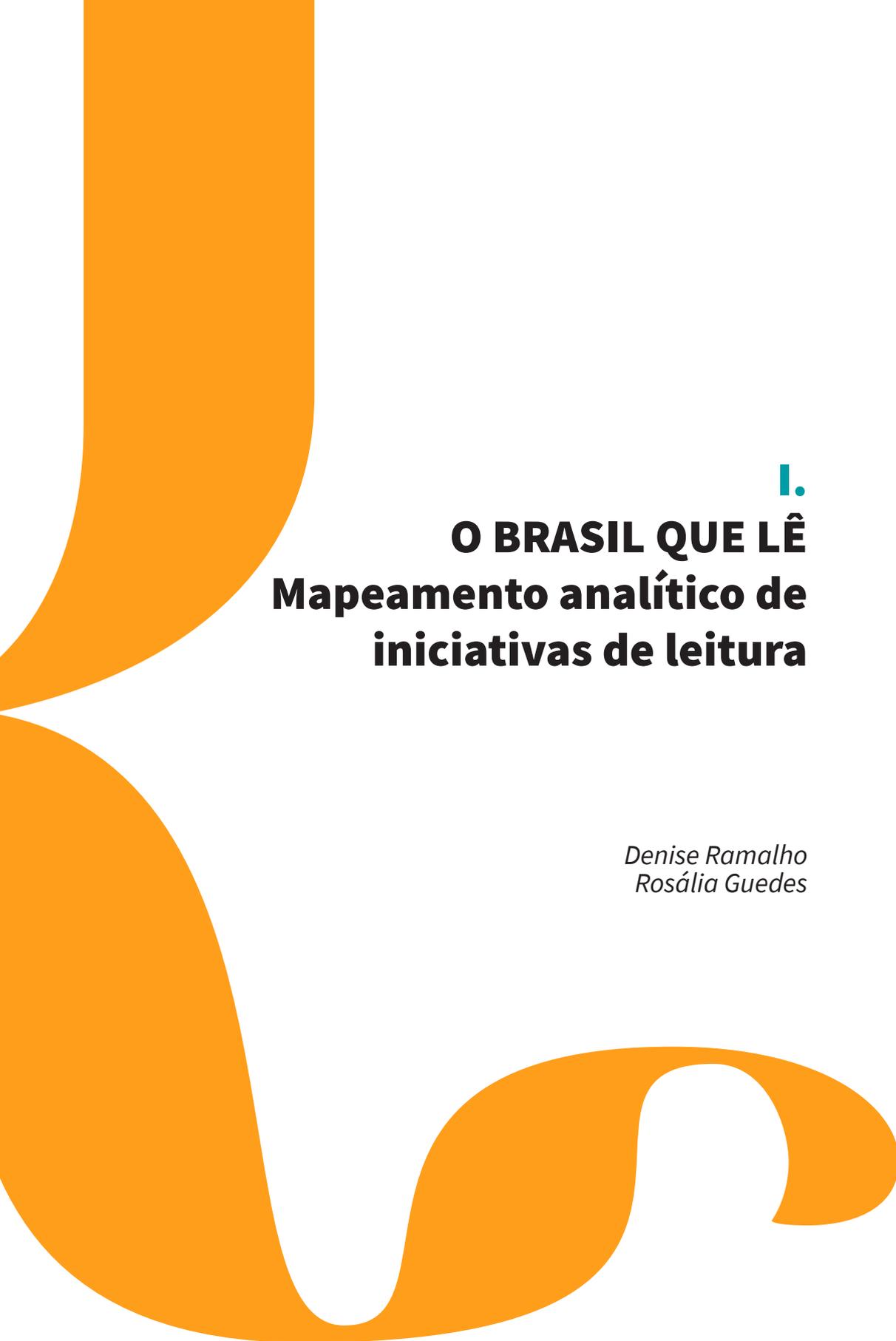
Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2021.

Denise do Passo Ramalho

Coordenadora da Pesquisa O Brasil que Lê

Gilda Carvalho

Diretora do iiLer



I.
O BRASIL QUE LÊ
Mapeamento analítico de
iniciativas de leitura

Denise Ramalho
Rosália Guedes

APRESENTAÇÃO

Quem é e quem faz esse Brasil que lê?

A equipe da pesquisa **O Brasil que Lê** se dedicou à elaboração do questionário, divulgação, metodologia do trabalho e análise dos dados obtidos. A criação de relatórios específicos para a apresentação dos resultados se estabeleceu como melhor estratégia para a maior visibilidade dos mesmos. Tal repartição tem por objetivo pôr em foco aspectos fundamentais para tratar o tema da leitura e de como projetos de formação de leitores vêm atuando em todo o território nacional.

O relatório que agora apresentamos traz o panorama geral da pesquisa realizada. Além deste, apresentaremos relatórios de análise de gestão, mediação e uso de novas tecnologias. Por meio da análise dos formulários respondidos por projetos de quase todo o país, oferecemos a pesquisadores e aos que se interessam e trabalham pela leitura um painel do que se faz no Brasil que lê. Trata-se, portanto, da apresentação de dados estatísticos, por um lado, e, por outro, do estudo de impactos, de possibilidades, de experiências de sucesso e de dificuldades, que, ao longo do processo, se foi registrando.

Antes de qualquer explanação, faz-se necessário darmos a conhecer as responsáveis por esse relatório de apresentação específico que, embora redigido a quatro mãos, tem a contribuição valiosa de toda a equipe envolvida na tarefa. A elaboração do texto, agora apresentado, coube a Denise Ramalho, Doutora em Letras pela PUC-Rio, pesquisadora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, coordenadora do GELIJ (Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil), profissional com uma vida inteira dedicada à pesquisa e ao trabalho de formação de leitores e a Rosália Guedes, Mestra

em Linguística Aplicada ao Ensino, pela PUCRS, consultora de políticas públicas na área do livro, leitura e bibliotecas.

Importante, ainda, falar um pouco do processo de trabalho que resultou neste documento e de algumas premissas que nortearam a análise dos dados. Muito antes do lançamento da pesquisa e da chamada para participação dos projetos, o grupo das pesquisadoras já se reunia para a produção tanto do formulário a ser respondido pelos participantes para a construção de toda a base metodológica do estudo dos dados e de sua posterior divulgação. Foram meses de reuniões semanais, o que possibilitou uma troca produtiva, colocando o grupo em sintonia.

No meio do caminho, porém, houve uma pandemia: a COVID-19, fator inesperado que alterou, e muito, o primeiro desenho que havíamos dado ao processo de trabalho. Desafio à vista. Não foi tarefa fácil manter a energia para divulgar a pesquisa, enquanto, pessoalmente, cada uma das pesquisadoras sofria o impacto do que se estava a viver em todo o país. Difícil manter o ânimo em meio ao dramático momento de tantas perdas, de tanta distância física, mas desistir nunca foi uma possibilidade. Mudanças de rumo foram necessárias. As visitas a projetos, previstas no planejamento inicial, tornaram-se inviáveis. Foi preciso, também, criar meios de comunicação com os que respondiam ao formulário e tinham dúvidas de preenchimento, uma vez que era impossível qualquer ação presencial.

Enfim, adequações foram realizadas de modo a garantir que pudéssemos dar a conhecer aqueles que fazem **O Brasil que Lê** porque, mais do nunca, é fundamental tornar visível o trabalho dos que confiam na leitura e na educação como meios de garantir o exercício da cidadania consciente e plena.

Como dupla responsável pela elaboração deste presente relatório, não tivemos nenhuma dificuldade em afinar nosso modo de trabalho, nem palavras, que foram nascendo sempre em cumplicidade, para apresentar os resultados gerais extraídos dos formulários, cabendo esclarecer os critérios que nortearam a análise.

A própria natureza da pesquisa envolve números que serão apresentados nos demais documentos. Necessário quantificar, mas isso não é suficiente. Os números não conseguem, por si só, revelar os múltiplos aspectos do fazer dos projetos participantes. Tanto assim que o formulário apresentado contém questões objetivas e discursivas, dando oportunidade ao responsável por fornecer as informações sobre aspectos e dados do cotidiano de seu projeto.

Queremos ressaltar que algumas perguntas feitas exigem apenas que se assinale uma opção, porém há questões em que o respondente pode assinalar mais de um item, como no caso da constituição do acervo, conceito de leitura do projeto, objetivos e outras. Portanto, os percentuais citados nessas questões dizem respeito ao número de entradas que o item foi assinalado na resposta.

Na interseção entre o quantitativo e o qualitativo está o objeto de análise deste relatório. Buscamos apresentar dados estatísticos, que são fundamentais, e estudar o que esses dados apontam, o que podem

dizer, considerando, ainda, a descrição dos projetos feita livremente pelos informantes.

Mais além, números falam de circunstâncias, e com eles se traçam perfis: justo o que fomos buscar — o perfil dos que estão trabalhando pela leitura. Não é o caso de apenas apresentarmos gráficos, mas de ler a história que eles contam, mostrando o que se faz, onde se faz, como e o quanto se faz pela leitura no Brasil.

Esta é a chave deste relatório, bem como de toda a pesquisa realizada, que é apenas um primeiro passo para o muito a caminhar na construção de um país leitor.

1.

Análise dos projetos

Já se disse que as grandes ideias vêm ao mundo mansamente, como pombas. Talvez, então se ouvirmos com atenção, escutaremos, em meio ao estrépito de impérios e nações, um discreto bater de asas, o suave acordar da vida e da esperança.

(Albert Camus)

1.1. Perfil dos responsáveis pelo projeto

O primeiro ponto positivo, e que chama atenção, mostra que 83,86% dos que respondem aos formulários, na condição de informantes, são os responsáveis pelos projetos. As respostas são, portanto, dadas por quem, de fato, conhece e vive o projeto.

Alguns dados sobre os responsáveis por projetos se fazem relevantes. 74,08% são mulheres, a maior parte pós-graduada (67,28%), as principais áreas de formação são em Letras e Pedagogia (ambas 21,47%).

GRÁFICO 1 | Distribuição por gênero do responsável pelo projeto

Fonte: Gráfico 3, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

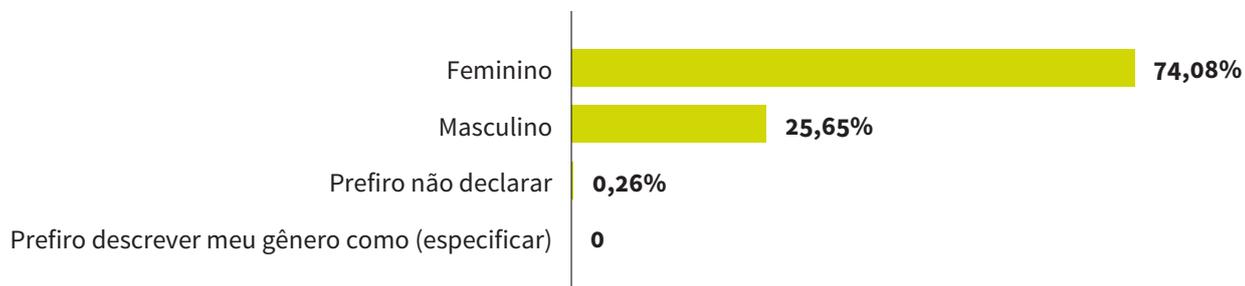


GRÁFICO 2 | Distribuição por nível de formação do responsável do projeto

Fonte: Gráfico 4, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

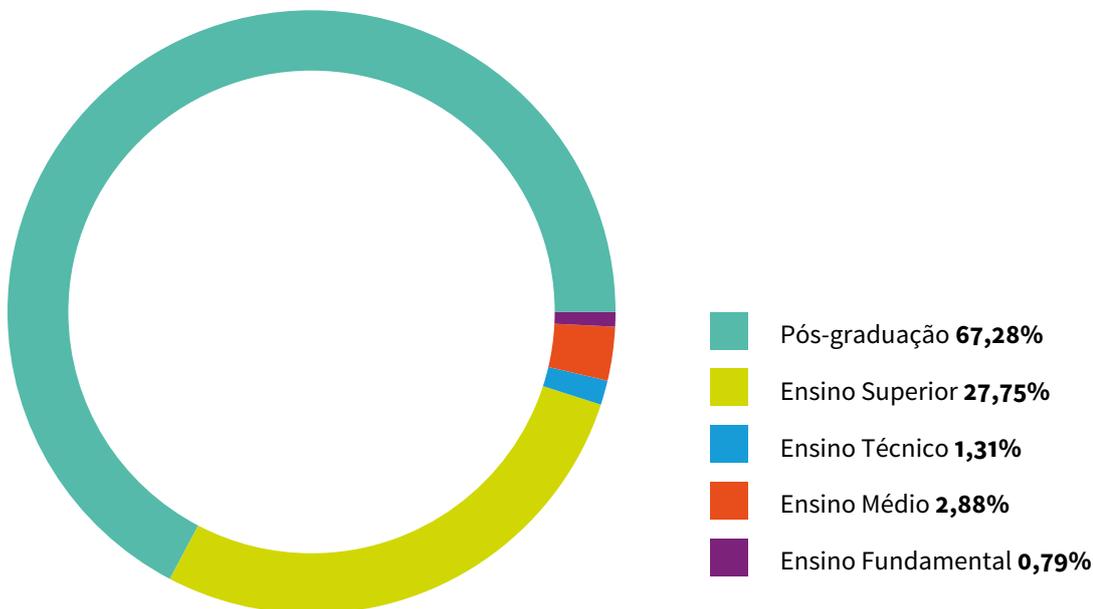
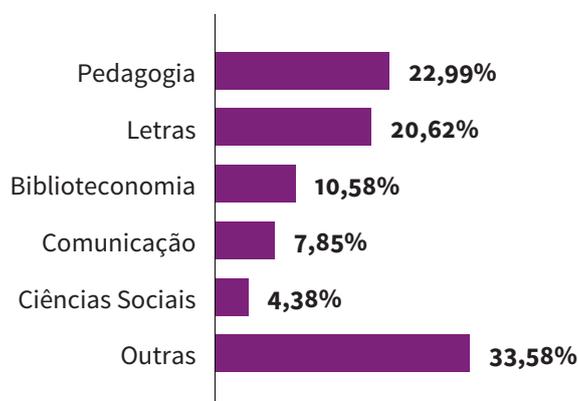


GRÁFICO 3 | Área de formação do responsável

Fonte: Gráfico 5, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



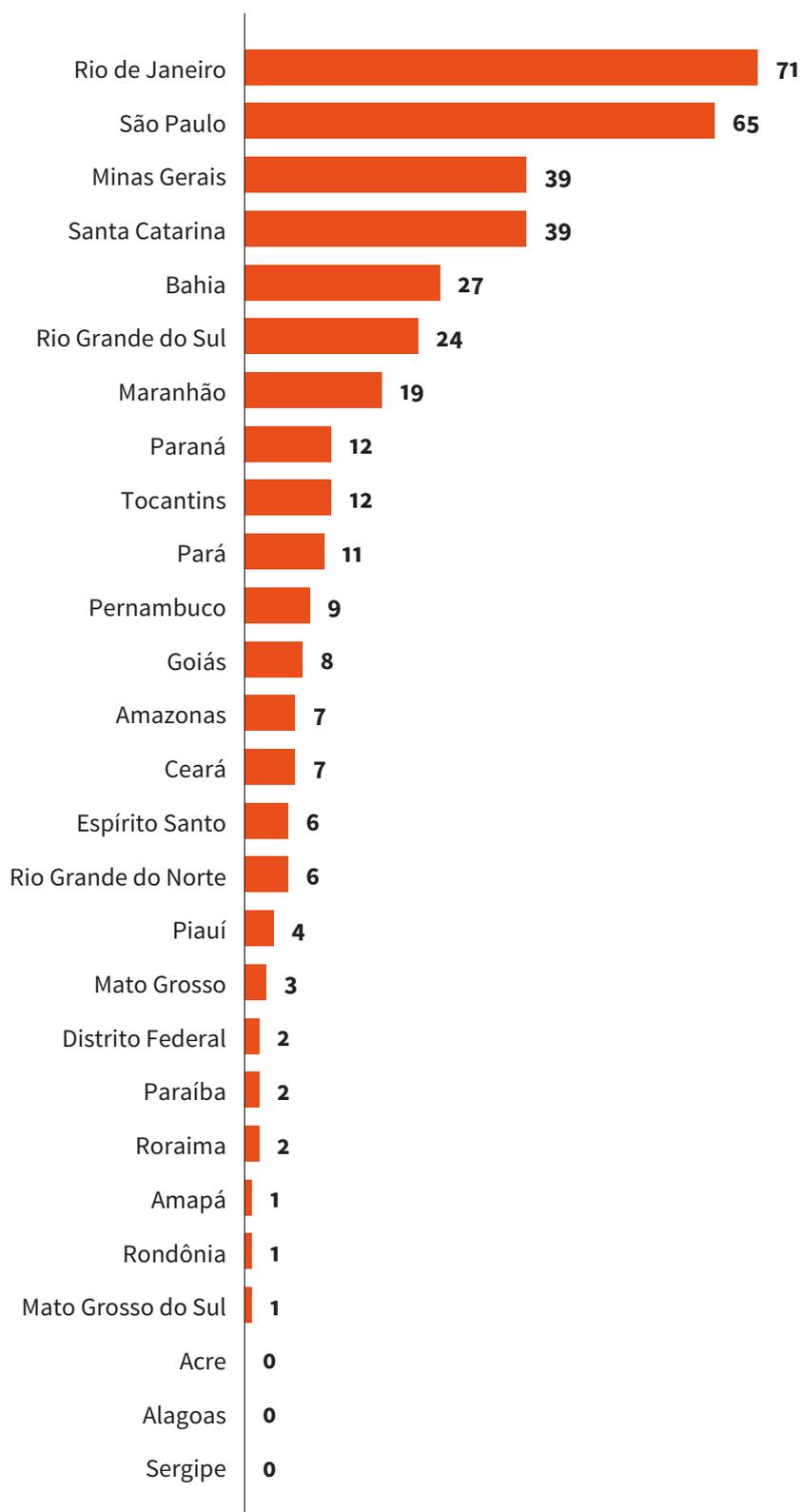
1.1.1. Distribuição geográfica

A seguir, é fundamental observarmos a distribuição dos projetos respondentes pelo Brasil. Infelizmente não houve participação de três estados: Acre, Alagoas e Sergipe, embora tivéssemos conhecimento de ações expressivas em décadas anteriores. Todos os demais se fizeram representar, incluindo o Distrito Federal.

Percebemos uma maior concentração na região Sudeste, registrando 47,81% dos projetos, sendo o Rio de Janeiro o estado com maior percentual — 18,78%. Em seguida, aparece a região Sul — 19,84%. Aqui o estado com maior percentual é Santa Catarina — 10,32%. A terceira região com mais projetos registrados é a Nordeste — 13,49%, destacando-se o estado da Bahia com 7,14%. Em quarto lugar está a região Norte — 10,04% e o estado com maior visibilidade é Tocantins — 3,17%. O Centro-Oeste aparece em quinto lugar com 3,7%, destaque para Goiás com 2,12%.

GRÁFICO 4 | Distribuição de projetos por Estado

Fonte: Gráfico 1, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



A participação das regiões Sul e Sudeste somam 67,65% do total de projetos, dado que gera algumas reflexões. Seria esse número reflexo de maior concentração de renda nessas regiões? Ou, ainda, com a pandemia em curso, haveria uma maior circulação de informação no Sul e Sudeste do país para que mais pessoas ficassem sabendo da pesquisa, uma vez que grande parte da divulgação se deu via redes sociais? Talvez a combinação desses dois fatores ajude a compreender esse número.

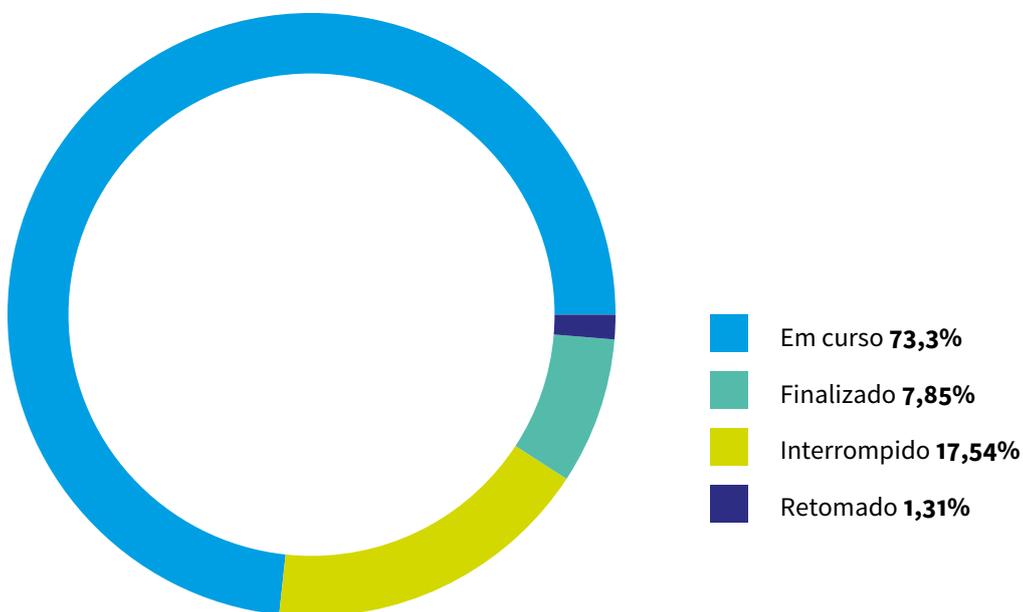
Outro dado de interesse, não traduzido em gráfico, mas registrado nas respostas obtidas nas regiões Sul e Sudeste, tem-se uma grande concentração de projetos nas capitais ou grandes cidades de suas regiões metropolitanas. Já no Norte e Nordeste, um significativo número de projetos encontra-se no interior.

1.1.2. Situação dos projetos quanto à duração

Verificamos que 73,30% dos projetos estão em curso; 7,85% estão finalizados — esses tinham em sua proposta um tempo determinado de duração. Há 17,54% que interromperam suas atividades. As duas causas que mais aparecem para justificar a suspensão são falta de recursos financeiros e a pandemia COVID-19. Com relação à pandemia, devemos registrar que, por um lado, provocou a interrupção de alguns projetos e, por outro, propiciou o surgimento de novas iniciativas. Mais adiante, no item **1.1.4. Espaços virtuais e abrangência dos projetos**, iremos tratar dessa questão. Observamos que 1,31% dos projetos que passaram por interrupção já estão novamente em atividade. A suspensão das atividades, nesses casos, se deu por algum impedimento do responsável (como questões de saúde, por exemplo) ou recesso do ano letivo (caso de projetos desenvolvidos em escolas).

GRÁFICO 5 | Status do projeto

Fonte: Gráfico 6, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

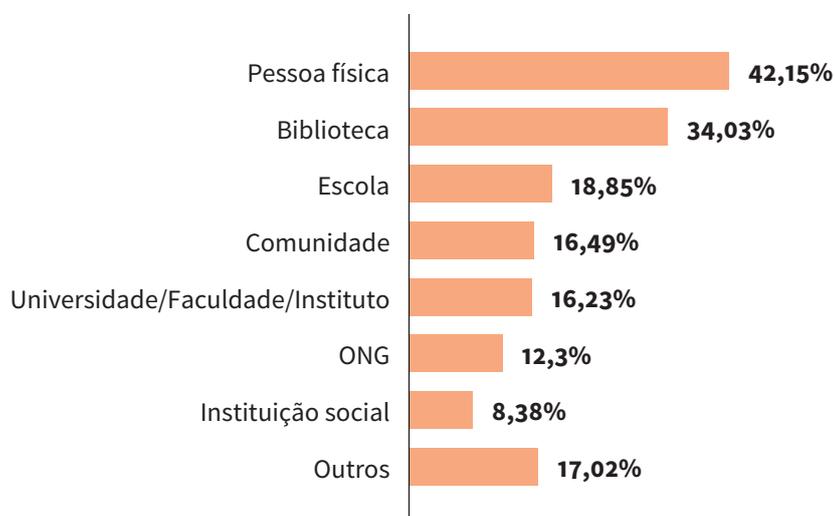


1.1.3. Origem do projeto — de onde partiu a iniciativa: articulações, parcerias, fontes de recursos

É salutar saber-se onde nasceu a iniciativa para a execução de um projeto. Dos 382 respondentes, a maior parcela é de origem pública (28,53%), seguida de individual (25,39%). São projetos, na sua maioria, desenvolvidos por pessoas físicas, 42,15%, e por bibliotecas, 34,03%.

GRÁFICO 6 | Quem desenvolve o projeto

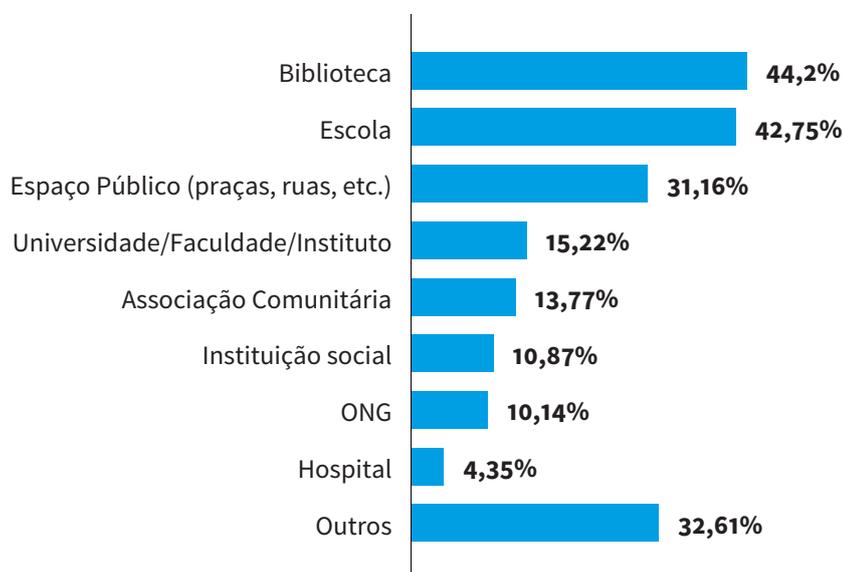
Fonte: Gráfico 13, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Devemos registrar que a maioria destes projetos acontece em bibliotecas (44,20%), e em escolas (42,75%), o que vem corroborar o fato de terem como público-alvo, principalmente, alunos de uma creche/escola/faculdade/universidade (66,75%), e moradores de uma comunidade/bairro/cidade/estado (62,30%).

GRÁFICO 7 | Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos

Fonte: Gráfico 15, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Além da origem dos projetos, é importante sabermos suas articulações, sua capacidade de buscar e concretizar parcerias, bem como de se conectar com outras redes. Não é por outra razão que estão ligados aos Agentes de Leitura e à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), ambos 29,09%; 27,73% deles informam ter articulação com o PMLLB (Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca); 20,45% com o PELLB (Plano Estadual do Livro, Leitura e Biblioteca), além de 10,91% com PROLER.

É significativa a porcentagem de projetos que, além das articulações destacadas, estabelece parcerias com diversos segmentos, sendo o principal: instituições públicas (48,69%). A parceria com o setor público é, muitas vezes, decisiva para a sobrevivência, em especial, de pequenas iniciativas que, carecendo de recursos, buscam apoio financeiro (caso de editais) ou mesmo de recursos humanos (parcerias com universidades públicas que mantêm projetos de extensão ligados a iniciativas da comunidade). Importante ressaltar que 24,87% dos respondentes afirmam celebrar parcerias com outros projetos. A relevância desse dado está na confirmação de que começa a haver uma consciência por parte das iniciativas de fomento da leitura de que é fundamental a formação de redes, sem o que o trabalho nessa área se torna tanto mais difícil como frágil. A troca de experiências e o apoio mútuo são uma saída para superar muitos dos obstáculos que, principalmente, pequenos projetos enfrentam.

GRÁFICO 8 | Distribuição por tipos de articulação

Fonte: Gráfico 11, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

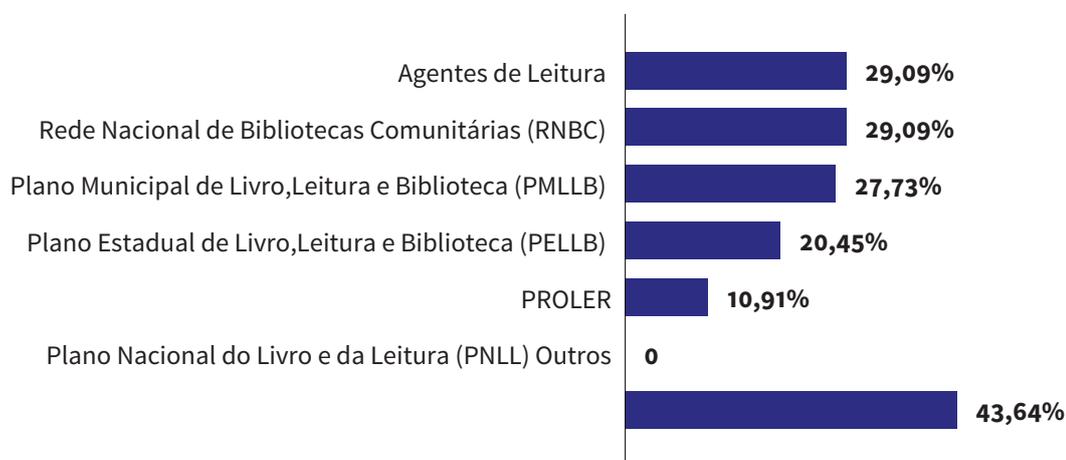
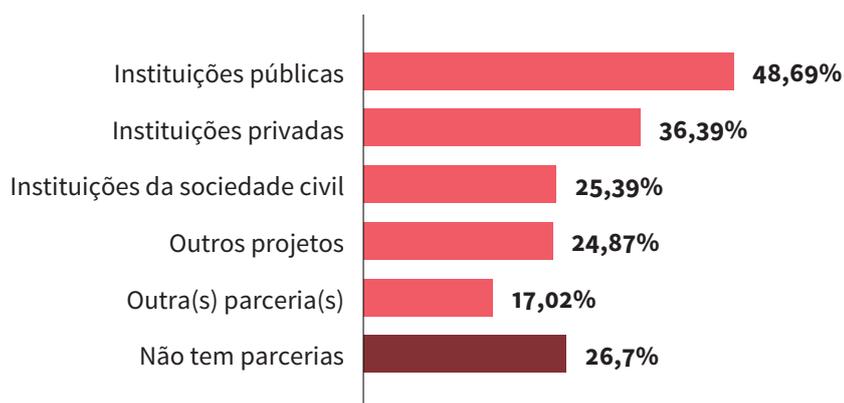


GRÁFICO 9 | Distribuição por tipos de parcerias dos projetos

Fonte: Gráfico 10, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



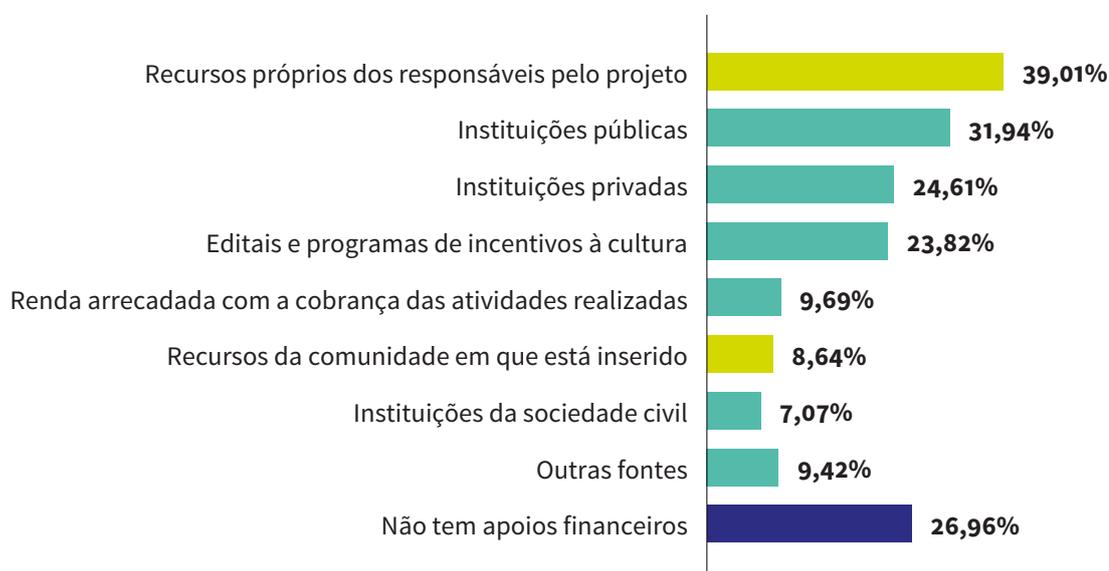
Basta verificarmos as respostas relativas a fontes de recursos financeiros para que se confirmem algumas observações feitas até aqui. Ao todo, 39,01% afirmam contar apenas com recursos próprios, instituições públicas são fontes desses recursos para 31,94% dos projetos; apenas 23,2% buscam verbas por meio de editais e programas de incentivo à cultura. Se somarmos aqueles que buscam financiamento junto a instituições públicas aos

que o fazem com o auxílio de editais e programas de apoio, chegamos a um percentual de 55,76%. Fica evidente a necessidade de o Estado estar presente em parcerias e articulações para estender ações dessa natureza.

Quando olhamos para o significativo número dos que levam suas atividades com recursos próprios, podemos compreender a dificuldade de alguns projetos em firmar parcerias de ordem financeira, pois, como veremos mais a seguir, um dos maiores obstáculos enfrentados pela maioria dos respondentes é a falta de verba para prosseguir com as atividades e/ou realizar ampliação e desdobramentos dos projetos.

GRÁFICO 10 | Distribuição por fonte de recurso dos projetos

Fonte: Gráfico 12, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



1.1.4. Espaços virtuais e abrangência dos projetos

Redes sociais têm se mostrado uma ferramenta útil para mobilizar e atingir um maior número de pessoas com custos mais razoáveis. Aqueles que trabalham no fomento à leitura percebem aí um novo caminho e novas possibilidades de diálogos e encontros. Não é de agora que esse movimento se faz presente. Blogs, canais no YouTube, clubes de leitura virtuais já se faziam conhecer. Some-se a essa tendência a chegada da pandemia da COVID-19, e a presença de espaços virtuais como meio de desenvolver projetos de leitura ganha força total.

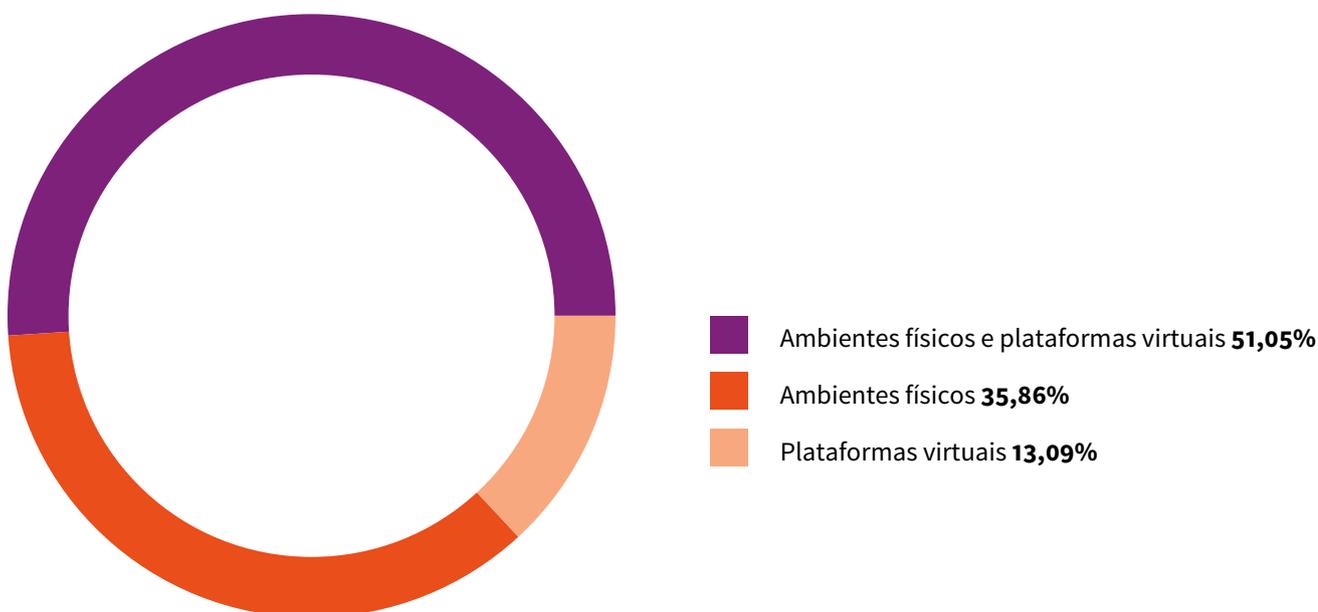
Perguntados em que tipo de espaço se desenvolve o projeto, 35,86% dizem que em espaço físico, já 13,09% utilizam plataformas virtuais; porém,

51,05% afirmam que seus projetos ocorrem em ambos os espaços (físico e virtual).

Considerando a informações dos questionários, percebemos que, em função da exigência de isolamento social, muitos projetos passam a desenvolver atividades em ambiente virtual, como forma de não paralisar suas atividades. Há também projetos que se iniciaram nesses tempos pandêmicos, justamente atendendo a essa demanda ditada pela necessidade de distanciamento social. Em relatório específico, serão abordadas essas novas tecnologias e recursos virtuais para o trabalho com a leitura. Aqui, cabe o registro desse movimento que, uma vez ampliado por conta de uma determinada circunstância, dificilmente retrocederá.

GRÁFICO 11 | Distribuição por tipo espaço onde o projeto é desenvolvido

Fonte: Gráfico 14, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Quando solicitado para indicarem o(s) espaço(s) em que o projeto é desenvolvido, os projetos, que apenas funcionam em espaço físico, acontecem, predominantemente, em bibliotecas (44,20%) e escolas (42,75%). Já os que apenas utilizam plataformas virtuais, o fazem, em 70% das ocorrências, pelo Instagram.

GRÁFICO 12 | Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos

Fonte: Gráfico 15, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*

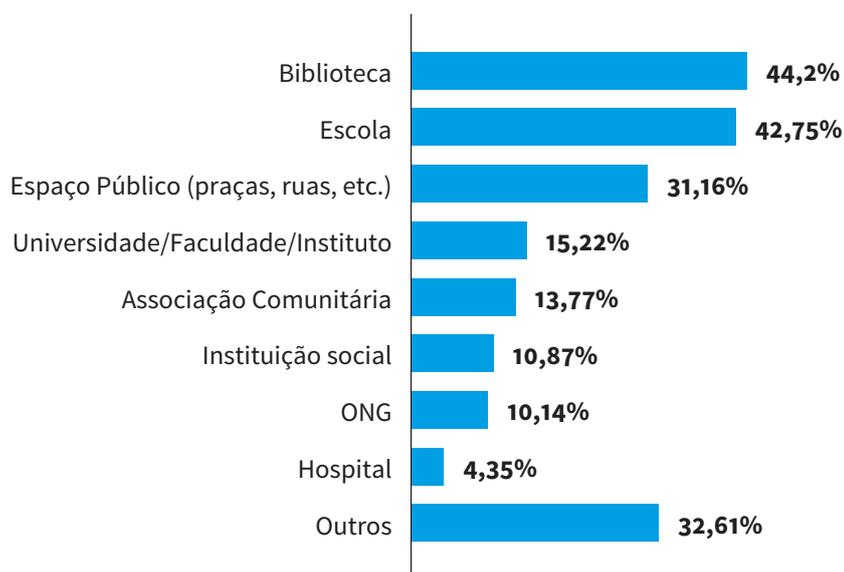
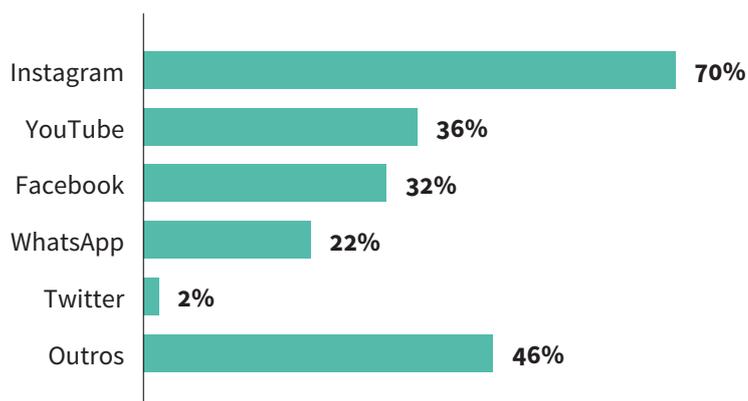


GRÁFICO 13 | Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — plataformas virtuais

Fonte: Gráfico 16, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



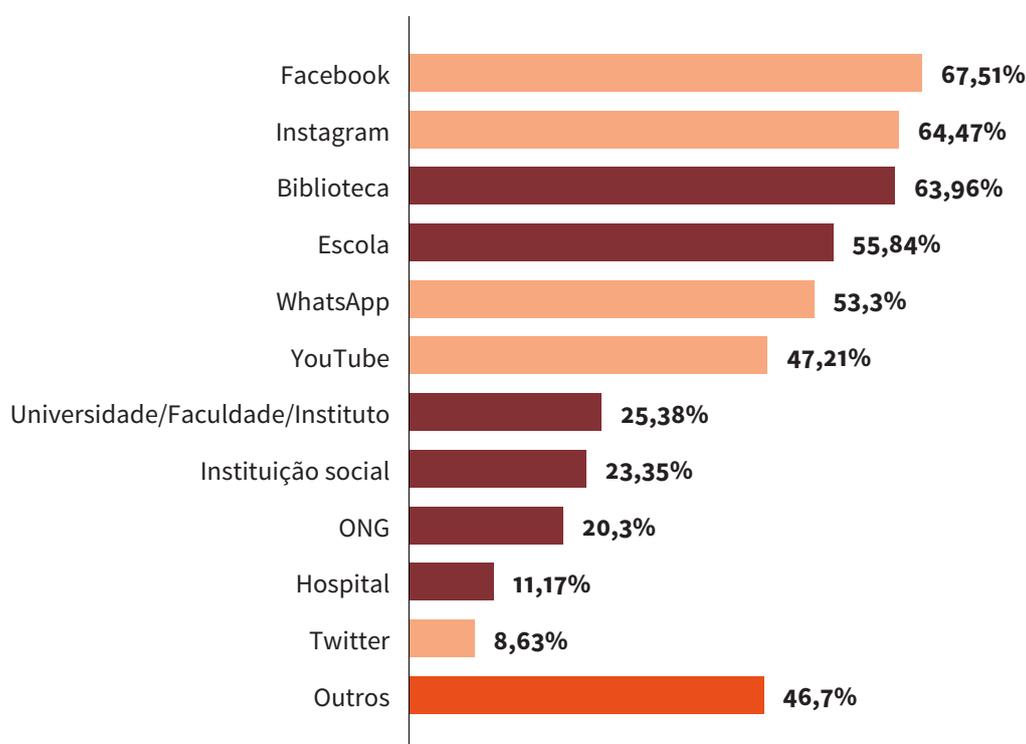
Interessante é que, quando os respondentes afirmam utilizar tanto o espaço físico quanto o virtual, os resultados percentuais ficam muito próximos dos que se utilizam de apenas um desses espaços. Nesse cenário, 63,96% são

projetos de bibliotecas e 55,84% projetos de escola e as plataformas mais utilizadas em combinação com o espaço físico são o Facebook (67,51%), e o Instagram (64,47%).

Como dissemos na apresentação deste relatório, os números, quando analisados, revelam perfis e tendências. Considerando as respostas registradas, o que surge como possibilidade, pelo advento da pandemia COVID-19, configura-se, aos poucos, como prática que veio para ficar.

GRÁFICO 14 | Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos e/ou plataformas virtuais

Fonte: Gráfico 17, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Considerando a diversidade de espaços de atuação dos projetos, é importante analisarmos a sua abrangência, no sentido de afirmar, ou não, a coerência dos dados. No caso, a partir dos percentuais demonstrados, percebemos que, de fato, o uso de redes sociais propicia uma maior área de atuação das iniciativas que se valem desse recurso.

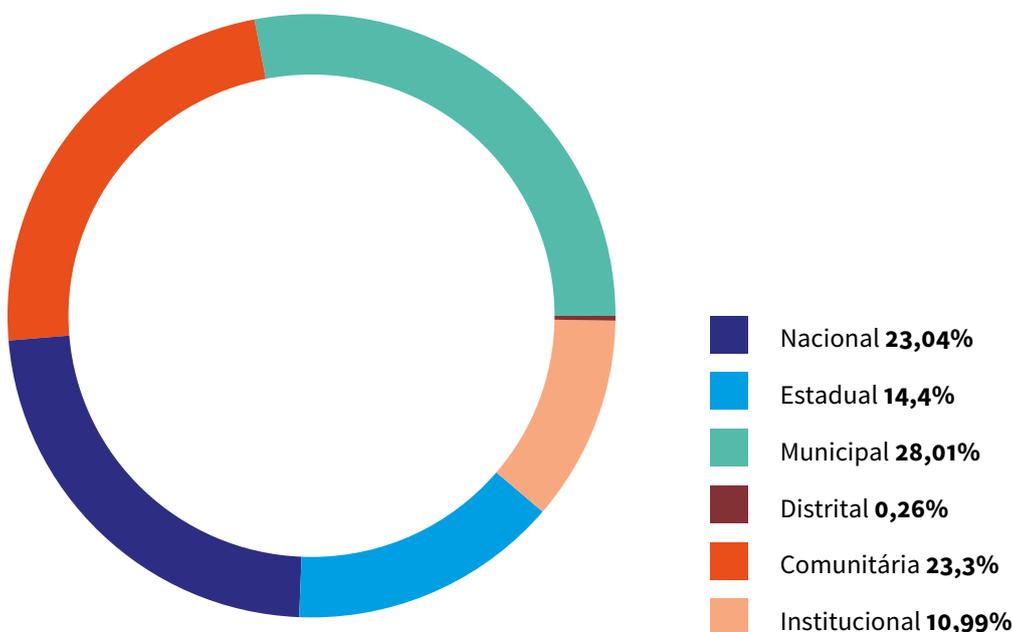
Os destaques aqui dizem respeito aos projetos de abrangência municipal (28,01%), comunitária (23,30%) e nacional (23,04%). Quando falamos de projetos em comunidades, a referência são as bibliotecas comunitárias. A pesquisa confirma a força de tais iniciativas. Atuando, quase sempre, em parceria com a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), tais bibliotecas confirmam a importância de ter que buscar alianças para

desenvolver um trabalho. E o fazem sem perder o vínculo com a comunidade a que pertencem e que é a razão do seu existir. Essas iniciativas, por conhecerem em profundidade as demandas e realidade daqueles a quem atendem, tornam-se importante elemento para a promoção de mudanças por meio da leitura.

Podemos entender os percentuais de projetos atuando em todo o município, bem como o daqueles que atuam em todo o país, pelo viés das redes sociais. À medida que, além de um espaço físico — ou mesmo independente desse — uma iniciativa se faz pelas plataformas virtuais, a possibilidade de alcance se amplia, podendo atingir diversas áreas de uma cidade e cidades do país.

GRÁFICO 15 | Distribuição pela abrangência territorial do projeto

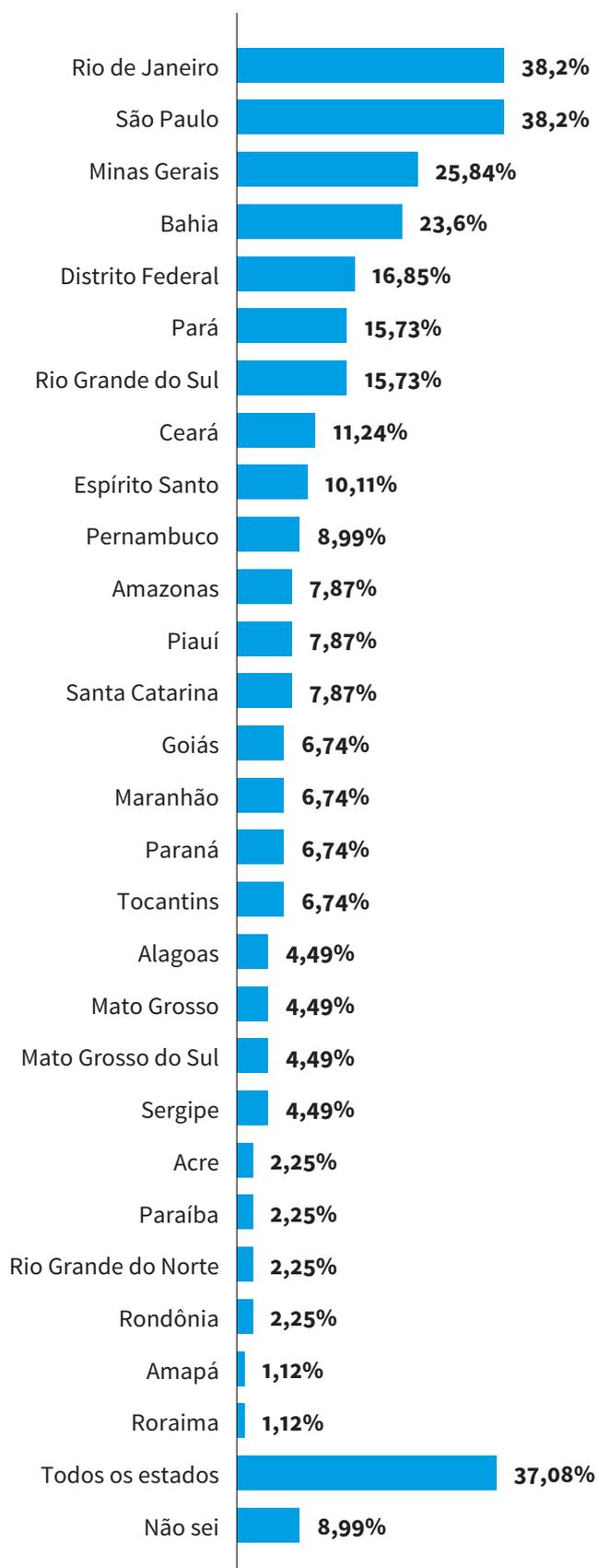
Fonte: Gráfico 18, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Repare que, no gráfico abaixo, os 26 estados e o Distrito Federal são citados como área de abrangência de projetos de caráter nacional: 37,08% dos projetos dessa natureza atingem a todos os estados do país. Mais uma vez, percebemos um maior percentual de atuação nos estados das regiões Sul e Sudeste, confirmando a hipótese levantada, quando do início deste relatório, de que as condições de acesso a plataformas virtuais, bem como a própria internet, são mais favoráveis nessas regiões (38,20% chegam ao Rio de Janeiro e também a São Paulo; 25,84% a Minas Gerais; 15,73% ao Rio Grande do Sul; 10,11% ao Espírito Santo; 7,87% a Santa Catarina e 6,74% ao Paraná).

GRÁFICO 16 | Projetos que atuam em mais de 1 Estado

Fonte: Gráfico 20, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

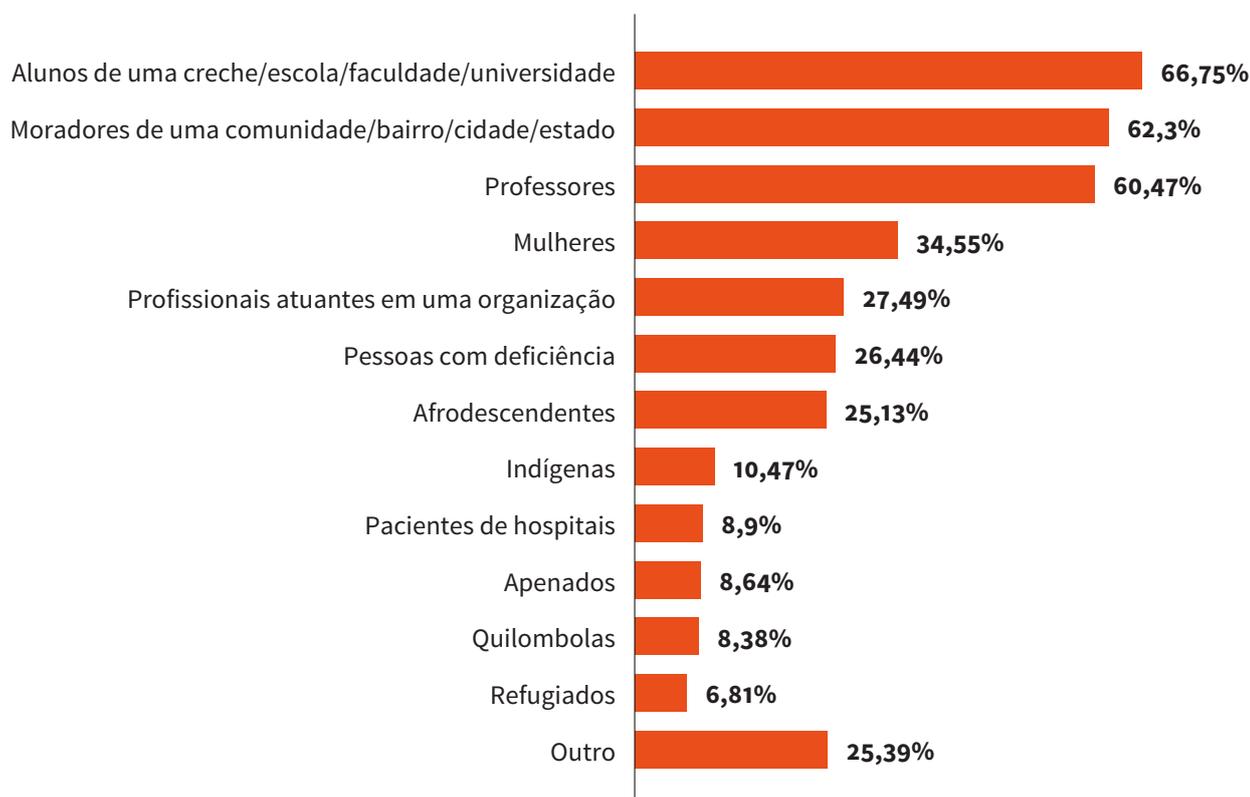


1.1.5. Público-alvo e acervo

Analisando o público-alvo dos projetos, destacamos o trabalho em instituições de ensino (66,75%), com a comunidade (62,30%), junto a professores (60,47%), com mulheres (34,55%), e com profissionais de organizações (27,49%), pessoas com deficiência (26,44%), e afrodescendentes (25,13%). A preocupação com outros grupos minoritários também aparece: 10,47% a indígenas; 8,64% se dirige a apenados; 8,38% a quilombolas e 6,81% a refugiados. Os altos índices de projetos que visam à comunidade e ao público escolar (alunos e professores) confirmam o dado de que a grande maioria dos respondentes realizam suas atividades em bibliotecas e instituições de ensino.

GRÁFICO 17 | Público-alvo atendido pelo projeto

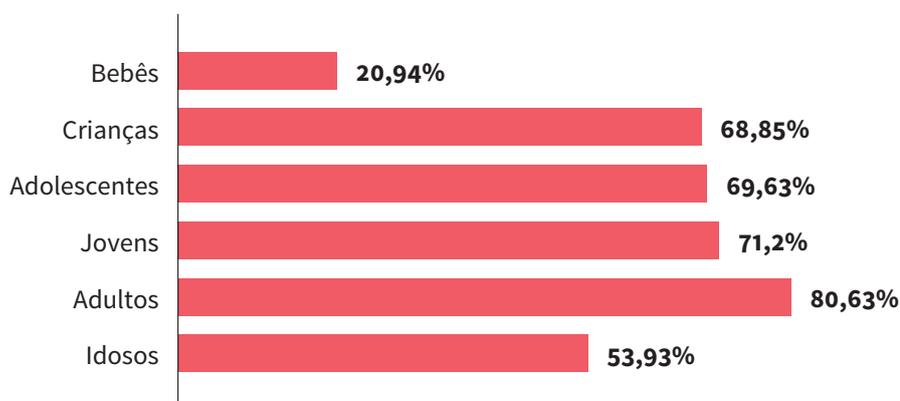
Fonte: Gráfico 21, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



A faixa etária do público-alvo vai de bebês a idosos, distribuídos da seguinte maneira: 80,63% a adultos; 71,20% a jovens; 69,63% a adolescente; 68,85% a crianças; 53,93% a idosos, e 20,94% atendem a bebês.

GRÁFICO 18 | Faixa(s)-etária(s) do público-alvo atendido pelo projeto

Fonte: Gráfico 22, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Quanto ao acervo, grande parte é de livros impressos, sendo os de Literatura Infantil os em maior número (74,87% citam tê-los em acervo), *ebooks* e aplicativos de leitura também aparecem citados por 24,35%. Livros em Braille (19,63%) e os audiolivros (13,87%) também são citados. Ainda que filmes, gibis, livros de arte e fotografias estejam presentes nos acervos dos projetos, a presença maciça de livros impressos, embora seja um ótimo sinal, nos faz pensar no conceito e trabalho de leitura que é desenvolvido. É sempre bom lembrar que a leitura começa no mundo e tudo é passível de leitura. Dos respondentes, 39,01% afirmam ter em seu projeto um acervo com mais de 1.000 itens. Entre as novas tecnologias, o recurso mais citado é o computador (71,73%), seguido do celular (47,64%) e tablet (16,75%). Os percentuais são amplamente compatíveis com a tendência de uso de plataformas virtuais.

Vale apontar que outro item muito citado é o projetor (32,46%). Consideramos que, como muitos projetos têm seu espaço em escolas, bibliotecas comunitárias e estejam em áreas do interior do país, o uso de tal tecnologia ainda apresente força.

GRÁFICO 19 | Acervos à disposição do projeto

Fonte: Gráfico 23, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

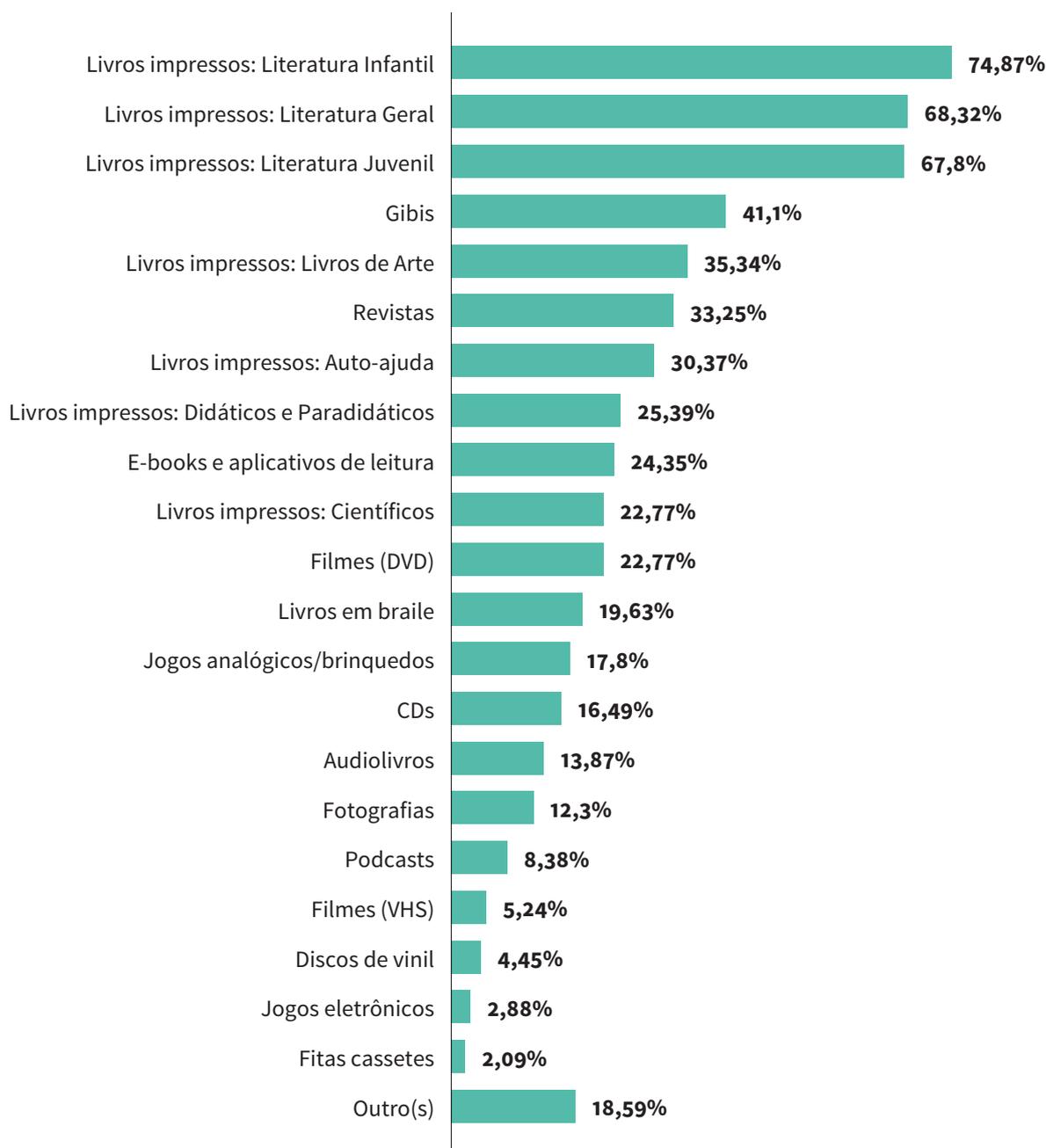
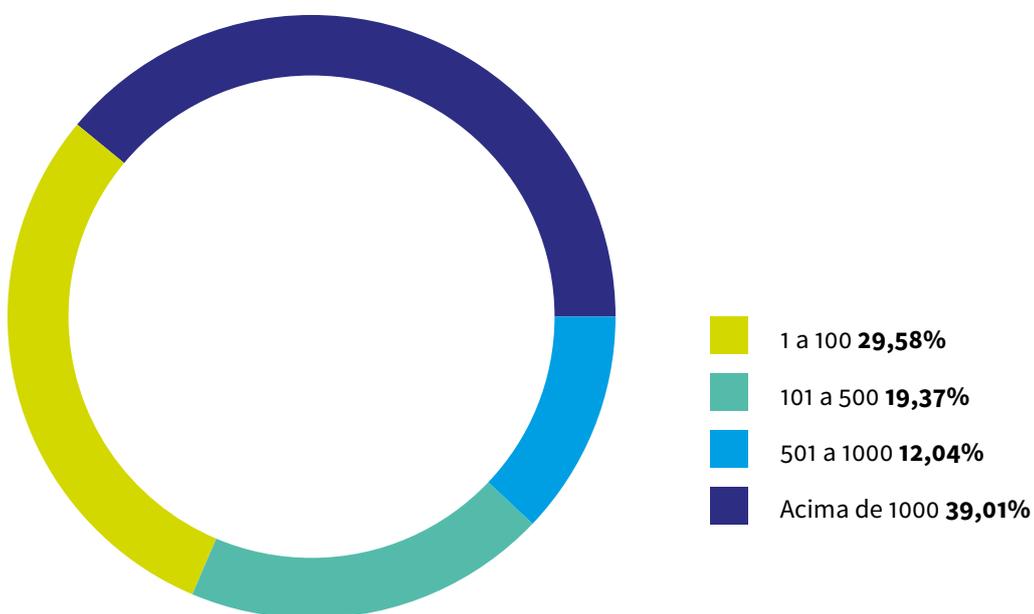


GRÁFICO 20 | Quantidade de itens no acervo do projeto como um todo

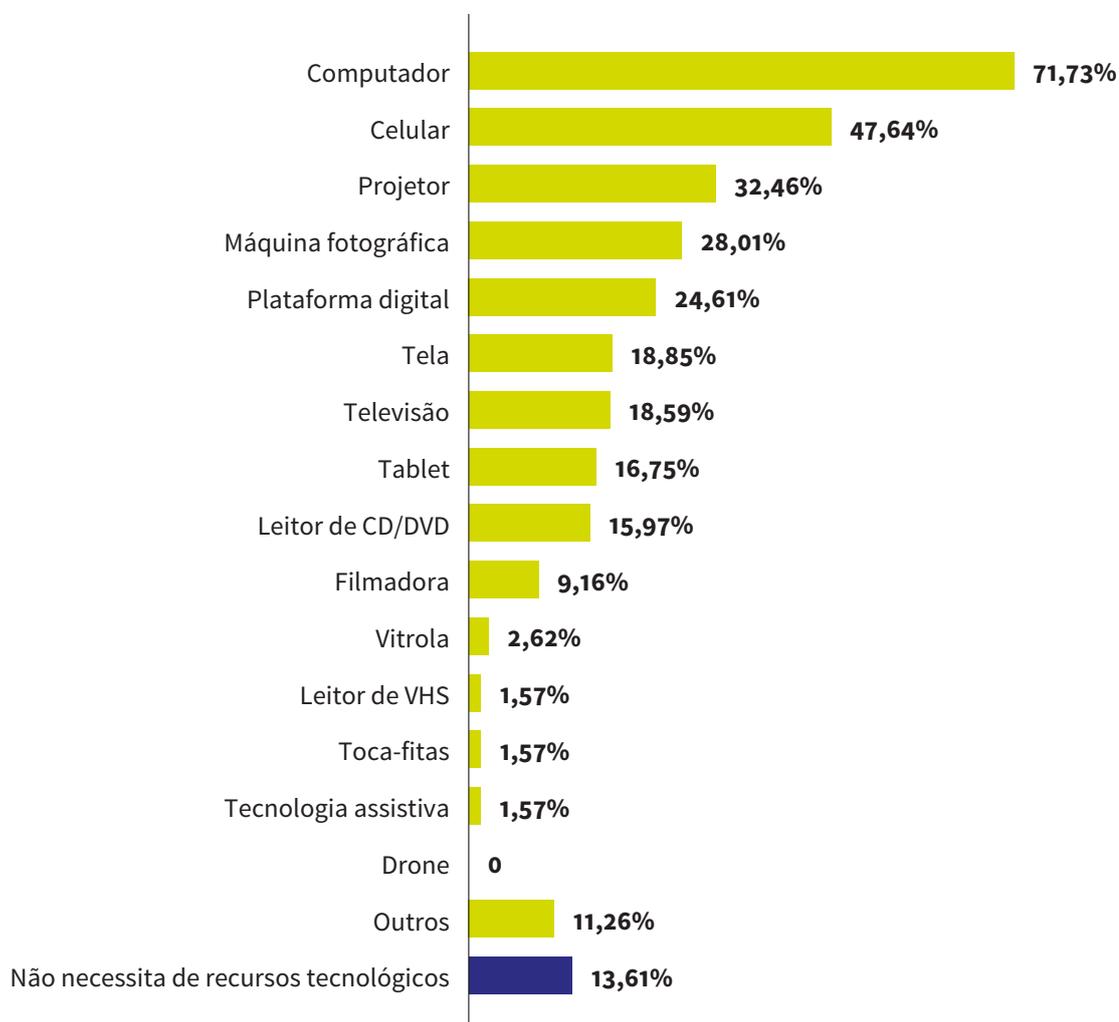
Fonte: Gráfico 24, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Chama a atenção que 26,44% dos que respondem ao formulário afirmam ter como público-alvo pessoas com deficiência: 13,87% incluem no acervo audiolivros e 19,63% afirmam ter livros em Braille também em seu acervo. No entanto, ao identificar recursos tecnológicos disponíveis, apenas 1,57% faz uso de tecnologia assistiva. Esse é um primeiro sinal de incoerência que a pesquisa aponta dentre os projetos que afirmam trabalhar com pessoas com deficiência. Assunto que será melhor discutido, quando da análise da pergunta que trata da acessibilidade e ajuda técnica (item **1.1.7. Conceituação de leitura e Objetivos do projeto X Atividades realizadas**, Gráfico 31: *Sobre a disponibilização de ações de acessibilidade, ajuda técnica e/ou tecnologia assistiva*).

GRÁFICO 21 | Recursos tecnológicos disponíveis

Fonte: Gráfico 25, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

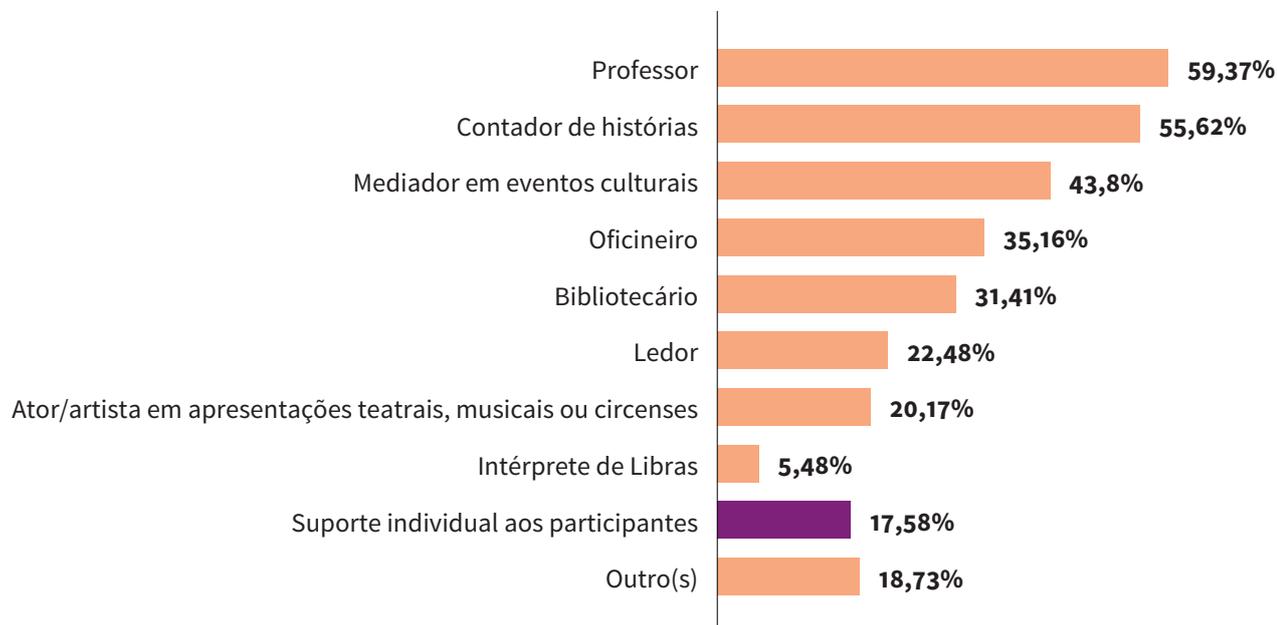


1.1.6. Equipe do projeto: perfil, formação

Com relação aos tipos de mediadores de leitura que atuam nas iniciativas, 60,21% indicam professor; 53,14% contador de histórias; 42,41% mediador em eventos culturais, e 31,41% bibliotecários.

GRÁFICO 22 | Perfil dos mediadores de leitura do projeto

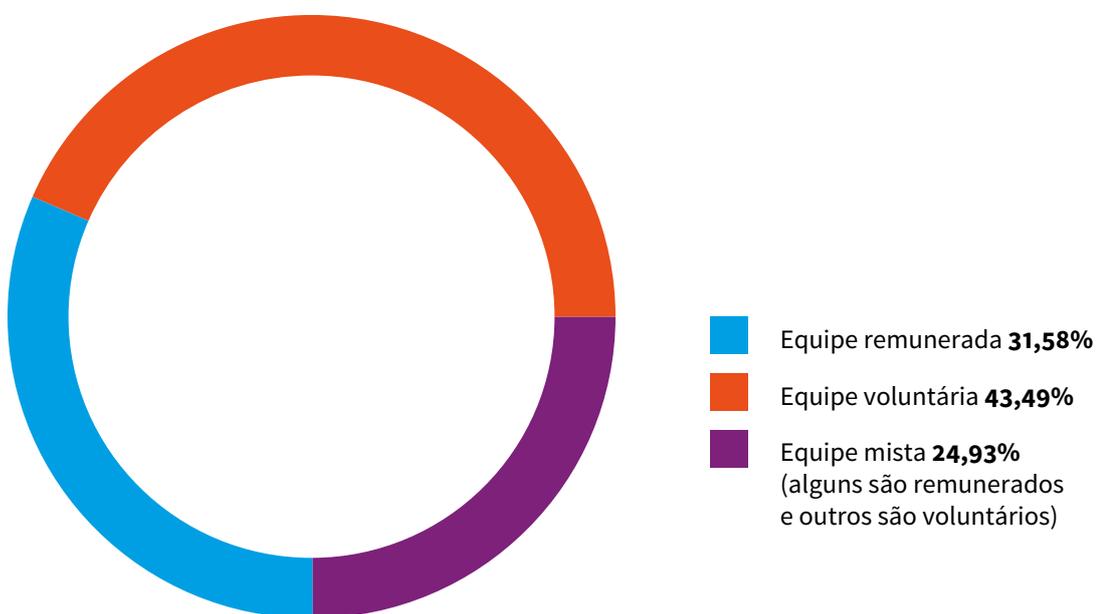
Fonte: Gráfico 27, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



O número médio de mediadores é de 11 e quanto à remuneração, 44,76% afirmam que são voluntários; 30,63% dos respondentes são remunerados, e 24,61% trabalham com equipe mista (alguns são remunerados, outros voluntários). Quanto à formação dos mediadores, 50,79% indicam que todos têm formação para a tarefa que desempenham, apenas 9,42% dizem que os mediadores de seus projetos não têm formação específica.

GRÁFICO 23 | Quanto à remuneração dos mediadores de leitura

Fonte: Gráfico 29, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Importante registrar que 34,03% dos projetos não oferecem nenhuma formação, uma vez que seus profissionais já têm formação prévia; 18,59% dão formação inicial e continuada ao longo do trabalho; 17,02% oferecem formação continuada ao longo do projeto; 8,38% não dão nenhuma formação aos mediadores, ainda que esses não tenham formação prévia; outros 8,38% dos projetos oferecem formação inicial.

Os mediadores podem ser apontados como a alma de um projeto de leitura. Fundamental que sejam bem preparados e sigam se aprimorando. A diversidade de modos de mediação resulta em maior eficiência no processo de formação de leitores.

GRÁFICO 24 | Os mediadores têm formação para exercer a sua função no projeto

Fonte: Gráfico 30, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

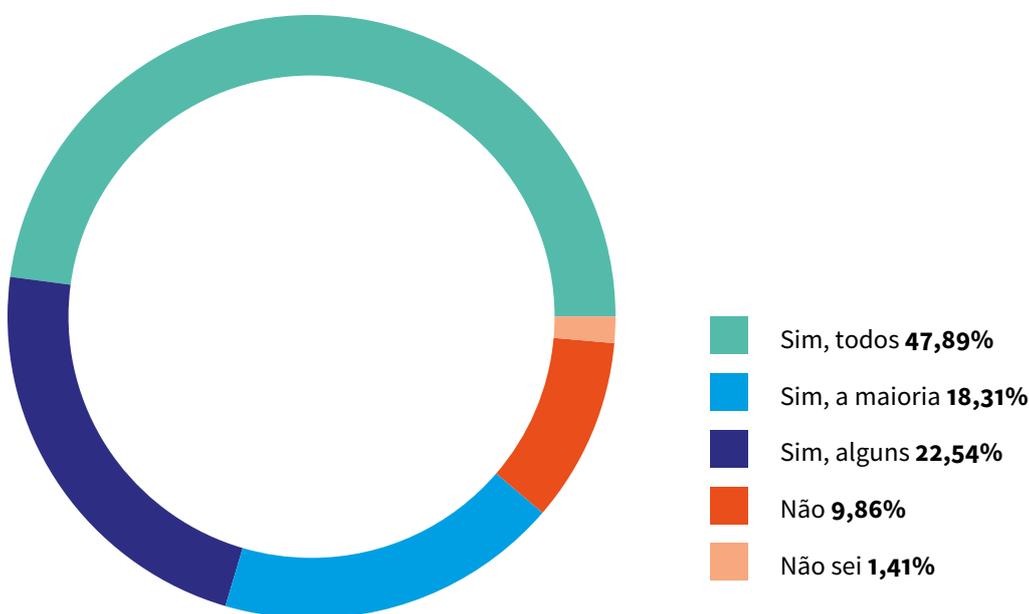
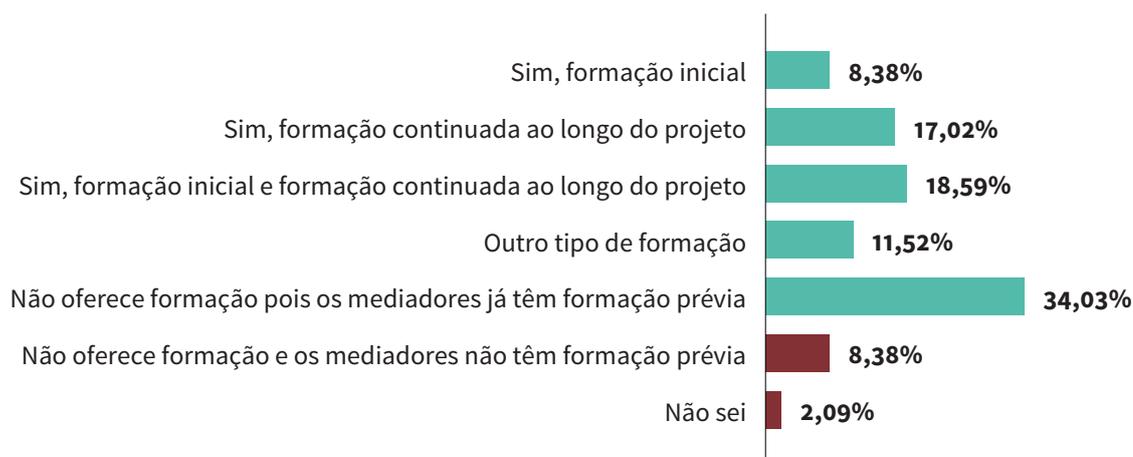


GRÁFICO 25 | Projetos que oferecem formação para os mediadores

Fonte: Gráfico 31, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Para além do trabalho específico de um projeto de leitura, é preciso algum suporte administrativo. Pensando nisso, foi perguntado aos respondentes se o projeto que representam dispõe dele, (qual ou quais funções) e se há remuneração para a equipe de apoio.

Eis os dados: 43,72% dizem que a equipe é voluntária; 42,29% citam profissionais de comunicação e marketing; 40,58% respondem que há equipe de secretaria e infraestrutura; 31,41% apontam equipe de limpeza e manutenção e 31,41% indicam profissional de informática e tecnologia. Com relação à remuneração, 38,22% afirmam que a equipe de suporte recebe remuneração, e 18,06% indicam que alguns desses profissionais são remunerados e outros voluntários.

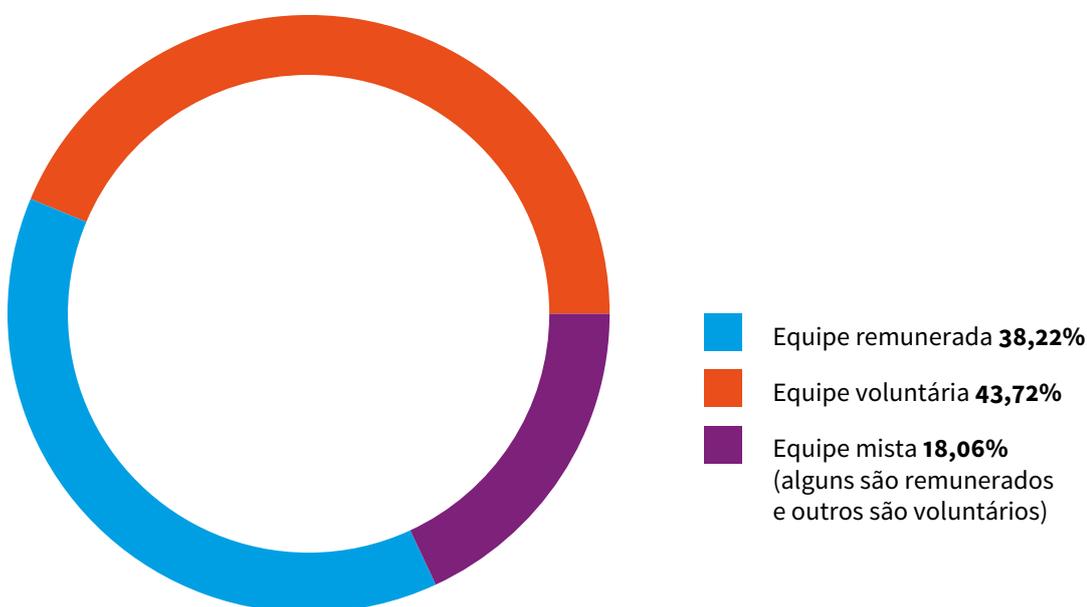
GRÁFICO 26 | Tipo(s) de suporte administrativo com os quais o projeto conta

Fonte: Gráfico 32, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



GRÁFICO 27 | Equipe de suporte

Fonte: Gráfico 33, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



O trabalho voluntário no Brasil é regulamentado pela Lei 9.608, de 1998, que estabelece como serviço voluntário as ações que tenham objetivos científicos, recreativos, culturais, cívicos, educacionais ou assistenciais.¹ De acordo com os últimos dados oficiais divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, 6,9 milhões de pessoas ou 4% da população (de 14 anos ou mais) afirmaram realizar algum tipo de ação voluntária.

É graças ao voluntariado que muitos projetos têm suprido o fraco investimento ou a falta de investimento (governamental) em educação, cultura, saúde, por exemplo. E assim acontece também na área do livro, da leitura e das bibliotecas.

É certo que devemos ter cautela a fim de que esse trabalho voluntário não reforce, não legitime o *labor* na área do livro e leitura como não remunerado, por ser *um ofício de amor, de doação*. Sim, é tudo isso e muito mais, mas é um trabalho, e, como tal, deve ser também remunerado, gratificado, pago. Ainda que seja do conhecimento geral, as dificuldades que os projetos passam para se manterem em atuação. É legítimo ter em mente a necessidade de remunerar os profissionais que fazem a roda girar. Insistimos na ideia das redes, parcerias e apoio mútuo para que se encontre um melhor caminho de gestão, por menor que seja o projeto.

¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9608.htm Acesso em: 26 set. 2021.

1.1.7. Conceituação de leitura e Objetivos do projeto X Atividades realizadas

A avaliação qualitativa dos projetos encontra o seu ponto nevrálgico no conceito de leitura. Em conjunto com os objetivos apontados, é a hora de verificar a coerência na concepção do trabalho.

Dos que responderam, 87,96% indicam o conceito de leitura como ampliação do universo cultural/fonte de conhecimento; 79,58% acreditam na leitura como prazer e diversão; 67,54% veem a leitura como recurso à expressão criadora/ acesso a diferentes linguagens; 21,20% apontam a leitura como prática escolar/alfabetização e 12,83% consideram leitura como habilidade técnica/ instrumental.

O projeto constrói suas bases a partir do enfoque dado à leitura, portanto, não há conceituação certa ou errada. Ao pensar nas habilidades técnicas, na leitura instrumental ou no conceito de alfabetização, *stricto sensu*, se faz uma opção por um determinado tipo de abordagem, que, talvez, a comunidade, assistida pelo projeto, de fato necessite. Mas, se uma iniciativa quer mesmo formar leitores, é preciso ultrapassar essa barreira e seguir ao encontro de uma proposta de trabalho que considere, como expresso em maioria percentual nessa questão, leitura como ampliação do universo cultural, capaz de gerar pensamento crítico e inserção na vida sócio-política — tudo isso com muito prazer.

GRÁFICO 28 | Conceitos de leitura dos projetos

Fonte: Gráfico 34, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Com relação aos objetivos gerais, destacamos aqui os quatro pontos que os projetos, por meio de quem respondeu ao formulário, elencam: 90,05% apontam a importância de ampliar a oportunidade de contato com a leitura; 68,59% indicam formar leitores críticos e atuantes na sociedade; 59,95% escolhem facilitar o acesso à leitura com mediação e 50% decidem por contribuir com a interação e o desenvolvimento comunitário.

Há um elevado índice de coerência entre os quatro principais objetivos gerais escolhidos e os quatro conceitos de leitura mais assinalados pelos respondentes. Evidente a proposição de formar leitores para uma atuação consciente e cidadã.

GRÁFICO 29 | Objetivos gerais/macro-objetivos do projeto

Fonte: Gráfico 35, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

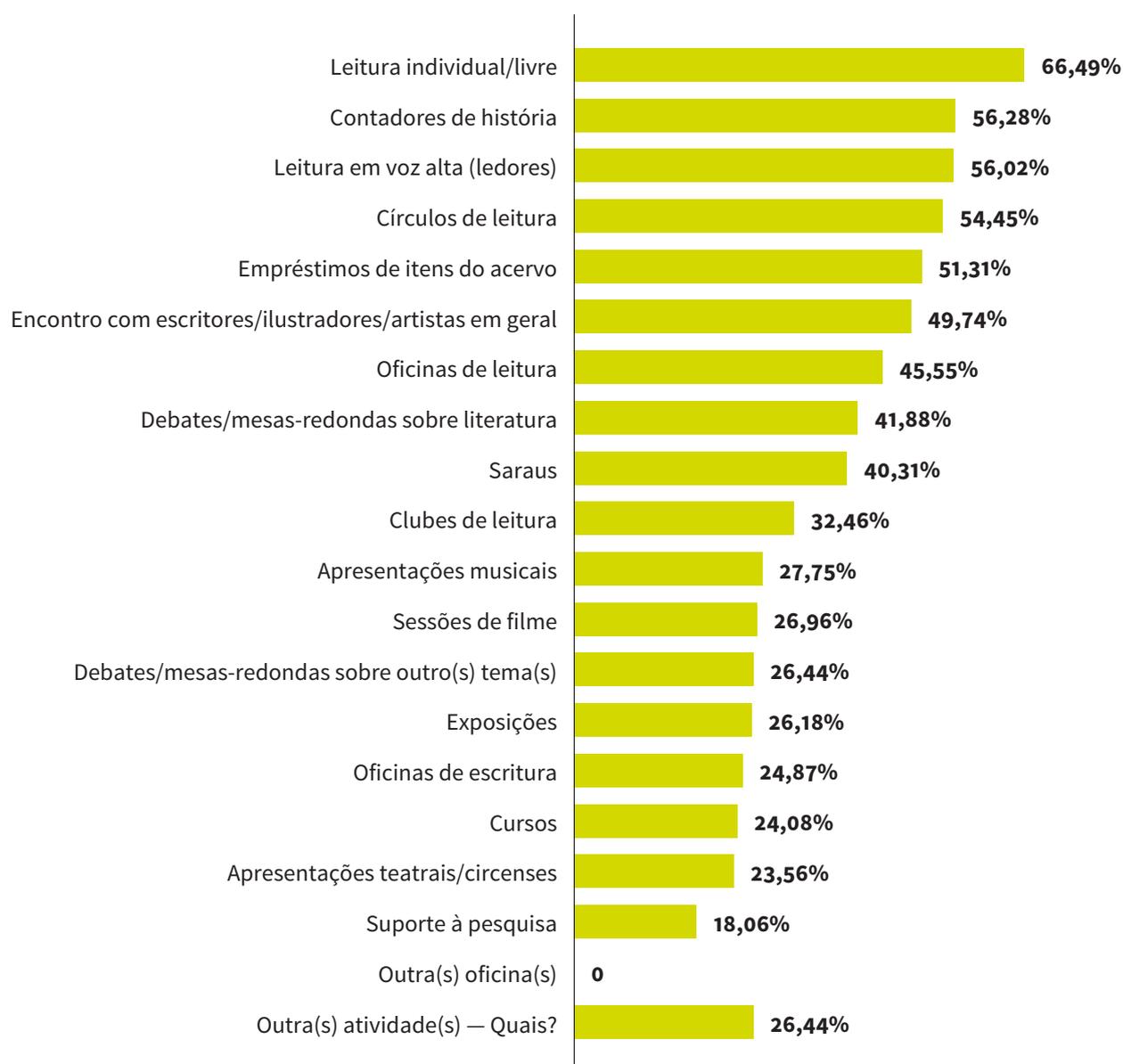


Quanto às atividades realizadas pelos projetos para seguirem seus conceitos sobre leitura e alcançarem seus objetivos, as seis atividades mais

assinaladas pelos respondentes são: leitura individual/livre (66,49%); contadores de histórias (56,28%); leitura em voz alta/letores (56,02%); círculos de leitura (54,45%); empréstimos de itens do acervo (51,31%) e encontro com escritores, ilustradores, artistas em geral (49,74%). O item menos assinalado é justamente o “suporte à pesquisa” (18,06%), demonstrando, mais uma vez, a conexão coerente que os projetos estabelecem em suas proposições. As atividades mais comuns a todas as iniciativas são as que mais se adequam aos conceitos e objetivos selecionados preferencialmente em perguntas anteriores.

GRÁFICO 30 | Atividade(s) realizada(s) pelo projeto

Fonte: Gráfico 36, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Há ainda um item sobre ações dos projetos que merece atenção: diz respeito a ações de acessibilidade, ajuda técnica ou uso de tecnologia assistiva. Aqui é possível, em conjunto com outras respostas, detectar alguma contradição.

² Disponível em: <https://inclusao.enap.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido-original-eleitoral.pdf> Acesso em: 20 set. 2021.

A acessibilidade é uma das questões centrais para a qualidade de vida e o pleno exercício da cidadania das pessoas com deficiência. No Brasil, segundo dados do Censo 2010 (IBGE),² 45.606.048 milhões de pessoas têm alguma deficiência, representando 23,92% da população, entre as quais 38.473.702 pessoas vivem em áreas urbanas e 7.132.347 em áreas rurais. Os dados do Censo também demonstram que esse grupo tem taxas mais elevadas de analfabetismo, escolaridade média mais baixa e acesso mais limitado a oportunidades de trabalho.

Já o Artigo 30 da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, de 2007, reconhece o direito da participação das pessoas com deficiência na vida cultural, tendo acesso a bens culturais em formatos acessíveis, e igualmente a programas e atividades culturais acessíveis e a locais que ofereçam serviços ou eventos.

Por isso, devemos criar e implementar práticas e políticas inclusivas para que essa população, historicamente excluída e marginalizada, tenha garantido os seus direitos por meio de ações que favoreçam a equiparação de oportunidades. O acervo de materiais que atendam a esse público necessita contemplar livros, jogos, brinquedos acessíveis e inclusivos em diferentes formatos.

A pesquisa mostra que 41,36% dos respondentes afirmam realizar ações de acessibilidade, ajuda técnica e/ou tecnologia assistiva em suas iniciativas, porém somente 19,63% dos projetos dizem disponibilizar livros em Braille, quando questionados sobre o acervo do projeto.

GRÁFICO 31 | Sobre a disponibilização de ações de acessibilidade, ajuda técnica e/ou tecnologia assistiva

Fonte: Gráfico 38, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*



A garantia de acesso à Tecnologia Assistiva³ para a população com deficiência é condição fundamental para a inclusão destas pessoas, pois facilita seu acesso à informação, comunicação e ao conhecimento.

Ressaltamos mais uma incoerência em relação ao tema da acessibilidade. Há uma pergunta no formulário que trata de recursos tecnológicos utilizados pelos projetos. Lá, apenas 1,57% declara fazer uso de tecnologia assistiva nos seus projetos, mesmo que 26,44% tenham sinalizado atenderem a pessoas com deficiência.

Os números revelam incoerência ou desconhecimento do tema, pois 41,36% dos respondentes afirmam incluir em suas práticas ações de acessibilidade e/ou tecnologia assistiva e 26,44% afirmam atender a pessoas com deficiência, porém apenas 1,57% declaram fazer uso de tecnologia assistiva. Isso nos leva a pensar que a maioria destes projetos com práticas inclusivas oferecem ajuda técnica e não tecnologia assistiva. Podemos nos perguntar, sim, o que os respondentes compreendem como ajuda técnica: acervo em Braille, leitor, intérprete de Libras, espaço físico? Acreditamos que falta, em verdade, maior conhecimento dos projetos sobre o tema. O desejo de aderir a ações de inclusão, muitas vezes, não vem acompanhado de informação técnica adequada; o que acaba gerando o dado de incoerência.

³ Conforme o Comitê de Ajudas Técnicas, Corde/SEDH/PR, 2007, “Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.”

1.1.8. Metas, avaliações, atendimentos, desdobramentos

Todos os projetos apresentam metas, ainda que nem sempre demonstrem entender exatamente esse conceito. Por vezes, metas são confundidas com objetivos. De todo modo, todos demonstram ter consciência da importância de estabelecer algum parâmetro para avaliação.

Especificamente quanto a processos de avaliação, 64,21% dos projetos respondem haver alguma forma de avaliação de suas metas. No entanto, quando pedido que assinalem ferramentas que lhes permitam realizar essa tarefa, os itens mais escolhidos dizem respeito a um processo empírico, fundamentado na observação (75,82%) e em fotografias (67,21%).

Os itens mais próximos a um instrumento formal de avaliação foram menos assinalados: preenchimento de questionário (43,44%) e estatísticas de atendimento (41,80%). É curioso que, demonstrada a dificuldade de compreensão sobre ferramentas e mecanismos de avaliação, o item “registro diário/por atividade” tenha um índice de 61,07% das escolhas.

Vale notar ainda que, no tocante à realização de algum tipo de avaliação, 35,79% respondem negativamente à questão.

Esses dados, associados à dificuldade no estabelecimento de metas quantificáveis, apontam para a necessidade de os projetos compreenderem um pouco mais de mecanismos de gestão e planejamento. Ao constatarmos essa realidade, ainda no processo de elaboração dos relatórios da pesquisa, a JCastilho Consultoria, um dos parceiros desse trabalho, organizou Webinário abordando questões relativas a processos de gestão. Foram realizados quatro encontros sob o título **Seminário Arte, Técnica e Paixão: a gestão de projetos de formação de leitores no Brasil contemporâneo**, que podem ser acessados pelo YouTube no canal TV Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio.

GRÁFICO 32 | Processo de avaliação das metas

Fonte: Gráfico 39, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

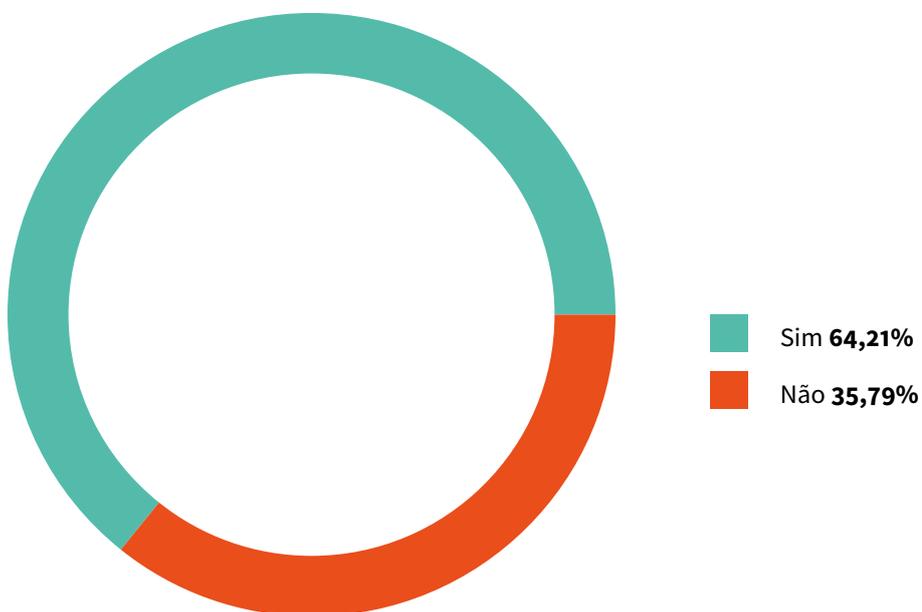
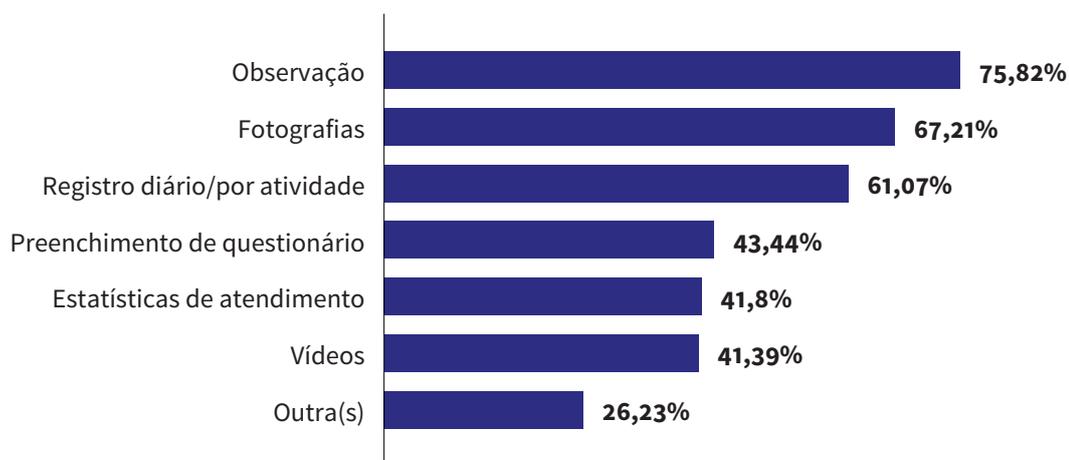


GRÁFICO 33 | Formas de avaliação

Fonte: Gráfico 40, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Considerando o número de pessoas atendidas pelas iniciativas respondentes, temos o seguinte quadro: 44,47% afirmam que há registro formal dos participantes; 40,53% falam de registro informal (mais uma vez a observação substituindo os dados) e 15% declaram não haver nenhum registro de atendimentos ou participação nas atividades. O número médio de pessoas atendidas, levando em conta todas as respostas dadas, é de 579.

Julgamos que esse é um dado bem significativo, uma vez que constatamos o predomínio de avaliações baseadas na observação. Portanto, meta e avaliação são itens que precisam de atenção dos projetos.

No que tange à avaliação sobre impacto social das iniciativas, e sua contribuição para os índices de desenvolvimento humano (IDH) ou mesmo mudanças significativas na vida da comunidade, verificamos a mesma dificuldade apresentada nos itens anteriores.

Os princípios Internacionais para Avaliação de Impacto Social⁴ consideram que esses incluem todas as questões associadas a determinado projeto e que afetam ou preocupam as pessoas, direta ou indiretamente. Especificamente, um impacto social é considerado algo experimentado em um sentido perceptivo (cognitivo) ou corporal (corporal, físico), em qualquer nível. Por exemplo, no nível de uma pessoa individual, uma unidade econômica (família/agregado familiar), um grupo social (círculo de amigos), um local de trabalho (uma empresa ou agência governamental) ou pela comunidade/sociedade em geral.

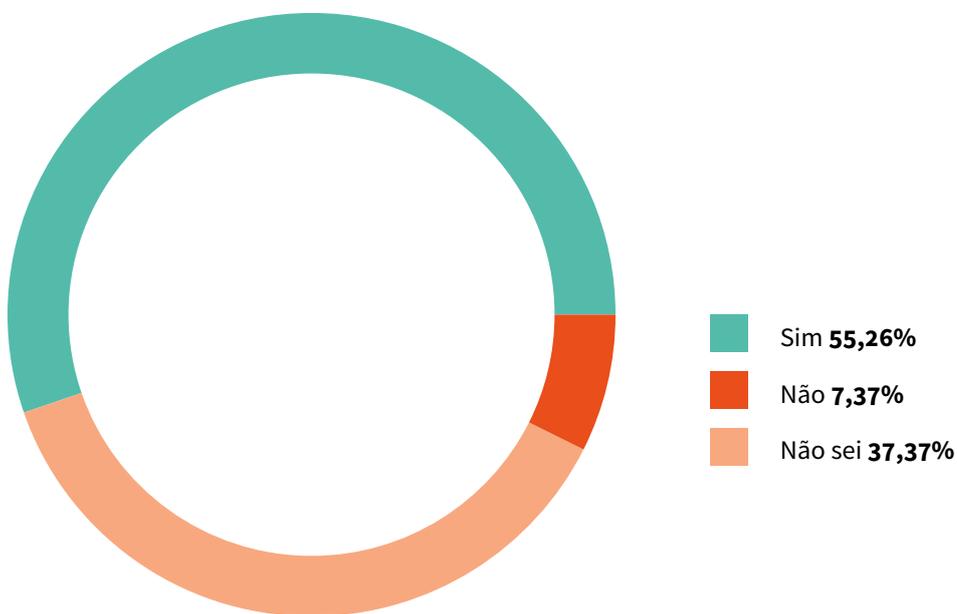
Dessa forma, impacto social acontece quando as ações de um projeto resultam em uma melhora no bem-estar para todas as pessoas e para o ambiente que, direta ou indiretamente, são afetados por tal projeto. É quando se está contribuindo com a diminuição de problemas sociais. Esses impactos acontecem no momento em que uma iniciativa vai além de resultados e objetivos, contribuindo para mudanças significativas na comunidade em que suas ações foram implementadas.

À pergunta “houve impacto social do projeto em termos de cidadania (voluntariado, assistência a excluídos, iniciativas de inclusão) dentre as pessoas ou grupos assistidos pelos projetos?” 55,26% respondem positivamente; 37,37% dizem não saber e 7,37% declaram não. Ao responder afirmativamente a essa pergunta, é necessário explicitar que impacto ocorreu. Novamente, percebemos respostas imprecisas, baseadas em observações gerais.

⁴ Disponível em: https://www.idis.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Artigo_Avaliacao_Impacto_Social_06.pdf
Acesso em: 25 set. 2021.

GRÁFICO 34 | Sobre o impacto social do projeto em termos de práticas de cidadania

Fonte: Gráfico 43, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

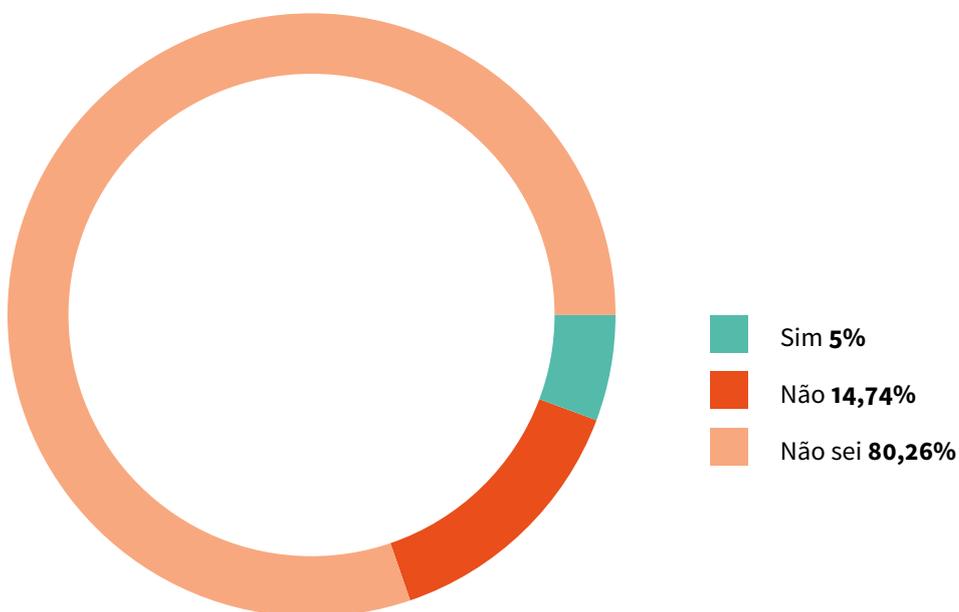


Questionados se reconheciam alguma influência do trabalho realizado pelo projeto na mudança de índices de desenvolvimento humano e social como IDH, a grande maioria responde não saber.

O IDH é uma medida média das conquistas de desenvolvimento humano básico em um país, estado e/ou município. São três os pilares que o constituem: saúde, educação e renda. 80,26% dos respondentes dizem não saber de nenhuma mudança no índice e somente 5% respondem afirmativamente. Ao analisarmos as respostas afirmativas, apenas um projeto apresenta o aumento do IDH no município atendido.

GRÁFICO 35 | Se houve alguma alteração no IDH ou outro indicativo de melhoria do contexto social

Fonte: Gráfico 46, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Há no questionário pergunta relacionada ao PISA, esses dados, porém, não foram considerados, uma vez que houve mudanças na aferição do índice, passando a ser por região — o que dificultaria muito que os projetos pudessem avaliar sua atuação, levando em conta esse índice.

Quando a pesquisa pergunta sobre impacto social do projeto, em termos de melhoria da qualidade de vida das populações atendidas, 51,05% respondem positivamente; 45,26% não sabem, e 3,68% respondem não.

GRÁFICO 36 | Impacto social do projeto em termos de melhoria da qualidade de vida das populações atendidas

Fonte: Gráfico 45, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Por outro lado, quando se refere a impacto social do projeto a partir de práticas de cidadania (voluntariado/assistência a excluídos/iniciativas de inclusão), 7,37% respondem não; 37,37% não sabem, e a maioria — 55,26% — compreende que sim e aponta ações como:

“Doação de volumes para apenados, com o objetivo de remissão de pena, leitura para idosos em estado de precariedade, contribuição com pessoas em situação de rua, através de doação de livros para geração de renda a partir do aluguel dos mesmos pelo público em geral.”

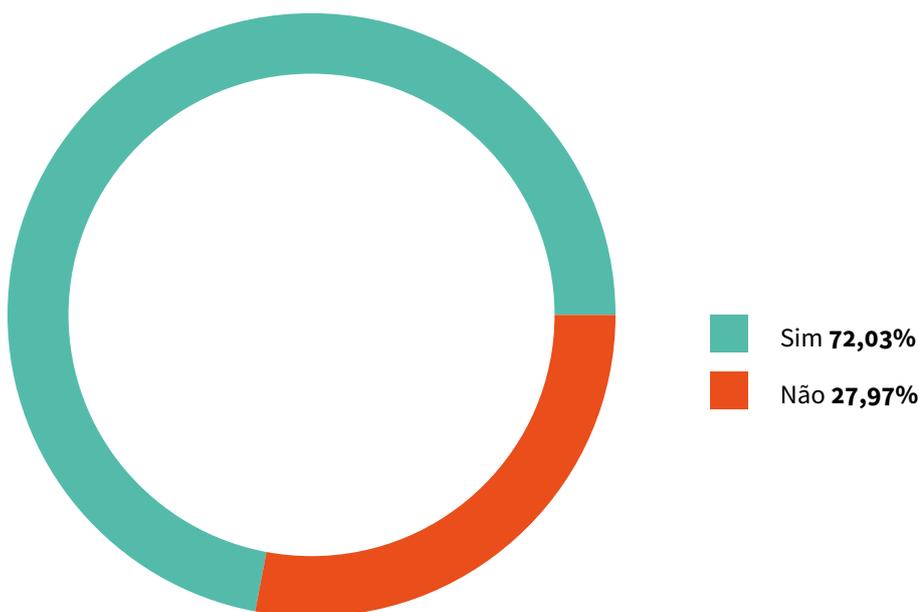
“No Clube de Leitura, para interação via WhatsApp, criamos a gravação de áudios literários e eles saíram do espaço do Clube e foram compartilhados em instituições diversas (hospitais, asilos, orfanatos).”⁵

⁵ Justificativas fornecidas no formulário por responsáveis pelos projetos.

Em que pese a dificuldade de muitos projetos com o planejamento (elaborar metas, utilizar ferramentas de avaliação mais objetivas), fica evidente que há uma boa visão das ações implementadas — 72,03% dos projetos percebem os desdobramentos de ações a partir do programa inicial e apenas 27,97% afirmam não reconhecer nenhum desdobramento.

GRÁFICO 37 | Desdobramentos do projeto

Fonte: Gráfico 47, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*



Já quando o assunto é possibilidades, a grande maioria é capaz de projetar suas expectativas: 92,08% dizem ver desdobramentos possíveis para seu projeto, além do que já está em andamento, e apenas 7,92% não imaginam novas possibilidades.

GRÁFICO 38 | Desdobramentos possíveis para o projeto

Fonte: Gráfico 48, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*



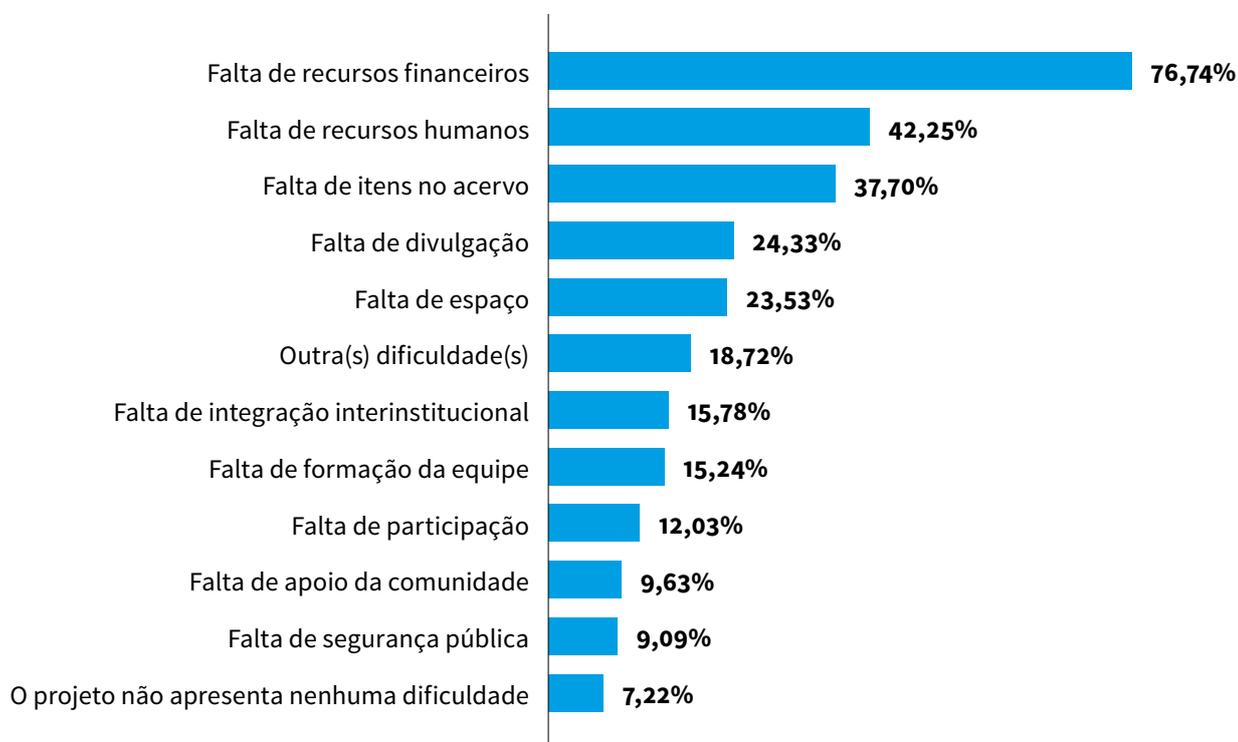
1.1.9. Desafios e sonhos

A pesquisa também apurou quais as grandes dificuldades enfrentadas pelos projetos. Em primeiro lugar, 76,74% dos respondentes afirmam ser a falta de recursos financeiros. Logo a seguir, 42,25% indicam a falta de recursos humanos e, finalmente, 37,70% apontam a falta de itens no acervo como o terceiro maior problema a ser enfrentado. Outros pontos são levantados como falta de formação da equipe (15,24%), falta de segurança pública (9,09%), mas, sem dúvida, os três primeiros itens destacados causam maior preocupação: a falta de recursos financeiros, recursos humanos e itens no acervo.

Esses dados corroboram outros já analisados. Quando perguntados sobre a formação da equipe de mediadores, 18,31% dos respondentes afirmam que a maioria, mas não todos, possuem formação específica e 9,86% dizem que essa equipe não tem formação específica. Apenas 17,02% dos projetos dá formação continuada a seus mediadores. Podemos, portanto compreender como a falta de recursos financeiros afeta a qualificação dos profissionais que se dispõem a atuar na mediação de leitura. Devemos considerar ainda o índice de trabalho voluntário já aqui apresentado.

GRÁFICO 39 | Dificuldades enfrentadas pelo projeto

Fonte: Gráfico 49, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Dos projetos que responderam à pesquisa, 29,95% já receberam algum prêmio ou reconhecimento. E todos eles estão dispostos a sonhar. Desafiados pelos pesquisadores a registrar o que sonham para o futuro do projeto, todos mostram capacidade de criar e acreditar. Que o ensejo da pesquisa possa gerar oportunidades de encontros, descobertas, e novos caminhos para que os sonhos se realizem.



2. Ações de destaque e correção de rumos

*Ler é o trabalho de exercitar-se para
bem suportar o peso dos sonhos e
afirmar-se como incapaz de sonhar
o sonho do outro. E, muito mais,
ler é experimentar os deslimites da
liberdade e equilibrar-se no mundo,
tomando como alicerce as sutilezas das
divergências.*

(Bartolomeu Campos de Queirós)

Ao finalizar a análise de todos os projetos, conseguimos destacar algumas fortalezas e sinalizar dificuldades encontradas.

Os projetos desenvolvidos nas escolas, por vezes, se restringem a uma determinada turma, trabalho de um só professor. Sem envolver a comunidade escolar, o que poderia ter um resultado amplificado, com maior visibilidade do projeto e, por consequência, beneficiando um público bem maior, entre docentes e discentes, essas iniciativas se enfraquecem. São importantes as ações dentro dos muros da escola, seja em sala de aula, seja na biblioteca (ou sala de leitura), é necessário, porém, um pouco mais de ousadia: pensar como projetos restritos a quatro paredes poderiam ser compartilhados com toda a comunidade escolar até extrapolar os limites da escola e chegar às famílias e à comunidade.

Outro ponto a ser sinalizado, no sentido de gerar mudança, diz respeito à estruturação e construção de projetos. Durante a análise das respostas, muitas vezes, iniciativas com propostas e desenho primorosos se mostravam frágeis por conta da falta de planejamento, de metas e métodos de avaliação.

Sabemos que, para verificar o alcance das iniciativas e os resultados obtidos, é preciso acompanhamento efetivo do projeto, e fazem-se necessários mecanismos contínuos de avaliação de metas, das ações desenvolvidas, o que permitirá ajustes e atualizações, para o sucesso de determinado projeto. Isso chamou a nossa atenção, como pesquisadoras. Os parceiros desta pesquisa, inclusive, organizaram um seminário online para orientar esses projetos em sua busca por planejamento exitoso e gestão que aponte para um longo futuro.

Vemos também projetos institucionais de destaque que foram interrompidos, após mudança de governo ou por falta de orçamento, sinalizando a influência política e ideológica também nesta área. Com tudo que já foi conquistado em termos de políticas públicas de leitura, é preciso chamar atenção para que políticas de governo não se sobreponham a políticas de Estado. Quando um projeto de leitura institucional, de caráter público, é simplesmente desarticulado pela falta de interesse ou verba, perde-se todo o investimento feito — tanto financeiro como humano. Perde-se o sonho. Conquistar leitores é um longo processo, mas perdê-los é muito fácil, com prejuízo tanto para o estado como para toda população.

Por outro lado, há iniciativas que, mesmo com mudanças de governo, continuam a acontecer; já fazem parte da política pública de leitura dos municípios. Estão de tal modo incorporadas à comunidade que resistem: são projetos de pertencimento. Um exemplo é o PROLER, Programa Nacional de Incentivo à Leitura, criado em 1992 — e já se vão quase 30 anos —, segue marcando presença e sublinhando a importância de uma política pública bem fundamentada. Muitos projetos que participam hoje da pesquisa **O Brasil que Lê** se originaram em iniciativas do PROLER. Em vários municípios brasileiros ele resiste e dá frutos, agora todos estão comprometidos com ele. Os governos mudaram, mas o programa permanece. Por quê? Porque é uma política da sociedade, dos incentivadores e amantes da leitura.

É preciso também valorizar os que estão trabalhando em rede, só na cumplicidade e no apoio mútuo se pode vencer as dificuldades que hoje se impõem à cultura. Esses exemplos estão presentes em muitas iniciativas aqui analisadas: bibliotecas comunitárias ligadas à RNBC, projetos do Polígono Sul Mineiro, Projeto Leia Mais, iniciativa do interior do Maranhão que começa a abraçar outros projetos — isso é o que fortalece a rede de formação de leitores.

Queremos ressaltar também a presença de projetos que se alinham ao PNLL, assim como aos Planos Estaduais e Municipais. Essas são políticas públicas de leitura desenvolvidas a partir da discussão com vários grupos da sociedade e o engajamento de projetos a essas políticas é fundamental para o fortalecimento tanto das iniciativas de formação de leitores quanto das políticas públicas para a leitura e o livro.

Em triste época de pandemia, muitos projetos criativos estão surgindo, contornando o distanciamento social e ofertando companhia, cultura e leituras. A pesquisa registrou esse trabalho. São projetos valiosos que incentivam não apenas a leitura, mas práticas artísticas e culturais. Há também que ressaltar as iniciativas já estabelecidas que se reinventaram para que esse período de isolamento não interrompesse suas atividades.

Cabe também destacar projetos de extensão universitária que cumprem seu papel, com olhar voltado não somente para a pesquisa e para a comunidade acadêmica, mas indo além dos limites da academia em direção ao seu entorno. Assim como encontramos vários projetos que também se deslocam de seu espaço físico determinado e vão a parques, hospitais, postos de saúde, asilos, ônibus, calçadas, bares. E outros, que começaram pequenos, hoje são polos de articulação em seus estados e cidades; outros que atendem a mais de uma comunidade, trabalhando com e pelo coletivo.

Além disso, observamos a direta ligação entre projetos de leitura e o desejo de transposição de condição social. São projetos que nascem e/ou se destinam à periferia, à população desassistida, às ditas minorias neste país tão injusto como o nosso.

Importante observar o crescente interesse de projetos em trabalhar com a população em privação de liberdade. A legislação que prevê redução de pena pela leitura ainda traz regulamentação que precisa ser revista para que, de fato, o trabalho de formação de leitores junto a esse público promova uma transformação efetiva, na saída da reclusão e reinserção social. São projetos que trabalham com esse público-alvo e que estão contribuindo para mudança de enfoque da regulamentação da lei, com propostas de atuação mais interativa junto a apenados, propondo atividades de mediação de leitura.

O material que o trabalho oferece é vasto. Esse trabalho, com certeza não termina aqui. Por fim, uma pergunta para reflexão: Por que alguns projetos acontecem, por que resistem e outros não têm a mesma sorte?



CONCLUSÃO

A proposta deste relatório é a de apresentar os dados da pesquisa **O Brasil que Lê**. Desde o primeiro momento, este foi um trabalho de parceria e parceiros. Gratidão a todos que interagiram efetivamente conosco.

Mais do que aprender com toda esta análise, fica o desejo de fazer, fazer mais. O trabalho de promoção de leitura, a pesquisa em torno de práticas leitoras é uma profissão de fé por um futuro mais justo. Fora da educação, da cultura, do pensamento livre e reflexivo não há caminho.

Ler e analisar todas as iniciativas que participaram da pesquisa renova a fé no país que podemos ter e em tudo que é possível fazer. Difícil ler o mundo, saber o peso de cada som, o custo de cada palavra, as correntes que volteiam as frases. Para aprender a dar conta de tudo isso é preciso aprender mesmo a ler, com gosto, com vontade, com liberdade e em parceria.

Este foi um trabalho de muitas mãos e este relatório geral, com tantos números e gráficos, não quer ficar frio ou distante da pulsação do fazer de cada projeto que contribuiu para que pudéssemos pensar a leitura, a partir do que hoje se está produzindo Brasil afora.

Esta quer ser mais que uma conclusão formal, protocolar. Um trabalho como este não acaba quando se fecham os formulários e se imprimem os resultados, um trabalho como este está só no começo. Há muito ainda a criar e construir. Em cada projeto lido havia sonho, desejo, força e empenho. Isso a pesquisa vê para além dos números.

A pergunta que deixamos sobre a longevidade de alguns projetos em oposição a outros que não conseguem se manter é uma contribuição importante para a reflexão daqueles que buscarem orientação nesta pesquisa. Sendo o trabalho de formação de leitores extremamente importante para a construção da cidadania, precisamos pensar, a partir dos dados que agora trazemos, de que modo se poderá dar suporte a iniciativas voltadas para a leitura de modo que prosperem e se mantenham em atividade, transformando o perfil da cidadania.

Criar uma rede de informação, propiciar o encontro de projetos atuando em uma mesma região, estimular parcerias, promover encontros de capacitação são ações possíveis que podemos pensar em concretizar para que os dados aqui apresentados sejam mais do que o resultado uma pesquisa. Elas devem se converter em uma atuação política para a ampliação do trabalho fundamental de formar leitores.

Que esta análise possa ser útil a todos que queiram se aventurar em iniciativas de leitura. Que esses apontamentos possam ajudar a todos que já estão nessa estrada e a quem mais quiser por ela caminhar.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. Ed. rev. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

YUNES, Eliana (org). **Pensar a leitura: complexidade**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.



SOBRE AS AUTORAS

DENISE RAMALHO_ graduada em Letras pela UFRJ, tem Mestrado e Doutorado, também na área de Letras pela PUC-Rio. Trabalhou sempre com Educação e Leitura, lecionando durante 30 anos e atuando na capacitação e formação de professores. Coordenou, durante sete anos, o projeto de leitura e formação do leitor *Ler para ter: experiência, conhecimento e cidadania*, que funcionou na ONG OPJ (Obra de promoção dos jovens) em Laranjeiras, Rio de Janeiro, sob a direção da professora Eliana Yunes. É pesquisadora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, tendo atuado em vários projetos. Atualmente coordena o GELIJ (Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil), desenvolvido na Cátedra e responsável pelo Selo Cátedra 10 — premiação da Cátedra e do iiLer (Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio) que, desde 2016, vem se consolidando como uma referência na área. É pesquisadora da RELER (Rede de Estudos Avançados em Leitura), que reúne pesquisadores de todo o Brasil.

ROSÁLIA GUEDES_ professora, graduada em Letras e mestre em Linguística aplicada ao Ensino, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS. É consultora de políticas públicas na área do livro, leitura e bibliotecas. Atuou no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) desde sua criação, coordenou os Planos Estaduais e Municipais do Livro e da Leitura, e prestou assessoria ao PNLL como consultora da UNESCO. Na OSCIP Mais Diferenças, prestou consultoria ao Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas. Foi coordenadora-geral do escritório da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) no Brasil, quando coordenou o Prêmio VivaLeitura. Lecionou na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Publicações: revisora técnica de *La Lectura como Política: constuyendo políticas e planes nacionales del libro y lectura* (Biblioteca Nacional do Perú, 2020); coorganizadora do livro *PNLL: textos e história* (Cultura Acadêmica Editora, 2010); coordenadora do livro *Políticas públicas do livro e leitura* (Cultura Acadêmica Editora, 2006); coautora de *Análise e produção de textos* (EdUNISINOS, 1993).



II.
O BRASIL QUE LÊ
Mapeamento de metodologias
de mediação e gestão de
projetos de leitura

Gilda Carvalho
Stella Pellegrini



APRESENTAÇÃO

Metodologias e Gestão em diálogo

As ações inscritas em **O Brasil que Lê** revelam-se materializadas em projetos criados principalmente por mediadores da leitura, como professores, bibliotecários e agentes culturais, *enquanto sujeitos leitores*.¹ Tais projetos foram incluídos, em sua maioria, por seus responsáveis e enriquecem o conjunto de produções que há mais de 30 anos discute o tema da Leitura no Brasil. O Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio — iiLer — e a Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio dedicam-se à pesquisa de ações em prol da Leitura e da Formação de Leitores que se espalham por todo o território nacional e, no âmbito desta pesquisa, avaliam neste relatório, as metodologias de mediação de leitura e as práticas de gestão de projetos apresentadas a ela.

Reconhecemos como um dado significativo nesta pesquisa que a maioria dos projetos nela inscritos (72,57%) tem origem privada.² Isso demonstra um movimento social para preencher lacunas que são deixadas pelas instâncias governamentais, e cuja responsabilidade com a promoção da leitura e a formação de leitores ainda não se manifestou com eficácia institucional pelos responsáveis das áreas da Educação e da Cultura. Ressaltamos ainda, como importante, o atendimento às minorias como as populações quilombolas, os afrodescendentes, as pessoas com deficiência, os idosos recolhidos em asilos, os apenados, os que estão internados em hospitais e todos aqueles que não têm acesso à educação de qualidade, enfim, os que estão à margem em uma sociedade reconhecidamente excludente.

A articulação entre Metodologias e Gestão tem como ponto de partida o destaque para os projetos longevos e estáveis, situação de 24% dos inscritos.

¹ SANTOS, Fabiano; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tânia, M. K. (org). **Mediação de Leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. 1. ed. São Paulo: Global, 2009.

² Considerando projetos de origem individual, em empresas, ONGs, Organizações da Sociedade Civil, Coletivos e Associações Comunitárias.

Estes apresentam metodologias bem fundamentadas, resultado de experiências exitosas, fortalecidas pelo empenho de pequenos grupos, ou mesmo de iniciativas individuais, que abraçam a causa da leitura e ampliam suas ações na medida em que sentem como seu trabalho beneficia as populações atendidas. São ações que, de modo mais ou menos formalizado, representam capacidade gestora para o bom desempenho da iniciativa.

Esse destaque é especial dado o cenário de descontinuidade de políticas públicas estabelecido no Brasil. É importante mencionar que, ainda nem sempre se valendo de recursos públicos para a sua manutenção, o apoio governamental explícito garante um ambiente de segurança para o desenvolvimento de ações sociais assumidas em espaços como bibliotecas, escolas, ONGs e outras organizações da sociedade civil.

Contudo (e ainda bem!), encontramos promotores de leitura que, mesmo enfrentando muitas dificuldades — às vezes fazendo da própria casa o espaço de encontros ou a biblioteca do bairro — insistem em seu compromisso de compartilhar livros e outros formatos de textos, muitas vezes conseguidos por meio de doações. Enfim, percebemos na leitura dos projetos um esforço sistemático e persistente de uma parcela da população que se empenha com responsabilidade e solidariedade para oferecer o melhor que tem em benefício do outro e, assim, atrair aqueles que precisam apenas de um simples gesto acolhedor, para mergulhar no mundo da leitura e viver essa experiência.

Estes esforços desembocam na constatação de práticas de gestão que, mais ou menos assumidas explicitamente como tal, são fundamentais para a consolidação das ações que estão na ponta daquilo que é feito por um projeto dessa natureza, ou seja, formar leitores e mediadores. Não se estabelece um projeto sem que se deseje o seu sucesso e nenhum projeto chega ao sucesso sem planejamento, organização, direção, controle e avaliação; são princípios básicos daqueles que administram um empreendimento de qualquer natureza.³

Gerenciar um projeto nesse universo trata, portanto, de prover o caminho necessário para o exercício de metodologias de promoção de leitura e suas possibilidades de aprimoramento. Esta análise foi realizada pelas pesquisadoras Stella de Moraes Pellegrini, educadora que atuou na formação e no acompanhamento de professores de Salas de Leitura da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, e por Gilda Carvalho, administradora de empresas, também coordenadora de um projeto de formação de leitores adultos que tem como objetivo a reflexão sobre leitura e o mundo do trabalho. Assim, a partir de um diálogo amoroso e profundo entre ambas, apresentamos este relatório.

Em primeiro lugar, fazemos aqui uma análise sobre as práticas de mediação da leitura indicadas pelos projetos, que se consolidam em uma base teórica aqui sistematizada. Seguindo, estão relatados os resultados que evidenciam o exercício da gestão. E, por fim, aproximando esses dois pontos aparentemente distantes, algumas recomendações e apontamentos para todas as pessoas que lerem este material.

3 Henry Fayol (1841-1925), um dos primeiros pensadores da Administração como ciência, foi quem sistematizou as funções de gestão empresarial. Modernamente, seus conceitos vêm sendo atualizados para atender aos novos modelos organizacionais. Porém, o processo planejar – organizar – comandar – coordenar – controlar é imprescindível à gestão de qualquer empreendimento.

1.

Metodologias de Promoção de Leitura: teorias, práticas, encontros

Como as histórias apareceram na terra?

Foi há muito tempo, na África, meu filho, no tempo da primeira aranha, Kwaku Anansi. Kwaku Anansi percorria o mundo todo, viajando de fio em fio na sua teia sólida; mais parecia um velho sábio do que uma aranha. Naquele tempo, meu filho, ninguém tinha histórias pra contar. O deus do céu guardava todas só para ele, lá no alto, trancadas num baú de madeira.

(Anansi, o velho sábio.
Recontado por Kaleki)

Segundo Carina Bandeira,⁴ em publicação do PROLER, a leitura é, por excelência, a forma de tomarmos consciência da linguagem, e não do livro, do filme, da história em quadrinhos, do quadro, da escultura enquanto objetos. Lemos textos, e estes só conquistam materialidade sob a forma de linguagem. Essa tomada de consciência da linguagem, um ato que pode ser tão óbvio, tão simplista, tão fácil de ser resolvido na escola, talvez seja um dos aprendizados mais penosos da caminhada humana, pois implica uma leitura de si mesmo que resulta, peremptoriamente, numa demarcação de lugares que, paradoxalmente, estão em constante dinâmica. O trabalho

⁴ BANDEIRA, Carina. **Diário de Viagem**. Rio de Janeiro: Publicação do PROLER/Casa da Leitura, 9 nov. 1995.

com a leitura é uma das mais sofisticadas ações humanas, pela simples razão de que não se realiza sem a *palavra dialógica*, no dizer de Bakhtin,⁵ a palavra do *texto escrevível* da fala de Barthes.⁶

5 BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

6 BARTHES, Roland. **S/Z**. Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, s/d.

7 LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1. ed. 5 impressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Entendemos a mediação como um processo que envolve a seleção de métodos de que nos valem para favorecer a experiência⁷ da leitura em sua dimensão semiótica, que abrange todas as manifestações que afetam os nossos sentidos e, assim, as várias linguagens, verbais ou não-verbais com que interagimos. Esta capacidade nos permite ler, não só os signos verbais, mas todos os outros índices, signos e símbolos que indicam, identificam e compõem nosso universo.

Avaliar as Metodologias de Mediação da Leitura implica observá-las em consonância com os objetivos específicos de cada projeto que orientam, considerando sua articulação com eles. Se os objetivos específicos detalham os grandes objetivos e os processos necessários para a realização de um projeto, a metodologia explicita o caminho que foi ou será seguido em toda a sua execução, ou seja, sua implementação, etapas e a ordem em que ocorrem. Quando existe esta articulação, observa-se a coerência exigida a um projeto formulado a partir da experiência consolidada. Seguindo tais orientações, conduzimos a análise das metodologias descritas, elegendo no primeiro momento, aquelas que dão sustentação aos projetos destacáveis em todos os aspectos; as de projetos que sobressaem em muitas de suas propostas e práticas e as que salientam aspectos importantes no campo das metodologias de projetos de leitura.

Depurando o processo, estabelecemos para tal tarefa os seguintes critérios: criatividade, aspectos inovadores, consistência que oferecem à estrutura do projeto, fundamentação teórica que sustenta a proposta, foco privilegiado nas temáticas da promoção da leitura, da formação do leitor e dos mediadores da leitura, qualidade das atividades selecionadas e as implicações que permeiam as opções temáticas.

À pergunta sobre a Metodologia, os projetos responderam descrevendo aquilo que fazem, discorrendo, uns mais, outros menos, sobre suas realidades, atividades e públicos. Poucos indicam uma apropriação de teorias ao seu fazer. Assim, esta parte do relatório pretende oferecer luzes sobre algumas práticas que, embora absorvidas pelo cotidiano dos projetos, possuem sedimentada base teórica. Para tanto, vamos apresentar as práticas utilizadas, detendo-nos naquelas que são adotadas por mais de 50% dos projetos.

1.1. O desafio da Mediação de Leitura e práticas mais adotadas

A mediação da leitura é um processo que decorre da seleção dos caminhos que percorremos, das relações afetivas que estabelecemos, da criatividade de que dispomos e do entusiasmo que nos impulsiona para favorecer a experiência da leitura. Estas manifestações nos permitem ler não só o texto, mas o contexto em que ocorrem as trocas no processo de mediação.

É nas trocas que se enriquecem as experiências; é nas conversas que se promove a formação do mediador e esse diálogo envolve a experiência da leitura. O mediador é aquele que serve de ponte entre a leitura e o leitor e este processo se inicia com a oralidade. Quem conta um conto aumenta um ponto, diz o ditado popular. Se existe uma boa relação intersubjetiva, as trocas de experiências ocorrem nas conversas, e de conversa em conversa se vai ao longe. Passar da conversa para a leitura de trechos cuidadosamente selecionados em prosa ou verso vai depender da experiência e do entusiasmo inequívoco do mediador. O entusiasmo contagia e faz aflorar a criatividade que, por sua vez, desemboca na oferta de atividades que seduzam o leitor em formação.

O Brasil que Lê registra as seguintes práticas como as mais adotadas pelos projetos: leitura individual obrigatória ou livre (66,49%); contação de histórias (56,28%), leitura em voz alta (56,02%), círculos de leitura (55,50%) e empréstimos de itens de acervo (51,31%).

1.1.1. Leitura individual obrigatória ou livre

Representando 66,49% das práticas dos leitores ou de leitores em formação, temos a leitura individual obrigatória ou livre. Esta pode ser sugerida, ou ser obrigatória, em determinadas circunstâncias didáticas, ou, ainda, acontecer por livre escolha. O ideal é que o leitor tenha liberdade para selecionar suas leituras, mas para que haja essa predisposição são fundamentais as experiências vividas anteriormente, o repertório desse leitor.

É comum estabelecer, entre as práticas leitoras difundidas nas escolas e universidades, leituras obrigatórias como atividades curriculares. A obrigatoriedade não garante o compromisso do estudante com a leitura, mas um trabalho bem-feito pode despertar ou alimentar seu interesse. O contato com a leitura se inicia muito antes, nas relações intersubjetivas na família, na escola e no grupo social, na contação de histórias, no acesso ao material de leitura, na experiência leitora individual e coletiva. Um professor leitor, entretanto, em qualquer momento pode operar a transformação daquelas primeiras experiências, como mediador de leitura privilegiado que é, ou deve ser. A formação de leitores é a base das outras formações.

Em sociedades desiguais como aquela que em que vivemos, grande parte da população se vê excluída cada vez mais do acesso aos bens culturais como livros, bibliotecas, filmes, peças teatrais, espetáculos circenses e de música ou dança. Em tais circunstâncias, a escola pública é, ainda, o espaço em que as bibliotecas escolares oferecem acervos, dentro de suas possibilidades, para incrementar o empréstimo de livros, a produção de pesquisas e projetos.

Recorrendo à 5ª edição da pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**, extraímos alguns dados que dão a dimensão de problemas que enfrentamos e que demandam soluções: 61% das escolas públicas, ou seja, 88.340 escolas, não têm bibliotecas ou salas de leitura. Na mesma situação estão 84% das escolas rurais e 70% das que estão no Norte e Nordeste.⁸ Esses dados refletem não só desigualdades regionais graves, como também o prejuízo que afeta as escolas rurais.

Não se pode desconsiderar o problema que enfrentamos no governo atual: o desmonte operado nas áreas da Educação e da Cultura e o retrocesso que a promoção da leitura sofreu com o total abandono das políticas públicas. O resultado é que, após período de crescimento na área da formação de leitores, registra-se queda neste índice, conforme aponta a edição atual da pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**: de 104,7 milhões, em 2015, passamos para 100,1 milhões, em 2019,⁹ considerando, é verdade, apenas o consumo de livros.

⁹ <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>

¹⁰ YUNES, Eliana. **Tecendo um Leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

1.1.2. Contação de Histórias

A Contação de Histórias é uma prática que remonta à tradição oral, que existe desde populações ágrafas, ou seja, de sociedades que não conheciam a escrita. As experiências eram transmitidas entre as gerações pela oralidade. É dessa tradição que deriva a Contação de Histórias como a entendemos hoje.

“O mundo dos homens é, necessariamente, discurso e narrativa, pois as ocorrências, quer na natureza, quer na cultura não são como nos (a)parecem e, menos ainda, naturais. Tomamos posse do mundo e de suas complexidades veladas à medida que construímos um discurso sobre elas, ainda no plano da oralidade.”¹⁰

O primeiro contato com as narrativas, tanto em sociedades letradas como nas sociedades ágrafas ocorre, geralmente, na primeira infância, mas não se limita a esta faixa etária. Quem não gosta de ouvir “causos”? Contos de assombração? Histórias de Terror? Contos de Fadas? Estas experiências têm atravessado gerações.

Entre as diversas metodologias apresentadas nos projetos inscritos, a Contação de Histórias tem presença significativa (56,28%) porque estabelece uma relação de afeto, de camaradagem, de cumplicidade entre o mediador e os demais participantes.

“A Associação Viva e Deixe Viver por meio da arte de contar histórias, forma cidadãos conscientes da importância do acolhimento e da elevação do bem estar coletivo, a partir de valores humanos como empatia, ética e afeto. Forma cidadãos para o cumprimento do trabalho voluntário de maneira consciente, comprometida e constante. A Viva é referência em educação e cultura, por meio da promoção de atividades de ensino continuado. Desenvolve e oferece cursos de formação para interessados em ser contador de histórias e promover o hábito da leitura em diversos ambientes. Além do trabalho que realiza dentro dos hospitais, ao longo dos anos a associação vem realizando diversas iniciativas de fomento à cultura e garantia dos direitos de crianças e adolescentes no âmbito do acesso à cultura, lazer e bem estar, propiciando desde atividades lúdicas, apresentações de contação de histórias, produção e distribuição de conteúdos e livros infantojuvenis, até o desenvolvimento de atividades

de capacitação de agentes como multiplicadores da arte de contar histórias e do brincar.”

(Projeto **Associação Viva e Deixe Viver** — São Paulo/SP)

Fundada em 1997, na cidade de São Paulo/SP, a **Associação Viva e Deixe Viver** relata na pesquisa a sua experiência que iniciou com a contação de histórias para pessoas com dificuldade de acesso à leitura e que se desdobra atualmente em uma rede de formação de contadores que se espalha por todo o país. É um autêntico caso de sucesso em seus objetivos, resultados e sonhos ainda presentes: *“contar histórias é a salvação para a transformação de uma sociedade, onde uma boa parte ainda vive na ignorância do ler e compreender, pois é através do compreender a palavra que podemos oportunizar, descobrir e valorizar nossos autores.”*¹¹

1.1.3. Leitura em voz alta

A leitura em voz alta é uma prática leitora que favorece e aperfeiçoa a compreensão oral, a interpretação do texto, a escrita e influencia o leitor na aquisição da autoconfiança. Enquanto falamos e nos ouvimos, aprimoramos a pronúncia, ampliamos o vocabulário e aumentamos nossa experiência com a gramática, internalizando-a.

Além disso, trata-se de uma prática comum dentre mais da metade dos inscritos. Destacamos os projetos **Biblioteca Comunitária em Ação** (MG) e a **Biblioteca Popular do Coque** (PE), para exemplificar esta prática leitora, característica das rodas de conversa e de leituras em ambientes externos como a modalidade leitura na praça.

1.1.4. Círculos de Leitura

A leitura compartilhada é também prática leitora identificada na maior parte das metodologias dos projetos em análise e apresenta diferentes experiências de leitura. Ocorre em espaços definidos a priori para os encontros dos participantes e inclui as Rodas e Círculos de Leitura que contam com a presença de um leitor-guia. *“O que se quer alcançar com o ‘Círculo de Leitura’ é a descoberta da condição de leitor e uma qualificação maior para a leitura, por conta mesmo da troca, do intercâmbio, da interação de vivências e histórias de leitura — segundo o repertório de cada um,”* como diria Iser.¹²

1.1.5. Empréstimos de itens do acervo

A prática leitora do empréstimo de livros tem sido valorizada em especial pelos que têm como objetivo difundir a leitura de modo a atingir o maior número de pessoas, sobretudo aquelas que estão longe dos espaços de acervo existentes. Os empréstimos ocorrem ora a partir das bibliotecas escolares e de universidades, ora em bibliotecas públicas e comunitárias. Sendo o livro um artigo de luxo para grande parte da população em virtude, principalmente, das desigualdades sociais, todas as iniciativas que

¹¹ Relato de Ana Paula de Souza Monteiro, responsável pelo preenchimento do questionário indicada pelo projeto **Associação Viva e Deixe Viver**, em resposta à pergunta 83: “O que você sonha para o futuro do projeto?”

¹² ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura**: uma teoria do efeito estético. In YUNES, Eliana. **Tecendo um Leitor**: Uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

envolvem ações de doação ou empréstimo contam com apoio de instituições comprometidas com as causas sociais.

O empréstimo configura-se uma atividade essencial das bibliotecas públicas, escolares e comunitárias e acontece também em bibliotecas itinerantes. Nas escolas em que há algum acervo os empréstimos fazem parte das atividades semanais. A circulação de livros intensifica-se na medida em que o interesse dos alunos é despertado.

Entre os projetos que nos foram apresentados o empréstimo acontece, por exemplo, na **Borrachaloteca de Sabará** (MG), que nasceu no interior de uma borracharia no bairro de Caieiras, naquela cidade mineira, em 2002, e hoje conta com um acervo de mais de 3.000 livros disponíveis para empréstimo, promove a festa literária da cidade e articula-se com outras redes para a criação do Plano Municipal do Livro, Leitura e Bibliotecas.

Destacamos também que o projeto mais longo inscrito em **O Brasil que Lê**, data de 1948 e realiza, exatamente, empréstimo de livros. A **Caixa de Cultura** é uma biblioteca itinerante, patrocinada pelo SESI, que circula entre indústrias do estado de São Paulo, propiciando leitura a funcionários e seus familiares, com relatos de impactos positivos na retomada dos estudos e ampliação do conhecimento cultural daqueles.

1.1.6. Outras práticas da área do Livro e da Leitura

Embora não apresentados aqui com detalhamento, é importante mencionar o esforço e a criatividade dos projetos de leitura para oferecer atividades que interessem e atendam a demanda de seus públicos. Assim é que em menores, mas significativas proporções, encontram-se a oferta de eventos como encontros com escritores, ilustradores e outros artistas (49,74%); debates e mesas redondas sobre literatura (41,88%) e saraus (40,31%) que proporcionam a aproximação ao universo literário propriamente dito.

O percentual de Oficinas de Leitura oferecidas nos projetos avaliados representa 32,46% dos projetos, o que dá um destaque a essa prática. Trata-se de uma estratégia que faz uso de técnicas pedagógicas para facilitar o processo de mediação da leitura num ambiente que reúne teoria e ludicidade. Como exemplo deste trabalho, destacamos o projeto **O Nordeste em Catalão: conto, cordel e miscigenação** (GO), que assim nos fala sobre a contribuição de suas atividades para a formação de leitores:

“Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que tanto as narrativas quanto os cordéis criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. A escuta de histórias, pelo aluno, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento, permite também ampliar os conhecimentos históricos sobre seu povo e vai além: permite conhecer a si próprio ao tomar conhecimento de sua cultura e permite respeitar e valorizar a cultura do outro [...]”

(Projeto **O Nordeste em Catalão: conto, cordel e miscigenação**
— Catalão/GO)

O diálogo com outras linguagens, fundamental para a ampliação da visão de mundo dos leitores em formação, é oferecido por meio de apresentações musicais (27,75%), teatrais e circenses (23,56%) e de filmes (26,96%), além de visita e/ou organização de exposições (26,18%). Clubes de leitura, palestras, oficinas, cursos e debates sobre outros temas para além da Literatura, suporte à pesquisa, promoção de eventos em espaços públicos ou comunitários e bibliotecas itinerantes mostram a potência que a presença de um projeto de leitura pode alcançar, configurando-os como autênticos espaços de vida comunitária e promoção humana.

Por fim, encontramos também projetos cuja finalidade é a distribuição de livros aos públicos que atende – escolas ou comunidades. Em geral, realizam doação de livros de um autor, ou editora, que graciosamente disponibilizou exemplares para doação. Este tipo de ação é exemplar, mas para tornar-se efetivo é importante que seja acompanhado de compartilhamento daquilo que o texto provocou no seu leitor, o que, sem dúvida, enriquece a todos.

1.2. Apontamentos finais em metodologias e práticas

As práticas leitoras aqui mencionadas estão relacionadas pelos projetos que atenderam ao chamado da pesquisa e se apresentaram numa iniciativa que tinha a pretensão de recolher, não só o que ocorre institucionalmente nas escolas, universidades, bibliotecas, e outras organizações, mas também o que se faz em iniciativas coletivas e, muitas vezes, individuais.

As escolas, com várias restrições por falta de formação adequada do Magistério em todos os níveis, ainda são espaços refratários à Leitura e à Formação de Leitores. Nem sempre o professor é um leitor. Livros para a chamada leitura extraclasse, nos primeiros níveis, selecionados entre os de literatura infantil e, a partir do Ensino Fundamental, entre os de literatura juvenil, são escolhidos pelos coordenadores e nem sempre lidos pelos professores. Percebe-se que nessa área a Leitura só tem tido presença significativa nas universidades, geralmente nos cursos de mestrado e doutorado, onde a formação implica a pesquisa – mas, o foco desta leitura são as obras teóricas.

Formação de leitores exige leitura como experiência. E como se forma um leitor?

Nossa experiência pedagógica avalia que leitores formam leitores, ora a partir de conversas que entusiasmam acerca de obras literárias lidas, ora oferecendo livros, ora em visitas a espaços culturais como teatros, exposições, museus, bibliotecas, ora sugerindo atividades de leitura compartilhada em que se formam grupos com os mesmos interesses. As possibilidades existem, como apontam os projetos que recebemos. Às vezes tomamos conhecimento de exceções inusitadas como a de um leitor que assim se instituiu lendo obras que resgatava de lixões. Os projetos que discutimos são exemplos de iniciativas de pessoas e espaços de promoção da leitura que se dedicam à causa movidos pela crença em sua importância.

Considerando as temáticas dos projetos, nossas tradições culturais são presença constante em muitos deles. Festejos comemorativos e outras iniciativas surgem nas universidades, nas escolas e nas bibliotecas, reunindo um público fiel para encontros, exposições, seminários, e outros tipos de eventos que permitem transitar por vários gêneros como a poesia, o cordel, a música, a dança e demais formas expressivas, que tenham qualidade e beleza.

O Brasil é um país rico em sua cultura e que comemora com entusiasmo e alegria festas religiosas, como as Festas Juninas ou a Festa do Senhor do Bonfim, bem como as que apresentam aspectos da cultura de povos imigrantes que se estabeleceram no país: basta ver as comemorações cheias de vitalidade e graça das colônias alemãs e italianas da região Sul. Nesse calendário festivo, a leitura também tem seu espaço privilegiado por meio de tertúlias, de festas literárias – como a **Festa da Palavra** e a **Festa de Santa Maria**, no Rio Grande do Sul – em que a valorização do livro e da leitura são relevantes. Estas programações foram registradas em **O Brasil que Lê** como parte da metodologia dos projetos apresentados, e percebemos que seu sucesso depende da perfeita organização e de um planejamento cuidadoso, dados confirmados ao analisar esse material.

São iniciativas que no todo comovem pelo empenho e enfrentamento de muitos obstáculos. São exemplos de força e compromisso que pessoas e instituições demonstram assumir para com a leitura e a formação de leitores, e se tornam uma bandeira de luta por um país socialmente justo.

2. Gestão de Projetos de Promoção de Leitura: técnica e paixão

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre*

Milton Nascimento

Não deveria parecer estranho ao universo da formação de leitores originalmente tão ligado aos afetos, à sensibilidade e ao acolhimento, a aproximação com uma forma de conhecimento mais sistematizada – ou ainda racional ou dura, como a consideram aqueles mais receosos de que práticas de organização e gestão terminem por sufocar o encantamento da Arte. Ora, ninguém inicia um projeto para que ele seja fadado ao insucesso. Por isso, deveria ser bastante desejável que esse outro olhar venha a ser incorporado no que pode trazer de aprendizado e otimização de ações necessárias à sobrevivência e ao sucesso dos projetos de leitura.

A análise dos projetos inscritos na pesquisa **O Brasil que Lê** mostrou, desde os primeiros momentos, a incrível resiliência desses espaços espalhados por todo o país. Em um ano atípico, em que o isolamento social impossibilitou as atividades presenciais, 73,3% dos projetos inscritos permaneceram ativos, migrando ou não suas atividades presenciais para o modo virtual. Dos 67 projetos que assumiram estar com atividades interrompidas (17,54% do total de inscritos), 47 realmente estão parados por exigências do isolamento social devido à pandemia da COVID-19, enquanto os restantes estão suspensos por dificuldades relacionadas à gestão – falta de recursos, infraestrutura, patrocínios, articulações, equipes entre outros.

Em um país com as dificuldades políticas, econômicas e sociais que o Brasil enfrenta, é bastante compreensível que 76,74% dos projetos inscritos apontem como seu maior problema a manutenção financeira. Isto se dá em proporção direta às questões relacionadas à ineficiência ou ausência de políticas públicas, à descontinuidade entre gestões governamentais e à escassez de patrocínio indicadas por 5% dos projetos como sua maior necessidade. Vemos que 56 projetos (14,8% do total) indicam ainda problemas relacionados à segurança pública, transporte, acesso à internet, acessibilidade e manutenção dos espaços onde estão instalados. Resumindo: o cenário brasileiro é desafiador para projetos de natureza cultural e educacional.

Porém, há muito mais. Recursos, infraestrutura, comunicação e articulação também são pontos precários apontados pelos projetos, o que permite a análise de um conjunto de ações que diz respeito à gestão, e aparece nos textos dos projetos de forma ora mais explícita, ora menos. Assim, é urgente falar sobre isso para garantir o futuro de um trabalho tão valioso quanto necessário. Tomando o velho ditado atribuído ao filósofo Sêneca, não há vento favorável quando não se sabe para onde ir. O que existe dentro de nossos projetos, o que lhes dá ritmo e vida são informações. É preciso, portanto, aprender e saber como interpretá-las, extraindo das entrelinhas de um cotidiano por vezes muito difícil, o vento bom, o rumo certo, o porto adequado.

Apresentamos, a partir deste ponto, alguns aspectos relativos à gestão, importantes para a consideração daqueles que assumem a tarefa de conduzir projetos de leitura. Trata-se de informações apuradas da leitura dos inscritos e, a partir delas, indicações a possíveis futuros.

2.1. Como os projetos começam...

Loucura? Sonho?

*Tudo é loucura ou sonho no começo.
Nada do que o homem fez no mundo
teve início de outra maneira — mas já
tantos sonhos se realizaram que não
temos o direito de duvidar de nenhum.*

Monteiro Lobato

Quando se pergunta por que um projeto de leitura foi iniciado, muitas vezes a história é contada desta maneira:

“A biblioteca comunitária funciona em minha casa, literalmente dentro de casa. [...] Contribui para a promoção da leitura, quando uma criança vê a outra saindo daqui de casa com um livrinho nas mãos e os olhos brilhando de tanto encantamento. Promove a leitura quando meu nome passa a ser: a V. ‘da biblioteca’ e não mais a

filha do O.! Liberdade de ser eu mesma, a minha marca pessoal! **E eu desejo isso para todos, por isso promovo a leitura!**

(Projeto **Biblioteca Comunitária Novo Horizonte**
— São Gonçalo do Sapucaí/MG, grifos nossos)

É inequívoco o potencial transformador da leitura. Da mesma forma, grandes ações começam sempre em um movimento de iniciativa pessoal, ainda que, quando postas em marcha, possam ampliar-se e acontecer de modo coletivo. Pessoas que ultrapassam o prazer e o gosto pela leitura para levar a outras a potência dessa experiência deixam de ser apenas leitores e transformam-se em promotores de um processo que, em si, já é um projeto, ou sonho, ou loucura, como nos diz Lobato.

O Brasil que Lê mostra que 28,1%¹³ dos projetos inscritos começam em iniciativas individuais, de forma semelhante à relatada acima. Esse índice é superado apenas pelos projetos oriundos do setor público — 28,53% dos inscritos — seguido pelo setor privado (13,35%) e, a partir deste, outras formas de organização social (ONGs, associações, coletivos, etc) apresentaram-se com participação ainda menor, mas sem grande variação entre as mesmas.

A proximidade entre o quantitativo de projetos iniciados de forma individual e pelo setor público (2 projetos) é um indicativo do modo como ações originadas em Secretarias de Estado ou Municípios, Fundações, Institutos e outras organizações ligadas àquele podem vir ao encontro de um movimento de emancipação cidadã que as iniciativas individuais demonstram. Se apenas forem somadas, essas ações dão conta de mais da metade dos projetos realizados no Brasil (56,63%), aqui registrados. Os demais correspondem a 43,37% das respostas validadas. Inserem-se neste universo projetos que nascem da iniciativa privada, ONGs, outras organizações da sociedade civil, coletivos, universidades e igrejas e compõem a grande e diversa teia de ações de promoção de leitura no Brasil, que se destaca pelo acolhimento das diferenças sociais e culturais do país.

Ao ultrapassar a linha do desejo pessoal para concretizar-se como ação que interfere na vida de uma comunidade, ou bairro, ou cidade, aquele porquê nascido da experiência individual, transforma-se em para quê, assumindo razões que levarão a uma intervenção que tem outros destinatários. Em geral, esse é o caminho de instalação de um projeto de leitura que, na medida em que toma forma e cresce, vai definindo também o que quer alcançar.

2.2. Conceitos e objetivos: escolhendo caminhos

O promotor de leitura que transforma seu trabalho — ou sonho — individual em uma ação concreta, com destinatários definidos, possui, em geral, um entendimento sobre o que considera ser a leitura, bem como o seu respectivo potencial. A análise sobre o conceito de leitura¹⁴, com o qual os projetos inscritos em **O Brasil que Lê** operam, mostra que, embora a leitura ainda seja bastante associada ao prazer e à diversão (79,58%), uma parte importante das respostas a associam à ampliação do universo cultural e fonte de conhecimento (87,96%), base para a formação do pensamento crítico

13 Este percentual considera as respostas à pergunta 32 sobre a “Origem dos Projetos.” 97 declararam ter como origem a “iniciativa individual.” Porém, as respostas descritivas apresentadas à opção “Outras” revelam mais 10 projetos originados dessa forma. Somados, esses resultados elevam esse tipo de origem a 107 projetos ou 28,1% no total de respostas validadas.

14 A pergunta sobre o conceito de leitura com o qual os projetos operam, de caráter múltiplo, ofereceu 6 possibilidades de resposta, além de campo descritivo para outras possibilidades. Os percentuais apresentados nesta análise também consideraram a leitura das respostas descritivas a “outros.”

e consequente inserção na vida sociopolítica (71,2%) e como um recurso à expressão criadora em diferentes linguagens (67,54%).

Essa compreensão amplifica a importância do contato com a ficção e com os saberes de origem cultural e/ou ancestral como bases para o desenvolvimento do imaginário e da formação da pessoa. Assim, podemos entender a importância do contato com a ficção para a formação humana e cidadã, bem como sua potência para o desenvolvimento de um pensamento crítico da realidade onde se insere o sujeito. Isso, contudo, não significa a desqualificação da leitura enquanto recurso à alfabetização ou como habilidade técnica, mas chama à atenção a necessidade de que esses dois últimos conceitos ou trabalhem em conjunto com os demais, ou sejam facilitadores para se chegar àqueles, de modo que a formação de um leitor vá além dos bancos escolares e possibilite a formação de um leitor cidadão engajado e transformador de sua realidade.¹⁵

Conceituar o que é entendido como leitura é importante para a definição dos objetivos pretendidos por um projeto, pois é desejável que esse entendimento prévio sirva à pavimentação de um caminho para a formação de um leitor capaz de atuar na plenitude de um conceito que tem a ver com a motivação para a instalação de suas ações.

Não por acaso, 90,05% dos projetos indicam como objetivo a possibilidade de ampliação do contato com a leitura.¹⁶ Apresentam também preocupação com a formação de leitores atuantes (69,2%), ao mesmo tempo em que ressaltam a importância da mediação (61%).

A carência de políticas públicas e outros investimentos para a instalação e manutenção de equipamentos culturais e o desmantelamento da Educação e da Cultura, aliados ao alto custo do livro e a precária rede de livrarias, estimulam projetos que se dedicam a contribuir com o ensino e a divulgação literária, o acesso ao livro despretensioso, ou seja, sem a presença de um mediador e as ações direcionadas à formação de escritores, ilustradores e outros artistas.

Mais da metade dos projetos inscritos (52,2%) estão sediados nas capitais dos estados brasileiros. Porém, a demanda do interior do país em iniciativas dessa natureza é latente; em várias localidades os eventos promovidos pelo projeto são a única opção cultural disponível. Além disso, o fato de projetos estarem instalados nas capitais não significa o atendimento a populações assistidas cultural e economicamente. Ao contrário, o relato comum é de atendimento a áreas de risco social e vulnerabilidade econômica, confirmados pelos 97,3% de projetos que têm como objetivo o empoderamento de excluídos e a interação comunitária, ampliando suas atividades para além daquelas específicas de leitura. Assim é que muitos desses espaços oferecem cursos, palestras e oficinas de assuntos diferenciados, acesso à internet, produção artesanal e assistência social. Um bom exemplo é o relatado pelo projeto **Biblioteca de Caraíva** (BA) como seus objetivos específicos:

“O projeto pretende oferecer conteúdo cultural de qualidade; criar novas possibilidades de lazer na região; criar oportunidades de desenvolvimento integral para as crianças e adolescentes da

¹⁵ Um bom texto para entender este movimento é “Leitura é uma tecnologia” de Affonso Romano de Sant’anna, que pode ser encontrado em SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Ler o Mundo**. São Paulo: Global, 2011, p. 13-20.

¹⁶ A pergunta sobre os objetivos dos projetos, de caráter múltiplo, ofereceu 8 opções de respostas além de campo descritivo para outras possibilidades. Os percentuais indicados nesta análise também consideraram as respostas descritas em “outros.”

comunidade através de aberturas de novos caminhos de conhecimento e oportunidades; ampliar o acesso à cultura e ao conhecimento; promover a literatura indígena; fortalecer a cultura local; melhorar os índices de leitura na região; oferecer novas possibilidades de lazer para a comunidade.”

(Projeto **Biblioteca de Caraíva** — Porto Seguro/BA)

Os caminhos, contudo, nem sempre são fáceis. Não basta apenas saber aonde se quer chegar, mas como e com quem se quer chegar.

2.3. Planejamento e estratégias: consolidando ações

As demandas constatadas por aquele que cria o projeto, e que advêm de seus públicos preferenciais, determinarão toda a sua forma de ação. Estudantes ainda constituem o maior público atendido¹⁷ (68,4%), seguido por moradores de comunidades (64,20%), professores (60,47%) e outros profissionais, leitores ou mediadores (30,45%). Para esses, a oferta de atividades é ampla e diversificada. Nota-se, contudo, uma estratificação que procura atender públicos específicos tais como pacientes de hospitais, apenados, refugiados, quilombolas, indígenas, idosos, caiçaras, ciganos e bebês e, ainda com destaque nesta faixa, mulheres, pessoas com deficiência e afrodescendentes cujas pautas de inclusão, felizmente, se tornam mais presentes a cada dia na sociedade. Esta especificidade se reflete no tipo de atividades oferecidas para estes públicos, que mostram um apuro especial na escolha de textos e ações. Apresenta-se também, já com ações registráveis, o trabalho voltado ao atendimento de idosos, famílias, bebês e primeira infância.

Há, contudo, indicações importantes do tipo “público em geral” ou “pessoas interessadas”¹⁸ que embora possam trazer uma dimensão de atenção indefinida — já que, hipoteticamente, leitura deveria ser de interesse de todos — configuram ações mais voltadas ou para a divulgação literária ou sem uma preocupação com uma formação de leitores que leve à construção do conhecimento e do pensamento.

Michael Porter, teórico da Administração, ensina que “*estratégia é uma escolha de como competir*.”¹⁹ Articulações em redes e estabelecimento de parcerias têm sido assumidas estrategicamente pelos projetos de leitura como meios para o fortalecimento de pautas conjuntas e a sustentabilidade, respectivamente.

Parcerias dizem respeito a trocas em que ambas as instituições ou projetos ganham, ou pretendem ganhar, algo em seu benefício. Aqui, se incluem apoios institucionais ou financeiros que se configuram em compartilhamento de espaços, patrocínios, doações de acervos ou mobiliário, prestação de serviços voluntários e outros. Neste campo, as instituições públicas ainda possuem preponderância e respondem por 51,5% das parcerias estabelecidas.²⁰

Instituições privadas têm sido, em geral, provedoras de subsídios e patrocínios para os projetos e respondem por 44% das parcerias estabelecidas,

17 A pergunta sobre os públicos dos projetos, de caráter múltiplo, ofereceu 12 opções de respostas além de campo descritivo para outras possibilidades. Os percentuais indicados nesta análise também consideraram as respostas descritas em “outros.”

18 14% dos projetos indicam seu público alvo com esse tipo de descrição.

19 Michael Porter (1947) é professor na Harvard Business School e autor de *Estratégia Competitiva* (PORTER, M. **Estratégia Competitiva**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005) onde fundamenta a ideia de que estratégias são a forma que as empresas escolhem para se colocar em um mercado.

20 Pergunta 33 – “O projeto tem parcerias com:” com possibilidade de múltiplas respostas. A análise também considerou as respostas descritas na opção “Outras.”

sobretudo para projetos que realizam eventos de culminância ou feiras literárias, como, por exemplo, o projeto **Flipoços** que para a realização da feira literária na cidade de Poços de Caldas, em Minas Gerais, inclui em sua metodologia a captação de recursos junto a empresas privadas. Instituições da sociedade civil e outros projetos têm sido parceiros importantes para a ampliação de atividades e territórios de ação dos projetos, respondendo por 25,39% e 25,7% das parcerias, respectivamente. Neste caso, destacam-se as ações das bibliotecas comunitárias e dos projetos de extensão universitária que estabelecem verdadeiras redes de colaboração para a realização de suas atividades. Como exemplo, podemos citar a **Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino** (SP) e o Projeto **Bebeteca**, da Universidade Federal de Minas Gerais, respectivamente.

Uma parcela notável, porém, de 26,7%, ou seja, 102 projetos dentre os inscritos na pesquisa, não indica qualquer parceria. Isto pode significar tanto uma autossuficiência do projeto quanto necessidade de orientação para a busca e o estabelecimento de parceiros. Por fim, um item importante é a indicação de parceiros locais como comércio, associações de moradores, coletivos e outras instituições de natureza semelhante, demonstrando a força de comunidades muitas vezes desassistidas pelo poder público para fazer acontecer ações que ela mesma considera importantes para seus moradores.

Justamente por incluir trocas e articulações²¹ foi considerada em **O Brasil que Lê** a capacidade dos projetos em se compreenderem dentro de uma construção de pautas comuns e de alianças importantes para a consolidação de políticas públicas na área da leitura e da cultura. Destaca-se o trabalho notável da RNBC na consolidação de uma autêntica rede de bibliotecas comunitárias, espalhadas por todo o Brasil, e que responde por 34% das articulações indicadas e cuja atuação é atualmente imprescindível em localidades de alto risco social, onde assumem o papel de biblioteca, equipamento cultural e espaço seguro. A pesquisa **Bibliotecas Comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores** indica que 11,2% das bibliotecas entrevistadas se consideram um espaço de referência para a comunidade.²² Assim, *“as bibliotecas comunitárias são encaradas pelos moradores locais como uma estratégia para a melhoria da qualidade de vida, nesse caso, pensadas a partir do acesso ao livro e à leitura”*²³ constata as autoras daquela pesquisa.

Os desdobramentos do PNLL estão presentes em 27,73% das iniciativas, por meio da constatação da participação dos projetos em Planos Municipais e Estaduais do Livro, Leitura e Bibliotecas (PMLLB e PELLB, respectivamente). As instâncias de Governo Municipal ou Estadual, como Secretarias, Sistemas de Biblioteca, Rede de Escolas Públicas e outros, respondem por 28,16% das articulações. Esses números são importantes na medida em que representam a concretização de políticas públicas, que têm origem nos anos 90 com o **PROLER**, ainda presente em 10,91% dos projetos, e no **Programa Agentes de Leitura**, com 29,09% das respostas, e demonstram porque projetos bem planejados se consolidam junto à sociedade civil. Leitura é direito como nos ensinou o professor Antônio Cândido.²⁴ Cabe, portanto, ao Estado a viabilização de meios para a instalação de iniciativas para a sua promoção e, aos projetos, o reconhecimento de que compõem essa imensa teia que poderá mudar o destino de nosso país.

21 Pergunta 34 – “O projeto tem articulação com:” de natureza não obrigatória e com possibilidade de múltiplas respostas. A análise considerou o universo de 220 respostas e aquelas descritas na opção “Outras.”

22 FERNANDES, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: CCLF; Brasil: RNBC, 2018, p. 36.

23 FERNANDES, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: CCLF; Brasil: RNBC, 2018, p. 37.

24 CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In LIMA, Aldo (org). **O Direito à Literatura**. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, p.17-40.

No que diz respeito à sustentação financeira dos projetos,²⁵ 39,03% ainda se mantém com recursos dos próprios fundadores e/ou coordenadores. Este índice é superior àquele que indica a quantidade de projetos originados da iniciativa individual (28,1%), evidenciando que a carência de investimentos financeiros não é somente de ordem pessoal, mas também institucional, para que os projetos atinjam um equilíbrio decisivo para seu bom desempenho. A ação pública por meio de editais e outros tipos de aporte financeiro é decisiva para a realização de ações, seguida de perto pelo patrocínio ou apoio privado. Ainda é pequeno o número de projetos que conseguem sobreviver apenas com recursos de suas próprias atividades (10,5%), mas, considerando que, em geral, os projetos atendem localidades de baixa renda, é louvável que 9,5% consigam sua sustentação a partir da mobilização comunitária.

Articulações e parcerias podem ser fontes dos recursos financeiros fundamentais para a sustentação de um projeto, mas, para além desta, são oportunidades de potencialização do engajamento na causa pela leitura. A organização em redes – maiores ou menores – tem se mostrado fundamental para projetos dessa natureza; é nesse espaço que iniciativas podem se encontrar e criar oportunidades de trocas de experiências vitais para um projeto. Embora a promoção leitura não seja em si um bem comercial, é um empreendimento que se realiza com o esforço e a energia de muitos e movimenta o circuito econômico. Portanto, está mais do que na hora de se estabelecerem relações que visibilizem a ação de tantos projetos no Brasil que já lê, que já promove a leitura, que já se transforma, e que pode ser muito maior do que já é.

2.4. Pessoas, acervos e tecnologia: lá, onde tudo acontece

Para a composição deste relatório foram analisados apenas os modelos de vinculação e desenvolvimento das equipes dos projetos, ficando a avaliação sobre os perfis dos mediadores direcionada ao relatório específico da pesquisa **O Brasil que Lê**.

Embora em muitos projetos, as tarefas de mediação de leitura e de coordenação ou administração estejam sob a responsabilidade de uma mesma pessoa (às vezes, um mesmo grupo), procuramos analisá-las separadamente. No tocante à mediação, 44,76% dos projetos trabalham com mediadores voluntários, ou seja, sem vínculo empregatício e, conseqüentemente, sem remuneração. Isto acontece na razão direta das dificuldades tanto de formalização de um projeto como pessoa jurídica – o que implica em obrigações fiscais cuja manutenção é inviável sobretudo aqueles de pequeno porte – quanto de captação de recursos que possam subsidiar o pagamento daqueles profissionais.²⁶

Um detalhe que não pode ser esquecido é o fato de que a remuneração pelo trabalho não implica necessariamente vínculo empregatício. Apesar da pesquisa não adentrar a esta questão, muitos mediadores são contratados apenas para a prestação de serviços pontuais, o que não isenta o projeto de obrigações fiscais; 24,61% dos projetos declararam trabalhar com equipes de mediadores mistas, ou seja, alguns remunerados (contratados ou não) e outros voluntários. Esta é uma opção que vem ao encontro da obtenção

25 Pergunta 35 – Quais são as fontes dos recursos financeiros do projeto? – Pergunta com possibilidades de múltiplas respostas. A análise considerou as respostas descritas na opção “Outras.”

26 76,74% dos projetos inscritos na pesquisa indicam como principal dificuldade a falta de recursos financeiros.

de recursos para atividades específicas, em geral subsidiadas por editais e outras formas de patrocínio. A prestação de serviço voluntário deve levar em conta critérios bem estabelecidos entre ambas as partes, evitando-se pendências jurídicas posteriores, e, também, estabelecendo uma relação adequada e confortável para todos.

27 As respostas à pergunta sobre públicos-alvo dos projetos revelam o atendimento a crianças (68,85%), adolescentes (69,63%), jovens (71,20%), adultos (80,63%) e idosos (53,93%).

Na outra ponta dessa questão, está a profissionalização de inúmeras pessoas que pelo país afora dedicam-se à arte, à cultura e ao cuidado com acervos. O reconhecimento pecuniário revela comprometimento da parte que remunera para com o trabalho e a trajetória do outro. Além disso, estabelece uma relação profissionalizada, com direitos e deveres, tal como almejada por aqueles e aquelas que investem no desenvolvimento de seus talentos pessoais.

Trabalhando em conjunto com os mediadores, há uma equipe – que às vezes a eles se mistura, como já dito – que cuida de atividades administrativas essenciais ao funcionamento do projeto: infraestrutura, secretaria, contabilidade, comunicação, informática são ações fundamentais para que a “mágica” aconteça. O perfil de vinculação das pessoas que exercem essas atividades junto aos projetos repete o dos mediadores: 43,72% contam com uma atuação voluntária, enquanto 38,22% declaram remunerar essas equipes, remuneração esta muitas vezes realizada por serviços prestados, o que pode implicar descontinuidade de ações, afetando diretamente o bom êxito do projeto.

Para a realização de suas atividades, os projetos contam com recursos tecnológicos e acervos. Computadores (72,5%), celulares (47,64%), plataformas digitais (25,80%) e tablets (16,75%) estão na “ordem do dia” sobretudo com a migração de atividades para o formato digital provocada pela pandemia da COVID-19. Isso não significa o abandono de outros recursos como televisão, leitores de CDs e DVDs, aparelhos de som – inclusive vitrola e toca-fitas – projetores e telões, todos essenciais a um trabalho capaz de colocar várias linguagens em diálogo e que atende localidades remotas onde o acesso à internet e aos equipamentos mais atualizados é caro e ainda bastante precário.

A inclusão de tecnologias assistivas ao cotidiano dos projetos ainda não é totalmente assimilada pelos mesmos: 58,64% afirmam não adotar qualquer tipo de assistência a pessoas com deficiência. A interpretação em libras é utilizada por 26% dos projetos. A assistência a pessoas com deficiência visual é realizada sobretudo por meio da oferta de um acervo em Braille (19,63%); a instalação de equipamentos como leitores e ampliadores de caracteres e folheadores ainda não é disseminada. A preocupação com a acessibilidade espacial como a utilização de mobiliário adequado e rampas ou elevadores de acesso é visível, mas adotada por apenas 4% dos projetos.

À disposição para suas atividades, os projetos dispõem de um acervo diversificado. Livros de literatura infantil (74,87%) e juvenil (67,80%) revelam a adequação de acervos ao público prioritariamente atendido,²⁷ assim como livros de literatura geral (68,32%). A oferta de atividades diferenciadas e atrativas revela-se em acervos que contém filmes (22,7%), jogos analógicos (17,8%), fotografias (12,30%), histórias em quadrinhos (41,10%) e até jogos

eletrônicos (2,88%), facilitando e mediando o diálogo com outras linguagens e possibilidades de leitura.

Pessoas, acervos, tecnologia fazem acontecer um projeto de leitura. Ainda há caminho para se cumprir até que se possa estabelecer uma relação tranquila entre aquelas atividades que são finalidades dos projetos e aquelas que são meios para se chegar lá, ou, em outras palavras, o sonhado equilíbrio entre custos e investimentos ou com a adesão de uma equipe ideal ou de um acervo cuidado e atualizado.

2.5. Avaliação e impactos: que resultados queremos?

Avaliar tem uma relação umbilical com planejar; cada uma numa ponta do processo, definitivamente atreladas. E ambas, talvez, sejam as etapas mais difíceis de cumprir. Requerem tempo, conhecimento e, sobretudo, saber lidar com informações.

No planejamento realizado pelos projetos em geral são explicitadas suas metodologias e metas. Contudo, a terminologia padrão que compreende “meta” como quantificação de objetivos ainda não é plenamente assimilada pela grande maioria dos projetos. Poucos conseguem traduzir em números suas perspectivas de atendimento ou de realização de atividades, impactando diretamente a avaliação de suas atividades. Entre os que realizam algum tipo de avaliação cerca de 75,82% utiliza a observação direta como método, o que pode influenciar a ideia de sucesso relacionada à “casa cheia” ou a uma grande quantidade de participantes, sem necessariamente auferir a qualidade ou a eficácia da ação. Estatísticas de atendimento ou registros por atividades praticadas são indicadas por, respectivamente, 41,8% e 61,07% dos projetos e geram informações mais precisas, porém, caem no mesmo problema da observação. Um caminho mais seguro é combinar vários métodos de avaliação das atividades oferecidas, possibilitando um registro qualitativo e quantitativo de resultados.

A observação permite, contudo, uma avaliação essencial a projetos de leitura: aquela que trata das transformações subjetivas que ocorrem na pessoa que se forma leitora. Assim é que 51,05% dos projetos conseguem indicar melhorias na qualidade de vida da população que atende e 55,26% identifica impacto social nas práticas de cidadania de seus públicos.

Embora muito importantes, essas constatações podem reverberar em índices de desenvolvimento de uma localidade, que, por sua vez, são balizadores para políticas públicas; por exemplo, 80,26% dos projetos não sabem se suas ações têm relação de impacto com o IDH de seu território. Essa pergunta foi incluída em **O Brasil que Lê** com a pretensão de instigar os projetos a acompanhar tal índice e analisar o desenvolvimento daqueles paralelamente à sua ação. O projeto **Educativo FLIP**, da cidade de Paraty (RJ), oferece uma demonstração de acompanhamento do impacto de suas ações, próprias daqueles que sabem que fazem parte de uma rede de ações que promovem melhoria da qualidade de vida das populações que atendem. Sua resposta a essa questão é simples e concreta:

“IDH município _ Paraty 2000: 0,583 _ Paraty 2010: 0,693 IDH estadual Rio de Janeiro 2017: 0,796”

(Projeto **Educativo FLIP** — Paraty/RJ)

Por fim, é preciso desmistificar ações de planejamento e avaliação como processos burocráticos ou engessados, pois não o são. Apesar da tentação de se manter em um ambiente apenas relacionado à fruição e ao prazer, projetos de leitura produzem informações e por isso precisam tê-las à mão, registradas e sistematizadas para também adquirirem capacidade de lerem a si mesmos. Neste campo, não podem existir “achismos”; são as informações geradas por um projeto que o avalizarão adiante em um processo de premiação e/ou concessão de patrocínios. Em suma, projetos de leitura precisam ler a si mesmos. Porque amanhã, nada será igual e é preciso estarmos preparados.

2.6. Sonhos, porque é preciso tê-los

Dentre os 382 projetos que responderam à pesquisa **O Brasil que Lê** apenas 3 não identificaram desdobramentos possíveis para o trabalho que realizam; mesmo quantitativo de projetos que também não compartilhou seu sonho de futuro.

Da leitura de tantos sonhos — onde muitos representam causas de luta de vidas inteiras dedicadas à paixão de ler — algumas palavras saltam aos olhos, ditas mais ou menos explicitamente: **continuidade**, como encontramos no projeto **Associação Viva e Deixe Viver** (SP); **permanência**, como temos no **Caixa de Cultura** (SP); **melhoria**, que observamos no projeto **Arca das Letras** (GO); **aprimoramento**, característica do projeto **Reler e Fazer** (ES); **consolidação**, como se manifesta no projeto **Proler Univille** (SC); **oportunidade** como se oferece no projeto **Clube do audiolivro** (SP) e **visibilidade** como descobrimos no projeto **Ciberteca** (MG).

CONCLUSÃO

A formação de leitores não é um bem comercial, mas um empreendimento que precisa dar certo para a sua própria sustentabilidade. Estabelecer uma metodologia e oferecer atividades coerentes com seus objetivos são passos imprescindíveis para o sucesso de um projeto. Porém, é preciso ainda mais: formar parcerias, articular-se, criar redes e laços, contar com o apoio de universidades, enfim, somar para multiplicar. Essa é uma realidade já experimentada por muitos, como demonstra, por exemplo, a experiência bem sucedida das bibliotecas comunitárias que, desde o início dos anos 2000, vêm trabalhando em redes. E, por fim, é fundamental formar pessoas que possam garantir a continuidade do projeto; não só mediadores de leitura, mas lideranças que possam prosseguir com o trabalho, com fidelidade à sua inspiração inicial, e com os olhos abertos aos horizontes que se descorrem com o passar do tempo.

Desde as primeiras leituras dos projetos as fragilidades de gestão ficam evidentes diante dos conturbados cenários político e econômico brasileiros. É preciso perder o medo de falar sobre isso; é preciso buscar formação em gestão, capacitando as equipes dos projetos. Assim é que **O Brasil que Lê** ainda antes da divulgação de seus resultados finais, colocou em discussão essa temática através do **Seminário Arte, Técnica e Paixão: a gestão de projetos de leitura no Brasil contemporâneo**. Produzido em formato de webinars pelo Instituto Itaú Cultural e pela JCastilho Consultoria, com o suporte do iiLer e da equipe de pesquisa, o Seminário foi transmitidos pelo Canal TVCátedraUnesco, no YouTube.²⁸ Os encontros contaram com a participação de profissionais que expuseram assuntos pertinentes ao universo dos projetos de leitura, trazendo luz sobre questões sensíveis àqueles e

28 Seminário Arte, Técnica e Paixão: a gestão dos projetos de leitura no Brasil contemporâneo, webinários disponíveis em:
Encontro 1: <https://www.youtube.com/watch?v=4944aCT0uZc>
Encontro 2: <https://www.youtube.com/watch?v=cGnTFpq15Q>
Encontro 3: <https://www.youtube.com/watch?v=bYSNzt48Zul>
Encontro 4: https://www.youtube.com/watch?v=H4-rO9_tohQ

deflagrando um movimento de troca de experiências e formação continuada que pode vir a ser a base para um novo momento dos projetos de leitura no país. Eventos como esses permitem não só a formação teórica, mas a troca de experiências e, sobretudo, o conhecimento interpessoal, fundamental para a articulação, a proposição e/ou retomada de pautas comuns.

Onde se promove a leitura, também se promove a cultura, a educação e a cidadania. Projetos de leitura têm sido espaços de acolhimento e segurança sobretudo em localidades vulneráveis e desassistidas. E têm ido além: multiplicam suas atividades, oferecem novidades, se reinventam para sobreviver, desdobram-se em ações não planejadas, mas necessárias. E lutam; cotidianamente, lutam. Assim, este relatório termina com uma “pós-epígrafe,” se esta licença nos for concedida...

Resiliência (s.f.)

é ir a guerra e voltar. é sentar com seus demônios numa mesa de bar e... conversar. é apanhar de todo lado e levantar. é ter espírito boxeador, dar ganchos de direita nas dificuldades e nocautear a própria dor. Tiago diria: “quem sete vezes cai, levanta oito.” é limpar o rosto depois do choro. é a mãe solo, grávida aos dezenove, que trabalhou para estudar e estudou para trabalhar e, com um sorriso no rosto, ignorou os julgamentos e cuidou do filho que tinha par criar.

é ter uma alma-água, que se adapta ao co(r)po em que estiver, da melhor forma que puder.

@akapoeta
João Doederlein

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

FERNANDES, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê:** bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF; Brasil: RNBC, 2018.

SANTOS, Fabiano; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tania M. K. (org). **Mediação de Leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores. 1. ed. São Paulo: Global, 2009.

PETIT, Michèle. **A Arte de Ler ou como resistir à adversidade.** São Paulo: Ed. 34, 2009.

VERSIANI, Daniela Beccaccia; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura.** São Paulo: Ed. UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, 2012.



SOBRE AS AUTORAS

GILDA CARVALHO_ Graduada em Administração de Empresas, pela Universidade Cândido Mendes (1991) e em Comunicação Social, pela UERJ (1985). Especialista em Gestão do Conhecimento, pela Universidade Santa Úrsula (1997) e Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio (2010). Entre 1982 e 1998 atuou em gestão de projetos no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio de Janeiro (CREA-RJ), com ênfase em sistematização de fluxos de informações e procedimentos. Desde 1998 atua na PUC-Rio onde, atualmente, é diretora do Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio (iiLer) e coordenadora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio. Coordena o Programa de Formação de Leitores Destrava Línguas, para funcionários da PUC-Rio. Atua também em consultoria e é co-autora dos livros *Informação e Conhecimento: uma abordagem organizacional* (Qualitymark, 2001), *Manual de Reflexões sobre Boas Práticas de Leitura* (UNESP, 2012) e *Leitura e Trabalho: destravando línguas, olhares e pensamentos* (Editora Hum, 2017).

STELLA DE MORAES PELLEGRINI_ Graduada Professora Primária, em 1961, pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Graduada em Português- Literaturas pela Faculdade de Humanidades Pedro II, Mestra em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1999), Doutora em Letras pela PUC-Rio (2010). Professora aposentada da Rede pública e particular de Ensino onde atuou como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Entre 2005 e 2011 atuou 2ª Coordenadoria Regional de Educação, na Formação de Professores do Município do Rio de Janeiro e na Formação e acompanhamento dos Professores de Sala de Leitura da Rede Municipal de Educação. Professora Pesquisadora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, foi uma das coordenadoras da pesquisa sobre Projetos de leitura apresentados ao PNLL/Prêmio Viva Leitura, versões 2006 e 2007. A partir de 2007, atuou na Docência de Ensino Superior, CCEAD PUC-Rio, como Mediadora e Orientadora de monografias do curso de Educação a distância: Tecnologias em Educação, oferecido pela PUC-Rio/MEC a professores de Ensino Fundamental e Médio de todos os estados do país. Entre 2010 e 2012, coordenou o trabalho de produção de aulas para o Ensino Fundamental através da plataforma de Educação a Distância - EAD, Educopédia, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e Projetos de Leitura e de Formação de Professores Leitores. Atualmente, como pesquisadora da Cátedra e do iiLer, Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio, compõe o grupo de pesquisa do Projeto Itaú Cultural que faz o mapeamento de projetos de Leitura desenvolvidos no país.



III.
O BRASIL QUE LÊ
Mapeamento de perfis de
mediadores de leitura

Claudia Medeiros
Lúcia Fidalgo





APRESENTAÇÃO

Este documento constitui um mapeamento e análise do perfil dos mediadores de leitura indicados nos projetos. Para desenvolver tal análise, o olhar interdisciplinar das pesquisadoras Claudia Medeiros e Lúcia Fidalgo sobre a formação de profissionais que atuam na área, permitiu uma leitura dialogada dos questionários no sentido de reunir, analisar e relacionar os tipos de mediador à existência de uma formação inicial e continuada para a realização dos projetos; também contam os aspectos relacionados a conceitos de leitura, local e ambiente de realização, remuneração, acervo e tipo de público visando um perfil de mediador de leitura capaz de agir junto ao desafio de formar leitores felizes e autônomos através de uma ação de mediação inspiradora, competente e comprometida. Claudia é Mestre em Educação Brasileira e Especialista em Educação Infantil (PUC-Rio), Pedagoga, Pesquisadora voluntária do Grupo de Teorias da Infância — GETI, do iiLer; Lúcia é Mestre em Educação e Bibliotecária (UFF), Escritora, Pesquisadora do Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil — GELIJ, do iiLer.

Para dialogar com os nossos resultados, nos aproximamos da 5ª edição da pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**, tanto pela continuidade de seus levantamentos quanto pela riqueza de dados e olhares sobre a leitura. Contudo, a partir dessas articulações e também das análises gerais da pesquisa **O Brasil que Lê**, surgiram reflexões que pretendem ver a mediação de leitura como uma experiência não solitária. Desse modo, em muitos aspectos, em vez de simplesmente responder, a pesquisa implicou muito mais em perguntar.

Tendo como eixo a formação de mediadores, de acordo com os 382 formulários com respostas no percentual aceitável para estudo e análise, há projetos que têm como foco formar mediadores, outros que possuem atividades de formação de mediadores, e há, ainda, aqueles que não formam mediadores para sua realização. Assim, observamos os projetos dentre três grandes categorias referentes à formação dos mediadores de leitura:

a. Projetos que atuam na formação de mediadores:

- 7 (1,83%) são projetos somente de formação de mediadores
- 54 (14,14%) são projetos que, dentre suas atividades junto ao público, realizam formação de mediadores

b. Projetos que realizam formação de mediadores para atuação nos mesmos:

- 32 (8,38%) projetos só realizam formação inicial dos mediadores
- 65 (17,02%) projetos só realizam formação continuada dos mediadores
- 71 (18,59%) projetos realizam formação inicial e continuada de mediadores
- 44 (11,52%) projetos que informam oferecer outro tipo de formação

c. Projetos que não oferecem formação de mediadores para atuação:

- 130 (34,03%) projetos não oferecem formação, pois os mediadores já a têm
- 32 (8,38%) projetos não oferecem formação e os mediadores não têm formação
- 8 (2,09%) projetos não sabem dizer se há formação de mediadores

Apesar de não parecer um quantitativo muito expressivo, 8,38% dos projetos dizem reconhecer que seus mediadores não possuem formação, e mesmo assim não a desenvolvem. Nos perguntamos da razão disso ocorrer, e concluímos que talvez pensem que basta ter mediadores a fazer o trabalho, independentemente de qualquer coisa, ou mesmo se satisfaçam com a presença voluntária de mediadores não lhes exigindo formação (lembramos que a maior parte dos mediadores aparece como voluntária, como veremos mais a frente no item **2.1.3. Remuneração das equipes de mediadores**). Na verdade, estas seriam algumas suposições diante de um fato que, sabemos, interfere na qualidade dos projetos.

Contudo, apesar de 42,41% dos projetos não realizarem formação de mediadores, podemos destacar os demais 55,51% que, de certa forma, se

preocupam com a qualidade desse profissional. Mas, afinal, quem seriam esses mediadores? Seriam eles e elas como a personagem do filme *Minhas Tardes com Margueritte*?¹ A senhora Margueritte, de 95 anos, é a leitora que atravessa o caminho de um auxiliar de serviços gerais, Germaine, mostrando-lhe, de fato, como a leitura pode ser algo transformador e libertador para muitas pessoas!

E como são os mediadores de leitura dos projetos que se inscreveram na pesquisa? Como é sua formação inicial? Como os projetos veem a sua formação para atuar? Em que medida formar mediadores é também promover a leitura? É o que este relatório pretende compreender.

¹ Filme de Jean Becker, lançado no Brasil em 2011. O personagem Germaine vai descobrindo, aos poucos, o mesmo prazer de Margueritte com a leitura apenas pela convivência diária com ela, que se propõe a ler para ele em voz alta. Para saber mais, acesse: MINHAS tardes com Margueritte. Direção de Jean Becker. França: 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hk6on8AmwVM> (130 min).

1. Leitura, leitor e mediador: implicações

*Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se
com a claridade do já decifrado.*

Bartolomeu Campos de Queirós

A fim de compreendermos o que poderia implicar na formação de mediadores e na qualidade dos projetos, reiteramos que formar leitores não se faz apenas com prédios e acervos; logo, conhecer quem são os mediadores, sua formação inicial e continuada para atuar nos projetos, fala da importância desses personagens no trabalho com a leitura, ou seja: projetos que formam mediadores são, também, projetos de leitura.

No decorrer do processo, percebemos a importância de definir o termo leitura para deixarmos claro de onde estávamos olhando a formação dos mediadores. Entendermos a leitura como colheita de conhecimentos, colheita de experiências diferentes, já que nela buscamos trazer conosco aquilo que nos provoca e inspira de muitas maneiras. Logo, a leitura, para nós, ao ser compreendida a partir da *leitura de mundo* proposta por Paulo Freire,² nos faz vê-la para muito além de uma simples decodificação de letras, conforme a perspectiva mecanicista.

Não foi à toa que perguntamos na pesquisa sobre qual(is) seria(m) o(s) conceito(s) de leitura prioritário(s) em que cada projeto se ancorava. Assim, identificamos os principais e os destacamos com o percentual em meio ao quantitativo que aparece dentre os projetos analisados:

² FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1986.

- Leitura como ampliação do universo cultural/fonte de conhecimento (87,96%)
- Leitura como prazer e diversão (79,58%)
- Leitura como formação para o pensamento crítico/inserção na vida sociopolítica (71,20%)
- Leitura como recurso à expressão criadora/acesso a diferentes linguagens (67,54%)
- Leitura como Prática Escolar/alfabetização (21,20%)
- Leitura como habilidade técnica/instrumental (12,83%)

É interessante observar que o conceito “Leitura como prática escolar” fica bem abaixo dos demais que apresentam a leitura como ampliação de experiência no mundo. Estamos apontando esta diferença diante da presença dos professores (60,21%) como os principais tipos de mediador, o que nos fez inferir, a princípio, que este conceito seria o preponderante, mas não. Foi uma boa “surpresa” verificar que pensar a “leitura como ampliação do universo cultural/fonte de conhecimento” atende muito mais o seu propósito: uma espécie de portal para cada sujeito partir do seu centro de mundo se abrir para o que está por vir.

Por isso, para entender a leitura é preciso também entender o leitor. Quem é este leitor público-alvo dos projetos? Seria ele como o *Germaine*, do filme, que fica intrigado com o prazer que a personagem *Margueritte*, de 95 anos, sente pela literatura?

Segundo os resultados analisados, os adultos compõem a faixa etária principal do público-alvo dos projetos, representando 80,63%, seguidos de jovens (71,20%), adolescentes (69,63%), crianças (68,85%), idosos (53,93%) e bebês (20,94%). Os projetos possuem públicos diversos, e destacam-se pelos quantitativos mais expressivos, os seguintes:

- Alunos de creche/escola/faculdade/universidade (66,75%)
- Moradores de comunidade/bairro/cidade/estado (62,30%)
- Professores (60,47%)

Em princípio, tivemos certo estranhamento na relação público (adultos) X perfil de mediador, já que professores e contadores de história seriam os principais mediadores, o que nos fez imaginar que infantojuvenil seria a faixa etária e o público-alvo. Da mesma forma, nos surpreendeu o percentual relativo aos tipos de acervos em meio aos projetos, em maioria compostos por livros impressos:

- Literatura infantil (74,87%)
- Literatura juvenil (67,80%)
- Literatura geral (68,32%)

Se a maior parte dos acervos é infantil, parecia-nos lógico supor uma ação mais voltada para esta faixa etária. Contudo, nos perguntamos: por que há mais acervos infantis disponíveis em meio a projetos cuja faixa etária predominante é de adultos? Isso talvez seja decorrente do fato dos programas de incentivo à leitura estarem mais focados na composição de acervos que se remetam às infâncias, como, por exemplo, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) que, em 2014, selecionou 100 títulos para a educação infantil, 100 para os anos iniciais do ensino fundamental, e 50 para a educação de jovens e adultos.³ Esta é uma pergunta que a pesquisa não se colocou de início, mas poderíamos destacar que os livros infantojuvenis são um bom convite à iniciação ao gosto de ler; como diz José Saramago: “*E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos?*”⁴

Se assim se apresentam os acervos na pesquisa, será que podemos dizer que os espaços onde ocorrem os projetos seriam como o “paraíso” descrito por Borges,⁵ que assim definia a biblioteca? A propósito, as bibliotecas foram apontadas como os espaços físicos principais nos quais os projetos são desenvolvidos, seguidas pelas escolas (44,20% e 42,75%, respectivamente) e por espaços públicos (31,16%), condizendo com os tipos de mediador mais recorrentes (professores e contadores de história) e os espaços de realização dos projetos.

Entretanto, que formação tais mediadores precisam ter para atuar nesses espaços, considerando que apenas livros e prédios não formam leitores? Apesar de ser necessária a valorização dos espaços e acervos e as políticas públicas voltadas à criação e continuidade de projetos, vale aqui focar nas pessoas que mediam a leitura como uma espécie de acervo vivo, a leitura em ação corporificada. As bibliotecas humanas⁶ e o Museu da Pessoa⁷ seriam bons exemplos: o acervo é composto de histórias vivas e vividas por pessoas.

Compreendendo a leitura como uma experiência mediada e compartilhada entre as pessoas, sejam elas leitoras, autoras, professoras, bibliotecárias, contadoras de história, mediadoras de evento, artistas, oficinas, intérpretes de Libras ou suporte aos leitores, o papel dos(as) mediadores(as) passa a ser muito relevante nos projetos e demais experiências de leitura. Segundo a pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**,⁸ as pessoas não leem devido à falta de tempo, de disposição e paciência, dificuldade e desgosto pela prática.

Também na referida pesquisa, se coloca a questão relativa a quais “pessoas que influenciaram o gosto pela leitura,”⁹ ou seja, pessoas que, de certa forma, em suas diferentes ações de mediação, entusiasmaram a leitura de outras. Porém, apesar de 66% dos participantes da pesquisa dizerem não ter recebido influência, a maioria das 34% restantes indica que foi um professor ou a mãe que atuou nesse sentido.¹⁰ Sobre os professores, a pesquisa

³ Para saber mais, ver <http://portal.mec.gov.br>

⁴ SARAMAGO, José. **A maior flor do mundo**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

⁵ Jorge Luís Borges, escritor argentino (1899-1986): “*Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca.*”

⁶ Biblioteca Humana — criada em 2000 pela ONG Stop the Violence, sediada em Copenhague, na Dinamarca. Seu objetivo era reduzir a discriminação existente entre os jovens, questionando preconceitos e estereótipos, além de promover o diálogo, a tolerância e compreensão para pessoas de outras raças, culturas e religiões. Inspirou muitas outras pelo mundo.

⁷ O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida fundado em São Paulo, em 1991. Desde sua origem tem como objetivo registrar, preservar e transformar em informação histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade. Para saber mais, acesse: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/home>

⁸ FAILLA, Zoara (org). **Retratos da leitura no Brasil 5**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 1º set. 2021.

⁹ *Ibid*, p. 32.

¹⁰ *Ibid*, p. 32.

ainda aponta que, dentre os 80% daqueles que são leitores, 63% gostam muito de ler e 31% dizem gostar um pouco; e também, durante a entrevista, 52% deles disseram estar lendo algum livro.¹¹ Ou seja, professores leitores influenciam leitores.

¹¹ *Ibid*, p. 32.

Tecendo uma reflexão sobre os resultados da **Retratos da Leitura no Brasil** e relacionando-os com a pesquisa que aqui se coloca, qual seria a importância da formação desses(as) mediadores(as) em meio à realização de projetos de leitura? Que tipos de formação os(as) mediadores(as) possuem (inicial, formação específica para iniciar o projeto, formação ao longo do projeto)? Qual seria a atuação dos(as) mediadores(as) e por que precisam de formação? Seria a formação de mediadores um dos caminhos para o desafio diante do difícil cenário brasileiro para a formação de leitores?

2.

Análise dos projetos quanto à formação de mediadores de leitura

Melhor dizendo, a imagem é signo, portanto linguagem. O mundo, cada vez mais, se revela por meio de narrativas figuradas, exigindo a presença de um novo leitor.

Solange Jobim e Souza

Durante a análise destacamos aspectos no sentido de classificar os projetos quanto à formação de mediadores e a importância dada a esta questão, já que há tanto projetos que a oferecem como o contrário.

Observamos que a preocupação com a formação de mediadores parece se relacionar diretamente com o tipo de mediador e sua formação inicial, aliados ao propósito dos projetos, local de realização e compromisso com o público. Assim, destacamos a seguir três categorias e outros aspectos que ajudaram a compreender o lugar da formação dos mediadores de leitura.

2.1. Perfil dos mediadores

A pesquisa considerou como aspectos que definem o perfil dos mediadores, o tipo de atuação, remuneração e formação inicial (que antecede ao projeto).

2.1.1 Tipos de mediador de maior destaque

- Professor (60,21%)
- Contador de História (53,14%)
- Mediador em eventos culturais (42,41%)
- Oficineiro (33,25%)
- Bibliotecário (31,41%)

Faz-se necessário destacar que, quando falamos de leitura, estamos indo além daquela ideia diretamente relacionada à escola no sentido de prática escolar. Porém, podemos pensar que se é na escola onde os brasileiros acessam a leitura, parece mesmo se confirmar que os professores, por serem aqueles que muito influenciam os leitores, precisem estar vivenciando projetos de leitura. Desse modo estarão, também, se aproximando um pouco mais desta prática. Isso reforça a importância da presença de um professor que propicie oportunidades de os alunos desenvolverem o gosto pela leitura, de frequentarem espaços como o da biblioteca ou outro lugar de leitura, lembrando que esta, em nossa concepção, não é habilidade de escrita/decifração, mas um tipo de experiência ou vivência, como queria Walter Benjamin quando dizia que *“Quem escuta uma história está na companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.”*¹²

Com relação aos demais tipos de mediador, em especial o contador de história e o mediador em eventos, podemos inferir mais uma vez que a leitura é mediada pela prática, fruto de experiências próximas à ação. Já com relação aos bibliotecários, há um fato que nos intriga: se é na escola e na biblioteca onde os projetos analisados mais acontecem, por que os bibliotecários ficam em quinto lugar na função de mediadores de leitura? Na pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**,¹³ tal fato parece reiterar nosso estranhamento, na medida em que os bibliotecários possuem zero indicação como influenciadores de leitura.¹⁴ Assim, nos perguntamos: a explicação para tal fato seria por que as bibliotecas e as escolas¹⁵ não têm bibliotecários ou mesmo espaços de leitura que necessitem de um? Ou quando possuem o profissional, este atua mais na área técnica do que como mediador de leitura? E quando não o têm, qual seria a razão?

A Lei n.º 12.244/2010,¹⁶ que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares, determina que todas as instituições de ensino do país, públicas e privadas, deverão ter bibliotecas com acervo mínimo de um título para cada aluno matriculado. Apesar da importância da lei, só ela não garante a certeza de que teremos bibliotecas em todas as escolas com bibliotecários mediadores de leitura e que façam um trabalho de excelência. Até porque, a quantidade de faculdades de Biblioteconomia não dá conta de formar profissionais para atender a todo o país.

Além disso, é importante observar os currículos daquelas faculdades que, em sua maioria, têm disciplinas mais técnicas e valorizam pouco aquelas que trabalham com a mediação de leitura e a formação do leitor. Também não podemos deixar de dizer que para os bibliotecários serem bons

¹² BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 213.

¹³ FAILLA, Zoara (org). **Retratos da leitura no Brasil 5.** 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 1º set. 2021.

¹⁴ Desde a versão 2015 da pesquisa Retratos do Brasil esse dado se repete.

¹⁵ Muitas escolas também não possuem bibliotecas ou salas de leitura.

¹⁶ Para saber mais: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm

mediadores precisam de uma boa formação para tornarem-se também leitores apaixonados e conhecedores do acervo que oferecerão aos seus futuros leitores. Mas tudo isso só será possível se não desprezarmos a importância da formação do profissional bibliotecário em relação à leitura como prática de liberdade e de criação.

17 Conforme Pergunta 84, do questionário: Quais as dificuldades enfrentadas pelo projeto?

2.1.2 Mediadores com ou sem formação inicial

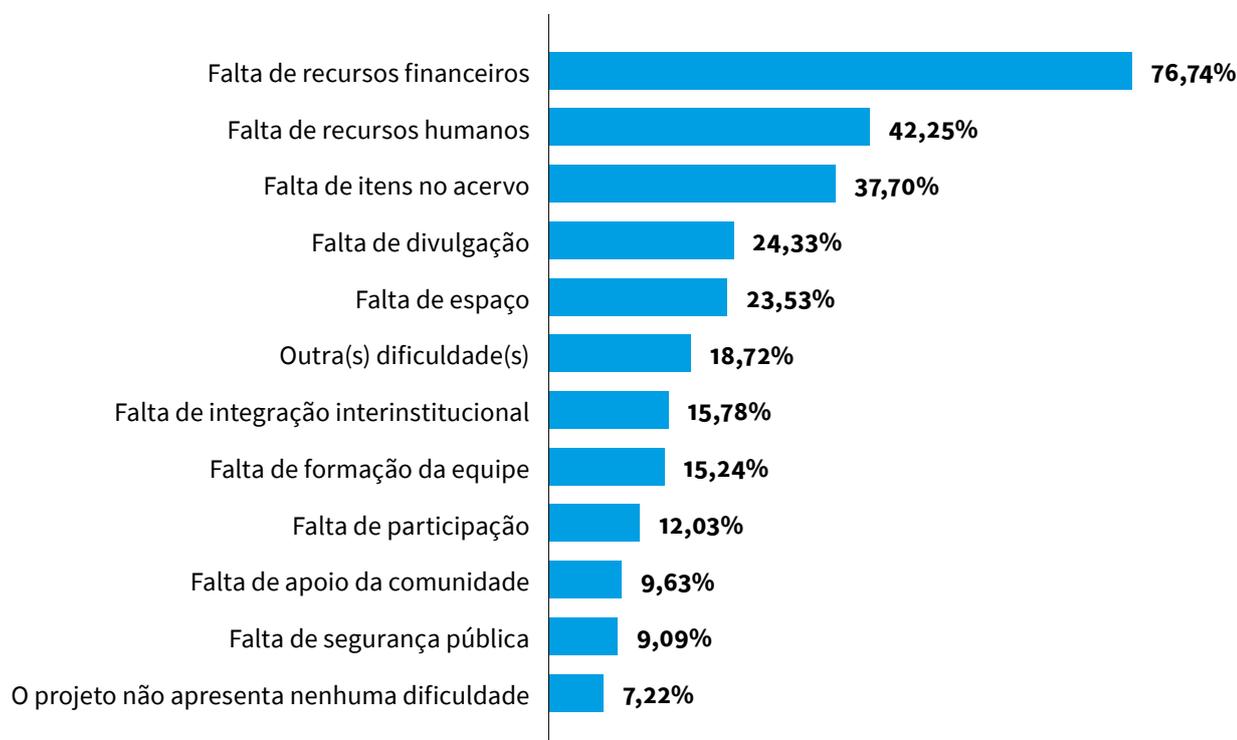
Dos projetos, 50,79% afirmam que todos os seus mediadores possuem formação inicial para atuar. Observando que a maioria dos mediadores é formada por professores que, como sabemos, “possuem” formação acadêmica em trabalho com leitura, tal quantitativo condiz com o fato de que parte significativa dos mediadores tem formação e por isso não há necessidade de oferecê-la.

Também há 8,38% dos projetos que afirmam não oferecer formação e que seus mediadores tampouco a têm, e 2,09% diz não saber. Deste modo, parece-nos que 10,47% dos projetos não pensam na formação dos mediadores como um aspecto relevante. Talvez fosse importante perguntar diretamente a estes projetos o porquê, de fato, não consideram nenhum tipo de formação.

Observando o resultado da questão¹⁷ sobre as dificuldades enfrentadas pelos projetos, em 15,24% deles, a “formação da equipe” aparece como uma das alternativas, como podemos ver no gráfico a seguir. Os dados não são muito diferentes: 10,47% dos projetos não realizam formação, e 15,24% citam ter problemas de formação da equipe. Neste sentido, podemos pensar que a não formação dos mediadores possa estar fazendo falta ao pleno desenvolvimento dos projetos. Mais adiante, no item **2.2. Quantidade de mediadores X Equipe** falaremos mais sobre isso.

GRÁFICO 1 | Dificuldades enfrentadas pelos projetos

Fonte: Gráfico 49, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Conforme dito anteriormente, outros 8,38% dos projetos realizam formação continuada dos mediadores, e 17,02% realizam formação inicial¹⁸ e continuada. Porém, reiterando o conceito de leitura como experiência coletiva, aqui no sentido *benjaminiano*,¹⁹ “uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem”²⁰ no tempo e no espaço, retoricamente perguntamos: seria a formação inicial suficiente? Pensamos que não.

A fim de verificar como seria a relação entre oferecimento de formação de mediadores e tempo de vida dos projetos, como se pode ver no gráfico a seguir, verificou-se que, dentre os 382, 280 projetos estão em curso e, dentre eles, 88 reiteram que seus mediadores “não recebem formação porque a possuem,” contra 108 que fazem formação continuada.²¹ Deste modo, o fato de haver formação continuada parece interferir pouco no curso dos projetos. Aliás, também dentre os projetos finalizados (30) e interrompidos (67), nota-se o “não oferecimento de formação pois já têm formação prévia,” apontando um quantitativo maior. Logo, segundo os dados, parece-nos que a formação não interfere na longevidade dos projetos. Porém, desconfiamos destes resultados, pois se acreditamos que a experiência no mundo é um eterno aprender e reaprender que qualifica a nossa ação, como acreditar que não haver formação de mediadores em serviço não se relaciona com a longevidade dos projetos? Não sabemos em que medida

¹⁸ Entende-se aqui formação inicial como aquela que é feita no início de cada projeto.

¹⁹ Refere-se ao autor Walter Benjamin (1892-1940).

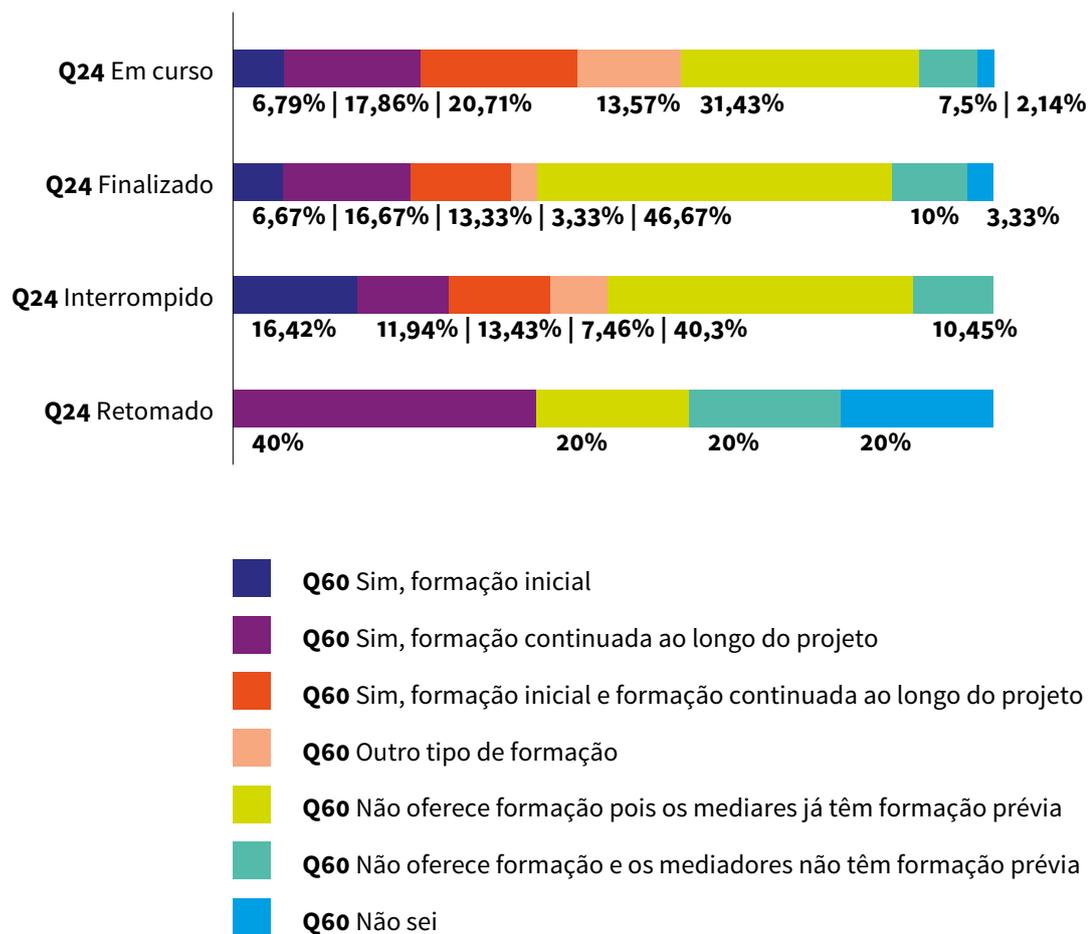
²⁰ KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 83.

²¹ 50 projetos afirmam só fazer formação continuada, e 58 fazem formação inicial e continuada ao longo do projeto.

a questão no formulário da pesquisa pode ter sido interpretada de modo a gerar estes dados, ou que existam outros aspectos que não foram alcançados no momento.

GRÁFICO 2 | Realização de formação de mediadores X longevidade dos projetos

Fonte: Gráfico 62, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Pensando no que faz um mediador de leitura, alguém que deveria saber trilhar caminhos, muitas vezes desconhecidos, por dentro dos livros, leituras e acervos, seria a formação constituída não só pela universidade, mas também por vivências com a leitura, suficientes para incentivar e despertar o outro para essa prática?

Avaliando os resultados acima, defendemos que os projetos de leitura não deveriam se “satisfazer” com a ideia de que seus mediadores possuem uma formação que dê conta de suas tarefas junto ao (novo) leitor. A leitura tem de estar em jogo o tempo inteiro, logo todos os projetos poderiam ter, como parte de seu planejamento e funcionamento, propostas que incluam a formação continuada. Se vemos a leitura como prática viva que se

constrói e reconstrói coletivamente, os mediadores também são afetados como em um processo dialético de alteridade, se realimentando e produzindo um novo “alimento.” O mediador se forma enquanto atua, gosta e se aproxima mais da leitura, mesmo que ele não se perceba neste processo. Daí a importância da formação continuada em meio ao desenvolvimento dos projetos: ela permite que as práticas junto aos leitores possam ser cada vez mais eficientes e criativas.

Neste sentido, é fundamental que os mediadores se vejam como leitores permanentes, porém, lendo além das palavras e com a possibilidade de se apaixonarem a cada nova experiência com a leitura, seja ela na mediação junto ao outro, seja ela na reviravolta de suas memórias que podem ressurgir a cada nova experiência. Ninguém que atua na mediação de leitura deveria ser um leitor invisível, “à margem,” mas um leitor presente e convicto.

2.1.3 Remuneração das equipes de mediadores

Interessante observar que as equipes atuam mais com mediadores voluntários (44,76%) do que remunerados (30,63%), e ainda há aquelas de perfil misto (24,61%).

A maioria dos mediadores é composta por professores e contadores de história. Porém, cabe uma reflexão: será que a maioria dos mediadores é voluntária justamente por ser formada por esses dois tipos de profissional que, a princípio, se colocam num lugar de dedicação e compromisso com a leitura, em detrimento de bons salários? A questão fica em aberto. Contudo não se exclui uma outra reflexão: por que no Brasil muitos projetos de formação de leitores não conseguem remunerar seus mediadores? Seria um reflexo do descaso com a educação e a cultura no país?

2.2. Quantidade de mediadores X Equipe

A quantidade média de mediadores de leitura é de 11, face a quantidade de 12 na totalização de pessoas nas equipes, ou seja, parece que as equipes são compostas quase inteiramente por mediadores. Estabelecendo uma relação com o item **2.1.2. Mediadores com ou sem formação inicial**, no qual citamos a formação da equipe como uma das dificuldades enfrentadas por alguns projetos, se as equipes em sua maioria são compostas por mediadores, logo conclui-se que aquela falta de formação inicial e continuada se faz mesmo presente. Deste modo, torna-se mais importante ainda o investimento na formação destes profissionais, não só no trabalho junto ao público, mas também na atuação dentro de outras áreas do projeto. Entretanto, haver mediadores ocupando a maior parte das funções dentro dos projetos chega a nos inspirar: quem atua diretamente na leitura atua, também, na realização do projeto como um todo, reafirmando que leitura é muito mais do que decodificar um texto. Reafirma-se, assim, toda uma trajetória que vai desde a escolha do lugar onde o projeto acontecerá até sua avaliação final. A leitura pode ir ocupando muitos lugares, seja pelas atividades que a envolvem diretamente, seja pela sua força de propósito.

Fala-se muito da importância de equipes multidisciplinares em meio às organizações modernas devido à ampliação de possibilidades de debates, trocas e enriquecimento das experiências, ampliação de olhares sobre um mesmo objeto de conhecimento/situação. Desse modo, será que se os projetos tivessem em seu corpo profissionais, ou mesmo parcerias, multidisciplinares, haveria resultados melhores?²² Teríamos projetos com melhor captação de recursos, mobilização social, engajamentos, entrosamento com as políticas culturais e econômicas? E teríamos levado a leitura a mais pessoas que a princípio não se relacionam diretamente com ela?

²² Esta reflexão deve-se ao fato de que a maior parte dos mediadores é composta por professores e contadores de história.

3.

Projetos que trabalham com Formação de Mediadores

De fato, nossas trajetórias humanas não são calculáveis, previsíveis, como o deslocamento dos astros em suas órbitas: os movimentos dos homens passam por momentos em que se tomam decisões, se fazem escolhas e se assumem riscos. Os seres humanos se defrontam com circunstâncias casuais, em que são forçados a improvisar. E o amor pode lhes inspirar opções boas ou más, lúcidas ou equivocadas.

Leandro Konder

Dentre todos os projetos analisados, há 61 deles que apresentam formação de mediador de leitura como atividade ou como foco de trabalho. Deste modo, achamos importante criar um item específico sobre eles.

Além dos projetos que desenvolvem a atividade de formação de mediadores dentre seu leque de opções, 7²³ serão destacados por terem como essência e objetivo principal formar mediadores de leitura. As experiências aqui apresentadas são de sucesso, mesmo tendo alguns durado pouco tempo; mas há outros com longevidade entre 14 e 24 anos fazendo história na formação de leitores e na disseminação da leitura, como **Comitê Regional do Proler** (SC), **Associação Viva e Deixe Viver** (SP) e **Formação de Mediadores** (PA).

²³ Os projetos são **Comitê Regional do PROLER** (SC), **Associação Viva e Deixe Viver** (SP), **Agentes da Leitura** (RJ), **Projeto Serra Viva** (RJ), **Formação de Agentes Culturais da Comunidade Cristo Rei** (AM), **Nepced da Escola** (MG) e **Formação de Mediadores** (PA).

Experiências prazerosas com leitura no processo de formação do leitor são imprescindíveis para se adquirir o gosto e a paixão pelos livros e pela leitura. O desejo de ler, de se envolver com uma textualidade não nasce espontaneamente, precisa de incentivos, das histórias lidas, contadas, seja na família, seja na escola, seja em um encontro com um mediador de leitura. Há aquele que ajuda o leitor a abrir as portas de um texto e descobrir o que mora dentro dele; nutrir a vontade de mergulhar junto, destravando janelas que nos ajudam a novos olhares, outras conexões, expandindo-nos para além de nós mesmos e, muitas vezes, entendendo medos e segredos. Personagens das histórias compartilhadas conosco — como no conto *A Função da Arte*, de Eduardo Galeano,²⁴ onde o menino vai conhecer o mar junto com seu pai e, diante de tanta beleza, pede “*Pai, me ajuda a olhar!*” — muitas vezes reiteram que nossos olhos não veem sozinhos, precisam do olhar do outro para enxergar a beleza do mundo, e da leitura. Ou como diz o poema de Arnaldo Antunes: “*O seu olhar, o seu olhar melhora, melhora o meu...*”²⁵

3.1. Perfil dos mediadores, remuneração, público-alvo e espaços onde os projetos acontecem

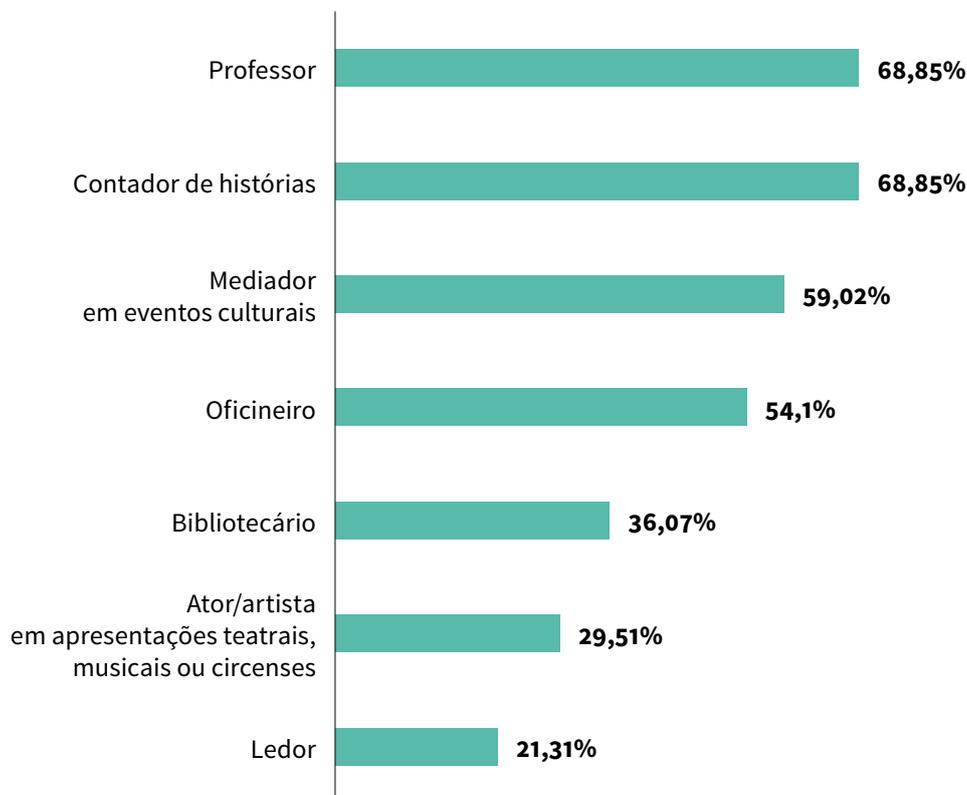
Durante a leitura deste grupo de 61 projetos, um pouco diferente do que indicamos no item **2.1. Perfil dos Mediadores**, professores e contadores de histórias aparecem empatados na mediação de leitura (68,85%), seguidos dos mediadores em eventos culturais (59,02%) e oficinairos (54,10%). Apesar de não ser na mesma ordem, estes quatro tipos de mediador seguem em destaque, ratificando sua importância na construção de relações práticas e lúdicas com a leitura. Outro aspecto seria o de que eles atuam muito próximo do leitor, aliás, diretamente.

24 GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: Editora L&PM, 1997, p. 15.

25 ANTUNES, Arnaldo. **O seu olhar**. Disponível em: <https://letras.mus.br/arnaldo-antunes/91707/>. Acesso em: 10 set. 2021.

GRÁFICO 3 | Tipos de mediadores que atuam em projetos que realizam formação de mediadores

Fonte: Gráfico 63, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Deste modo, gostaríamos de apontar que a formação ao ser realizada por mediadores que possuem um perfil com o “pé” na prática, parece-nos ser fundamental. Numa perspectiva de homologia de processos,²⁶ se estes mediadores trouxerem suas atuações para a formação dos demais, estaremos em processos mais enriquecedores podendo unir, assim, a prática com a teoria.

Contudo, cabe um destaque aos contadores de história quando se trata de mediação. Geralmente atuantes, trazem para o debate a questão da oralidade como forma importante de mediar e seduzir o leitor para a leitura. Todo ser humano nasce povoado de história. Carrega com ele um bordado, um tapete, tecido ao longo do tempo, o fio da vida com personagens que vêm e que vão, com chegadas e partidas. As histórias fluem de forma doce na voz da mãe, do pai, da avó, do irmão e de quem mais deseja contar. O “Era uma vez...” “Houve um tempo...” “Naquela tarde...” são só o começo da aventura desse convívio maravilhoso com os livros, com as histórias dando ao leitor a possibilidade de se perder e se achar entre tantas leituras, ou até mesmo ser “abduzido,” completar e ser completado por elas.

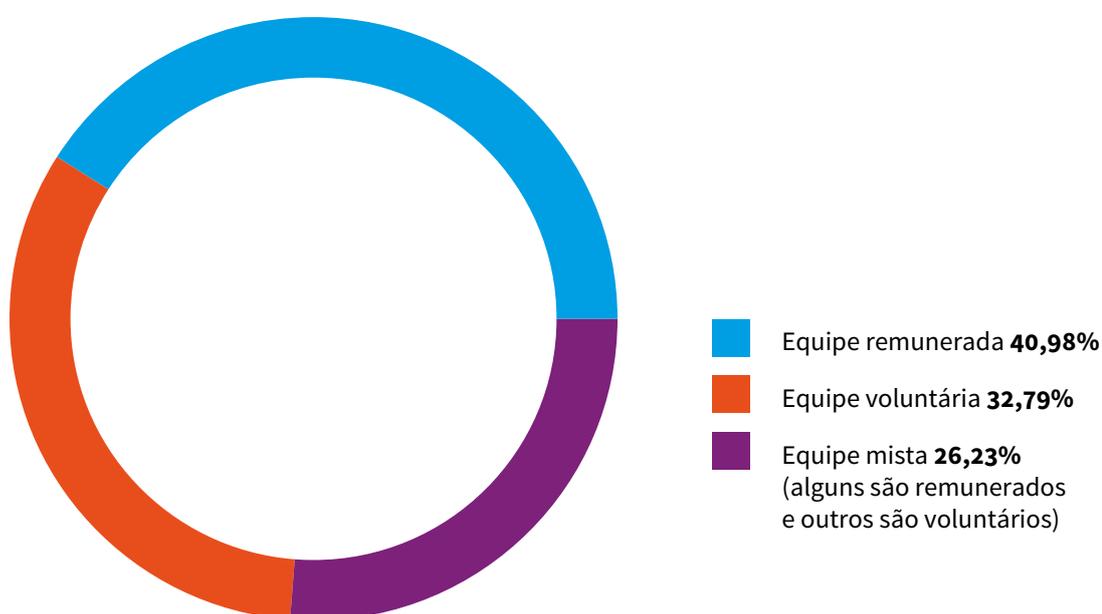
²⁶ Homologia de processos é um termo da didática cunhado por Donald Schön (1930-1997), que propõe aproximar a formação vivida à forma com que se vai trabalhar com os sujeitos futuramente.

3.1.1 Remuneração

Diferente do que ocorre dentre os 382 projetos analisados, nos 61 projetos que dizem trabalhar também com formação de mediadores, temos mais mediadores remunerados (40,98%) do que voluntários (32,79%), e as equipes mistas totalizam 26,23%. Isso nos fez pensar que talvez esses projetos tenham maior reconhecimento do papel dos mediadores na formação, mas por enquanto isso é só uma reflexão.

GRÁFICO 4 | Remuneração de mediadores que atuam em projetos que realizam formação de mediadores

Fonte: Gráfico 63, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



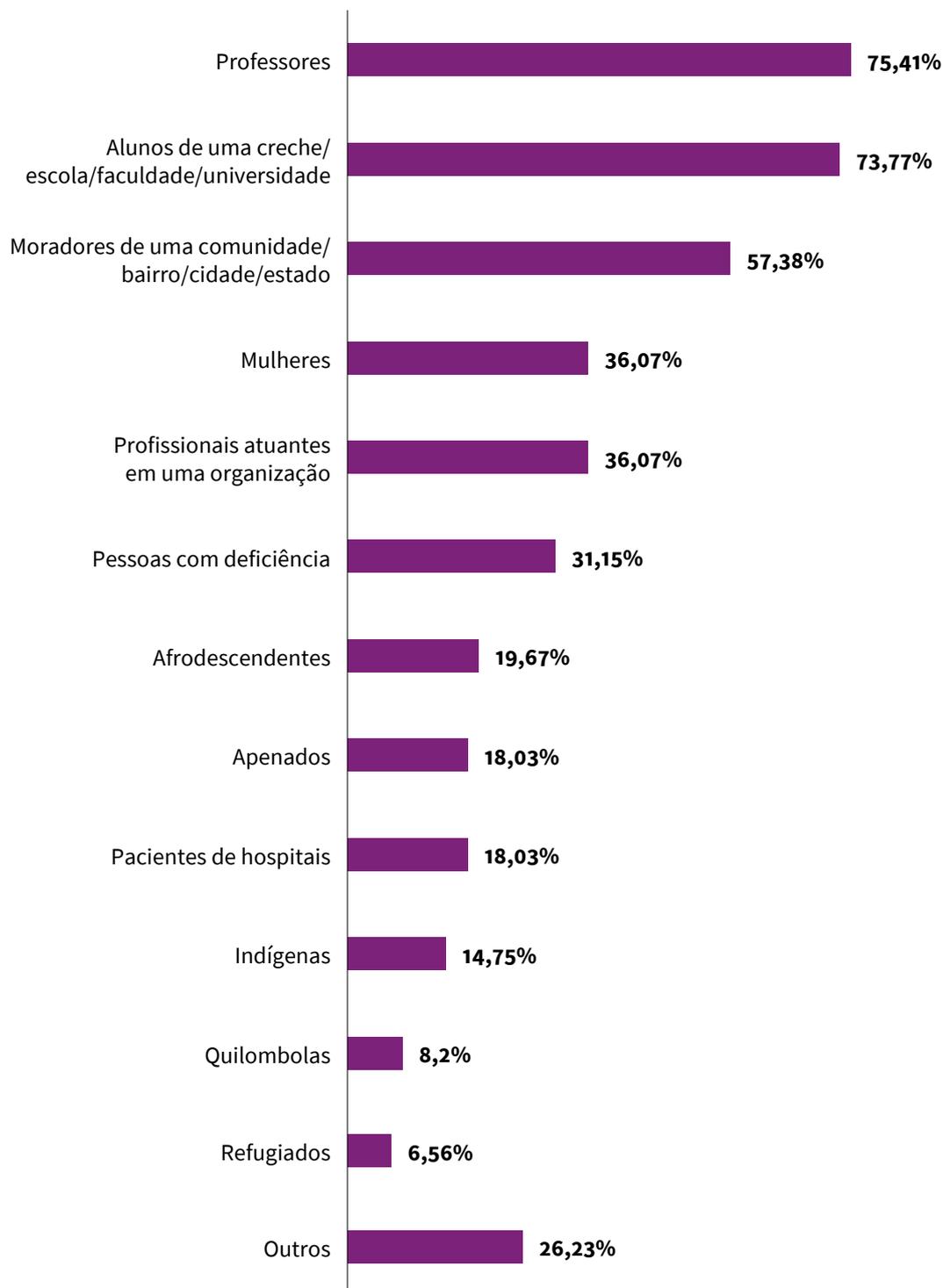
3.1.2 Público-alvo

Quanto ao público-alvo mais expressivo, os professores ocupam a faixa de 75,41% dentre os projetos, seguidos por alunos de uma creche/escola/faculdade/universidade (73,77%), moradores de uma comunidade/bairro/cidade (57,38%) e, mulheres e profissionais atuantes em uma organização, empatam (36,07%).²⁷

²⁷ Dos 61 projetos, apenas 56 responderam à questão.

GRÁFICO 5 | Público-alvo dos projetos que realizam formação de mediadores

Fonte: Gráfico 65, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Formar professores para qualificar suas mediações em termos de leitura é uma emergência, e que bom que aqueles projetos parecem atentar para isso. Como já dissemos, professores estão entre os principais influenciadores de leitores, logo precisam saber muito bem o que fazer. “*Quase todas as análises sobre a formação leitora, a partir dos dados da pesquisa [Retratos da Leitura no Brasil], privilegiam a população com mais de 5 anos, especialmente após ingressar no Ensino Fundamental.*”²⁸

Observemos que este mesmo público-alvo, ou seja, quem será futuro mediador de leitura, está numa espécie de retroalimentação. Estamos aqui a trazer o que de certo modo dissemos no item **2.1.2. Mediadores com ou sem formação inicial**. Formam-se mediadores que, ao mesmo tempo, fazem parte de seu próprio público-alvo, tecendo assim uma relação dialética entre a prática e a vivência da leitura mediada. Talvez estes mesmos mediadores em formação tragam em suas histórias suas próprias faltas, suas poucas experiências com a leitura, e que desta maneira podem estar, mais do que mediando a leitura do outro, ampliando suas próprias leituras.

No **Projeto Serra Viva**,²⁹ histórias dos mediadores em formação puderam ser contadas e ao mesmo tempo ouvidas. Foi um ano longo de formação de mediadores que perceberam como o olhar do mediador era importante ao dar voz ao livro, ao poema, à pintura, à fotografia, à música, e aceitar o silêncio como resposta. Vale ressaltar que o projeto surgiu da vontade de acolher, abraçar, identificar como missão que é, por meio das histórias, formar cidadãos conscientes da importância do acolhimento. Afinal, nascemos com uma necessidade enorme de contar nossas histórias e as histórias dos outros. Queremos ouvir e falar, arregalar nossos olhos, esticar nossos ouvidos, e nos sentir embalados e afetados pela voz daquele que contou ou leu para nós uma história.

Essa reflexão nos faz tecer alguns pontos que consideramos vitais na formação de mediadores junto ao seu público-alvo (não necessariamente na ordem a seguir). O primeiro deles seria desenvolver uma escuta sensível para com o leitor; o segundo, ampliar sua própria experiência com os materiais de leitura e o acervo disponíveis, explorando-os e conhecendo suas características; o terceiro, entregar-se aos textos como lugar de experiências diversas para que amplie as suas próprias, e que haja um compartilhar dos mesmos com o leitor; o quarto, conhecer os aspectos externos de uma obra para seduzir o leitor em seus encontros com uma nova obra, como apreciar e explorar capas, contracapas, orelhas, prefácios, epígrafes, ilustrações etc.

3.1.3 Espaços e quem desenvolve os projetos de formação de mediadores

Tal como apresentado no item **1. Leitura, leitor e mediador: implicações**, também escolas (52,63%) e bibliotecas (42,11%) são os espaços físicos onde ocorrem os projetos, seguidos de universidades/faculdades/institutos (36,84%). Estes espaços são compatíveis com o público-alvo dos projetos de formação de mediadores, especialmente os professores e alunos de creches/escolas/faculdades/universidades.³⁰

28 FAILLA, Zoara (org). **Retratos da leitura no Brasil 5**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.328. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em: 1º set. 2021, p.38.

29 Projeto encerrado, desenvolvido pelo iLer/Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio com o intuito de levar a leitura para os sobreviventes do grande desastre com as chuvas ocorrido em janeiro de 2011 que atingiu as cidades de Nova Friburgo, Petrópolis e Teresópolis. O projeto visava trazer à tona as memórias que afundaram nas águas ou na terra que cobriu as histórias daqueles lugares. Fazer lembrar e nunca deixar esquecer quem não pode voltar para contar.

30 Alunos de creches aparecem como público-alvo, mas ocorre que não havia opção em separado dos demais alunos de escolas/faculdades/universidades.

GRÁFICO 6 | Espaços físicos em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos

Fonte: Gráfico 66, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Porém, se considerarmos os espaços virtuais, também, o quadro é outro, inclusive somente 41 projetos responderam. As bibliotecas aparecem como primeiras colocadas (75,61%), seguidas das escolas (73,17%), do canal do YouTube (58,54%) e do Facebook (53,66%). Mas quando se pergunta sobre quais as plataformas virtuais em que são desenvolvidos, somente um projeto respondeu à questão, o que nos faz crer que, quando citam o YouTube e o Facebook, é porque nesses locais devem mais é realizar divulgação do trabalho. Ou, devido à Pandemia do COVID-19, muitos projetos estão utilizando estes canais apenas a fim de não pararem suas atividades, o que não os configuram como espaços “oficiais” de sua realização.

GRÁFICO 7 | Plataformas virtuais em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos

Fonte: Gráfico 67, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.

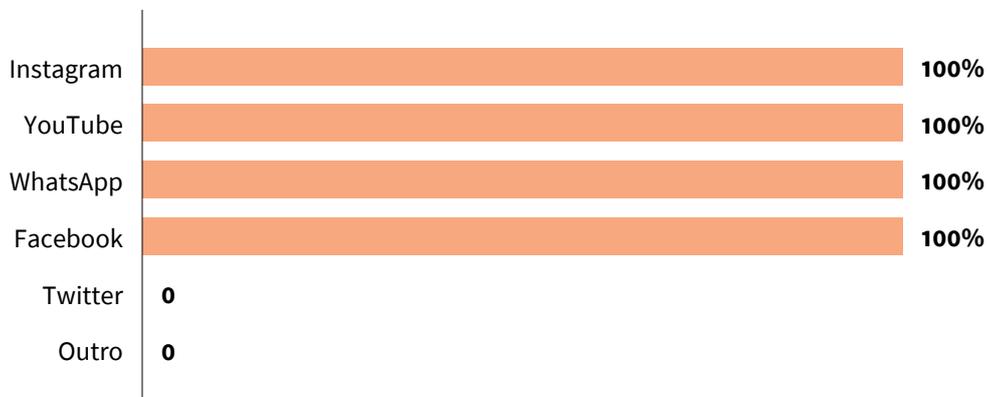
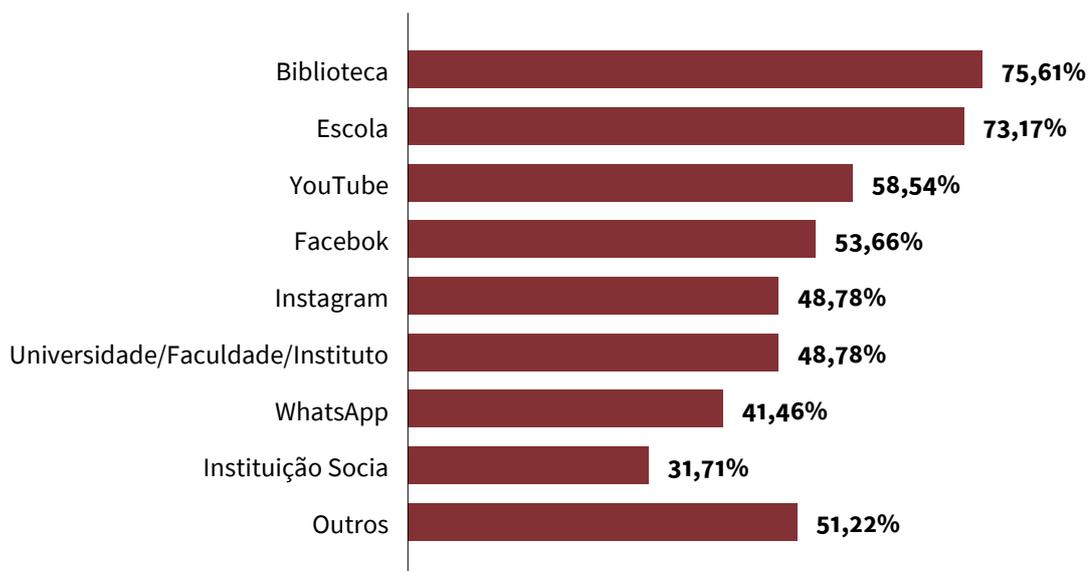


GRÁFICO 8 | Espaços físicos e/ou plataformas virtuais em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos

Fonte: Gráfico 68, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Já com relação a quem desenvolve os 61 projetos, universidades/faculdades/institutos são responsáveis por 39,34%, seguidos por pessoas físicas (32,79%) e bibliotecas (29,51%). Universidades/faculdades/institutos já são de natureza formativa; pessoas físicas, como já foi dito na Apresentação, no item 1.1.3. **Origem do projeto – de onde partiu a iniciativa: articulações, parcerias, fontes de recursos,**³¹ representam, dentre os 382 projetos, 42,15% deles, denotando seu compromisso.

31 Esse item está explicitado na Apresentação de **O Brasil que Lê: Mapeamento Analítico das Iniciativas de Leitura**, que integra o conjunto de relatórios de análise dos dados desta pesquisa.

GRÁFICO 9 | Quem desenvolve os projetos que realizam formação de mediadores

Fonte: Gráfico 69, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Contudo, mais uma vez destacamos a relação “bibliotecas como espaço de realização de projetos vs. bibliotecários como tipo de mediador,” como uma incógnita referente ao verdadeiro papel deste profissional na criação e desenvolvimento dos projetos.

3.2. Formação continuada de mediadores para formar mediadores

Retomando os sete projetos de formação de mediadores, cinco afirmam que “todos” os seus mediadores possuem formação para atuar, e dois afirmam ter “a maioria” (o mesmo ocorre no outro grupo de projetos que realizam formação continuada). Contudo, observando se há formação continuada, dois deles afirmam “não oferecer formação, pois os mediadores já têm formação prévia.” Se pensarmos no caso do **Projeto Serra Viva**, os formadores que atuavam eram o que podemos chamar de “especialistas” e o projeto era bem pontual; já no projeto **Formação de Agentes de Leitura da Comunidade Cristo Rei**, nota-se que a equipe de formadores parece muito articulada e preparada; deste modo, compreende-se a

ausência da formação continuada, ainda que também possamos fazer uma leitura de contradição, já que estamos falando de projetos de formação de mediadores.

32 CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.65.

Com relação aos demais projetos que oferecem formação inicial e continuada para atuar, destacamos a importância deste aspecto, não só para os projetos de formação de mediadores, mas para todos os tipos de projeto. Reiteramos aqui o que já tratamos no item **2.1.2. Mediadores com ou sem Formação Inicial**. No nosso modo de ver, a formação inicial num projeto, até mesmo de equipes muito bem preparadas, inclusive academicamente, orienta o trabalho dos formadores desde a apresentação do mesmo, define encaminhamentos, pode promover estudos sobre a localidade e a população onde os futuros mediadores atuarão etc.

33 Devido à Pandemia do COVID-19, tais encontros seguem virtualmente.

Sobre a formação continuada, toda a preparação que possa anteceder a entrada de alguém que irá atuar na formação de futuros mediadores de leitura não será totalmente suficiente diante de contextos reais, os quais se constituirão em espaços de novos olhares, acontecimentos e desafios. *“As competências profissionais não são, portanto, algo previamente construído (...), são, pelo contrário, emergentes de processos de mobilização e confronto de saberes na ação.”*³²

Assim, pensamos ser fundamental a realização de formação continuada em meio aos projetos formadores de mediadores. Tal processo pode proporcionar a transformação do projeto em si em um objeto de conhecimento e terreno de novos estudos. Planejamentos de ações de leitura, oralidade e escrita em encontros formativos na biblioteca e nas escolas onde se formam os mediadores, acontecem no **Projeto Formação de Mediadores de Leitura**. *“Atividades com educadores, contadores de histórias, escritores, artistas etc., para compartilhar o prazer de ler e exercitar a poética da voz”* aconteciam neste sentido³³ de ampliação da experiência com a leitura.

O trato e a convivência com pessoas que atuarão em mediação de leitura certamente farão emergir questões que talvez não tivessem sido pensadas no momento do planejamento do projeto. O projeto **NEPCED na Escola**, por exemplo, registra em sua metodologia *“reuniões com os docentes no espaço escolar (...) para estudar e realizar oficinas práticas envolvendo uso de tecnologia digital (...) [n]uma concepção indissociável entre teoria e prática.”* Ou seja, a formação continuada é parte do corpo do projeto, o que torna esta discussão mais interessante, na medida em que valoriza as práticas formativas como indissociáveis da metodologia e apontam para uma dialética que permite confrontar ação e reflexão, e assim criar novos saberes.

CONCLUSÃO

Formação de mediadores para formar leitores

“Mas, como são os mediadores de leitura dos projetos que se inscreveram na pesquisa? Como é sua formação inicial? Como os projetos veem a sua formação para atuar? Em que medida formar mediadores é também promover a leitura?”

Ficamos pensando se respondemos às perguntas feitas no início deste relatório. A primeira delas era dizer como são os mediadores que se inscreveram na pesquisa. Difícil responder sem conhecê-los, porém, com os dados que obtivemos pudemos observar que há nos mediadores uma proposta de trabalho com a leitura afetiva, com o contemplar, o encantar e o contagiar a todo momento; um entusiasmo que faz o trabalho acontecer mesmo diante de tantas dificuldades.

Contudo, não podemos deixar de dizer, aqui, que o Estado tem responsabilidade e deve garantir uma forte Política Pública de Leitura que inclua, além de compra de acervos de qualidade, espaços e equipamentos, a formação continuada de mediadores de leitura para atuarem em projetos, bibliotecas e escolas. Desta forma estaria garantida a formação [inicial e continuada] de todos e uma avaliação contínua dessa mesma formação, sempre, promovendo uma leitura de forma sensível, acolhedora e competente. Precisamos de mediadores que entendam que o mais importante na mediação é o percurso trilhado junto com cada leitor, pois cada um tem seu próprio tempo de caminhada e lugar onde vai chegar.

Os projetos analisados por nós, nesses longos meses em que vivemos em isolamento total e parcial durante a pandemia do COVID-19, nos fez

mergulhar no que aprendemos sobre teorias da leitura, de aprendizagem e de ensino e, principalmente, com nossas próprias leituras.

Para ler cada projeto e compreender seu processo de criação, construção e vivência tivemos que rever e viver conceitos diante dos desafios de cada projeto analisado e, por vezes, tínhamos uma vontade imensa de ir até eles para ajudar, saber um pouco mais ou compartilhar suas experiências. Com isso não podemos deixar de falar da inconsistência da promessa de que o pesquisador é um ser isento. Em nossas análises trouxemos nossas experiências de vida e acadêmicas, debates dos quais temos feito parte, enfim, havia um mirante de onde se olhava para os projetos.

Contudo percebemos que foi importante para nós olhar para alguns projetos que têm como foco a formação de mediadores, mas que por alguma razão tiveram um fim, parada, ou até mesmo, quem sabe, poderiam pensar numa reinvenção como estratégia e que por meio de seus processos de formação continuada não teriam medo de “morrer para nascer melhor.” Assim como no conto da Mulher Esqueleto³⁴ que nos faz perguntar “o que precisa morrer em nós? O que tememos permitir nascer? Quanto tempo se faz necessário para isso tudo acontecer?” E quando falamos de leitura, de leitor, de formação de leitores, estamos falando desse abrir mão de certezas, já que compreendemos a vida, e aqui traduzida na experiência da leitura, como transformação constante.

Considerando que nossas aprendizagens não acontecem em primeira mão, ou seja, são mediadas pelos signos da cultura ou pela experiência dos outros,³⁵ realizar projetos para formar mediadores de leitura parece-nos ser uma forma crucial de se trabalhar com ela. Desse modo, se compreendemos a leitura como uma experiência coletiva, uma experiência mediada, é esta a importância que estamos dando à função do mediador de leitura: de estar em meio a processos de aproximação entre pessoas e texto, mediando a “construção” de um devir leitor. Contudo, este sujeito também é fruto de outras mediações, o que requer constante reflexão sobre o seu fazer.

Por isso se faz necessário falar da formação em processo, enquanto os projetos acontecem e “os fenômenos sejam estudados como processos em movimento e em mudança.”³⁶ Nos transformamos enquanto transformamos nosso redor, pois é só durante os acontecimentos que algo pode ser feito. Avaliar projetos apenas no seu fim seria como não ter realizado modificações que certamente os teriam melhorado ao longo de seus trajetos. E uma boa formação, aquela que escuta os sujeitos, que transforma a prática em objeto de estudo, permite que cada projeto possa tornar-se cada vez melhor enquanto acontece. Entretanto, chegamos a cruzar dados sobre formação continuada e tempo de realização dos projetos, suspeitando que no nosso tema de estudo fosse decisivo, mas não.

Mas os projetos nos revelaram como é urgente o diálogo, a troca, a afetividade, a criatividade, a participação de todos e do todo, porém comprometidos com a qualidade, mas sem deixar de transparecer a importância de políticas públicas bem construídas, claras, objetivas, e até simples, para garantir a todos seu direito de poder ler com autonomia e alegria. Propostas de formação de mediadores de leitura são, mais do que uma atividade,

34 ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos:** mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2014.

35 VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

36 COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. **Introdução.** In VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.8.

uma necessidade e compromisso para com a aproximação entre pessoas e textos.

Falamos muito de leituras. Há muitas leituras ainda guardadas dentro de cada um de nós, acervos aprisionados que precisam ser libertados e compartilhados com todos. E não se trata de nenhum tipo de imposição! Mas de deixar nascer uma vontade de pertencer!

E o que nos ensinaram os sete projetos de formação de mediadores? Foi assim que percebemos os projetos de leitura que pretendem a formação dos mediadores: como nos ensinando algo. Apesar de poucos deles não atentarem para a formação continuada, suas metodologias pareciam querer superar desafios, romper barreiras e ensinar a respeitar a liberdade do leitor nas suas escolhas literárias.

Dissemos logo no início que não basta colocar os livros à disposição das pessoas para que se interessem por eles e se sintam seduzidos pela leitura. É preciso interagir com o público, mediar esse encontro, ajudar a olhar, ou melhor ajudar a construir o olhar, os sentidos para o texto que ali está. Que sentido o texto faz para cada leitor?

Por isso percebemos ser de tamanha importância a formação dos mediadores de leitura no sucesso de um projeto. Assim, pareceu-nos que, mesmo em alguns projetos bem simples, a formação para atuar parece ser essencial, logo, ser mediador requer formação. Pode parecer redundante, mas se trata aqui de enfatizar algo que nos parece muito importante: precisamos de mediadores competentes.

Ficamos nos perguntando que formação seria essa. Seria ela uma formação somente teórica, ou somente prática ou seria algo que, além disso, pudesse ser mais reflexivo e questionador?

Para uma boa formação é preciso juntar todas essas coisas. Para fazer desde o “primeiro”³⁷ encontro com a leitura um instante cheio de desejos de querer descobrir o que há por trás de um texto, construindo um sentido para aquela leitura, não basta o conhecimento teórico apenas. É necessário ter ali impressa a vivência do sujeito leitor naquele que media.

Formar leitores é muito mais complexo do que se imagina, pois não basta ensinar aos mediadores o uso de técnicas de aproximação, embora elas tampouco devam ser desprezadas. Um mediador de leitura precisa ser um leitor para fazer o outro olhar para o texto com o mesmo olhar que se tem por ele.

Muitas pessoas ao lerem querem logo encontrar uma relação direta com o que vivem, o que pode tornar chata uma leitura que escape desse sentido já conhecido. Não que cada leitor não possa ter suas preferências, não é disso que estamos falando. Tratamos da importância de mediadores formados para aquele destravar de janelas, inclusive de suas próprias (muitos mediadores ainda estão em processos de se tornar um leitor mais experiente). Como se abrir para um outro tipo de texto, uma outra experiência? Se esta é tarefa de um mediador, ajudar a encontrar os caminhos da leitura, ele precisa a todo momento (re)descobrir que caminhos são esses, e

³⁷ Estamos chamando de “primeiro” o encontro que se dará com um mediador de leitura, apenas como um destaque. É claro que há outros “primeiros” encontros.

isto é parte de trajetos formativos tanto teóricos como práticos e reflexivos. Desta forma cabe na formação dos mediadores do projeto conhecer leituras, literatura, filmes, músicas, afinal ler não pode e não deve ser atividade puramente escolar, os projetos revelaram isso desde seus objetivos gerais e conceitos principais de leitura.

Por esta perspectiva, a formação dos mediadores passa a ser questão fundamental a ser observada em um projeto de leitura. Porém, isso não significa que os projetos que ainda não se ocupam desse trabalho não possam fazê-lo, até porque não sabemos, com profundidade, o que faz com que não realizem formação. Afinal, a pesquisa se limitou a conhecer se há ou não formação de mediadores dentre os projetos.

Desta maneira, indica-se continuar as investigações a respeito de como os processos de formação de mediadores acontecem de fato, para que os projetos de leitura observados possam se tornar mais eficientes e fundamentados em termos de propósitos e buscas de melhores resultados.

Outros aspectos que seriam parte da continuação desta investigação referem-se às perguntas, algumas retóricas, que nos fizemos diante das análises como: os projetos poderiam ter levado a leitura a mais pessoas por meio de equipes mais bem preparadas e diversificadas? Os projetos que realizam formação de mediadores estão abrindo mão de suas certezas e se reinventando? Como os projetos veem seus públicos-alvo, de verdade? Qual o tipo de mediação é necessário a cada projeto e público, já que prédios e acervos sozinhos não formam leitores? Como é a atuação de mediadores que não possuem formação? O que os projetos consideram como suficiente em termos de formação de seus mediadores? Como os bibliotecários atuam na aproximação dos leitores com o texto? Por que temos mais mediadores voluntários do que remunerados, por que aceitam essa condição? Nossa hipótese é a de que, se pudermos compreender melhor o que os projetos pensam a respeito da formação de mediadores, seja ela inicial, seja ela continuada, seja ela inexistente, poderíamos propor caminhos para que tais processos pudessem ser ressignificados ou melhorados.

Esperamos que esta análise permita contribuir para se pensar na importância de agências e políticas públicas de fomento à leitura incluírem, em suas propostas, espaços de reflexão e desenvolvimento de formação inicial e continuada dos mediadores nos projetos de leitura, em especial naqueles que se encontram em comunidades mais necessitadas de aportes de toda natureza, e seus projetos seguirem inspirando e contribuindo para a formação de pessoas conscientes, reflexivas e criativas por meio da prática leitora.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ANTUNES, Arnaldo. **O seu olhar**. Disponível em: <https://letras.mus.br/arnaldo-antunes/91707/> Acesso em: 10 set. 2021.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. **Introdução**. In VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1986.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: Editora L&PM, 1997.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MINHAS tardes com Margueritte. Direção de Jean Becker. França: 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hk6on8AmwVM> (130 min).

MUSEU DA PESSOA. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/home>

FAILLA, Zoara (org). **Retratos da leitura no Brasil 5**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em: 1º set. 2021.

SARAMAGO, José. **A maior flor do mundo**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



SOBRE AS AUTORAS

CLAUDIA SANTOS DE MEDEIROS_ Mestre em Educação Brasileira e Especialista em Educação Infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Pedagoga pelo Instituto Isabel — Centro de Ciências Humanas e Sociais. Entre 1997 e 2017 foi Assessora Técnica da Gerência de Educação do Serviço Social do Comércio — Sesc Administração Nacional (RJ) atuando, principalmente, na formação de professores junto às escolas de Educação Infantil do Sesc, em todo Brasil. Desde 2017 é Pesquisadora Voluntária no Grupo de Teorias da Infância (GETI), no iiLer PUC-Rio. Atualmente é Professora do curso de pedagogia da Universidade Estácio de Sá (RJ), Assessora Pedagógica da ONG Instituto Mundo Novo (Mesquita/RJ), Diretora da CLAUDIA&MEDEIROS: Formação de Professores e Pessoas, e Desenvolvedora de práticas pedagógicas na Convergente: Soluções Educativas (RJ).

LÚCIA MARIA DA CRUZ FIDALGO_ Mestre em Educação e Bibliotecária pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante da primeira equipe de especialistas do PROLER (1992-1996), Diretora do Departamento Geral de Bibliotecas do Estado do Rio de Janeiro e Diretora da Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro (2000-2003). Atualmente, é Escritora, Contadora de Histórias do Grupo Morandubetá, Pesquisadora do Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil (GELIJ), no iiLer PUC-Rio, Professora da UFRJ no Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, desenvolve junto com mais uma Bibliotecária o Podcast “Deixa que eu te conto...” ([@deixaqueeucontepod](https://www.instagram.com/deixaqueeucontepod) no Instagram, desde 2020).



IV.
O BRASIL QUE LÊ
Mapeamento da aplicação
das novas tecnologias em
projetos de leitura

Aline Frederico
Viviane Moreira



APRESENTAÇÃO

As tecnologias digitais têm possibilitado novas formas de acesso à leitura, em diferentes linguagens, formatos e gêneros, além de proporcionar novas possibilidades para ler o mundo, o outro e a si próprio. Se essas tecnologias não podem e não devem substituir a experiência de leitura com o livro impresso — ou as trocas essenciais entre leitores, mediadores e livros, na escola, na biblioteca, em casa, no trabalho e em espaços públicos —, elas podem permitir que esses novos encontros ocorram e tragam também possibilidades exclusivas de leitura que só ocorrem pelo meio digital. Esta tem sido ainda uma ferramenta importante na formação de leitores e de mediadores de leitura nas últimas duas décadas, mas com a pandemia de COVID-19, se tornou uma ferramenta essencial para a sobrevivência de muitos projetos de leitura em todo o Brasil.

Neste relatório, vamos analisar os resultados do questionário da pesquisa **O Brasil que Lê** tendo como recorte os usos das novas tecnologias pelos projetos de leitura no Brasil. Quais são as tecnologias mais usadas? Para quê são usadas? Quais tipos de projetos fazem mais uso ou dependem dessas tecnologias? Qual a infraestrutura tecnológica e o acervo digital disponíveis? Estas são algumas das perguntas a que buscaremos responder com o intuito de mapear os usos das novas tecnologias nos projetos de leitura, e assim refletir sobre suas possibilidades e potenciais na formação de leitores. Ao longo da análise, serão utilizados gráficos mostrando as estatísticas dos projetos no que diz respeito a questões de tecnologia e figuras com capturas de telas de websites e páginas dos projetos nas mídias sociais.

É importante pensar que uma das limitações da pesquisa (uma vez que esta foi realizada por meio de questionário online, demandando dos projetos o acesso a um computador, celular ou tablet conectado à internet) talvez venha do fato de que os projetos que prescindem da tecnologia e que não têm acesso a essas tecnologias estejam sub-representados na amostra da pesquisa.

Este relatório foi elaborado por Aline Frederico, doutora em Educação pela Universidade de Cambridge, professora na UFRJ e pesquisadora na área da leitura e da literatura digital, e por Viviane Moreira, mestre em Teologia, analista de mídias digitais, coordenadora do Setor de Comunicação do iiLer/Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio e editora da Saberes Em Diálogo.

O processo de análise envolveu etapas quantitativas e qualitativas. A partir das respostas iniciais aos questionários e das estatísticas gerais do projeto, foram geradas novas estatísticas, específicas quanto ao uso da tecnologia pelos projetos. A análise qualitativa, envolveu a leitura das respostas abertas e fechadas de cada um dos projetos participantes, além da análise de seus websites e páginas nas mídias sociais. Reuniões periódicas foram realizadas com toda a equipe de pesquisadores do projeto **O Brasil que Lê** para discutir cada projeto individualmente e traçar panoramas do conjunto dos projetos. Apresentamos a seguir o resultado dessa análise.

1. Usos das novas tecnologias nos projetos de leitura

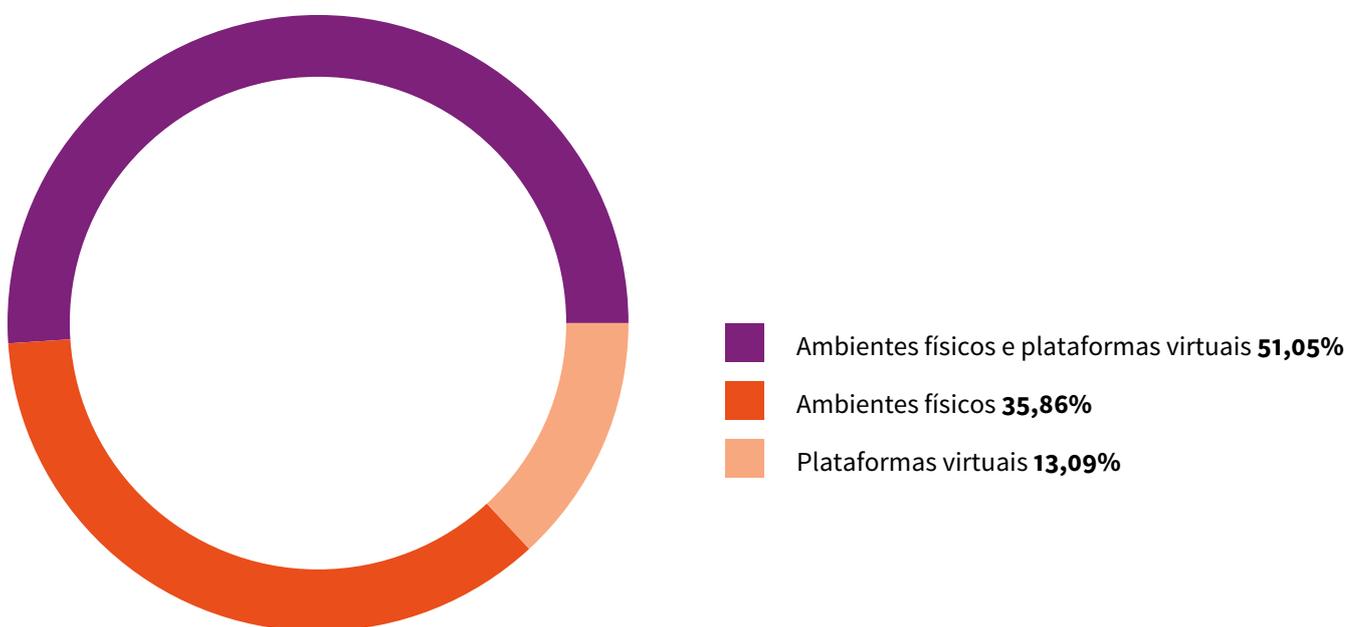
Redes sociais, aplicativos de mensagens como o WhatsApp, blogs, sites, dentre outros, vêm se constituindo em espaços que mediam comunicações escritas e orais. Na atualidade, muitos desses espaços de comunicação são híbridos e efêmeros, provocando novas formas de leitura e escrita e desafiando a escola e outras instituições a promoverem o ensino e a aprendizagem da cultura escrita digital (FRADE; ARAÚJO & GLÓRIA, 2018, p. 9).¹

Com as possibilidades de realização de atividades de forma virtual, novas possibilidades de atuação se abrem na formação de leitores. O questionário da pesquisa **O Brasil que Lê** indagou, assim, aos projetos de leitura em que ambiente(s) — físico e/ou virtual — suas atividades são realizadas. Os números mostram que a tecnologia digital é fundamental hoje para o desenvolvimento de grande parte dos projetos de pesquisa, já que quase $\frac{2}{3}$ dos projetos analisados (64,14%) realiza pelo menos parte de suas atividades por meio de plataformas virtuais. Mais da metade dos projetos (51,05%), no entanto realiza atividades tanto em ambientes físicos como digitais, e 13,01% apenas em ambientes virtuais.

¹ FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira; GLÓRIA, Julianna Silva. Dossiê “Cultura Escrita Digital e Alfabetização.” **Revista Brasileira de Alfabetização — ABAlf**, [s. l.], v. 1, n. 8, p. 9-12, 2018.

GRÁFICO 1 | Ambientes em que são desenvolvidos os projetos

Fonte: Gráfico 14, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Enquanto os ambientes físicos podem ser uma escola, biblioteca, ONG, universidade, espaços públicos etc. (ver análise completa em **O Brasil que Lê: Mapeamento Analítico de Iniciativas de Leitura no Brasil**), no caso do uso de plataformas eletrônicas para a realização do projeto, temos sete principais categorias de tecnologias usadas:

- 1 Mídias sociais;
- 2 Plataformas de mensagens instantâneas;
- 3 Plataformas de videoconferência;
- 4 Blogs e websites;
- 5 Podcasts;
- 6 Aplicativos desenvolvidos pelo próprio projeto;
- 7 Mídias tradicionais (rádio e televisão).

Um projeto desenvolvido em plataformas virtuais faz uso dessas tecnologias para a realização de suas atividades. Observamos, por exemplo, clubes de leitura que utilizam plataformas de videoconferência para realizar suas reuniões de forma remota, projetos de formação de mediadores que realizam cursos de forma remota ou híbrida (parcialmente remota e

parcialmente presencial) e ainda projetos de divulgação da literatura que ocorrem de maneira exclusiva pelas mídias sociais, trazendo periodicamente resenhas de obras e indicações de leitura.

No entanto, um projeto pode realizar suas atividades de forma presencial e, ainda assim, estar presente nas redes, por meio de um website ou perfil nas mídias sociais, usados como suporte na comunicação do projeto. Notamos que, para muitos projetos participantes da pesquisa, essa distinção não ficou clara. Como demonstrado no gráfico acima, mais de 50% dos projetos disse ser realizado ao mesmo tempo em espaços físicos e plataformas virtuais, porém a análise qualitativa das páginas dos projetos nas redes demonstrou que, em muitos casos, estas são usadas apenas como ferramenta de divulgação, sendo as ações realizadas efetivamente em espaços físicos.

A importância da comunicação digital para os projetos pode ser vista ainda quando observamos a formação das equipes que os constituem. A pergunta 61 do questionário investigou quais equipes de suporte, além dos mediadores, estão disponíveis aos projetos. Enquanto apenas 20% têm suporte de contabilidade, 45,29% (173 projetos) possuem na equipe suporte na área de comunicação e marketing, e 31,41% (120 projetos) contam com suporte na área de informática e tecnologia. Muitos projetos mencionam ainda que os próprios responsáveis pelos projetos e mediadores de leitura ficam a cargo das funções de comunicação e marketing (para análise completa das equipes dos projetos, ver **O Brasil que Lê: Mapeamento Analítico de Iniciativas de Leitura**).

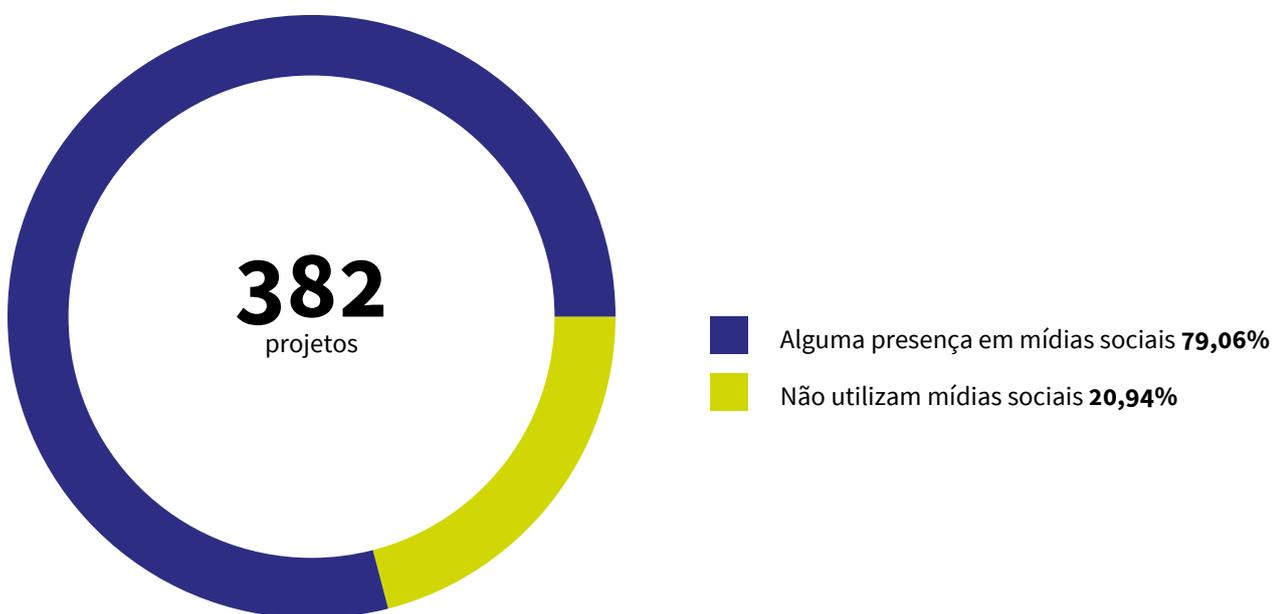
A seguir, discutiremos a presença de cada uma das ferramentas tecnológicas utilizadas para a realização ou comunicação dos projetos.

1.1. Mídias sociais

As mídias sociais são, sem dúvida, uma das ferramentas digitais mais presentes nos projetos de leitura. Aproximadamente 4 em cada 5 projetos (79,06% ou 302 projetos) têm alguma presença nas mídias sociais, enquanto pouco mais de ¼ dos projetos (27,11% ou 104 projetos) está presente simultaneamente no Facebook, Instagram e YouTube. Os projetos que não usam as redes sociais (20,94% ou 80 projetos) são, na maioria (66,25% ou 53 projetos), projetos interrompidos, muitos deles, antigos, indicando a rápida transformação provocada pelas mídias sociais nos últimos anos. Dentre os projetos iniciados após a pandemia (março de 2020), apenas 12,28% (7 projetos) não fazem uso das mídias sociais, o que mostra como o isolamento social tornou essas mídias ainda mais importantes para o desenvolvimento e a realização de iniciativas de promoção à leitura.

GRÁFICO 2 | Projetos que utilizam ao menos um canal de mídia social

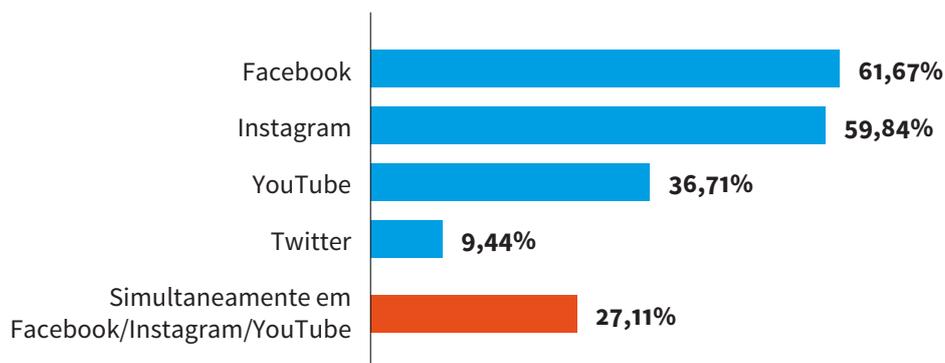
Fonte: Gráfico 51, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



O Facebook é a rede com maior popularidade entre os projetos de leitura, e 61,67% deles estão presentes nessa plataforma. Logo em seguida, temos o Instagram, com 59,84% dos projetos presentes nesse canal. Já o YouTube é usado por 36,71% dos projetos e o Twitter por apenas 9,44%.

GRÁFICO 3 | Mídias sociais mais utilizadas

Fonte: Gráfico 52, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Alguns projetos, inclusive, destacam sua página nas mídias sociais como website do projeto, indicando o protagonismo das redes até mesmo como o portal de apresentação da iniciativa.

A análise qualitativa das mídias sociais dos projetos revela que elas são usadas com diversas finalidades. A principal delas parece ser a de divulgação das ações, recursos e acervos dos projetos. Por exemplo, o projeto **Praler – Prazeres da Leitura** (figuras 1 e 2), desenvolvido pelo SisEB, que integra as bibliotecas públicas municipais e comunitárias do Estado de São Paulo, incluindo as Bibliotecas de São Paulo e Parque Villa-Lobos. Suas mídias são utilizadas com diferentes objetivos: o Facebook, para divulgar as datas dos encontros e outros eventos. Já o YouTube, como mostra a imagem a seguir, é usado como canal de formação e apresentação institucional.

FIGURA 1 | Captura de tela de post do projeto Praler – Prazeres da Leitura nas mídias sociais

Fonte: <https://www.facebook.com/sisebsp/posts/4239184139458990>

Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo
9 de junho · 🌐

Criado em 2008 pela então Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, o Praler tem a finalidade de promover e desenvolver o hábito da leitura em populações potentes que vivem em territórios com características de vulnerabilidade social. Conheça a história da Biblioteca Comunitária do Eucaliptos, integrante da Rede Beija-flor de Pequenas Bibliotecas Vivas de Santo André, e saiba mais sobre esse programa de incentivo à leitura.
#culturaemcasa #culturasp #MuseumWeek #PelosOlhosDasCriançasMW

#CIDADANIA E COMUNIDADE

**PRA LER
PRAZERES DA LEITURA**

SisEB

YOUTUBE.COM

Praler - Prazeres da Leitura | Vídeo institucional
O Praler - Prazeres da Leitura, criado em 2008 pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa d...

FIGURA 2 | Captura de tela de post do projeto Praler — Prazeres da Leitura nas mídias sociais

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ycjt4zdST-U&t=5s>



O projeto **Kids Indoors** (figuras 3, 4 e 5), criado em 2008 para fomentar a mediação de leitura materna, tem como foco a formação de leitores e mediadores de leitura por meio de eventos presenciais e, atualmente, digitais. O projeto usa todas as mídias que possui (Facebook, Instagram, YouTube, site e Twitter) para divulgação de conteúdo, dicas de leitura, brincadeiras, entrevistas, eventos e outras atividades.

FIGURA 3 | Captura de tela de página do projeto Kids Indoors no YouTube

Fonte: <https://www.youtube.com/c/kidsindoors>

KIDS INDOORS
dicas pra entreter as crianças 'presas' em casa
www.kidsindoors.com.br

Gisele Federizzi Barcellos -Kids Indoors
164 inscritos

INÍCIO **VÍDEOS** PLAYLISTS CANAIS SOBRE

Envios REPRODUZIR TODOS ORDENAR POR

- #DIY Faça um BICHO, de Lygia Clark, com material...
1,9 mil visualizações • há 4 meses
- UNBOXING! MELHOR PRESENTE PARA O DIA DA...
433 visualizações • há 1 ano
- Livro-Brinquedo: Casinha de Papelão
94 visualizações • há 1 ano
- Apresentação Cathe de León
47 visualizações • há 1 ano
- Diário da Quarentena
50 visualizações • há 1 ano
- Semana Mundial do Brincar: fazendo mini livros
24 visualizações • há 1 ano

FIGURA 4 | Captura de tela do site do projeto Kids Indoors no YouTube

Fonte: <http://www.kidsindoors.com.br>



FIGURA 5 | Captura de tela do site do projeto Kids Indoors no Instagram

Fonte: <https://www.instagram.com/kidsindoors>



Outro uso bastante frequente das mídias sociais é a divulgação de obras e indicações de leitura. A **Biblioteca Popular do Coque** (figura 6) é uma biblioteca comunitária em Recife que se destaca na utilização das mídias sociais. Eles apresentam séries de posts como *Tem na biblioteca*, em que oferecem indicações de obras do acervo, e *Biblioteca Popular do Coque Apresenta*, em que fazem a apresentação de autores cujas obras integram o acervo, com especial destaque para autores que tratam de temáticas relacionadas a questões étnico-raciais. Eles indicam ainda a leitura em outras mídias, por exemplo, filmes, com a série *BP Coque indica*.

FIGURA 6 | Captura de tela de página do projeto Biblioteca Popular do Coque no Instagram

Fonte: <https://www.instagram.com/bpcoque/>



Outro projeto que se destaca na sugestão de obras é o **Bebeteca: uma biblioteca para a primeira infância** (figura 7), que faz periodicamente seleções temáticas de literatura infantil voltada para a primeiríssima infância, como seleção de livros de humor, suspense, livros sobre pais etc., além de posts de indicação de obras individuais.

FIGURA 7 | Captura de tela de página do projeto Bebeteca: uma biblioteca para a primeira infância no Instagram

Fonte: <https://www.instagram.com/bebetecaufmg/>



Com a pandemia de COVID-19, muitas atividades dos projetos de leitura que costumavam acontecer em espaços físicos foram adaptadas à modalidade remota e as mídias sociais foram fundamentais nesse processo. Esse é o exemplo de encontros com autores e ilustradores, mesas-redondas, palestras e até cursos e oficinas.

O projeto **Literatura de Berço** (figura 8), por exemplo, nasceu presencial, com oficinas de leitura para bebês realizadas pela idealizadora do projeto. Antes da pandemia, já fazia uso frequente das redes sociais para promover a literatura para bebês, mas com a impossibilidade de seguir com as atividades presenciais, o projeto se tornou praticamente 100% virtual e promoveu uma programação extensa de lives com os diversos atores do sistema literário de obras para a primeiríssima infância.

FIGURA 8 | Captura de tela de página do projeto Literatura de Berço no Instagram

Fonte: https://www.instagram.com/p/CFW_3wvHQ_B/



Durante a pandemia de COVID-19, festivais inteiros foram realizados de forma remota, especialmente usando o YouTube como canal. É o caso do tradicional **Flipoços – Festival Literário Internacional de Poços de Caldas** (figura 9), que realizou mais de 80 eventos de forma virtual em 2020.

FIGURA 9 | Captura de tela de página do projeto Flipoços — Festival Literário Internacional de Poços de Caldas no YouTube: playlist com vídeos do festival

Fonte: https://www.youtube.com/channel/UClpDF8Jgj52-bSqF3ve_eJw



Se, por um lado, a audiência de muitos desses eventos online parece não ser tão expressiva quanto suas versões presenciais, nem mobilizar as comunidades da mesma maneira, a realização desse número tão significativo de eventos virtuais relacionados ao universo da leitura manteve muitos projetos em andamento durante esse período e gerou uma grande biblioteca de vídeos e outros acervos digitais sobre o livro, a leitura e a literatura, que podem agora ser utilizados na formação de leitores, especialmente em locais onde a realização de eventos presenciais não é uma realidade mesmo em períodos fora da pandemia.

A contação de histórias, uma das atividades mais presentes na programação dos projetos de leitura e realizada por 56,28% deles (215 projetos), foi transferida em muitos casos para o ambiente virtual, especialmente por meio de vídeos pré-gravados ou mesmo utilizando apenas o áudio, como a leitura de um cordel de São João realizada pela **Biblioteca Popular do Coque**.

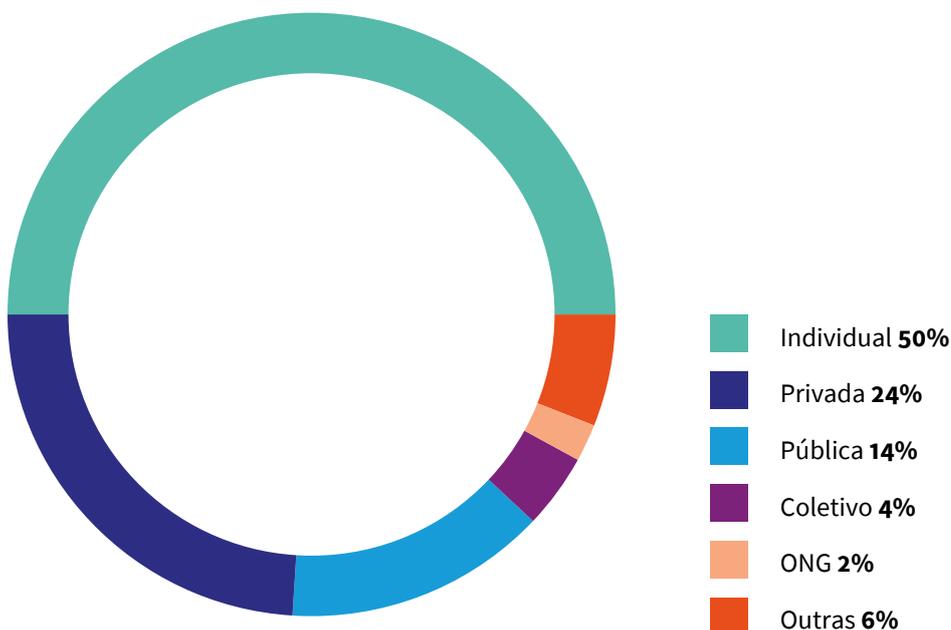
1.1.1. Booktubers e outros projetos baseados nas redes sociais

Dentre os projetos que se utilizam das mídias sociais, há alguns que ocorrem primordialmente por essas redes. Estes são canais de promoção à leitura que se utilizam da grande e rápida disseminação de informação via redes e produzem conteúdos relacionados ao universo da leitura. Nessa categoria entram os *booktubers* (indivíduos que promovem a leitura pelo YouTube), *bookgramers* (pelo Instagram) e mais recentemente os *booktokers* (pela rede TikTok). Curiosamente, nenhum projeto mencionou o TikTok, possivelmente dada a emergência recente da rede e sua predominância entre a população adolescente.

A origem dos projetos ocorridos exclusivamente em plataformas virtuais revela que a metade deles (50%) é de origem individual (ver gráfico 4 a seguir), e esse é o caso especialmente de projetos baseados em redes sociais, que podem até mesmo apresentar um caráter familiar, como o projeto **Lendo com Nicolas**, em que mãe e filho compartilham suas leituras e indicações de livros voltados para a primeira infância. Nessa categoria de projeto, muitas vezes se confunde uma narrativa pessoal, como um diário digital de leituras, com a prestação de serviços a um público mais amplo, por meio das indicações de títulos. Em certos casos, não há um aprofundamento nas relações com a audiência e uma progressão das ações para a formação de leitores. Também é sabido que muitos casos bem-sucedidos de canais que fazem resenhas de livros nas mídias sociais passam a ser patrocinados por editoras, o que os torna mais veículos de marketing editorial do que propriamente de promoção à leitura.

GRÁFICO 4 | Origem dos projetos realizados exclusivamente em plataformas virtuais

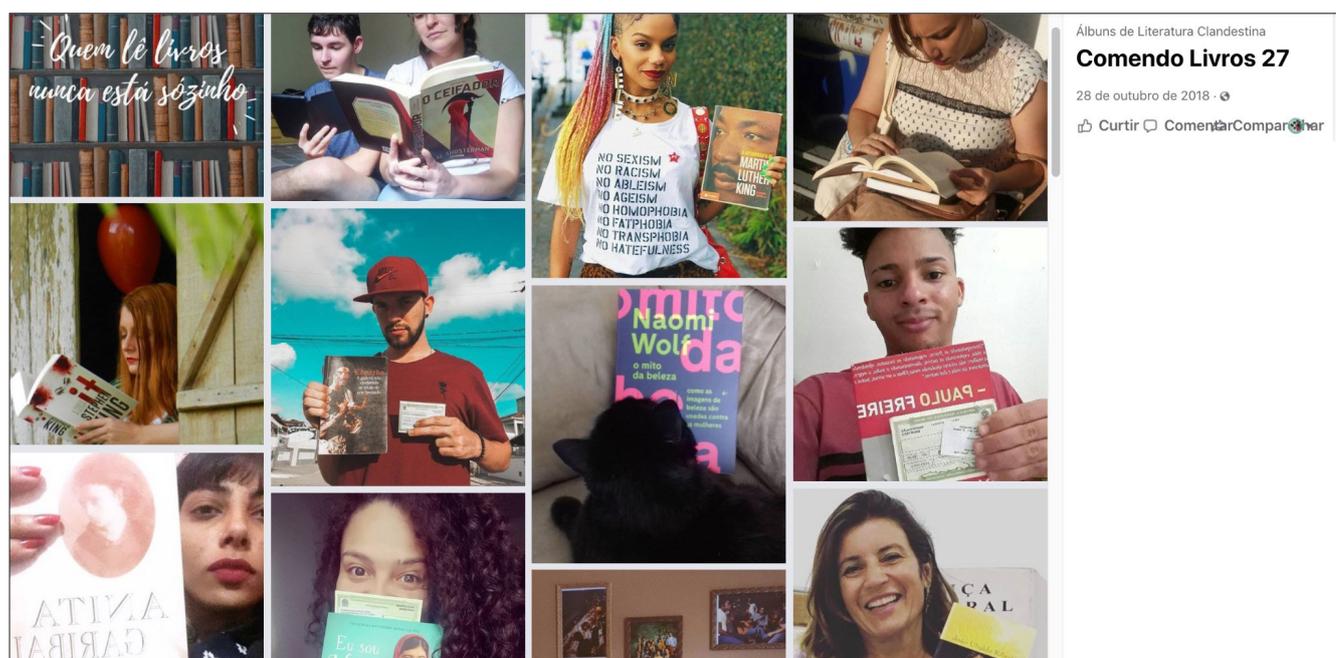
Fonte: Gráfico 53, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



O projeto **Literatura Clandestina** (figura 10) também nasceu de forma individual, mas se utiliza da capilaridade e da possibilidade de colaboração das redes sociais para contar com a contribuição de leitores do mundo todo. Os leitores enviam uma fotografia com sua sugestão de leitura por e-mail para o realizador do projeto, que faz a postagem dos conteúdos. A iniciativa se posiciona como independente e opositora ao que chama de “literatura de ostentação” ou o uso da literatura como forma de exibição e autopromoção nas redes sociais, muitas vezes sob o patrocínio de editoras. Mostra como uma visão crítica da utilização das mídias sociais pode nascer a partir da própria mídia. Foi criado em 2011, portanto num momento ainda inicial da utilização das mídias sociais na promoção à leitura, e hoje tem mais de 3.700 seguidores.

FIGURA 10 | Captura de tela de página do projeto Literatura Clandestina no Facebook: galeria de imagens com sugestões de leitura enviadas pela comunidade de seguidores do projeto

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set?vanity=LiteraturaClandestina&set=a.1979853948761547>



Iniciativas nas mídias sociais podem ainda propulsionar o desenvolvimento de outros tipos de ações, inclusive presenciais, além de ampliar e aprofundar o debate sobre a importância da leitura no desenvolvimento da sociedade. Um projeto de destaque nesse aspecto é o **Pretinhas Leitoras**, que se iniciou como um canal nas redes sociais protagonizado pelas irmãs gêmeas Helena e Eduarda Ferreira, à época com 11 anos, e moradoras do Morro da Providência, comunidade no Rio de Janeiro. Pelo canal, as meninas dão dicas de leituras que promovem a reflexão sobre questões da realidade em que vivem, num contexto violento e com pouca oferta de livros e leitura. Hoje, o projeto inclui encontros semanais com a comunidade utilizando

a metodologia da investigação territorial, que visa inicialmente “*levantar informações sobre o convívio, bem-viver e desafios percebidos em nossos territórios.*”² A partir desses encontros, são planejadas as rodas de leituras com as crianças, que valorizam a reflexão sobre os territórios por meio da literatura, com destaque para a literatura negra. O impacto do projeto, no entanto, foi muito além da própria comunidade. Hoje, o **Pretinhas Leitoras** atua ainda participando de eventos que discutem temas como a leitura, as infâncias e as relações étnico-raciais no Brasil, e tiveram o quadro *Encontro com as Letrinhas* no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da tv Globo. Assim, a partir de uma iniciativa pessoal nas mídias sociais, a promoção da leitura e da literatura infantil como possibilidade de transformação de mundo alcançou na grande mídia um espaço de destaque, atingindo crianças de todo o Brasil.

² Relato de Elen Oliveira Ferreira, responsável pelo preenchimento do questionário pelo projeto **Pretinhas Leitoras**, em resposta à pergunta 58: “Descreva a metodologia do projeto, ordenando suas etapas de execução, de modo a cumprir os objetivos específicos.”

É importante destacar, porém, que mesmo iniciativas mais modestas e com audiências menores contribuem, individualmente e em seu conjunto, para trazer o livro e a leitura ao cotidiano da população, se utilizando dos canais mais acessados e promovendo o interesse pelo universo da leitura a pessoas que muitas vezes não são atingidas por outras iniciativas, públicas, privadas ou da sociedade civil.

1.2. Websites e blogs

Diferentemente das mídias sociais, que apresentam um caráter mais efêmero e uma possibilidade reduzida de organização de uma grande quantidade de conteúdo, websites permitem uma presença mais permanente na rede mundial de computadores. Apesar de algumas plataformas gratuitas possibilitarem a construção de websites de maneira simples e barata, muitas vezes o conhecimento requerido para sua criação é mais técnico e especializado do que a simples publicação de conteúdo nas mídias sociais. Isso se vê refletido nas estatísticas dos projetos. Apenas 41,62% deles (159 projetos) apresenta um website, enquanto, conforme discutido acima, cerca de 80% dos projetos está presente nas redes sociais (ver gráfico 5 abaixo). No preenchimento do questionário, inclusive, 11 projetos indicaram suas páginas nas mídias sociais como seus websites.

GRÁFICO 5 | Comparação entre os projetos com website e aqueles com presença nas mídias sociais

Fonte: Gráfico 54, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos.*



Aqui, novamente, podemos diferenciar os projetos que possuem um website como forma de comunicação com sua audiência e com a sociedade de maneira mais ampla, de projetos que realizam, total ou parcialmente, suas atividades por meio de seu website (ainda que muitas vezes com o complemento das redes sociais). A presença de um website informativo, ainda que este seja simples, pode facilitar a divulgação do projeto e contribuir para a aquisição de recursos, seja por editais, por doações e até mesmo por meio da atração de voluntários e recursos humanos para o projeto. Um exemplo é a **Biblioteca Comunitária Vila Maranhão — Vale ler, Ana e Joaquim!**, de São Luís/MA, coordenada pela ONG COMPASCE. O website da ONG é utilizado para divulgar as ações da ONG, incluindo a biblioteca e suas atividades, para solicitar a doação de livros e a doação de dinheiro e ainda para divulgar o trabalho dos voluntários.

Entre os projetos cujas atividades estão fortemente calcadas em sua página web, um projeto de grande destaque é o **Biblio: Cultura Informacional** (figura 11), cuja principal atividade é um portal de notícias da área do livro, leitura e bibliotecas, além da realização de eventos presenciais e a publicação da revista (também digital) de mesmo nome. Nas palavras dos próprios realizadores do projeto:

"No Brasil, são raros os projetos de mídia dedicados aos temas dos livros, da leitura e das bibliotecas, principalmente se estes estiverem focados nas políticas públicas para estes setores. Por isso, a Biblio vem se destacando nos últimos anos ao fazer uma ampla cobertura do noticiário sobre estes temas, garantindo uma mobilização dos agentes interessados, ao mesmo tempo em que promove pressão sobre autoridades e o poder público."³

O projeto busca, portanto, pela circulação de informações, ideias e a promoção de debates, a promoção da leitura e a transformação das políticas públicas nessa área. O site apresenta conteúdos em diversos formatos, como entrevistas, reportagens, podcasts e vídeo (tvBiblio), e os conteúdos também são divulgados por meio de seus canais nas mídias sociais Facebook, Twitter, YouTube e Instagram.

³ Relato de Francisco de Paula Araujo, responsável pelo preenchimento do questionário pelo projeto **Biblio: Cultura Informacional**, em resposta à pergunta 63: "Justificativa do projeto."

Quem somos | Fale conosco | Edições | Participe | Loja | Anuncie | Assine | Entrar

biblioio
cultura informacional 10 ANOS

PUBLIQUE NA BIBLIOIO DISSEMINE SUAS IDEIAS

INÍCIO OPINIÃO ENTREVISTAS REPORTAGENS PODCASTS TVBIBLIOO MAIS+ ASSINE

Profissionais manifestam apoio à bibliotecária Catia Lindemann, que está sofrendo um processo administrativo disciplinar por parte do CFB

Governo de São Paulo extingue o Programa Biblioteca Virtual

Felicitações não pagam as contas de ninguém, nem recuperam a dignidade... muito menos de um professor

Estão abertas as inscrições para selecionar novos talentos literários no Rio de Janeiro

REVISTA BIBLIOIO

biblioio
cultura informacional 10 ANOS

79
O INCENDIÁRIO DA CULTURA

Edição 79
Ano 10, nº 03
Outubro 2021
ISSN 2238-3336

"Bolsonero", o incendiário da cultura

Paulo Emílio, Cinemateca Brasileira e a obstinação

Brilho eterno de um país sem memória

Leitores sem fronteiras!

Já o projeto **Capitu vem para o jantar** também faz uso do seu website/blog como um dos elementos centrais do projeto, mas traz uma abordagem bastante diferente da observada no exemplo anterior. Ela aposta na promoção à leitura de forma descontraída, criativa e leve, relacionando literatura e gastronomia. Os posts publicados no site incluem trechos de obras literárias em que determinados pratos são mencionados, acompanhados pela receita e uma contextualização histórica. Vídeos curtos trazem o trecho

lido em voz alta, enquanto as imagens mostram a receita sendo preparada, numa experiência poética, audiovisual e multissensorial inusitada. O projeto envolve a prestação de serviços relacionados ao tema, como a realização de palestras, pesquisas e consultorias. É ainda um exemplo de como um website bem-produzido dá visibilidade ao projeto e a seus realizadores, possibilitando a execução de outras atividades, estas, remuneradas, que garantem a manutenção financeira do projeto na totalidade, incluindo a oferta gratuita de certos conteúdos e serviços.

O projeto **Direito à Poesia – oficinas literárias com pessoas em privação de liberdade em Foz do Iguaçu** (figura 12) surpreende nesse campo por ser um projeto realizado em prisões. Dentre os acervos utilizados para a realização das oficinas, por conta das restrições de entrada nas unidades prisionais, nenhum material eletrônico pode ser utilizado, e eles contam somente com livros impressos e material fotocopiado. No entanto, o projeto publica em um blog os textos produzidos por pessoas encarceradas na América Latina, possibilitando que esses indivíduos participem da vida social fora das prisões por meio de sua produção literária.

FIGURA 12 | Captura de tela de homepage do blog do projeto Direito à Poesia – oficinas literárias com pessoas em privação de liberdade em Foz do Iguaçu

Fonte: <https://aescritaeofora.blogspot.com/>



The screenshot shows the homepage of the blog 'Direito à Poesia'. At the top, there are navigation links: 'Página inicial', 'Autoria', 'Sobre o blog', and 'Blog en Español'. The main image features a person's hands writing on a piece of paper, with various text overlays in Spanish and Portuguese. The text includes 'los muros', 'los cerros', 'las prisiones', 'LA ESCRITURA Y EL AFUERA', 'A ESCRITA E O FORA', and 'TODO INUTIL'. Below the image, there is a paragraph in Portuguese discussing prison as a place of knowledge and creative potential. To the right, there are sections for 'Quem somos' and 'Contato'. At the bottom left, there is a link to an interview with José Zuleta Ortiz.

Página inicial Autoria Sobre o blog Blog en Español

LA ESCRITURA Y EL AFUERA A ESCRITA E O FORA TODO INUTIL

los muros los cerros las prisiones

quinta-feira, 26 de agosto de 2021

Entrevista com José Zuleta Ortiz, do programa Libertad Bajo Palabra

Nossa última publicação trouxe o relato “Despertar”, de Karina Espinoza, participante do projeto *Libertad Bajo Palabra* [Liberdade sob Palavra]. Com o intuito de dar a conhecer mais sobre o projeto que tornou possível trabalhos como o de Karina disponibilizamos na presente entrada uma entrevista com o seu idealizador e coordenador José Zuleta Ortiz. A entrevista foi realizada por Yury Magnory Ariza Puentes no ano de 2010 e publicada originalmente na *Revista S*, da Universidad Industrial de Santander. A parte da entrevista que compartilhamos é a segunda, porque é nela que Zuleta fala do seu trabalho com escrita e, por consequência, de leitura, em presídios da Colômbia.

Este blog tem por objetivo contribuir para a circulação, dentro e fora dos cárceres, de escritos literários produzidos em prisões da América Latina ou que resultaram de experiências de aprisionamento. Para saber mais, [clique aqui](#).

Contato

direitoapoesiaunila@gmail.com

Postagens mais vistas

<https://aescritaeofora.blogspot.com/2021/08/entrevista-com-jose-zuleta-ortiz-do.html>

Alguns projetos se destacaram por utilizar seus websites para a formação de mediadores (ver análise completa dos projetos de formação de mediadores em **O Brasil que Lê: Mapeamento de Perfis de Mediadores de Leitura**). O projeto **Comunidade de Aprendizagem – Tertúlias Dialógicas Literárias** realiza círculos de leitura de literatura clássica em escolas de todos os níveis da educação básica, utilizando a metodologia da educação dialógica. Em seu website, oferece cursos EAD completos de formação de mediadores, tanto para o ensino da metodologia das tertúlias como relacionados à Biblioteca Tutorada e para promover a Participação Educativa da Comunidade, entre outras formações. O projeto **Agentes de Leitura**, que esteve vigente entre os anos de 2010 e 2013, foi pioneiro nesse tipo de ação, realizando a formação de mediadores de maneira híbrida, com componentes online, e outros, presenciais, totalizando 288 horas de

formação. A segunda fase do projeto, ocorrida inteiramente à distância, totalizou 96 horas.

4 MOBILE TIME/OPINION BOX. **Mensageria no Brasil — Agosto de 2021.** [s.l.: s.n.]. Ago. 2021. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/mensageria-no-brasil-fevereiro-de-2020/>. Acesso em: 19 out. 2021.

1.3. Plataformas de mensagens instantâneas

As plataformas de mensagens instantâneas estão entre as ferramentas digitais mais utilizadas no Brasil. É o caso do WhatsApp e do Instagram. Muitas operadoras brasileiras oferecem gratuitamente serviço de dados para utilização do WhatsApp e, segundo a última edição da pesquisa **Mensageria no Brasil — Agosto de 2021**,⁴ 99% dos celulares no país têm o aplicativo instalado. Já 53% possuem o aplicativo concorrente Telegram.

O questionário da pesquisa revelou que mais da metade dos projetos (57,06% ou 218 projetos) apresenta conta de WhatsApp, sendo que 30,10% (115 projetos) indicaram que o projeto é desenvolvido na plataforma.

GRÁFICO 6 | Projetos que apresentam uma conta de WhatsApp em comparação aos projetos que efetivamente usam o WhatsApp na realização de suas atividades de promoção à leitura

Fonte: Gráfico 55, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



A leitura é uma atividade social, e leitores que fazem parte de um grupo ou comunidade em que podem realizar trocas e produzir afetos relacionados ao universo da leitura têm mais oportunidades para manter o hábito de ler. Segundo os relatos, o WhatsApp parece ser uma importante ferramenta para a manutenção dos laços entre comunidades de leitores e troca de informações sobre livros e literatura. Esse tipo de interação aparece com frequência em clubes de leitura, como o **Clube de Leitura Vivências**, que destaca que a interação entre os membros é diária e trata especialmente sobre o autor ou a obra lidos. A plataforma também é um efetivo meio de divulgação das atividades do projeto.

O WhatsApp foi ainda mencionado como ferramenta na realização de algumas ações de formação de mediadores. O projeto **Leitura infantil digital todo dia para criança** utiliza a plataforma para o envio de atividades de incentivo à leitura diária e à prática da “literacia” familiar, nesse caso buscando a formação da família enquanto mediadora de leitura. Já no projeto **Formação de Agentes Culturais da Comunidade Cristo Rei**, o WhatsApp é utilizado para a realização de oficinas, que têm a duração de uma semana.

Finalmente, destacamos o projeto **Conte para Alguém: histórias para ouvir em casa**, um projeto de extensão realizado pela Universidade Estadual do Piauí, campus Heróis do Jenipapo, que promoveu durante a pandemia de COVID-19 a contação de histórias de literatura infantojuvenil, gravadas em áudio por voluntários e enviadas a crianças pelo WhatsApp.

O único projeto a mencionar o aplicativo Telegram foi o **Clube do Livro Ocultista**, também um clube de leitura que usa esse tipo de ferramenta para a interação entre os membros. Um aspecto relevante na descrição do projeto referente ao funcionamento dessas comunidades virtuais é que o projeto filtra os usuários que podem participar do grupo; uma vez que as obras lidas no clube são relacionadas ao ocultismo, uma prática religiosa que é muitas vezes alvo de preconceito e violência, os realizadores do clube veem a necessidade dessa seleção, de modo a evitar discurso de ódio contra seus membros.

1.4. Plataformas de videoconferência

Ao perguntar em que plataforma virtual os projetos eram realizados, o questionário inicial não havia previsto as plataformas de videoconferência dentre as respostas mais comuns, mas essa foi a ferramenta mais indicada na categoria “outros.” Quarenta projetos, ou 10,47% do total de projetos inscritos, citaram alguma plataforma de videoconferência. Foram mencionadas as plataformas Google Meet, Zoom, Webex, Skype, Microsoft Teams e Conferência Web RNP, sendo as duas primeiras mais amplamente citadas. Alguns projetos disseram utilizar mais de uma dessas plataformas.

Uma iniciativa que nos chamou muito a atenção foi o **Projeto Leitura Amiga**, que promove a leitura de histórias diariamente para crianças em abrigos por meio da plataforma Zoom. A iniciativa nasceu no contexto da pandemia, a partir da preocupação da realizadora com as crianças abrigadas, impossibilitadas do contato com os pais e, em razão do isolamento social, também com a escola. Assim, o projeto se utiliza da tecnologia não apenas para promover a leitura, mas também para levar a essas crianças o aconchego das histórias antes de dormir, promovendo trocas afetivas ainda que de maneira virtual.

As plataformas de videoconferência parecem ter sido a principal ferramenta utilizada pelos projetos para realizar reuniões e atividades que demandam a interação entre os participantes, como *workshops*, clubes e círculos de leitura.

O questionário aponta o surgimento, após o início da pandemia, de muitos clubes de leitura pelo Brasil que utilizam esse tipo de ferramenta digital para realizar suas atividades. Um exemplo é o **Clube de Encontros**, realizado pelo Instituto Federal de São Paulo na cidade de Itaquaquecetuba, na zona metropolitana da capital paulista. O projeto nasceu da dupla necessidade de organizar encontros entre as pessoas durante a pandemia e de realizar a promoção da leitura. O caráter social e comunitário da leitura, fundamental na formação e manutenção de leitores, aparece na pandemia de COVID-19 então como uma possibilidade de encontro para indivíduos em

situação de isolamento social, unindo pessoas por meio do interesse pela leitura.

O projeto se destaca ainda por utilizar a plataforma Conferência Web RNP, uma ferramenta de videoconferência gratuita oferecida pelo governo federal a instituições federais de ensino. Apesar de muitos projetos participantes da pesquisa serem associados a instituições federais de ensino, apenas o **Clube de Encontros** indicou usar essa plataforma, que, diferentemente das demais, não está associada a grandes empresas de tecnologia, as quais, mesmo quando oferecem um serviço gratuito, muitas vezes capitalizam com os dados e informações pessoais dos usuários. Tem-se então a necessidade de uma divulgação mais ampla de recursos tecnológicos públicos entre os projetos de leitura.

1.5. Podcasts

Podcasts são um formato emergente de conteúdo em formato de áudio digital, organizado em episódios, que pode ser escutado de forma online ou offline. São disponibilizados por meio de plataformas como Anchor, Spotify, Deezer e Google Podcasts, mas por vezes também através de mídias sociais como o Instagram e o YouTube.

O Brasil tem se destacado internacionalmente na produção de podcasts. Uma pesquisa internacional da Voxnest,⁵ de 2020, indica que o Brasil é o maior produtor de podcasts do mundo, ficando à frente do Reino Unido e do Canadá. Já um estudo do Ibope e da Globo⁶ indicou que, durante a pandemia, 57% dos brasileiros começaram a ouvir podcasts. O mesmo estudo destaca ainda as narrativas dentre os formatos favoritos dos ouvintes de podcast, sendo que 39% prefere narrativas de histórias reais, enquanto 22% prefere narrativas de ficção (o formato favorito em geral é o de entrevistas: 55% dos respondentes indicou essa opção), o que aproxima o formato do universo da leitura e da literatura. Desse modo, não é uma surpresa que o formato de podcast apareceu como uma ferramenta para a promoção da leitura dentre os projetos participantes da pesquisa.

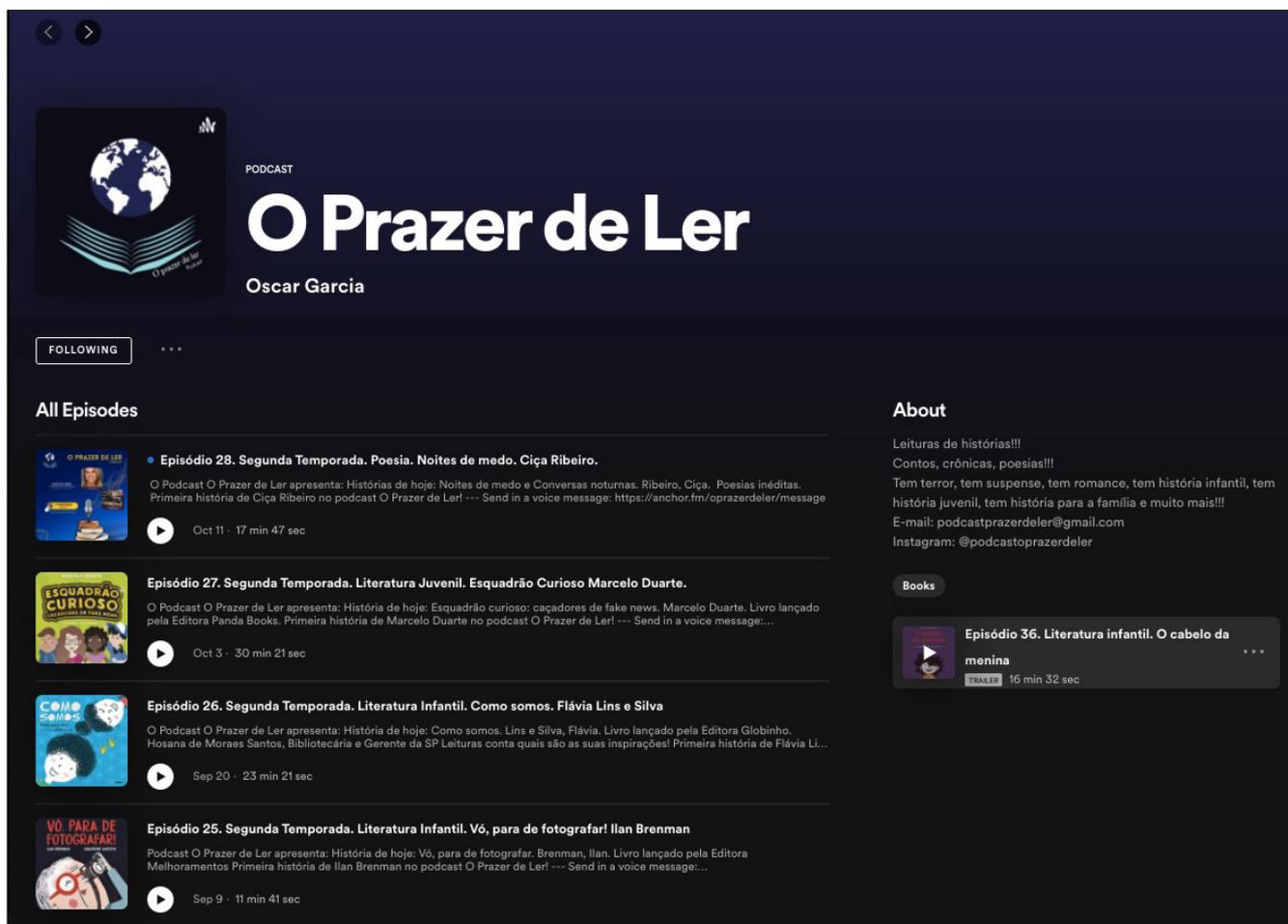
Dois dos projetos apresentados são podcasts: **Deixa que eu te conto...** (figura 13) e **O Prazer de Ler** (figura 14). O podcast **O Prazer de Ler**, produzido pelo bibliotecário Oscar Garcia, realiza a leitura de trechos de textos literários de todos os gêneros e para todos os tipos de leitores, sempre acompanhada de uma entrevista com os autores. A primeira temporada teve 48 episódios semanais e o projeto segue atuante na sua segunda temporada, tendo sido destaque no *Caderno 2* do jornal *O Estado de São Paulo*.

5 VOXNEST. **The State of the Podcast Universe Report**. 2020. Disponível em: <https://blog.voxnest.com/2020-mid-year-podcast-industry-report/>. Acesso em: 19 out. 2021.

6 IBOPE; GLOBO. **Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros**. 2021. Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em: 19 out. 2021.

FIGURA 13 | Captura de tela de página do projeto O Prazer de Ler na plataforma Spotify

Fonte: <https://open.spotify.com/show/0w7erfalV3l2CaelSgzlkw>



O podcast **Deixa que eu te conto...** também tem três bibliotecárias, Adília Araújo, Alice Idália e Lúcia Fidalgo, como idealizadoras. Nas palavras das próprias realizadoras, o podcast

"contribui através dos debates e questionamentos em torno do papel social e da democratização da leitura no ambiente da Biblioteca escolar, trazendo a responsabilidade ao profissional bibliotecário da importância do engajamento na promoção da leitura para crianças, jovens e adultos."⁷

O projeto, portanto, se utiliza do podcast, um formato de comunicação em ascensão, como ferramenta na formação de bibliotecários escolares e mediadores de leitura.

⁷ Relato de Adília Batista de Araújo, responsável pelo preenchimento do questionário pelo projeto **Deixa que eu te conto...**, em resposta à pergunta 63: "Justificativa do projeto."

FIGURA 14 | Captura de tela de página do projeto Deixa que eu te conto... na plataforma Spotify

Fonte: <https://open.spotify.com/show/0cNLYTt3073euZ1Shx6VUG>



The screenshot shows the Spotify interface for the podcast 'Deixa que eu te conto...'. At the top, the podcast cover features the title in large, bold letters. Below the cover, the hosts' names are listed: Adília Araújo, Alice Idália e Lúcia Fidalgo. A 'FOLLOWING' button is visible. The 'All Episodes' section lists four episodes with their respective dates and durations. The 'About' section provides a brief description of the podcast's focus on library-related topics.

deixa que eu te conto...
PODCAST
Adília Araújo, Alice Idália e Lúcia Fidalgo

FOLLOWING

All Episodes

- Episódio 39 - Promoção de competência em informação na biblioteca escolar**
Ser competente em informação é uma característica cada vez mais importante na sociedade atual, em que o acesso à informações verdadeiras ou falsas determinam as tomadas de decisões e até o rumo de importantes debates. Assim, bibliotecários e...
Sep 1 · 1 hr 8 min
- Episódio 38 - Retrato da Leitura no Brasil e as bibliotecas**
Nesse episódio tivemos o prazer de conversar com Graça Castro, presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Escolares CBBE/FEBAB. Graça nos falou sobre sua participação na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e sua percepção sobre os...
Aug 12 · 1 hr 17 min
- Episódio 37 - Biblioteca sem paredes**
Em nosso bate-papo de hoje vamos conversar com Carlos Farias, idealizador do projeto biblioteca sem paredes. Sim, livros livres para todos lerem sem nenhum tipo de obrigatoriedade. Livros para serem lidos, lembrados e compartilhados.
Jul 26 · 1 hr 16 min
- Episódio 36 - A formação de mediadores de leitura e a biblioteca escolar: um diálogo possível**
Qual a importância do mediador de leitura na formação do leitor crítico? Nosso episódio de hoje com a @leoneidemaranhao nos faz refletir sobre o papel fundamental da Mediação de leitura na biblioteca escolar. Mediador e leitor caminhando juntos na construçã...
Jul 12 · 1 hr 33 min

About
A bibliotecária escolar Adília Araújo e a escritora Lúcia Fidalgo apresentam um bate-papo descontraído sobre a importância da mediação de leitura no contexto da biblioteca escolar. Quinzenalmente, diferentes profissionais são convidadas(o) ... [see more](#)

Books

Alguns projetos indicaram podcasts como desdobramentos dos projetos principais. O projeto **Laboratório de Leitura**, um clube de leitura focado em clássicos da literatura universal, tem como desdobramento o podcast *Leia a Bula*, que traça conexões entre a literatura clássica e temas contemporâneos, e está disponível na plataforma Spotify e no YouTube. O projeto **Segundas Intenções**, da Biblioteca de São Paulo (BSP), tem, entre outros objetivos, o intuito de divulgar a Literatura Brasileira do século XXI. Isso resultou no site *Literatura Brasileira no XXI*, que conta com uma seção específica de indicação de podcasts literários.

1.6. Aplicativos desenvolvidos pelos próprios projetos

Alguns projetos não se utilizam de ferramentas e plataformas tecnológicas já existentes, mas desenvolvem aplicativos próprios. Nessa área, encontramos projetos que visam dar acesso a acervos de livros digitais, por meio

de aplicativos próprios de bibliotecas virtuais, também conhecidas como *streaming* de livros. Os projetos dessa categoria participantes na pesquisa foram o **Bamboleio App**, **Árvore** e **Aplicativo TecTeca**.

Segundo a última pesquisa **MUNIC — Pesquisa de Informações Básicas Municipais do IBGE**,⁸ com dados de 2018, 87,7% dos municípios têm bibliotecas públicas e apenas 17,7% possuem livrarias, números que sofreram forte queda desde 2014. Já dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)⁹ mostram que 55% das escolas públicas brasileiras não apresentam biblioteca, apesar da Lei n.º 12.244/10 determinar que, até maio de 2020, todas as escolas brasileiras deveriam apresentar uma biblioteca escolar, meta que não foi cumprida. O acesso ao livro no Brasil, portanto, é um dos principais entraves à promoção da leitura. Esses projetos visam superar essas barreiras, oferecendo o acesso ao livro e à leitura por meio de ferramentas digitais.

Essa dificuldade de acesso ao livro no Brasil é vista como uma oportunidade de negócio por esses projetos, que partem de iniciativas comerciais: são startups que vendem o acesso a serviços de biblioteca virtual. Os dois primeiros projetos, no entanto, além das atividades comerciais, realizaram ações sociais, oferecendo o acesso gratuito a crianças em vulnerabilidade social (**Bamboleio App**) e a certas escolas públicas (**Árvore**). Cada plataforma apresenta características próprias: o **Bamboleio App** é voltado à formação da leitores na infância e em contexto doméstico; aposta na curadoria dos títulos; a **Árvore** é voltada à leitura em contexto escolar, e apresenta ferramentas digitais para controle das atividades de leitura dos alunos pelo professor e ferramentas de gamificação da leitura; já o **Aplicativo TecTeca** aposta em histórias animadas e interativas.

1.7. Mídias tradicionais: rádio e televisão

As mídias tradicionais como o rádio e a televisão foram raramente mencionadas pelos projetos. Uma exceção é o projeto **EducAção**, programa de televisão veiculado no canal TV ALERJ, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, que traz o quadro *Clube do Livro*, com dicas de leitura, além da participação de promotores de leitura, como autores, contadores de histórias e professores. O programa também pode ser assistido on-line, pelo YouTube.

No universo do rádio, a exceção foi o **Programa Era Uma Vez**, programa semanal da Rádio Mega Brasil Online, que trata da literatura para a infância. Apesar de ser um programa veiculado em uma rádio comercial, as âncoras do programa realizam sua atividade de forma voluntária. Essa iniciativa destaca como o universo do livro, da leitura e sua promoção não costumam ter presença destacada ou valorizada na grande mídia no Brasil e que, muitas vezes, essa inserção depende de ações de indivíduos motivados e apaixonados.

⁸ IBGE. **MUNIC — Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2019**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html> Acesso em: 19 out. 2021.

⁹ INEP. **Censo escolar**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar> Acesso em: 19 out. 2021.

2. Infraestrutura tecnológica

A inclusão digital deve ser vista sob o ponto de vista ético, sendo considerada como uma ação que promoverá a conquista da “cidadania digital” e contribuirá para uma sociedade mais igualitária, com a expectativa da inclusão social (SILVA et al., 2005, p. 30).¹⁰

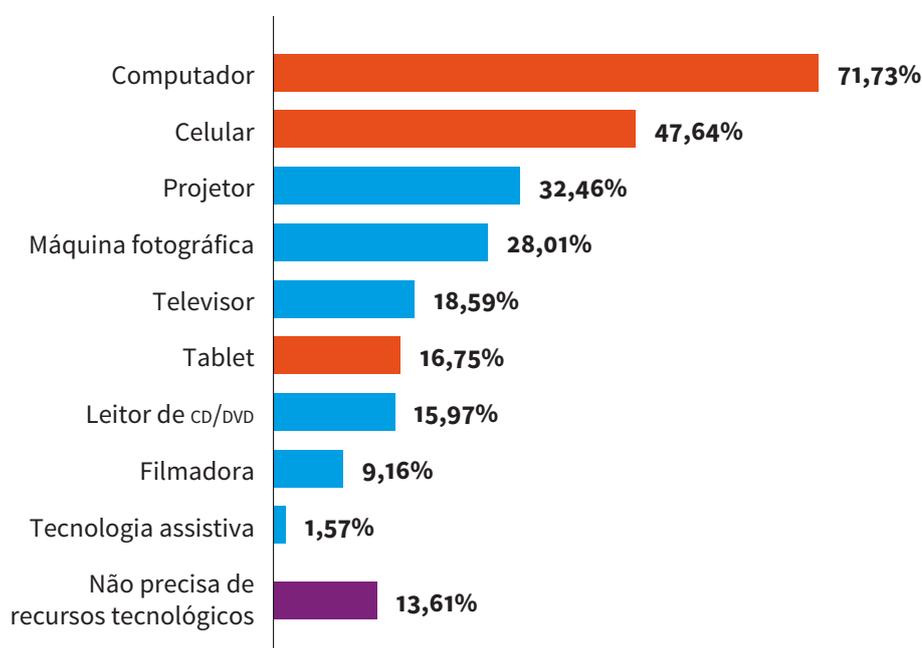
Uma vez que a tecnologia é hoje essencial para o desenvolvimento de grande parte das atividades humanas, se fez importante na pesquisa **O Brasil que Lê** investigar quais são os recursos tecnológicos disponíveis aos projetos, formando sua infraestrutura tecnológica e como esses recursos variam em diferentes subgrupos de projetos.

Assim, no que diz respeito à infraestrutura tecnológica (ver gráfico 7 a seguir), observamos que o computador é a ferramenta mais presente entre os projetos: 71,73% dos projetos têm computador e 16,75% possuem tablet, um computador móvel, geralmente de menor capacidade, mas com a possibilidade de uso de chip para conexão direta à internet. A seguir, temos o celular dentre os dispositivos mais utilizados, presente em 47,64% dos projetos, e o projetor, em 32,46% deles. Vemos, portanto, que uma porcentagem considerável dos projetos apresenta uma infraestrutura tecnológica para a realização de suas ações.

¹⁰ SILVA, Helena; JAMBEIRO, Othon; LIMA, Jussara; BRANDÃO, Marco Antônio. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 28-36, 2005. DOI: 10.1590/s0100-19652005000100004.

GRÁFICO 7 | Principais recursos tecnológicos disponíveis aos projetos

Fonte: Gráfico 56, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Mais de ¼ dos projetos (28,01%) apresenta máquina fotográfica e especulamos que estas são utilizadas principalmente para registrar as atividades realizadas, uma vez que 67,21% dos projetos que realizam avaliação de suas atividades indicaram fazê-lo por meio do registro fotográfico (ver gráfico 40 em **O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos**). Já 9,16% indicaram possuir filmadora, e 41,39% dos projetos que realizam avaliação o fazem por meio de vídeos. Os registros fotográficos ou em vídeo também podem ser realizados pelo telefone celular, mas uma vez que este é um dispositivo de uso individual, máquinas fotográficas e filmadoras são mais convenientes para circulação entre os realizadores dos projetos e podem mais facilmente ser utilizadas pelos próprios participantes.

A escassez de recursos é destacada no quesito tecnologia assistiva, que está presente em apenas 1,57% dos projetos de leitura (ver análise completa das questões de acessibilidade em **O Brasil que Lê: Mapeamento Analítico de Iniciativas de Leitura no Brasil**).

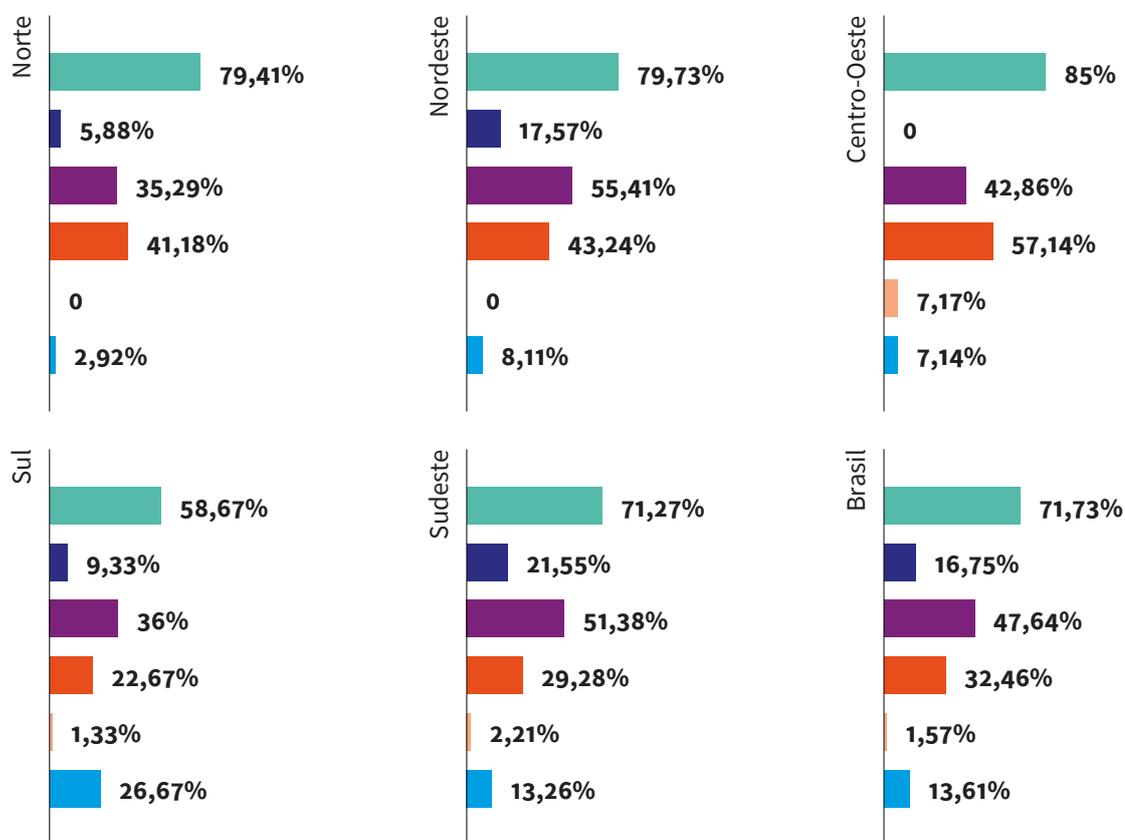
2.1. Infraestrutura tecnológica nas diferentes regiões do país

Quando comparamos os projetos das diferentes regiões do Brasil, o panorama muda ligeiramente. É notável que dentre projetos do Centro-Oeste, 85% tenha computadores disponíveis, mas nenhum possua tablet. O percentual de projetos com projetor também é maior que a média, com 57,14%,

assim como a presença de tecnologia assistiva. No entanto, é importante ressaltar que apenas 14 projetos da região Centro-Oeste se inscreveram na pesquisa (3,66% do total), e, portanto, a presença de alguns poucos projetos com uma infraestrutura mais robusta de tecnologia parece estar elevando os números acima da média nacional. Uma visão mais acurada das iniciativas de leitura da região demandaria uma amostra mais significativa de projetos.

GRÁFICO 8 | Recursos tecnológicos dos projetos de acordo com as macrorregiões geográficas

Fonte: Gráfico 57, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



- Computador
- Tablet
- Celular
- Projektor
- Tecnologia assistiva
- Não precisa de recursos tecnológicos

Outro dado que se destaca é uma presença menor de tecnologia, de maneira geral, nas regiões Sul, especialmente, e Sudeste, em relação à média nacional, acompanhadas de uma presença maior de projetos que dizem não precisar de recursos tecnológicos. Uma vez que estas são as regiões mais ricas do Brasil, concentrando alguns dos estados com maior PIB (Produto Interno Bruto),¹¹ não parece se tratar de falta de recursos. Uma hipótese para justificar esses números é o fato de a população dessas regiões possuir mais acesso a recursos tecnológicos¹² e, portanto, dependerem menos dos projetos de leitura para ter acesso a essas tecnologias ou mesmo para o desenvolvimento do projeto, já que poderiam usar os dispositivos pessoais da equipe do projeto. Já no caso das regiões Norte e Nordeste, os números podem resultar do maior isolamento dessas populações, em muitos casos distribuídas fora das zonas urbanas que apresentariam melhor infraestrutura, fazendo da tecnologia uma ferramenta ainda mais fundamental para a realização das ações de promoção à leitura nessas regiões.

2.2. Infraestrutura tecnológica de acordo com a origem dos projetos

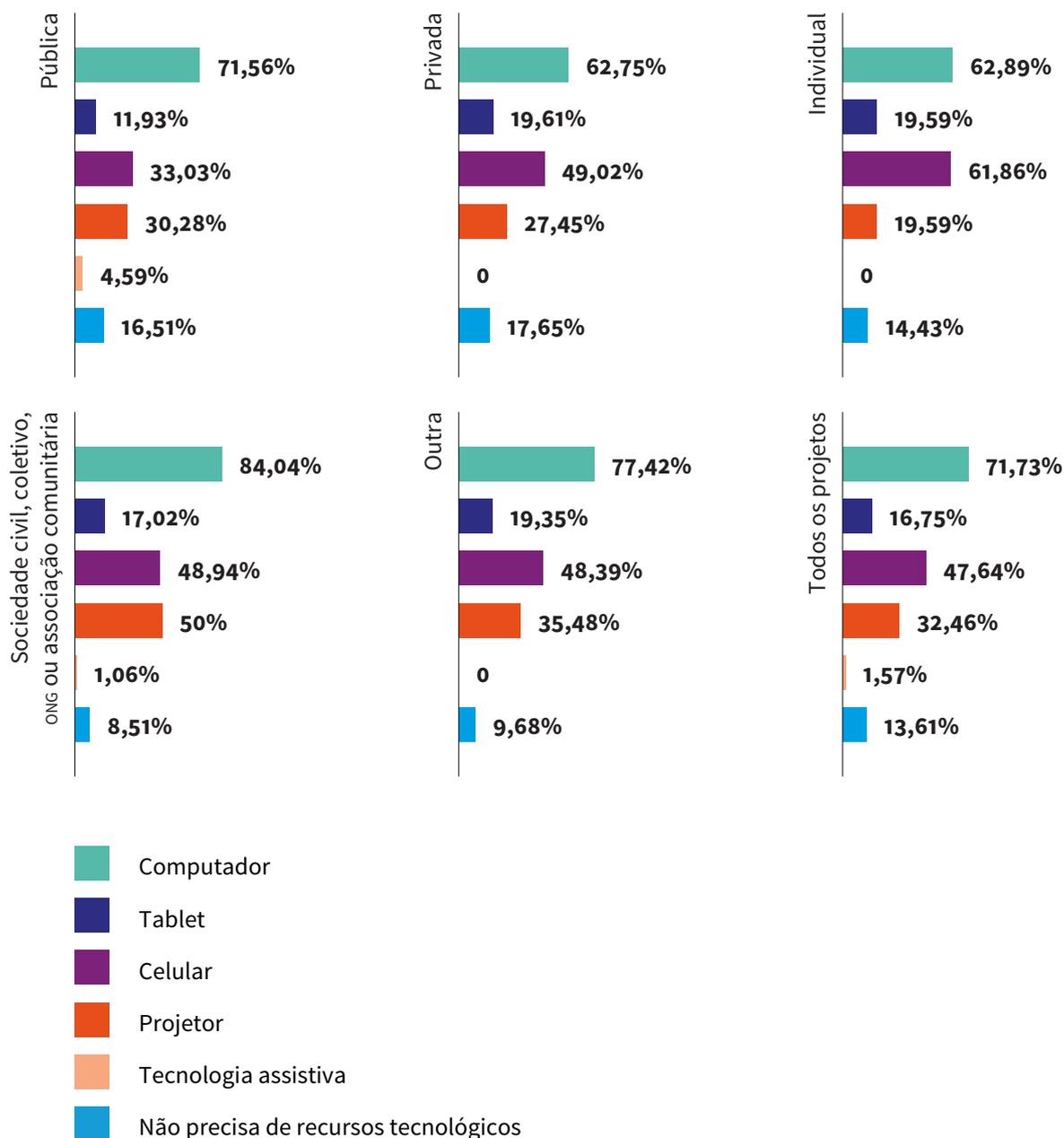
Quando comparamos os recursos tecnológicos dos projetos segundo sua origem (pública, privada, individual, sociedade civil, coletivo, ONG ou associações comunitárias) — ver gráfico 9 abaixo —, nos surpreendemos ao observar que os projetos de origem privada têm menos recursos tecnológicos à sua disposição (exceto o celular) do que todos os outros grupos de projetos, ao mesmo tempo que apresenta a maior porcentagem de projetos que não precisam desse tipo de recurso (17,65%), número ligeiramente maior que o observado entre os projetos de origem pública (16,51%).

11 IBGE. **Produto Interno Bruto — PIB.** <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php> Acesso em: 19 out. 2021.

12 Segundo a CETIC.br, 56% dos domicílios na Região Sul e 52% na Região Sudeste, tem computador, contra 29% no Nordeste, 39% no Norte e 48% no Centro-Oeste. Fonte: cgi.br/nic.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros — TIC Domicílios 2020 (Edição COVID-19 — Metodologia adaptada).** Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2020/domicilios/A1/> Acesso em: 19 out. 2021.

GRÁFICO 9 | Principais recursos tecnológicos segundo a origem do projeto

Fonte: Gráfico 58, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.¹³



Os projetos envolvendo grupos não associados a empresas privadas ou ao serviço público (sociedade civil, coletivo, ONG ou associação comunitária) se destacam em termos de infraestrutura tecnológica, principalmente no que diz respeito à disponibilidade de computadores (84,04%, bastante acima da média dos projetos, que é de 71,73%) e de projetores (50%, enquanto a média é 32,46%). Não é surpresa que grande parte dos projetos individuais (61,68%) tenha à sua disposição ao menos um telefone celular,

¹³ Para fins de apresentação dos dados, foram agrupados os projetos originários da sociedade civil, de coletivos, ONGs ou associações comunitárias, por se tratarem todos de projetos originários de um grupo de pessoas da comunidade, sem associação a órgãos públicos ou instituições privadas.

porcentagem que se notabiliza em relação aos projetos de outras origens. Especulamos que, em muitos casos, esses equipamentos pertençam aos indivíduos que realizam as ações, não sendo necessariamente equipamentos adquiridos com recursos financeiros do projeto ou sendo de uso exclusivo do projeto.

A disponibilidade de tecnologia assistiva foi muito baixa nos projetos de maneira geral, sendo, em média, presente em apenas 1,57% dos projetos. Nesse quesito, os projetos de origem pública se sobressaem, pois essa infraestrutura está disponível em 4,59% dos projetos, cerca de três vezes mais. Além disso, 34% dos projetos de origem pública indicaram a previsão de ações de acessibilidade (pergunta 71). Ainda assim, a quantidade de projetos que apresentam tecnologias assistivas é bastante reduzida tendo em vista que, segundo dados de 2019 do IBGE, 8,4% da população com 2 anos ou mais (17,3 milhões de pessoas) apresenta deficiência relacionada a pelo menos uma de suas funções.¹⁴ De todo modo, vemos a importância do poder público em promover a leitura entre as pessoas com algum tipo de deficiência, uma vez que **nenhum** dos projetos de origem privada apresentou esse tipo de suporte tecnológico, apesar de 35,29% deles prever ações de acessibilidade.

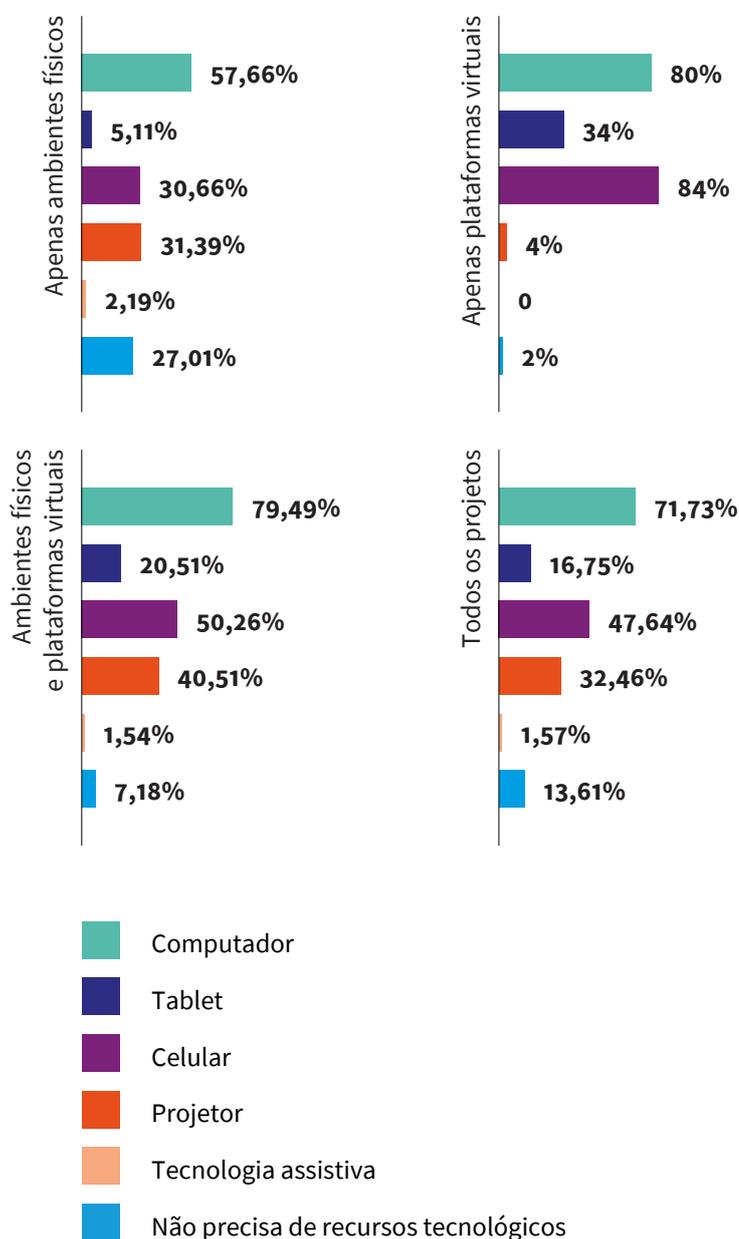
2.3. Recursos tecnológicos de acordo com o ambiente de realização do projeto

Outro ângulo de análise da infraestrutura tecnológica dos projetos é a comparação dos subgrupos de projetos realizados em ambiente digital, em ambiente físico e de modo híbrido (parcialmente em ambiente físico e parcialmente em ambiente digital) (ver gráfico 10 abaixo). A hipótese que se confirmou é que os projetos realizados apenas em ambiente digital teriam uma maior infraestrutura tecnológica, seguidos pelos projetos híbridos.

¹⁴ IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, [Ministério da Saúde]. **Pesquisa nacional de saúde:** 2019: ciclos de vida: Brasil. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101846> Acesso em: 19 out. 2021.

GRÁFICO 10 | Principais recursos tecnológicos dos projetos de acordo com o ambiente de realização das atividades

Fonte: Gráfico 59, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Mesmo entre os projetos que ocorrem apenas em ambientes físicos, o computador segue sendo o recurso mais presente (57,66% dos projetos), enquanto nos projetos que ocorrem apenas no ambiente digital, esse percentual chega a 80%. Esse grupo de projetos é ainda o que mais apresenta tablets (34%) e celulares (84%) à sua disposição. Foi a única subcategoria de projeto analisada em que os celulares foram mais mencionados que os

computadores, indicando que a realização das ações em meio virtual ocorre com frequência usando esse dispositivo. Essa informação é congruente com os dados apresentados no capítulo anterior, que indicam que muitos projetos exclusivamente digitais são realizados em mídias sociais, que são por vezes mais facilmente alimentadas com o uso de dispositivos móveis, como telefones celulares e tablets.

15 Relato de Luci Mary Corrêa Lopes, responsável pelo preenchimento do questionário pelo projeto **A leitura literária nos extremos da Amazônia: formando leitores na Ponta do Abunã**, em resposta à pergunta 83: “O que você sonha para o futuro do projeto?”

Como esperado, o grupo com maior número de projetos que não utilizam recursos tecnológicos ficou com os projetos que ocorrem apenas em ambientes físicos (27,01%), seguidos pelos projetos que ocorrem em ambiente misto, físico e virtual (7,18%). Este último número reforça a ideia, já discutida anteriormente, de que alguns projetos assinalaram a opção mista, mas suas atividades no meio digital são de divulgação e comunicação apenas, sendo as ações de promoção à leitura realizadas em espaços físicos. Somente 1 projeto (2%) indicou ocorrer em ambiente virtual e assinalou não precisar de recursos tecnológicos, o que parece indicar erro no preenchimento do questionário.

2.4. Necessidade de mais recursos tecnológicos

Surpreendentemente, apenas 3,82% dos projetos (10 projetos) citam dentre as dificuldades enfrentadas a falta de recursos tecnológicos (mencionados no campo “outras dificuldades”), ainda que 76,74% dos projetos mencione como dificuldade a falta de recursos financeiros, que potencialmente poderiam ser utilizados para a aquisição de tecnologia.

Apesar da centralidade da tecnologia hoje em nossas experiências de leitura, o acesso à tecnologia digital e à internet praticamente não apareceu entre os objetivos e desejos dos projetos, exceto em dois casos: o projeto **O Contágio Pela Leitura**, do Rio Grande do Norte, indica entre seus desejos para o futuro poder ofertar um espaço para a inclusão digital; já o projeto **A leitura literária nos extremos da Amazônia: formando leitores na Ponta do Abunã** diz que seu sonho

“[...] é dar continuidade ao projeto de forma presencial como estava sendo feito, com condições de oferecer aos professores e alunos materiais tecnológicos, como computadores e internet com velocidade para atender as necessidades de professores e alunos, bem como a aquisição de livros de literatura infantojuvenil.”¹⁵

Curiosamente, esses dois projetos se situam no Norte/Nordeste no Brasil, reforçando a hipótese de que a dificuldade de acesso à tecnologia nesses locais pode ser um motivador para a incorporação de ações de inclusão digital e uso de tecnologia nos projetos de leitura dessas regiões, em comparação ao Sul/Sudeste.

3. Acervos digitais

A escrita forjou seu próprio sistema de auto-reprodução através da imprensa. A cada etapa da evolução da linguagem, a cultura torna-se mais potente, mais criativa, mais rápida. Acompanhando o progresso das mídias, os espaços culturais se multiplicaram e enriqueceram-se: novas formas artísticas, divinas, técnicas, revoluções industriais, revoluções políticas. O ciberespaço representa o mais recente desenvolvimento da evolução da linguagem (LÉVY, 2004, p. 11-12).¹⁶

Ser ler o mundo antecede à leitura da palavra, como nos ensinou Paulo Freire, hoje, a leitura da palavra está inserida em praticamente todos os contextos, integrada, das mais diversas maneiras, a outras linguagens e recursos de construção de sentido. Ser leitor no mundo contemporâneo significa saber ler, compreender e posicionar-se criticamente frente a textos multimodais, que incluem a palavra escrita mas não estão reduzidos a ela. Além disso, o ambiente digital é um espaço hoje privilegiado para a circulação de textos em todas as linguagens, estando à mão da grande maioria dos brasileiros. Segundo dados da pesquisa **TIC Domicílios 2020**¹⁷, 89% dos brasileiros possuem telefone celular; mesmo nas classes D e E, esse número atinge 80%. Outro dado relevante da mesma pesquisa é que 87% dos brasileiros usaram a internet no telefone celular nos três meses anteriores à pesquisa.

Num país de dimensões continentais e grande desigualdade socioeconômica como o Brasil, o meio digital parece ser um local privilegiado para a promoção da leitura, alcançando contextos remotos e com restrições de acesso a livros e outros materiais impressos. No entanto, quando

¹⁶ LÉVY, P. Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura. In: LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 11-13.

¹⁷ [cgi.br/nic.br](https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2020/domicilios/), Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros — TIC Domicílios 2020 (Edição COVID-19 — Metodologia adaptada)**. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2020/domicilios/> Acesso em: 19 out. 2021.

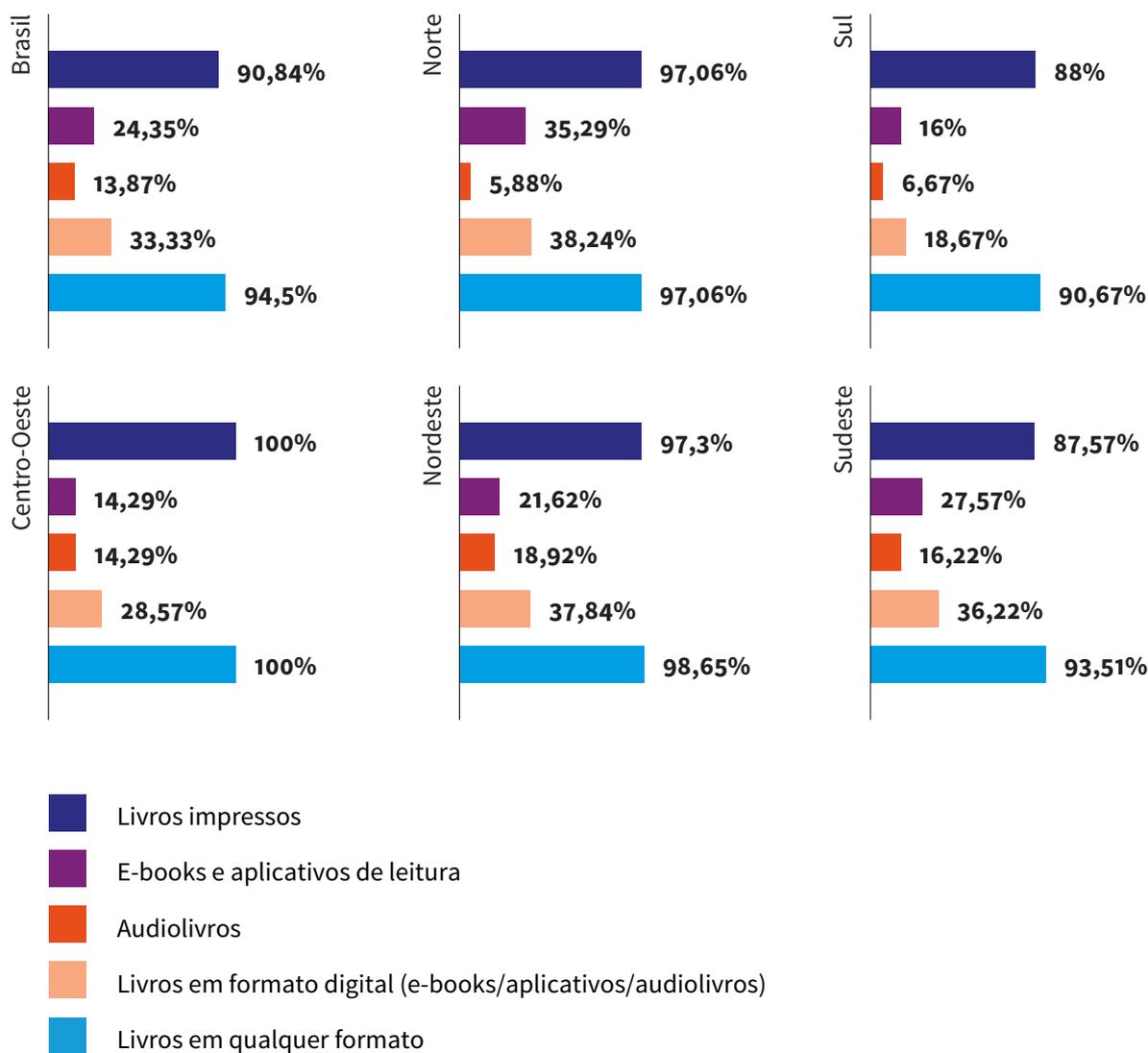
observamos os acervos pertencentes aos projetos de leitura, vemos que os livros em meio impresso formam esmagadoramente a maior parte dos acervos. Considerando o total dos projetos, 90,84% deles inclui livros impressos, enquanto apenas 24,35% oferece e-books ou aplicativos de leitura e 13,87% oferece audiolivros. Considerados juntos, vemos que 94,50% dos projetos oferece livros em alguma mídia ou formato em seus acervos, um resultado expressivo.

Dentre os projetos inscritos na pesquisa **O Brasil que Lê**, muitos clubes de leitura mencionaram a utilização de livros digitais, especialmente durante a pandemia. No campo do audiolivro, se destacou o **Clube do Audiolivro**, projeto da Biblioteca de São Paulo, que oferece a seus sócios o acesso gratuito aos audiolivros selecionados para discussão. Essa biblioteca apresenta ainda uma biblioteca virtual, onde os sócios podem fazer empréstimos de e-books e audiolivros por meio de um aplicativo próprio.

O gráfico a seguir compara os índices de presença de livros nos diferentes meios e formatos nos acervos dos projetos entre as regiões do Brasil:

GRÁFICO 11 | Presença de livros nos acervos dos projetos, considerando diferentes mídias e formatos

Fonte: Gráfico 60, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



No caso dos livros impressos, há pouca variação entre as regiões do Brasil. O Centro-Oeste se destaca com 100% dos projetos tendo livros impressos em seu acervo, porém vale lembrar que a amostra de projetos dessa região é pequena (apenas 14 projetos). Notamos que a Região Norte se destaca na oferta de livros eletrônicos e 35,29% de seus projetos possui livros nesse formato, mas apenas 5,88% possui livros no formato audiolivro. Já o Nordeste se destaca exatamente no acervo de audiolivros, com 18,92% dos projetos tendo obras nesse formato. Considerando os e-books e audiolivros juntos, estas duas últimas regiões são as que mais apresentam livros em formato digital, aproximadamente 38% de cada. O Sul do Brasil

se destaca no outro extremo, pela presença reduzida de e-books (16%) e audiolivros (6,67%) dentre os itens de seus acervos.

Quando observamos esses números em comparação à infraestrutura tecnológica dos projetos por região (ver gráfico 8), há uma consonância, pois os estados do Norte e Nordeste apresentaram uma infraestrutura tecnológica mais robusta, que dá suporte ao acesso e à distribuição de um acervo em meio digital, enquanto os projetos do Sul têm menos recursos tecnológicos e menos projetos apresentam livros em formato digital em seus acervos.

Esses dados confirmam os resultados da pesquisa **Hábitos Culturais II — Junho 2021**,¹⁸ realizada pelo Itaú Cultural e Datafolha, que indica que, antes da pandemia, 35% dos entrevistados, na média nacional, liam e-books, mas os dados específicos às regiões Nordeste e Norte/Centro-Oeste (combinadas) eram ligeiramente maiores: respectivamente 37% e 38%. Já durante a pandemia, houve um aumento na leitura de e-book, para 40% na média nacional, e novamente o Nordeste se destaca com 42% e o Norte/Centro-Oeste com 45%.

A distribuição das livrarias nas diferentes regiões do Brasil é um dado relevante para pensar as relações entre as populações das diferentes regiões do país com o livro impresso. Segundo dados de 2014 da Associação Nacional de Livrarias (ANL), apenas 4% das livrarias nacionais se encontravam na Região Norte, 6% no Centro-Oeste, 16% no Nordeste, 19% no Sul e 55% no Sudeste.¹⁹

Em meio a esse cenário, o fato de as regiões Norte e Nordeste apresentarem maiores acervos de livros em formato digital que o Sul e o Sudeste, regiões mais ricas do país, pode advir dos hábitos de leitura em meio digital e de diferentes percepções sobre esse tipo de leitura nessas regiões. No Norte e Nordeste, em que o formato digital tem maior relevância no acesso à leitura, dada a carência de livros físicos por falta de livrarias, bibliotecas ou recursos financeiros, os promotores da leitura podem ter uma visão mais aberta à leitura digital e a livros nesse formato. Já nas regiões Sul e Sudeste, mais bem-abastecidas de livros impressos, estes ganham prioridade nas ações de fomento à leitura.

3.1. Variedade de itens no acervo

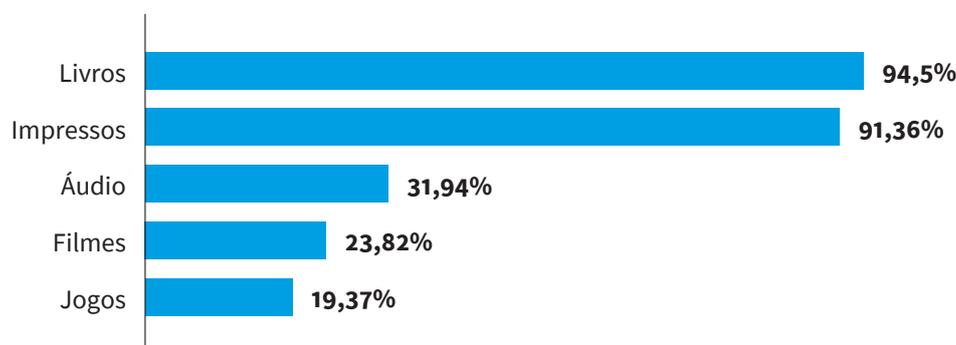
Não apenas de livros são compostos os acervos dos projetos de leitura. Esses acervos podem ser organizados em subcategorias, de acordo com as linguagens e os formatos oferecidos. Além de livros (impressos, e-books, aplicativos ou audiolivros) e materiais impressos (incluindo livros, revistas, gibis e fotografias), temos acervos de filmes (vhs e dvd), áudio (podcast, audiolivro, cd, cassete, disco de vinil) e jogos (analógicos e eletrônicos, incluindo brinquedos) (ver gráfico a seguir).

18 ITAÚ CULTURAL; DATAFOLHA. **Hábitos Culturais II — Junho 2021**. Jun. 2021. Disponível em: https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100847/Pesquisa_H%C3%A1bitos_Culturais_-_divulga%C3%A7%C3%A3o_cred.pdf Acesso em: 17 nov. 2021.

19 O GLOBO. **Pesquisa detalha distribuição das livrarias no país**. 18 ago. 2014. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/pesquisa-detalha-distribuicao-das-livrarias-no-pais-13635933> Acesso em: 19 nov. 2021.

GRÁFICO 12 | Itens dos acervos organizados em categorias

Fonte: Gráfico 61, *O Brasil que Lê: Tabulações e Gráficos*.



Depois dos livros (94,50%) e dos impressos (91,36%), vemos que os acervos de áudio são os mais frequentes, estando disponíveis em 31,94% dos projetos, sendo os CDs os itens mais comuns nesse grupo. Filmes em DVD ou VHS estão disponíveis em 32,82% dos projetos, enquanto os jogos, em 19,37% deles.

O Brasil é um país com uma cultura audiovisual bastante forte, mas ainda que os televisores estejam presentes em 96,3% dos domicílios,²⁰ o acesso à produção audiovisual cinematográfica ainda é bastante restrito. Um dado que representa essa demanda é que 23% dos municípios brasileiros ainda têm videolocadoras (contra apenas 17,7% com livrarias, como já mencionado anteriormente),²¹ apesar de essa tecnologia ser considerada ultrapassada frente aos serviços atuais de *streaming* de filmes. Para ter acesso a esses serviços, no entanto, é preciso um computador ou *smart TV* e conexão à internet de boa qualidade. Assim, não surpreende que cerca de 1/3 dos projetos (28,82%) de leitura apresentem filmes em seus acervos. Além disso, na pesquisa, 26,6% dos projetos indicaram realizar sessões de filme como parte de suas atividades. Dentre estes, mais da metade (53,40%) tem filmes em DVD ou VHS em seus acervos.

No caso dos jogos, destaca-se o fato de que apenas 2,88% dos projetos têm oferta de jogos eletrônicos. A **Pesquisa Game Brasil 2021**²² destaca que 72% dos brasileiros possuem o costume de jogar jogos eletrônicos. Já a pesquisa **Hábitos Culturais II — Junho 2021**²³ indica que 41% dos entrevistados jogavam jogos online antes da pandemia, número que aumentou ligeiramente para 43% durante a pandemia.

Muito comumente, os jogos eletrônicos são vistos como opostos ao universo da leitura, ocupando o tempo dos indivíduos com uma forma pouco enriquecedora de entretenimento. No entanto, há um grupo de jogos com um componente literário significativo — e muitas vezes estes são considerados por especialistas dentro do universo da literatura digital — e outros

20 IBGE. **Tecnologia da Informação e Comunicação — TIC**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/ciencia-tecnologia-e-inovacao/9137-pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nas-empresas.html?=&t=o-que-e> Acesso em: 19 out. 2021.

21 IBGE. **MUNIC — Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2019**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html> Acesso em: 19 out. 2021.

22 Blend New Research, ESPM, Go Gamers, Sioux Group. **Pesquisa Game Brasil 2021**. Disponível em: <https://www.pesquisagamebrasil.com.br/> Acesso em: 19 out. 2021.

23 ITAÚ CULTURAL; DATAFOLHA. **Hábitos Culturais II — Junho 2021**. Jun. 2021. Disponível em: https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100847/Pesquisa_H%C3%A1bitos_Culturais_-_divulga%C3%A7%C3%A3o_cred.pdf Acesso em: 17 nov. 2021.

que são adaptações de textos literários. Uma vez que a grande maioria da população joga e que há jogos narrativos com forte relação com o universo literário, é preciso repensar a relação entre o universo da leitura com o dos jogos eletrônicos. Parece urgente que haja projetos no universo da leitura que reforcem as relações entre leitura, literatura e jogos, e que se preocupem em formar leitores críticos e autorregulados dentro do universo da leitura de jogos eletrônicos, uma vez que o uso excessivo dessa mídia pode levar ao vício e ser prejudicial aos indivíduos.²⁴

Ainda que o acervo de livros impressos seja esmagadoramente mais significativo que o de livros digitais e audiolivros, filmes e jogos eletrônicos, alguns projetos se destacaram por buscar promover a leitura em suas múltiplas facetas, reconhecendo que a leitura hoje envolve diversas linguagens e meios, incluindo a grande variedade de gêneros presentes no universo digital.

Como vimos anteriormente, a maior parte dos projetos possui uma infraestrutura tecnológica básica e hoje há inúmeras ferramentas de fácil acesso que possibilitam a produção de livros digitais, audiolivros, podcasts etc., para circulação interna ou publicação na internet. Essas práticas não só contribuem para a circulação de textos e conteúdos relacionados ao livro, à leitura e à literatura, mas podem se constituir em práticas de formação de escritores/criadores em múltiplas linguagens. Alguns projetos realizados em escolas merecem destaque neste quesito, por envolver a criação textual em diversas linguagens ou produzir um acervo próprio de obras em formato digital.

O **Ciberteca** é um projeto que se destaca na produção de livros digitais com a produção textual de alunos e professores do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, associado à Universidade Federal de Juiz de Fora. O projeto conta com três bibliotecas digitais, uma infantil, uma juvenil e uma do professor, e os e-books são produzidos por bolsistas extensionistas, alunos de graduação da universidade. Assim, o projeto promove não só a criação textual, mas a circulação desses textos na comunidade escolar, os letramentos tradicional e digital, além de realizar o registro e a memória das atividades escolares. O projeto ainda realiza a produção de audiolivros, buscando tornar esse conteúdo acessível a deficientes visuais.

Outro caso notável é o **Projeto Institucional Clube da Leitura EMMRC**, que

“promove o engajamento dos estudantes em práticas de leitura, escrita e oralidade, dando suporte às ações docentes e incentivando ações lúdicas de formação de leitores. É uma estratégia complementar de ensino e aprendizagem, com foco na leitura literária, mas que perpassa a leitura instrumental/informativa e fomenta as práticas de alfabetização e letramento. Tem uma dimensão cultural, pautada na perspectiva estética/artística dos textos literários, dialogando com outras linguagens como teatro, música, cinema e tecnologia.”²⁵

Entre as muitas atividades realizadas pelo projeto, são produzidos e-books com a produção escrita dos alunos, além de podcasts desenvolvidos pela turma, que trazem a recitação de textos literários por alunos e professores.

²⁴ GROS, L. et al. Video Game Addiction and Emotional States: Possible Confusion Between Pleasure and Happiness? *Front. Psychol.* 27 jan. 2020. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02894>

²⁵ Relato de Jéssica Rodrigues Romualdo, responsável pelo preenchimento do questionário pelo **Projeto Institucional Clube da Leitura EMMRC**, em resposta à pergunta 63: “Justificativa do projeto.”

Já o projeto **Chá Literário**, promovido pela biblioteca da Escola Básica Municipal Alberto Stein de Blumenau/SC, tem entre seus objetivos, “Promover a leitura nas diferentes linguagens ampliando o letramento literário.”²⁶ Como mencionado acima, os jogos eletrônicos raramente fazem parte dos acervos dos projetos; nesse caso, no entanto, o projeto envolveu a construção do jogo eletrônico *Chá Literário – Contos de Fadas 2020*, em que os leitores podem utilizar seu repertório literário de maneira integrada com a linguagem dos games.

Por fim, destacamos três projetos que são dedicados à promoção do letramento digital e da leitura em meios digitais: o **Codex Club** realiza oficinas de promoção à leitura em meio digital com mediadores de leitura, jovens e famílias; o **Leitura na Tela** realiza campanhas online para a promoção e conscientização acerca da leitura em meio digital e da literatura digital de qualidade; já o **NEPCED na Escola** é um projeto de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais e visa promover a reflexão acerca da cultura escrita digital nas escolas de Educação Básica, por meio da formação de professores.

²⁶ Relato de Aroraima Maria Baggio Prado, responsável pelo preenchimento do questionário pelo projeto **Chá Literário**, em resposta à pergunta 67: “Liste os objetivos específicos do projeto.”



CONCLUSÃO

Realizada durante o período da COVID-19, a pesquisa **O Brasil que Lê** pôde verificar os impactos da pandemia nas ações dos projetos aqui analisados. Se, por um lado, a necessidade do distanciamento social incapacitou as atividades presenciais e muitas práticas leitoras desses projetos, por outro, muitos encontraram nas dificuldades a necessidade de fazer uso de novas ferramentas tecnológicas para a comunicação com seu público-alvo e outros nasceram da vontade de romper o isolamento e compartilhar sua paixão pela leitura. Booktubers, podcasts, clubes do livro por videoconferência e outras ações em meio digital ampliaram seu espaço na mediação de leitura nesse período, em projetos frequentemente realizados por indivíduos ou pequenos grupos da sociedade civil. Nos projetos institucionalizados, principalmente nos advindos de bibliotecas, as redes e mídias sociais são usadas ainda como meio de divulgação ou vitrine para o trabalho presencial.

A realização de atividades de forma virtual é uma prática que acreditamos deverá se manter mesmo com a retomada das atividades presenciais, pois a realização de ações de modo virtual permite alcançar um público antes não alcançado e melhor comunicar-se com a audiência cativa dos projetos. A tendência que projetamos, portanto, é o crescimento nos projetos realizados de forma híbrida (tanto em espaços físicos como virtuais).

Observamos também que a maioria dos projetos apresenta uma infraestrutura tecnológica básica a seu dispor, especialmente com a presença de computadores, celulares e projetores. Apesar de o computador ser a ferramenta tecnológica mais usada pelos projetos, não temos dados quanto à

oferta e à qualidade da conexão à internet disponível. No entanto, a presença de celulares em mais de 60% dos projetos indica que eles estão, de alguma forma, conectados à rede. Nesse campo da infraestrutura tecnológica, muitas perguntas restam para futuros estudos. Devemos ainda investigar se esses equipamentos são de posse dos projetos ou dos indivíduos que atuam na promoção à leitura. Outra questão em aberto é quais são os usos desses recursos tecnológicos pelos projetos e se tais recursos estão disponíveis à audiência das iniciativas, promovendo a inclusão digital.

As diferenças regionais nos surpreenderam quanto aos equipamentos e acervos digitais. Mais do que uma questão de recursos financeiros para sua aquisição, concluímos que é a necessidade e a postura frente ao uso da tecnologia que mobiliza a presença e o uso, ou não, desses recursos. Mais projetos nas regiões Sul e Sudeste, as mais ricas e mais bem conectadas do país, disseram não precisar de recursos tecnológicos e também apresentaram menos recursos tecnológicos e menor presença de itens digitais em seus acervos. Por outro lado, os projetos das regiões Norte e Nordeste apresentam uma maior infraestrutura tecnológica e maior frequência de e-books, aplicativos de leitura e audiolivros em seus acervos. Essas questões, que seriam exploradas nas visitas presenciais programadas inicialmente pela pesquisa, mas se tornaram inviáveis em razão da pandemia de COVID-19, merecem uma análise mais aprofundada em estudos futuros, que busquem confirmar algumas das justificativas hipotéticas levantadas neste relatório.

Outra questão importante a ser refletida diz respeito ao papel do **mediador de leitura nas redes e mídias sociais** e aos perfis de mediadores que se destacam em projetos desenvolvidos em ambiente digital. No caso dos podcasts, por exemplo, observamos um destaque na participação de bibliotecários como realizadores.

Com a emergência das mídias sociais, uma dinâmica inteiramente nova surge na experiência de mediação. Novas interfaces, novas linguagens, novas ferramentas. O próprio termo “mídias sociais” pode ser entendido de forma muito genérica, já que ele abrange um conjunto de ferramentas de interação.

Especialmente em relação aos projetos desenvolvidos em bibliotecas, cabe ao mediador escolher quais as melhores ferramentas para realizar a mediação entre a comunidade e a biblioteca. Para fazer uma boa mediação sociotécnica, o bibliotecário precisa conhecer os vários acervos e recursos tecnológicos que a biblioteca e sua comunidade possuem, para escolher as mídias sociais e as redes em que deseja atuar. Aliar as necessidades informacionais dos usuários às múltiplas possibilidades que o ciberespaço oferece é de extrema importância para os mediadores de leitura, pois as mídias sociais podem intensificar as possibilidades de mediação, além de aumentar as conexões com usuários, tanto reais como potenciais, uma vez que se mostra crescente o número de brasileiros que recorrem às mídias sociais como porta de entrada para a internet.

Há um mundo de descobertas e possibilidades ao alcance do mediador, mas para isso é preciso criatividade e conhecimento das ferramentas e do público com quem se quer se interagir.

"[...] o mediador não pode depender de receitas e fórmulas, tomadas de outras situações e contextos, como modos de fazer. É necessária uma atitude de reflexão sobre as implicações presentes no ato de ler e o estabelecimento de uma disposição para inovar, nascida da confiança em sua própria capacidade de pensar e criar nas circunstâncias em que se desenvolve seu propósito."²⁷

²⁷ YUNES, Eliana. **Tecendo um Leitor**: rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009, p. 9.

Tutoriais, cursos, formação são imprescindíveis no conhecimento das ferramentas, das linguagens, dos recursos, porém, não existem modelos prontos ou fórmulas mágicas sobre como utilizá-los para efetivamente formar leitores. Cada projeto nasce de uma demanda e um contexto únicos, e cada promotor de leitura deve encontrar a proposta que melhor funciona dentro de sua realidade. Nesse percurso, no entanto, é fundamental não se esquecer de que quem está do outro lado da tela é outro ser humano — um indivíduo que participa da rede, que está no grupo do WhatsApp, que segue o projeto no Instagram. Indivíduos que trazem suas próprias ideias, experiências, repertório e interesses e querem participar, compartilhar, se dar a conhecer.

Ser leitor nunca foi tão importante. Ler livros, ler as artes, ler as pessoas, ler a história, ler o mundo, para nele se comunicar e compreender as várias linguagens e possibilidades que o real e o virtual podem nos proporcionar. As novas tecnologias são mais uma possibilidade e oportunidade no trabalho apaixonado de levar o universo encantado da leitura a todos.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

CGI.br/NIC.br; Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros — TIC Domicílios 2020 (Edição COVID-19 — Metodologia adaptada).** Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2020/domicilios/A1/> Acesso em: 19 out. 2021.

IBGE. **MUNIC — Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2019.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html> Acesso em: 19 out. 2021.

IBGE. **Tecnologia da Informação e Comunicação — TIC.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/ciencia-tecnologia-e-inovacao/9137-pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nas-empresas.html> Acesso em: 19 out. 2021.



SOBRE AS AUTORAS

ALINE FREDERICO_ (<https://alinefrederico.com/>) é pesquisadora em leitura e literatura infantil digital. Doutora em Educação pela Universidade de Cambridge, Reino Unido (2018). Atualmente é professora no curso de Produção Editorial da Escola de Comunicação da UFRJ e realiza pós-doutorado em Literatura e Crítica Literária na PUC-SP. Colabora como pesquisadora com a Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio e participa de diversos grupos de pesquisa na área de literatura infantil e digital. Sua titulação inclui ainda mestrado em Literatura Infantil pela Universidade da Colúmbia Britânica, Canadá (2014), especialização em Design Gráfico pelo Centro Universitário Senac (2008) e graduação em Editoração pela ECA-USP (2005). Membro do corpo de jurados dos prêmios Selo Cátedra 10 de literatura infantil da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio e ComKids interativo na categoria livro digital, e também do [Coletivo Leitura na Tela](#).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8267567553153984>

VIVIANE MOREIRA_ é Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio. Com formação técnica em web design, possui experiência em EAD por meio do trabalho como tutora no Curso de Teologia a Distância da PUC-Rio, experiência profissional com inclusão digital e implementação de métodos de utilização de TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação) em comunidades carentes através da ONG SOCID (Sociedade Digital), trabalhando no Projeto Furnas Digital (2007-2009). Atualmente é analista de mídias digitais do iiLer e da Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio, nos quais é diretora da [Revista L.E.R \(Leitura em Revista\)](#), diretora visual da [Revista Cátedra Digital](#) e pesquisadora no Projeto O Brasil que Lê. Também é editora, junto a Eliana Yunes, da Editora Saberes em Diálogo.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2098264844113312>





v.

O BRASIL QUE LÊ
Tabulações e gráficos

Viviane Moreira

APRESENTAÇÃO

Se perguntarmos ao Google o que é um número, a primeira resposta será da Wikipédia: “Número é um objeto abstrato da matemática usado para descrever quantidade, ordem ou medida. O conceito de número provavelmente foi um dos primeiros conceitos matemáticos assimilados pela humanidade no processo de contagem.”¹

Esta pesquisa tem muitos números. Inicialmente, 6 meses, 48 reuniões da equipe de 8 pesquisadoras que permaneceu cerca de 144 horas online, para preparar um questionário de 87 questões em 34 páginas.

O questionário recebeu 997 acessos, e, excluídos aqueles que não completaram o preenchimento ou não se configuraram como projetos, chegamos, enfim, às 382 respostas reconhecidas como projetos de leitura e formação de mediadores de leitura. Nessa análise foram investidas cerca de 280 horas de reuniões online; não temos como dimensionar, em números, as horas que cada pesquisadora dedicou à leitura das respostas recebidas, mas, certamente, não foram poucas se considerarmos que todos os projetos foram lidos por todas. Paralelamente, mais de 100 horas em reuniões da coordenação e supervisão do projeto.

As pesquisadoras trabalharam em duplas, para enfim chegar aos cinco relatórios que compõem a apresentação dos resultados de **O Brasil que Lê**.

Este relatório reúne 70 gráficos que respondem a muitas questões sobre o perfil de um Brasil que está promovendo a leitura a partir das questões que se colocaram na pesquisa. Ao mesmo tempo, levanta muitas outras

¹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%BAmero> Acesso em: 16 set. 2021.

questões que precisam ser analisadas e aprofundadas. Dediquei os últimos dois anos à coordenação tecnológica de **O Brasil que Lê** e posso afirmar que não encontrei somente números. Encontrei disponibilidade das equipes do Itaú Cultural, JCastilho, iiLer e Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, que precisaram se adaptar a um novo jeito de trabalhar quando a pandemia mudou nossa vida. E mais: descobri um esforço grandioso de instituições e pessoas em todo Brasil que se reinventaram, criando formas de manter vivos seus projetos.

Quando os números que esses gráficos e tabelas trazem forem examinados, peço ao leitor deste relatório que se lembre de realmente ler. Ler para além dos números, ler por respeito a todos eles, aqueles que tecem, a vasta teia de amor e coragem de quem está ajudando a construir um Brasil que lê.

Viviane Moreira

Coordenadora de Tecnologia da Pesquisa O Brasil que Lê



1. Perfil dos projetos por tabulação simples

GRÁFICO 1 | Q10: Distribuição de projetos por Estado

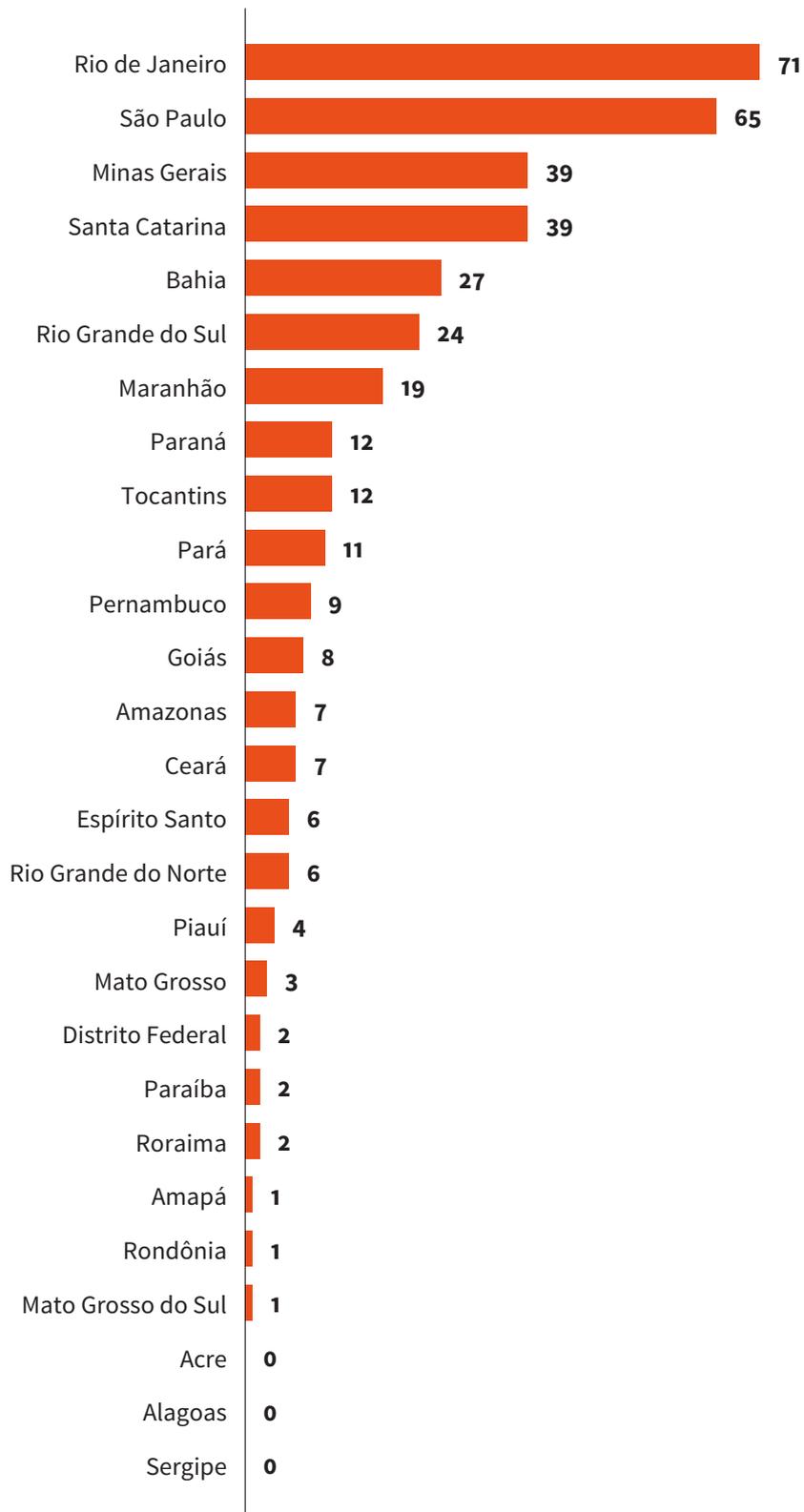


GRÁFICO 2 | Q10: Distribuição de projetos por Região

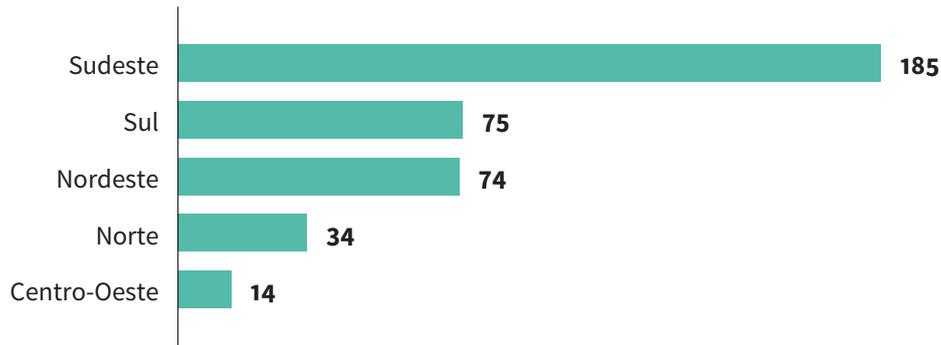


GRÁFICO 3 | Q19: Distribuição por gênero do responsável pelo projeto

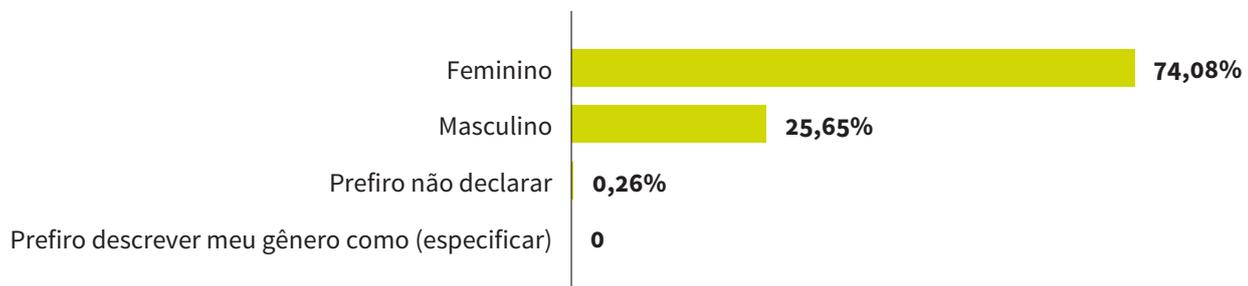


GRÁFICO 4 | Q22: Distribuição por nível de formação do responsável pelo projeto

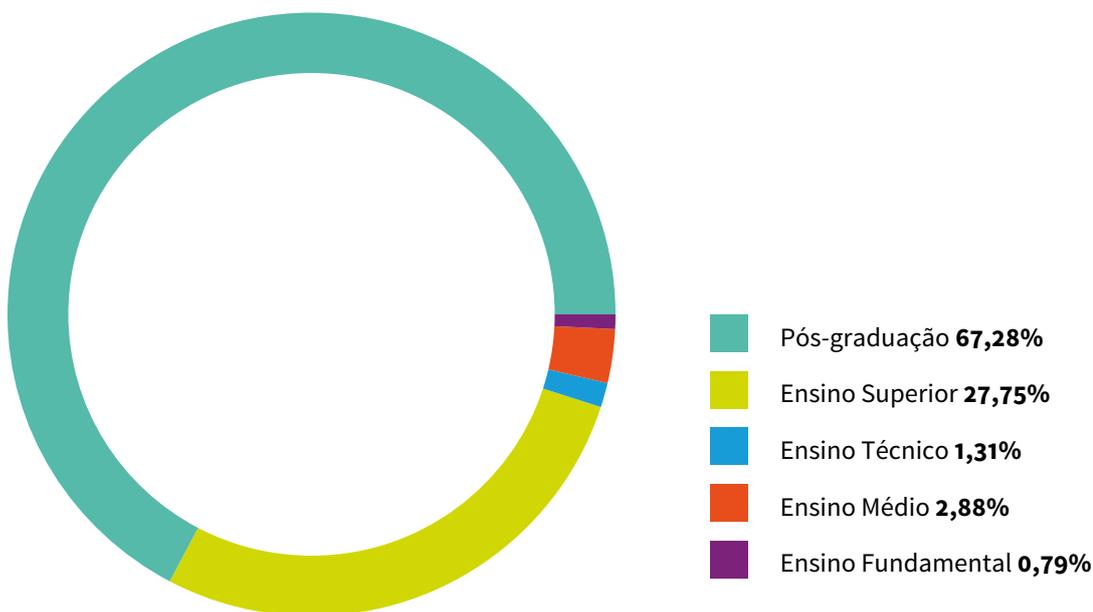
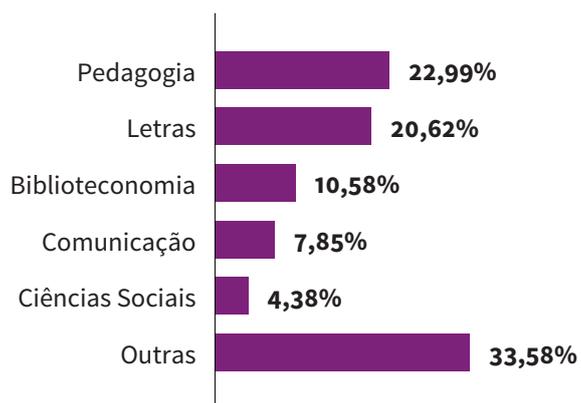


GRÁFICO 5 | Q23: Distribuição por área de formação do responsável pelo projeto



Entre “Outras” figuram: Jornalismo, Direito, Psicologia, Gestão Cultural, Administração de empresas, Artes, Serviço Social, Educação, História, Administração, Gestão de Projetos, Artes cênicas, Ciências Biológicas, Civil, Letras, Física, Saúde.

GRÁFICO 6 | Q24: Status do projeto

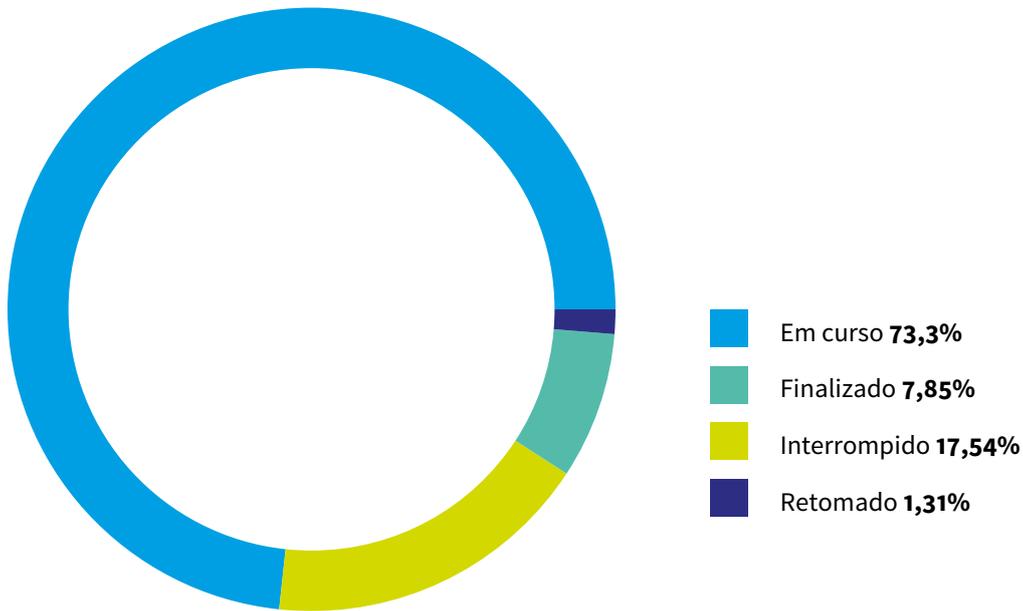


GRÁFICO 7 | Q25: Ano de início dos projetos por décadas

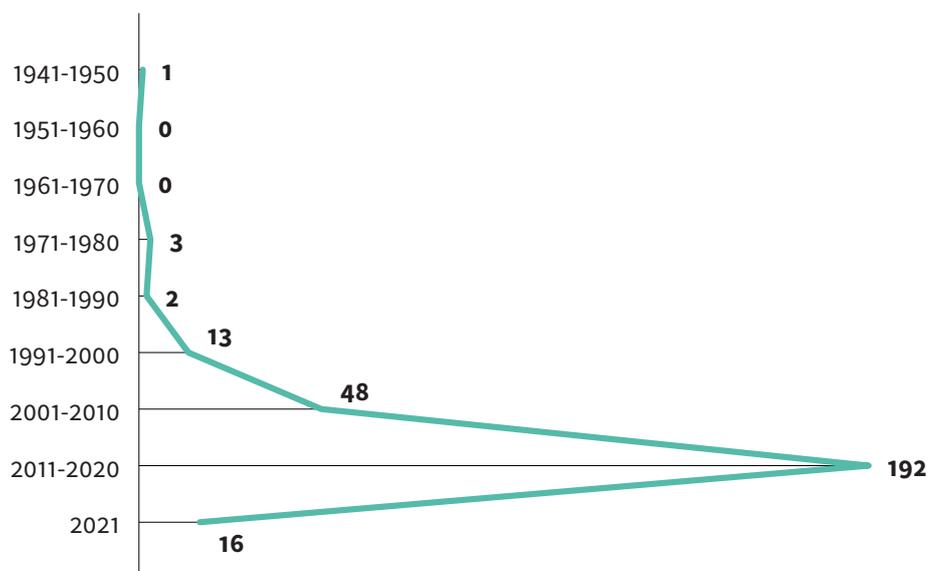


GRÁFICO 8 | Q25: Ano de início dos projetos nos últimos 30 anos

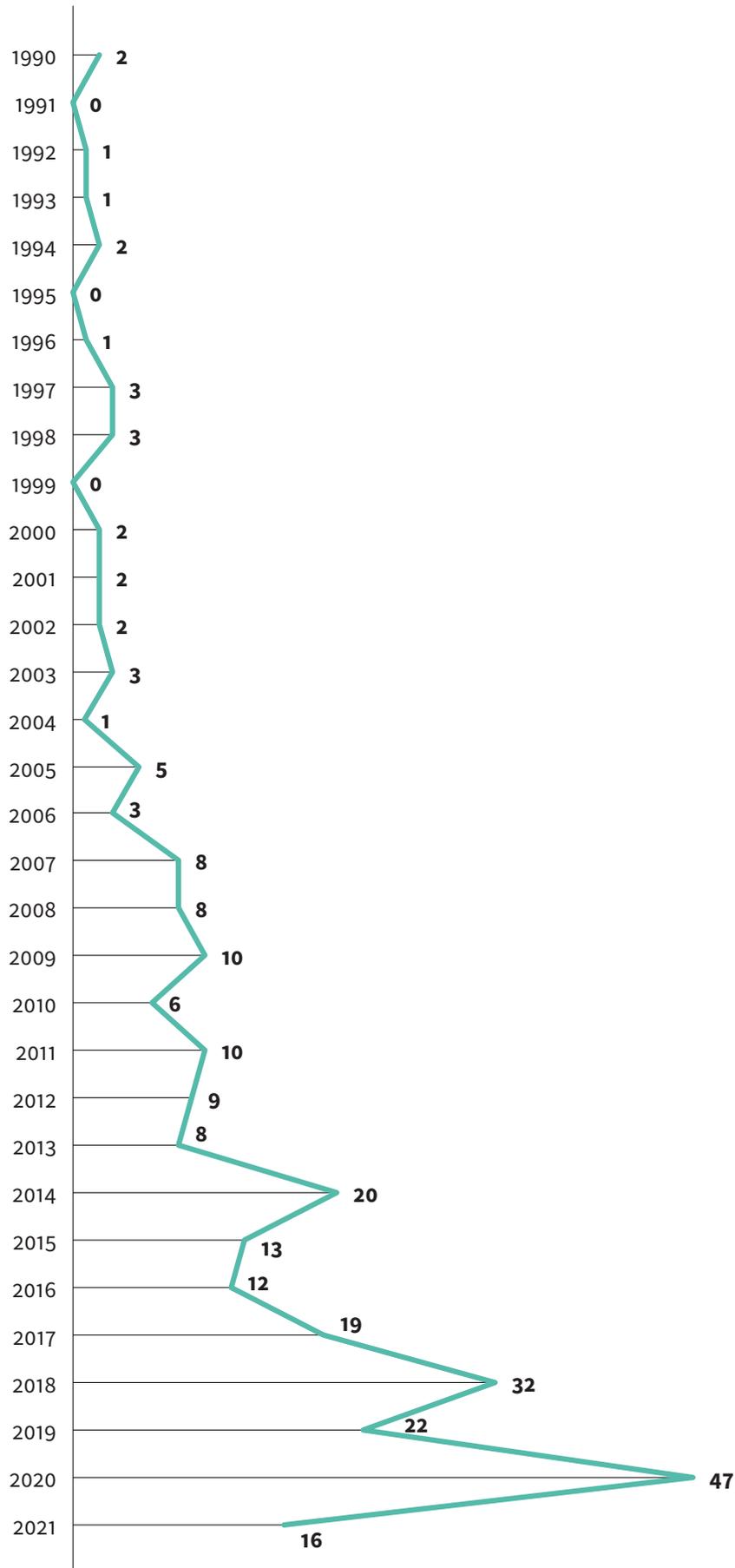


GRÁFICO 9 | Q32: Distribuição por origem do projeto

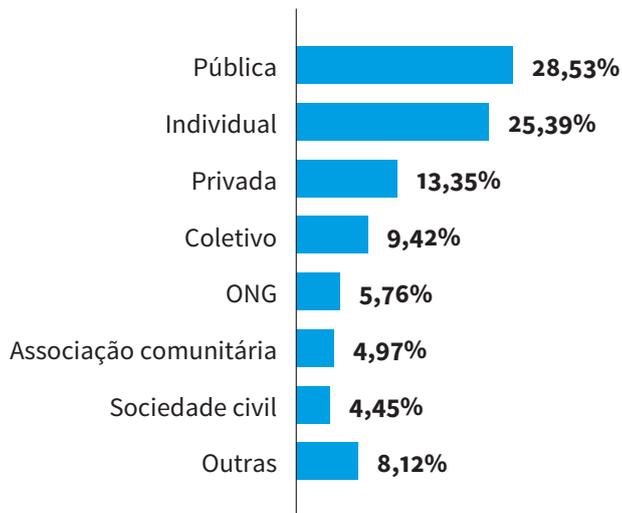


GRÁFICO 10 | Q33: Distribuição por tipos de parcerias dos projetos

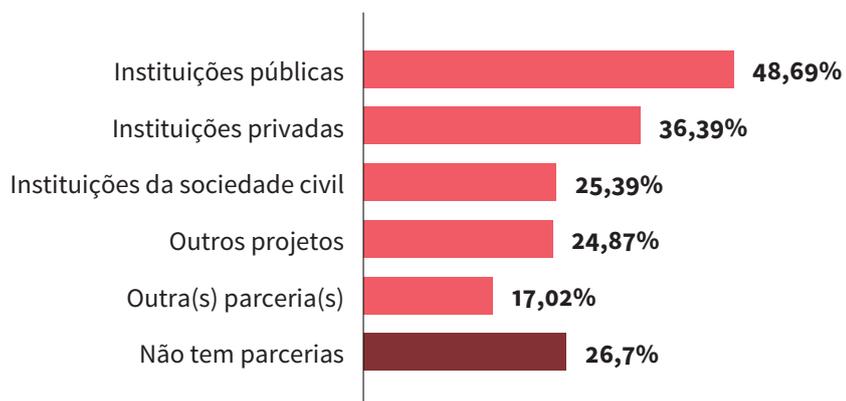
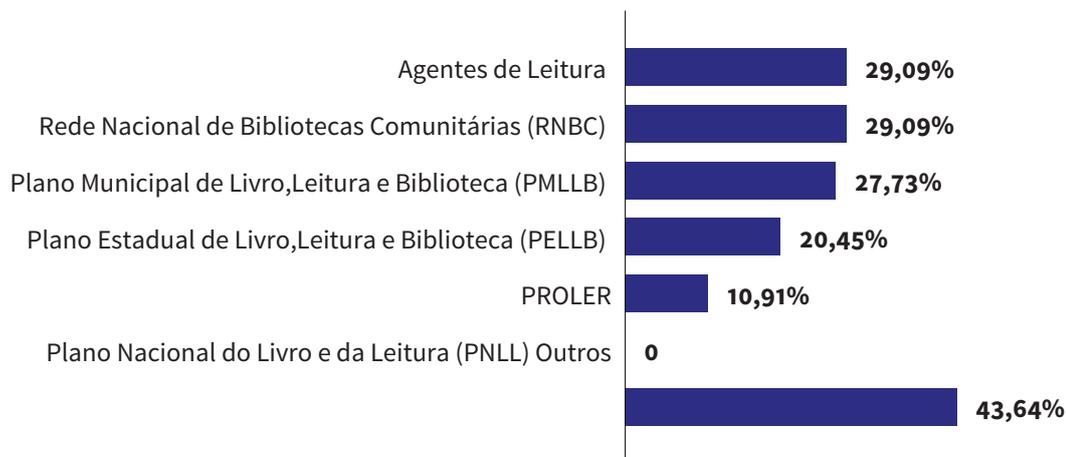


GRÁFICO 11 | Q34: Distribuição por tipos de articulação



Pergunta “Não obrigatória” – 162 projetos não responderam.

GRÁFICO 12 | Q35: Distribuição por fonte de recurso dos projetos

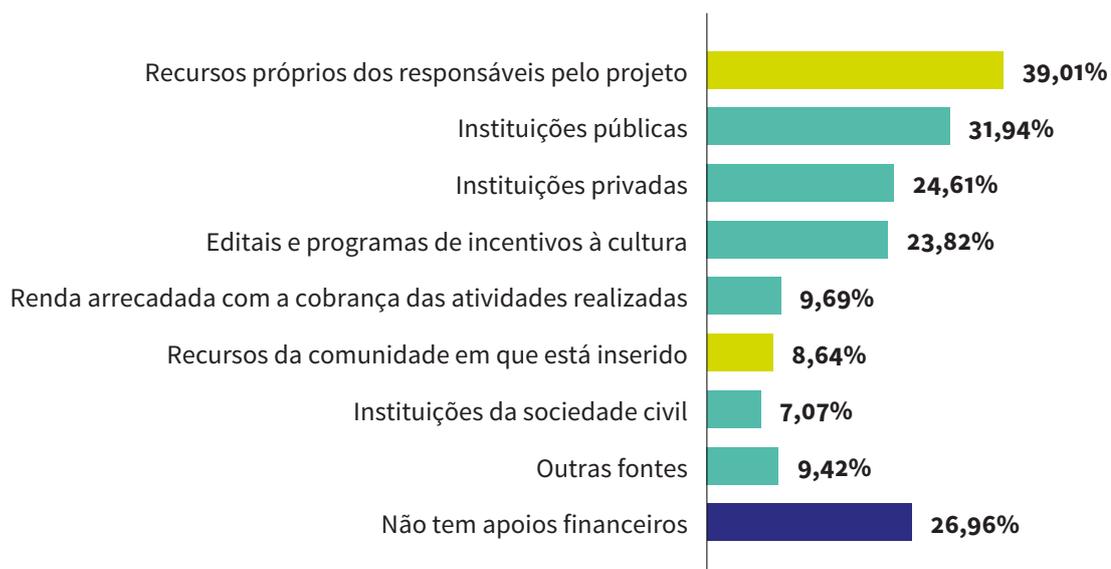
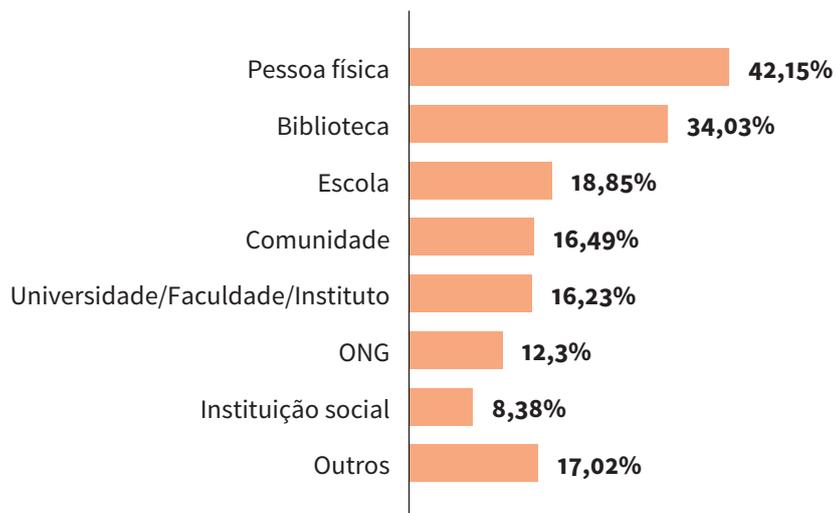


GRÁFICO 13 | Q36: O projeto é desenvolvido por



Entre “Outras” figuram: Editoras, Coletivos, Secretarias de Culturas e Relações Internacionais, Defensoria Pública, Associação civil de direito privado sem fins lucrativos, Unidade Prisional, Livrarias, Empresa, ALERJ, Rádio de TV Mega Brasil Online.

GRÁFICO 14 | Q37: Distribuição por tipo espaço onde o projeto é desenvolvido

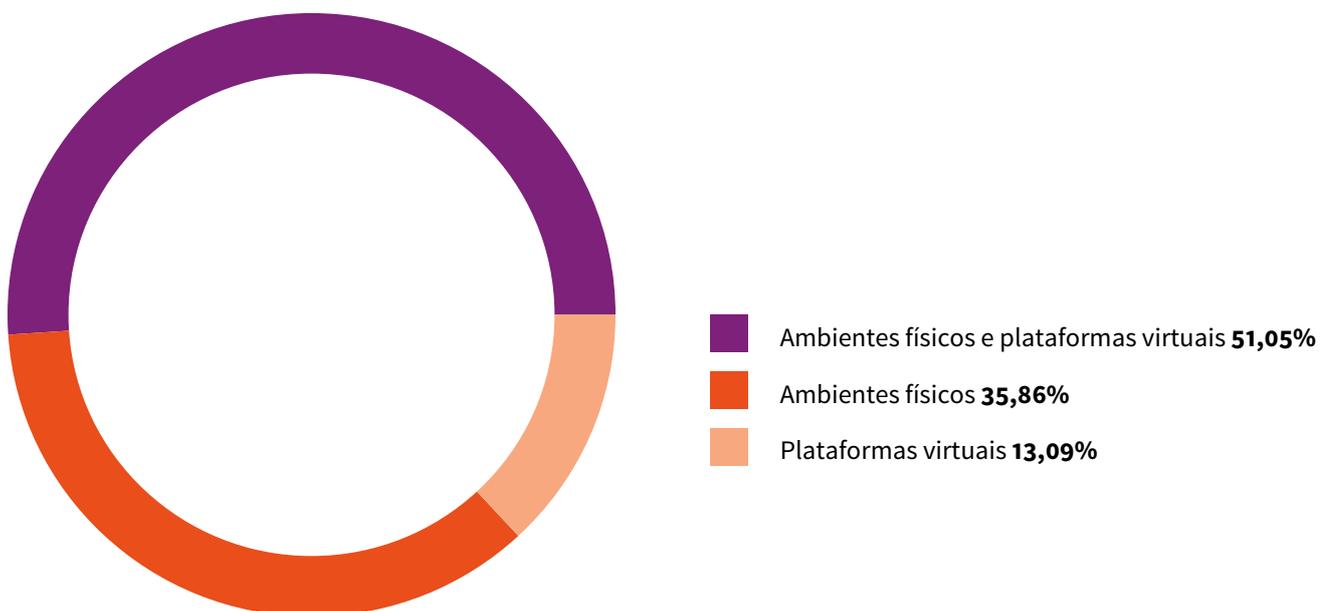
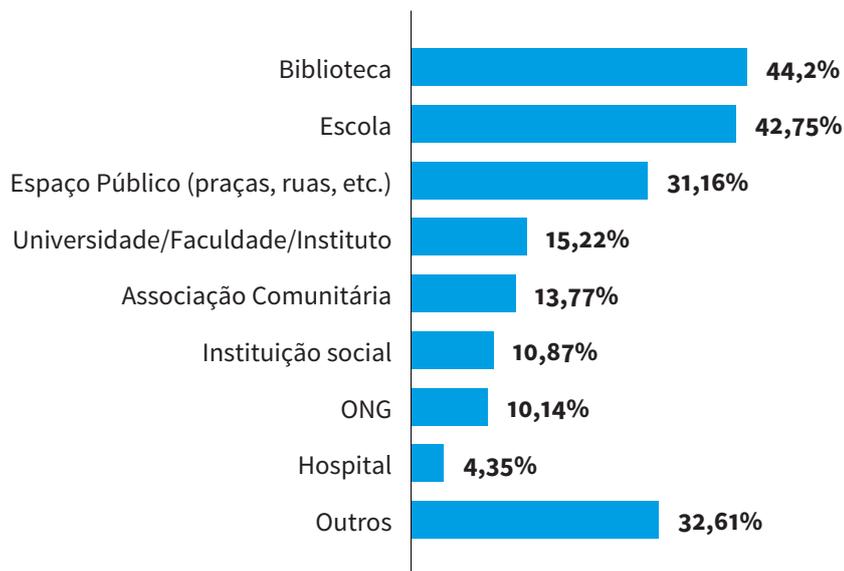


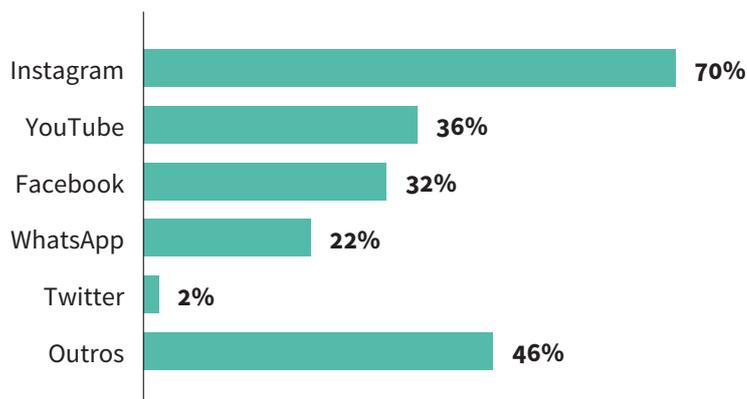
GRÁFICO 15 | Q38: Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos



138 projetos indicaram realizar suas atividades somente em espaços físicos.

Pergunta múltipla, com possibilidade de marcação de várias respostas.

GRÁFICO 16 | Q39: Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — plataformas virtuais

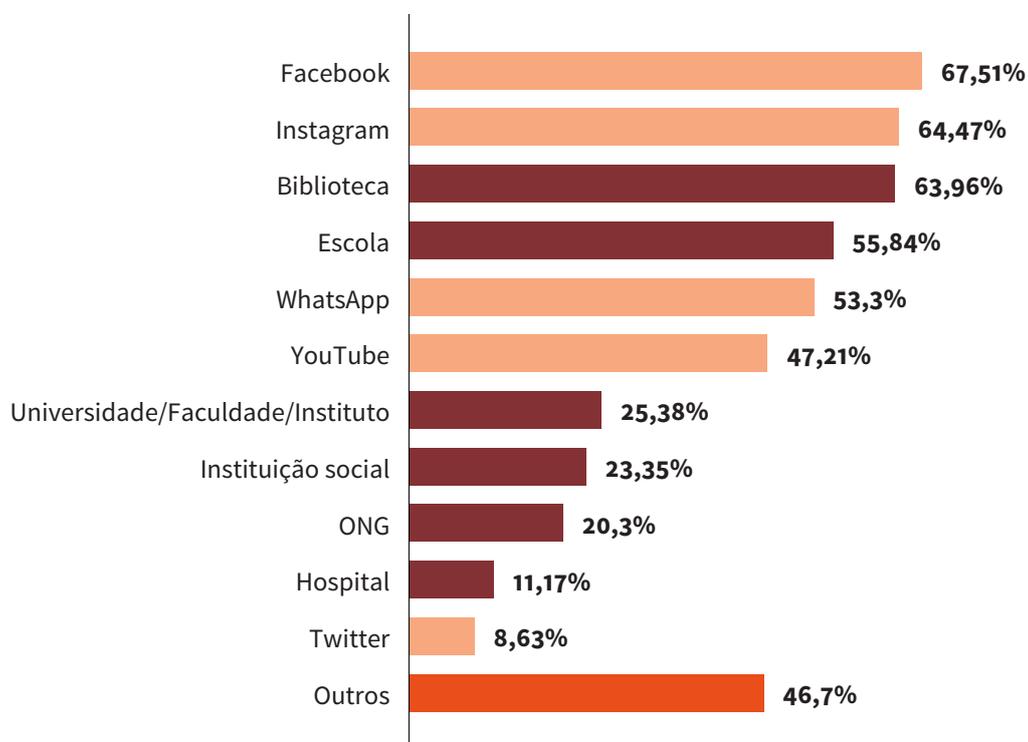


50 projetos indicaram realizar suas atividades apenas virtualmente.

Pergunta múltipla, com possibilidade de marcação de várias respostas.

Outras plataformas indicadas: Telegram, Zoom, Google Meet e Webex, Skype, Microsoft Teams e Conferência Web RPN, Blogs e websites, Moodle, Google Sala de Aula, Spotify, Google Podcast, Aplicativos desenvolvidos pelo próprio projeto, Mídias tradicionais (rádio e televisão).

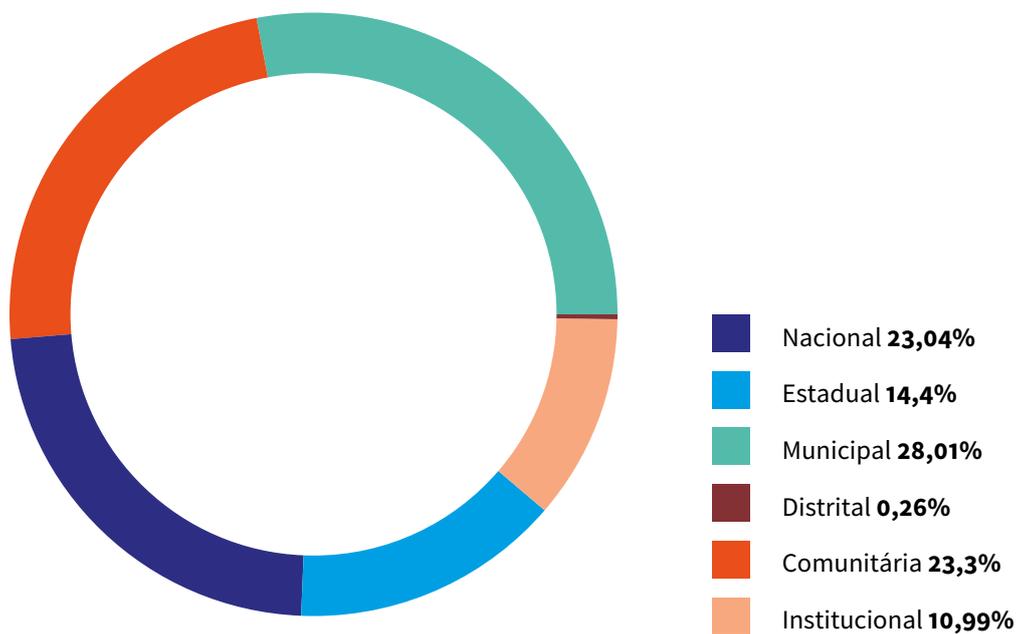
GRÁFICO 17 | Q40: Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos e/ou plataformas virtuais



Pergunta múltipla, com possibilidade de marcação de várias respostas.

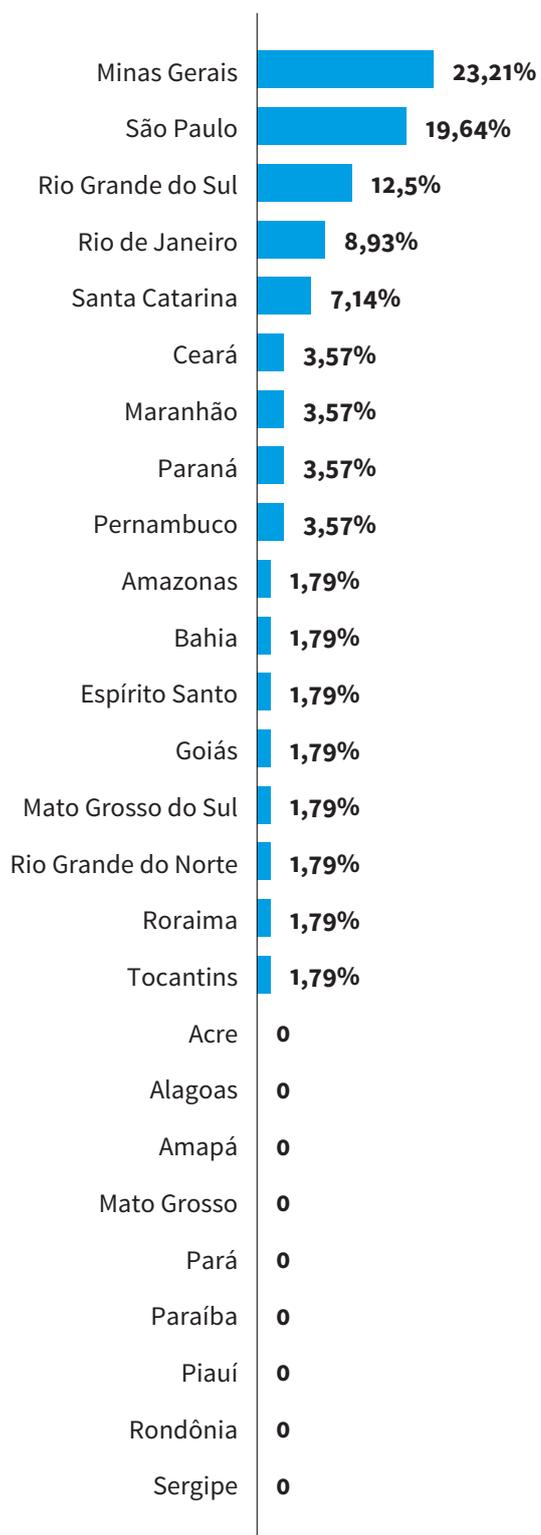
Entre “Outras” figuram: Espaços públicos (praças, ruas, parques, cafés, feiras livres e outros), Espaços com públicos específicos (igrejas, creches, unidades prisionais, asilos e residências), Google Meet, Zoom, Espaços culturais e diversos (livrarias, centros de cultura, tvs, rádios, sebos, etc).

GRÁFICO 18 | Q41: Distribuição pela abrangência territorial do projeto



O projeto é considerado Distrital caso ocorra no Distrito Federal, Municipal caso ocorra em mais de um bairro de uma mesma cidade, Estadual caso ocorra em mais de uma cidade no mesmo estado e Nacional caso ocorra em mais de um estado.

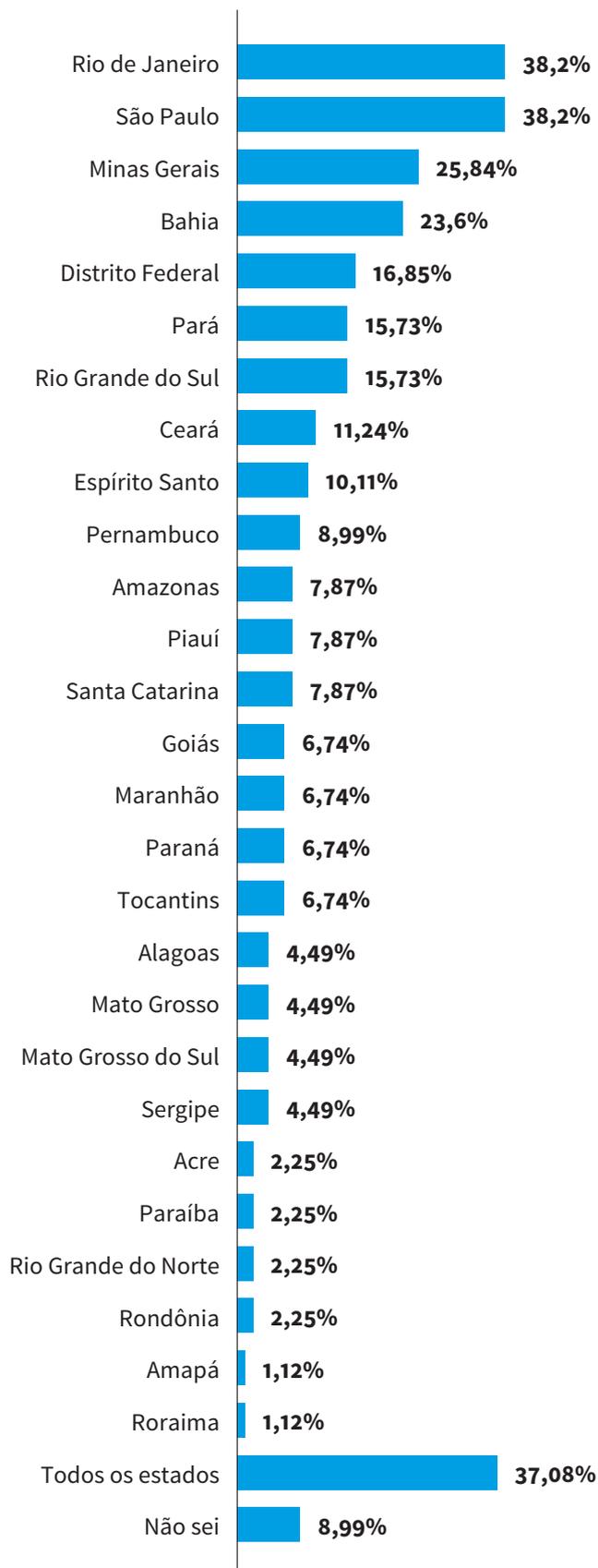
GRÁFICO 19 | Q45: Estado em que o projeto atua



Pergunta feita aos projetos que atuam apenas no nível de seu estado.

Responderam: 56.

GRÁFICO 20 | Q48: Projetos que atuam em mais de um Estado



Pergunta feita aos projetos que indicaram atuação em outros estados.

Responderam: 89.

GRÁFICO 21 | Q50: Público-alvo atendido pelo projeto



Entre “Outras” figuram: Todos os públicos, Mediadores da Leitura e Profissionais da Leitura, Criança, Idosos, Leitores e interessados em leitura, Adolescentes, Bebês.

GRÁFICO 22 | Q51: Faixa(s)-etária(s) do público-alvo atendido pelo projeto

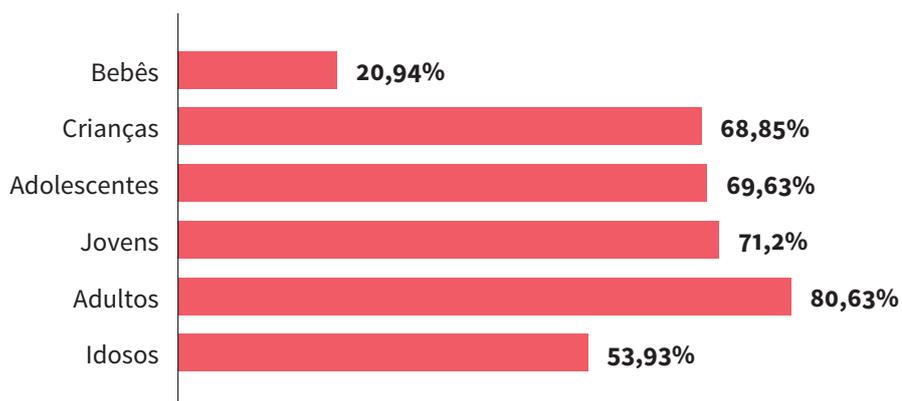


GRÁFICO 23 | Q52: Acervos à disposição do projeto

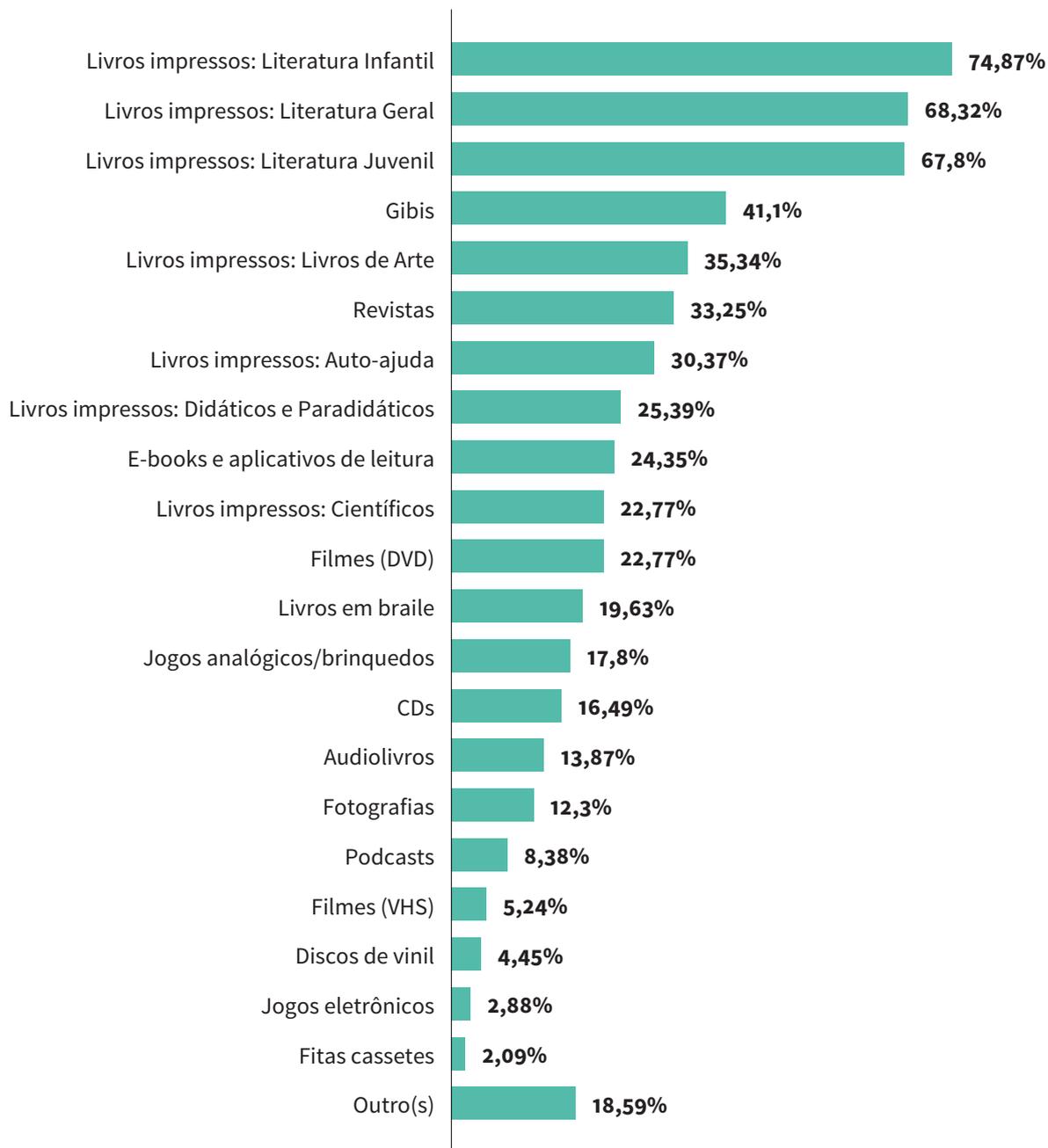


GRÁFICO 24 | Q53: Quantidade de itens no acervo do projeto como um todo

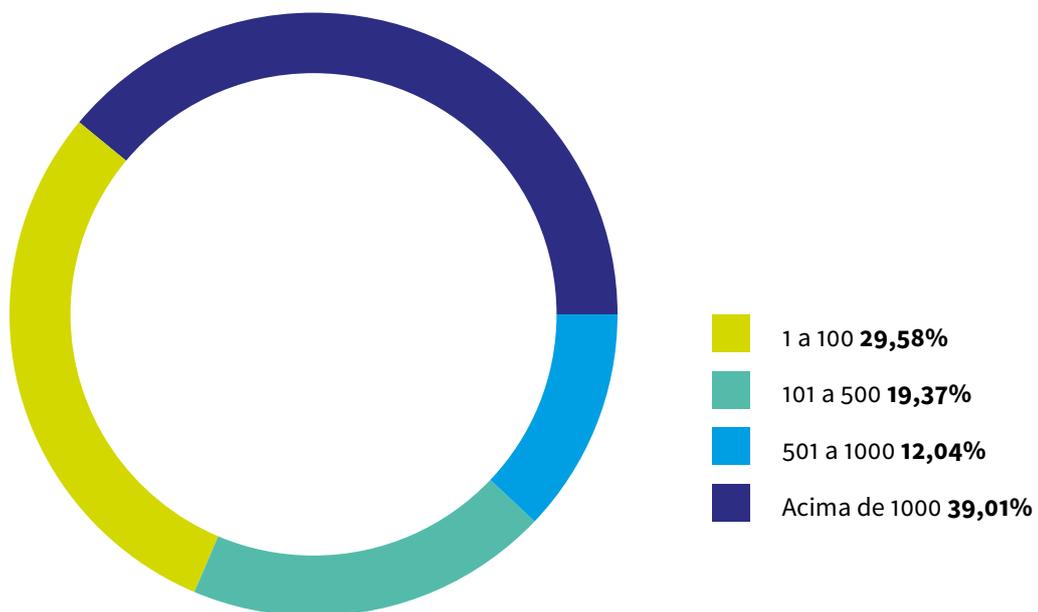


GRÁFICO 25 | Q54: Recursos tecnológicos disponíveis

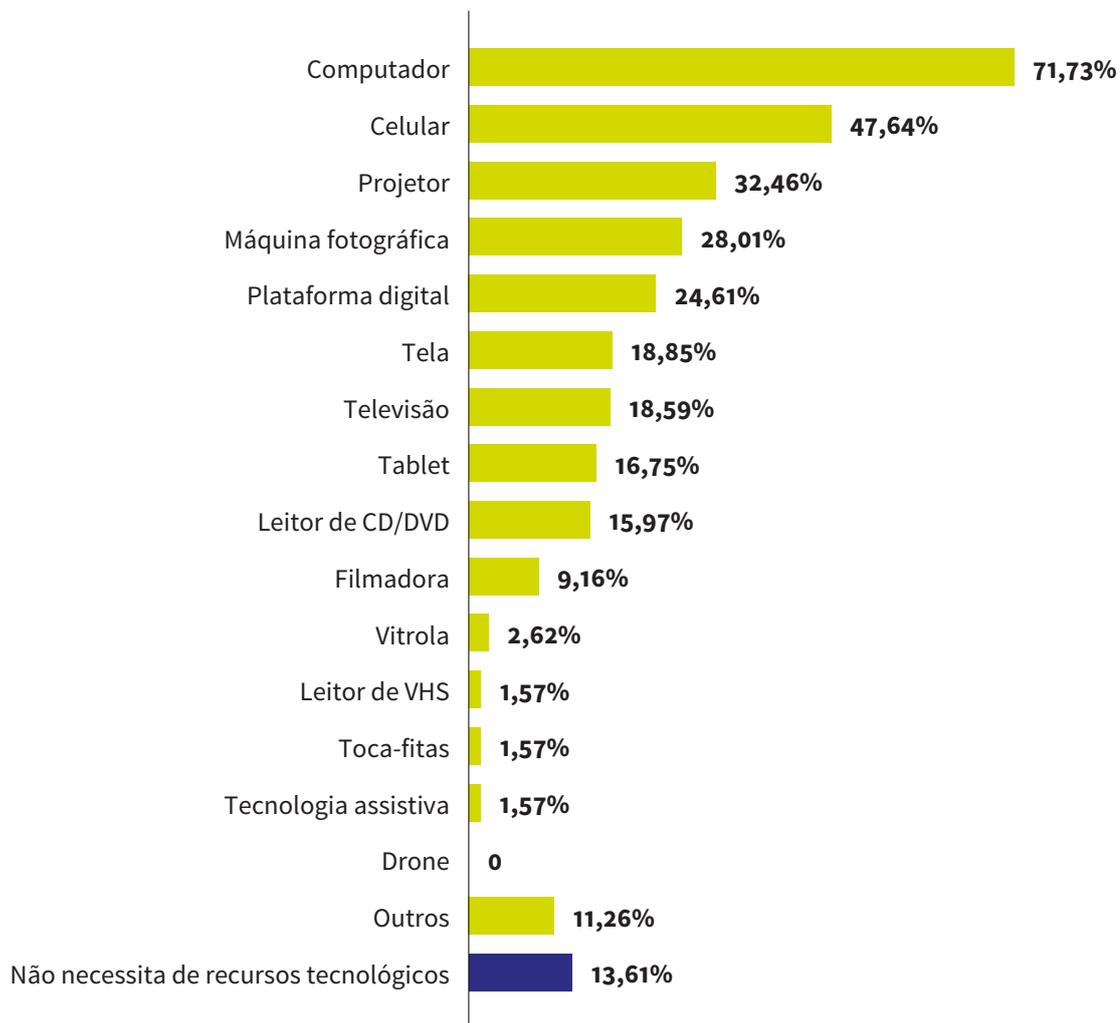


GRÁFICO 26 | Q55: Número de pessoas que formam a equipe do projeto

Q55 A equipe do projeto é formada por quantas pessoas no total? Considere todos os setores do projeto, incluindo coordenação, mediação, suporte administrativo, etc.

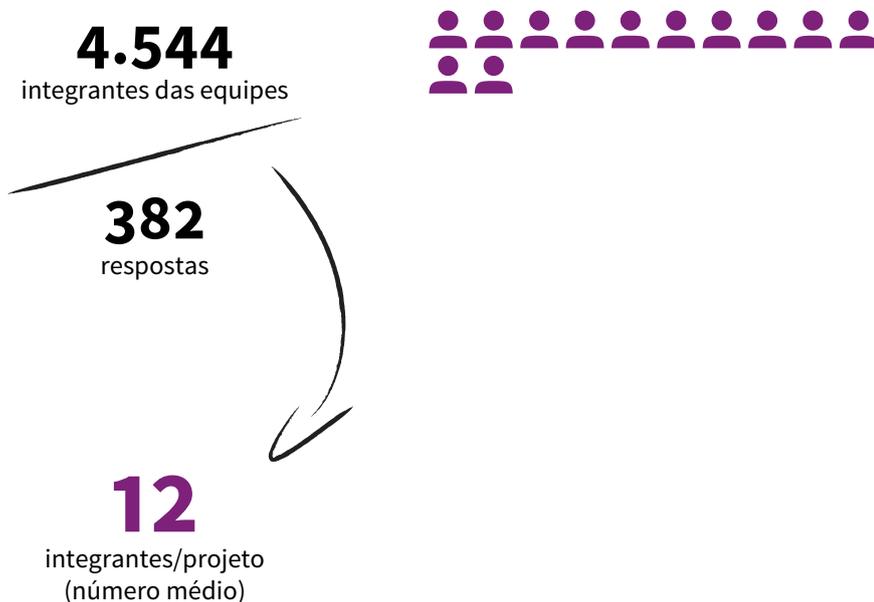


GRÁFICO 27 | Q56: Perfil dos mediadores de leitura do projeto

Q56 O projeto conta com qual(is) tipo(s) de mediador(es) de leitura? Assinale todas as opções válidas.

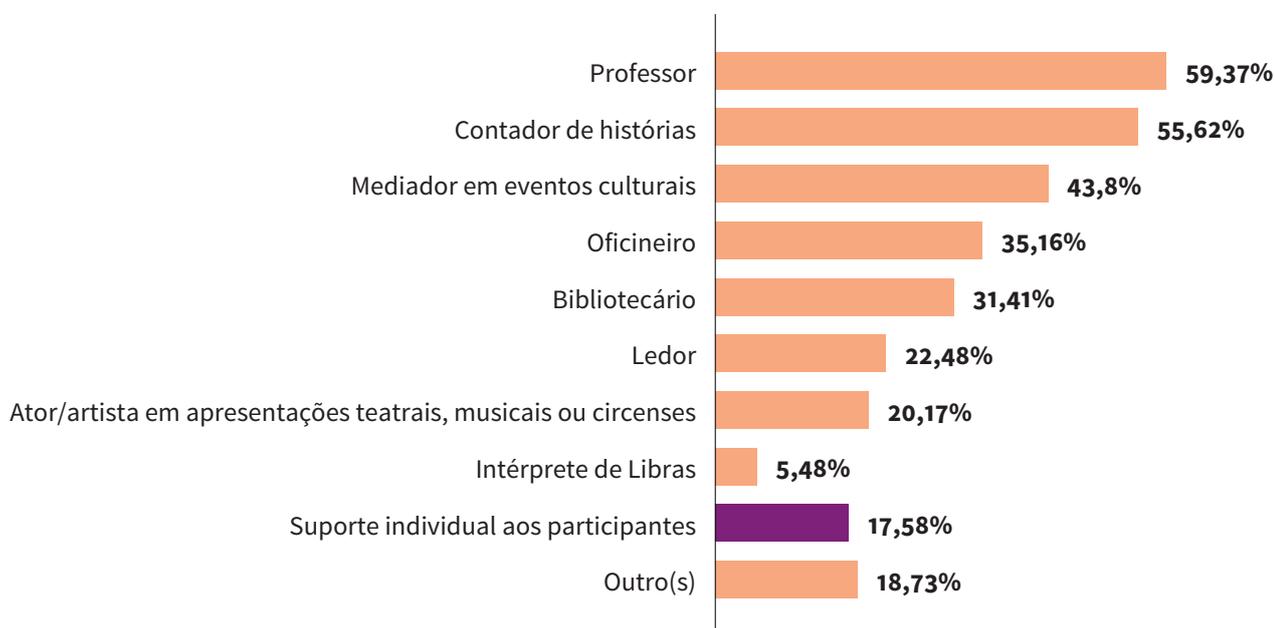


GRÁFICO 28 | Q57: Número de mediadores

Q57 Quantos mediadores atuam no projeto?

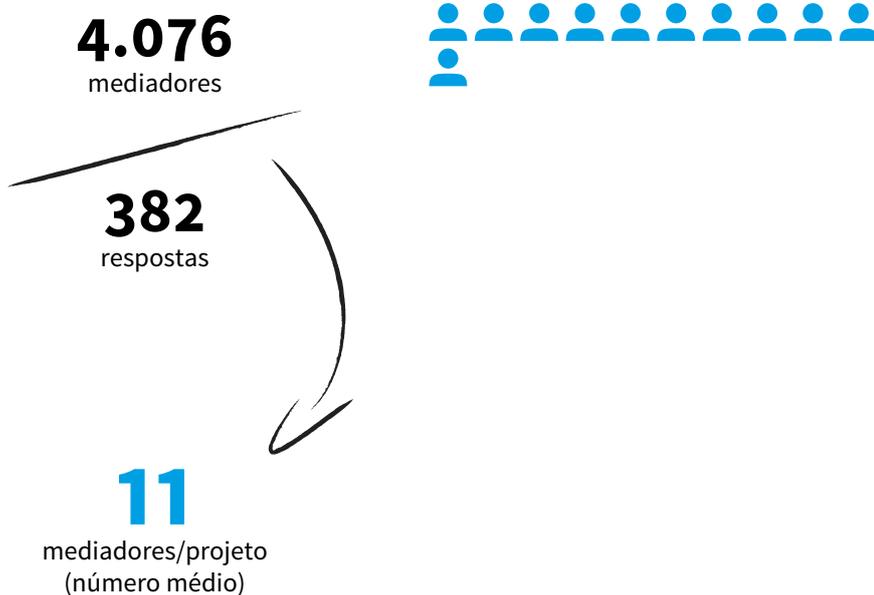


GRÁFICO 29 | Q58: Remuneração dos mediadores

Q58 Os mediadores de leitura são:

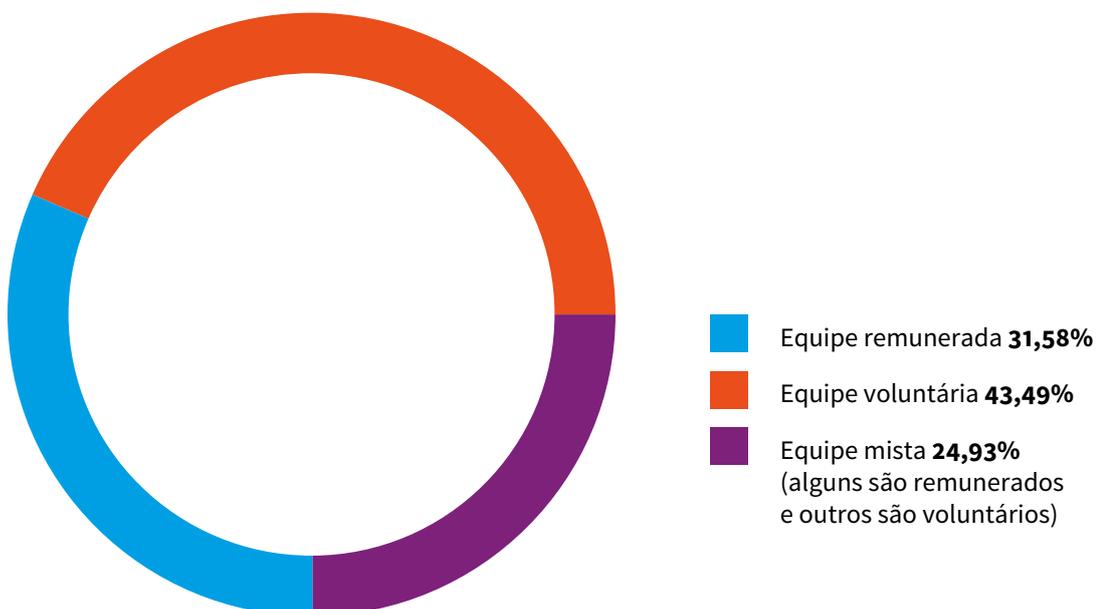
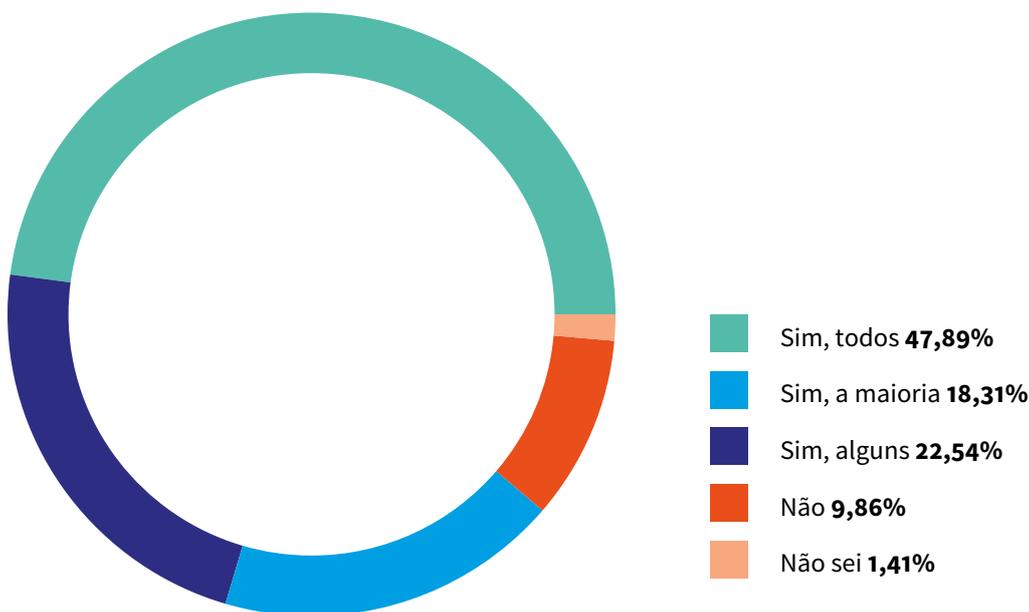


GRÁFICO 30 | Q59: Os mediadores têm formação para exercer a sua função no projeto



Responderam 71

GRÁFICO 31 | Q60: Projetos que oferecem formação para os mediadores

Q60 O projeto oferece formação para os mediadores? Entende-se formação inicial aquela que antecede o início do projeto.

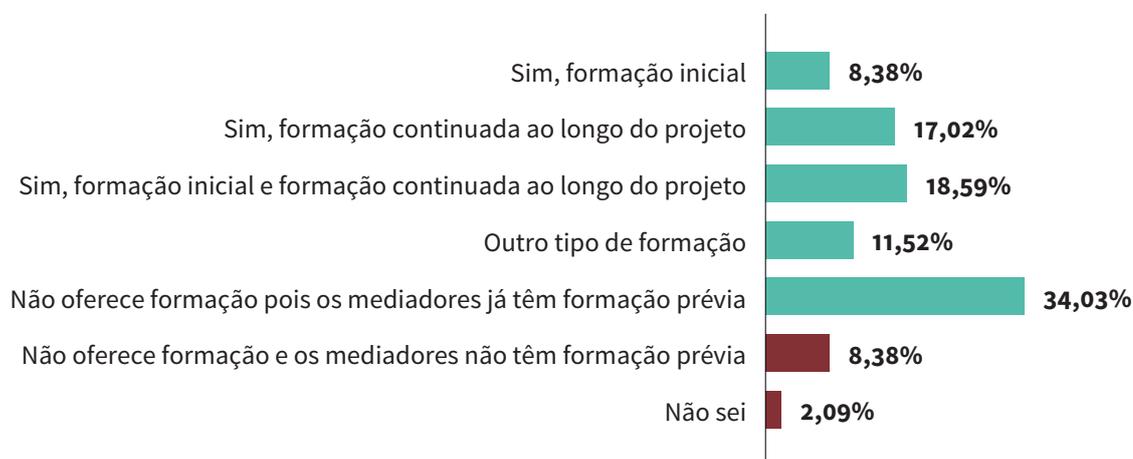


GRÁFICO 32 | Q61: Tipo(s) de suporte administrativo com os quais o projeto conta

Q61 O projeto conta com qual(is) tipo(s) de suporte administrativo? Assinale todas opções válidas.



GRÁFICO 33 | Q62: Remuneração da equipe de suporte

Q62 A equipe de suporte é:

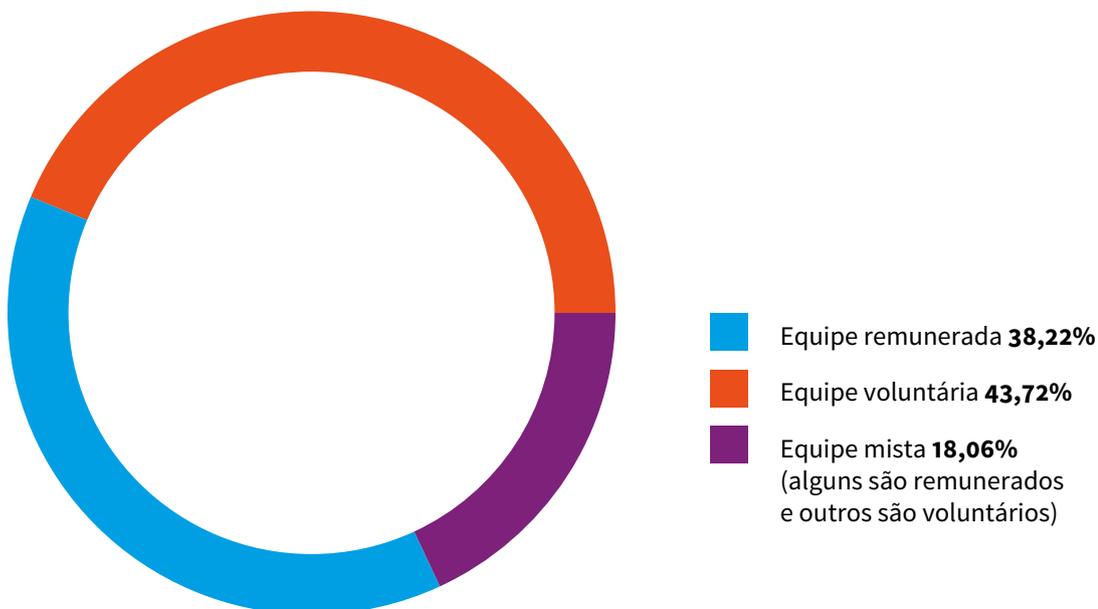


GRÁFICO 34 | Q65: Conceitos de leitura dos projetos

Q65 Qual(is) afirmativa(s) abaixo você considera mais apropriada(s) à conceituação de leitura do seu projeto? Assinale as opções prioritárias (até 3).



GRÁFICO 35 | Q66: Objetivos gerais/macro-objetivos do projeto

Q66 Quais são os objetivos gerais/macro-objetivos do projeto? Assinale as opções prioritárias (até 3).

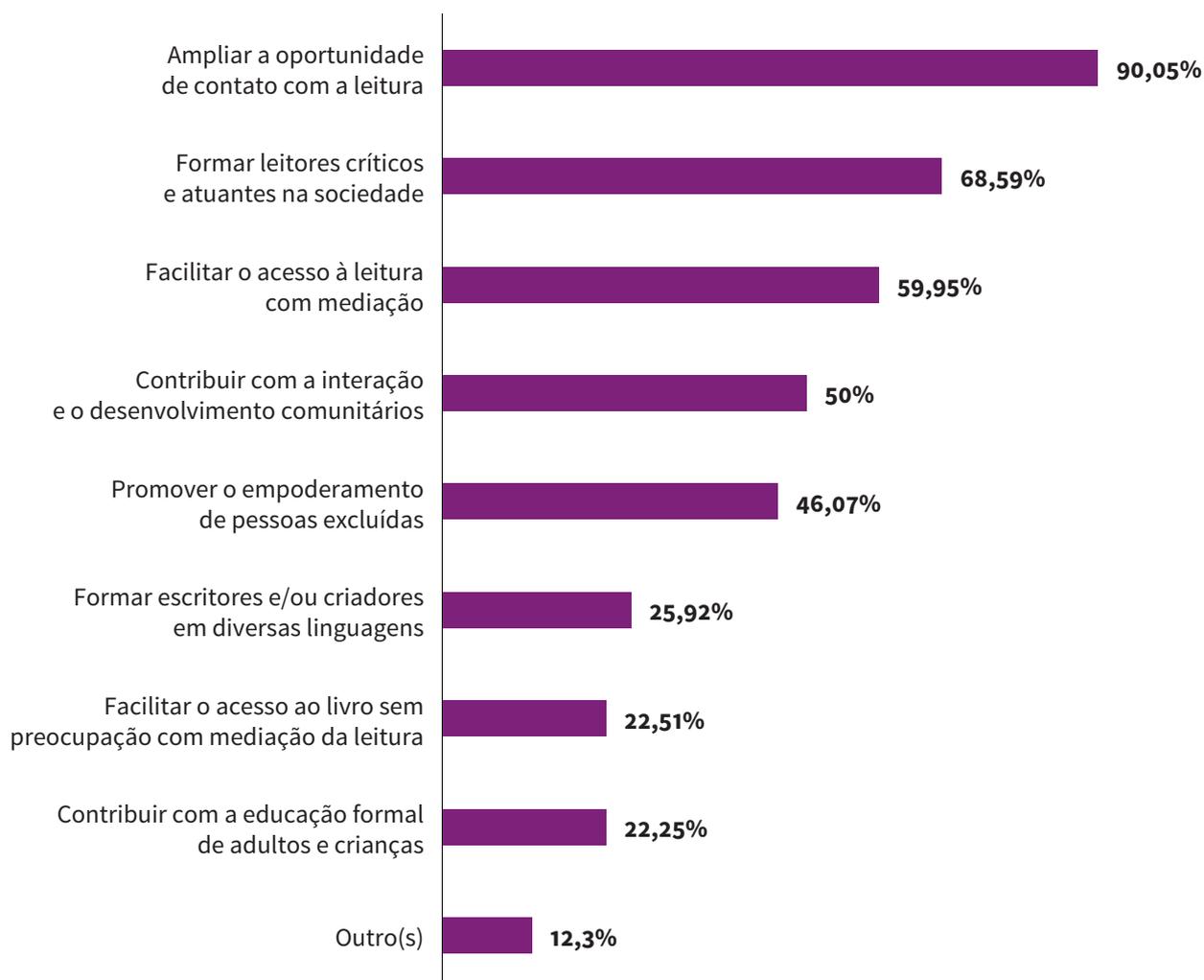


GRÁFICO 36 | Q69: Atividade(s) realizada(s) pelo projeto

Q69 Seleccione a(s) atividade(s) realizada(s) pelo projeto (assinale tantas quantos forem válidas):

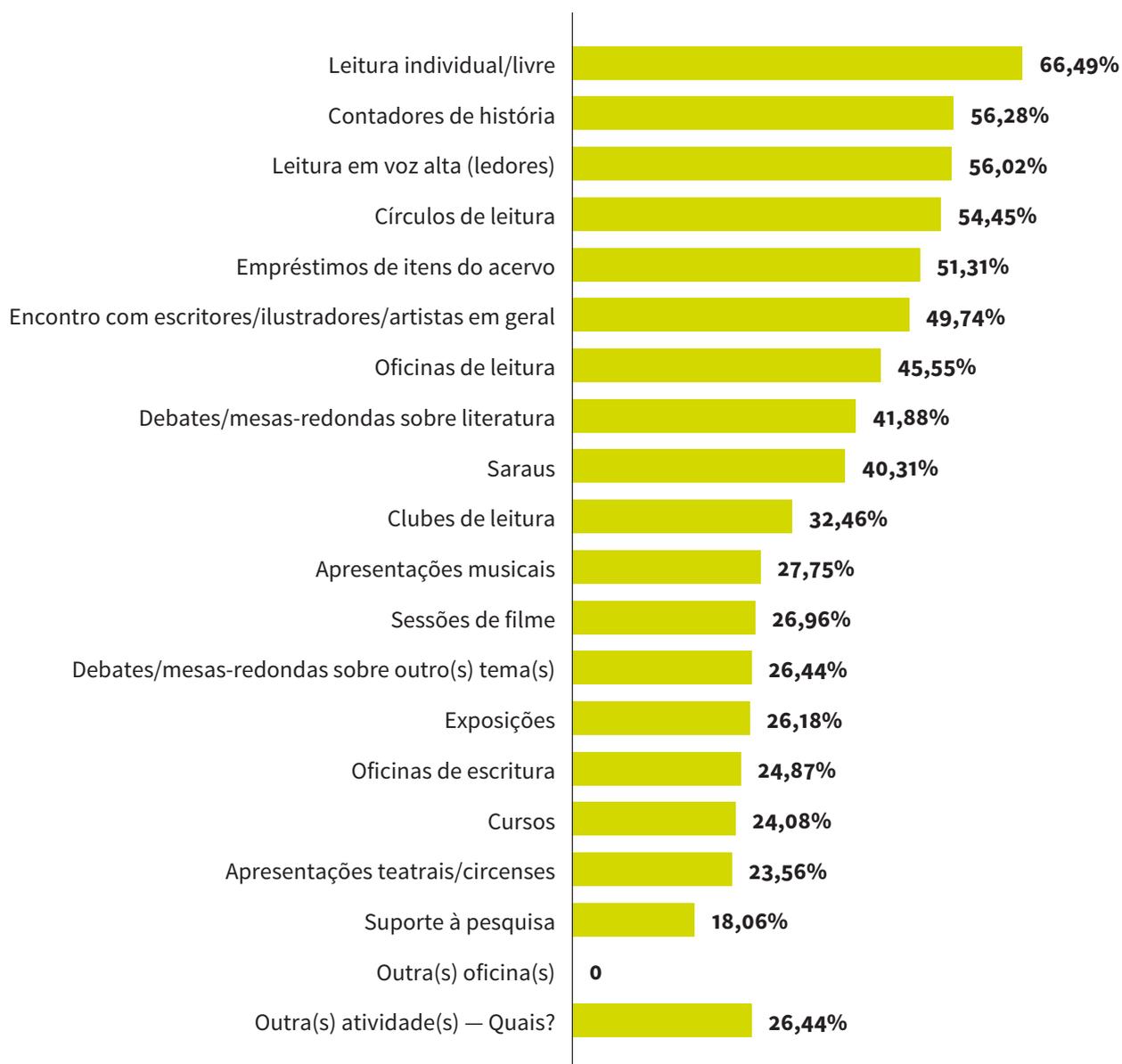


GRÁFICO 37 | Q70: Número de ações realizadas pelo projeto como um todo

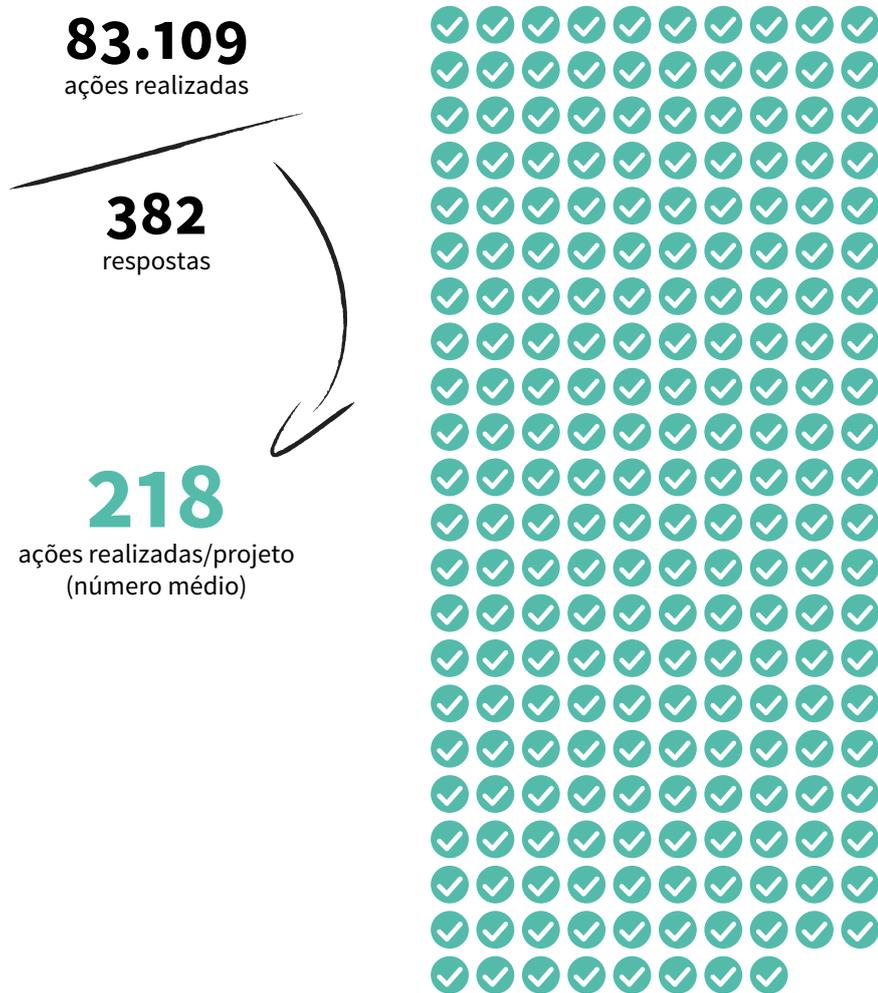


GRÁFICO 38 | Q71: Sobre a disponibilização de ações de acessibilidade, ajuda técnica e/ou tecnologia assistiva

Q71 O projeto prevê ações de acessibilidade, ajuda técnica e/ou tecnologia assistiva?

As tecnologias assistivas existem para disponibilizar recursos e serviços que possibilitem a ampliação das habilidades funcionais dos alunos com deficiência.



GRÁFICO 39 | Q73: Processo de avaliação das metas

Q73 Há algum processo de avaliação das metas?

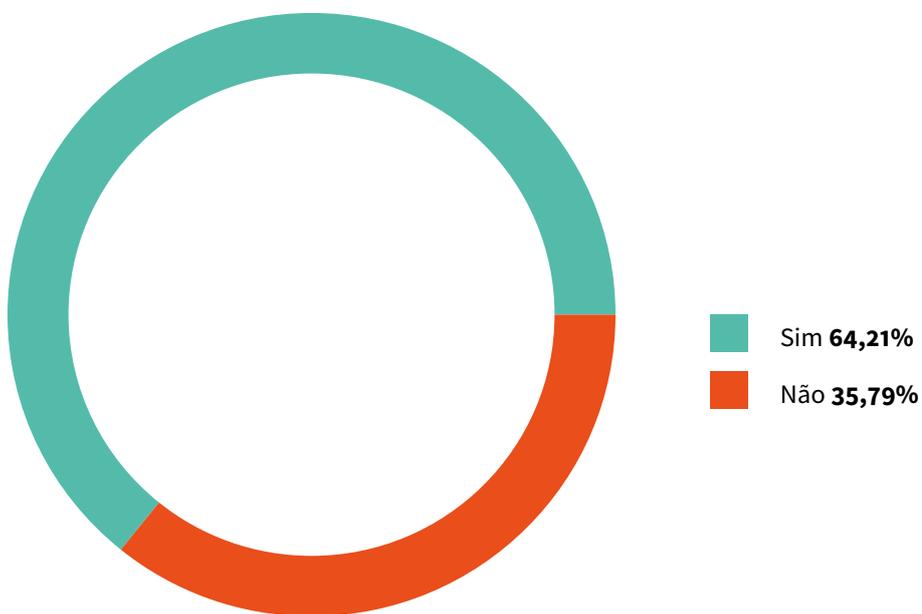


GRÁFICO 40 | Q74: Formas de avaliação

Q74 Selecione a(s) maneira(s) como essa avaliação é realizada:

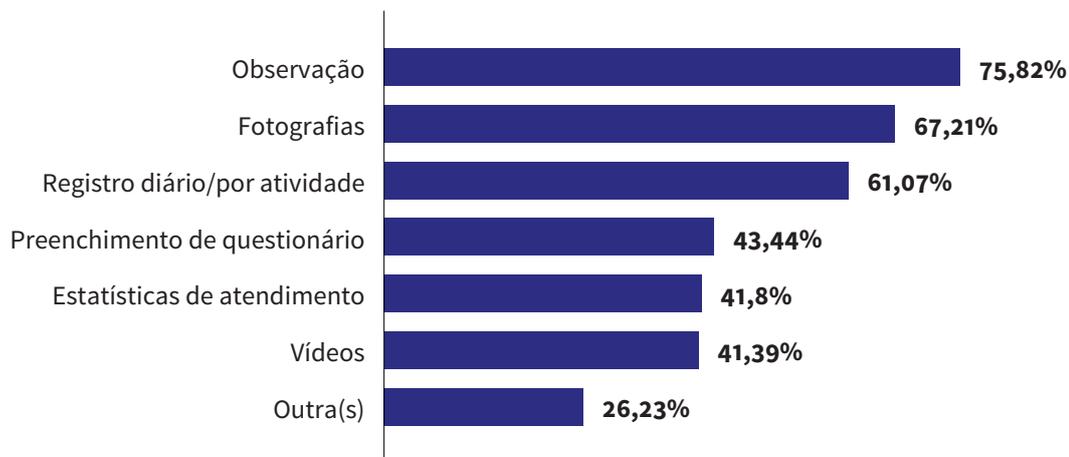
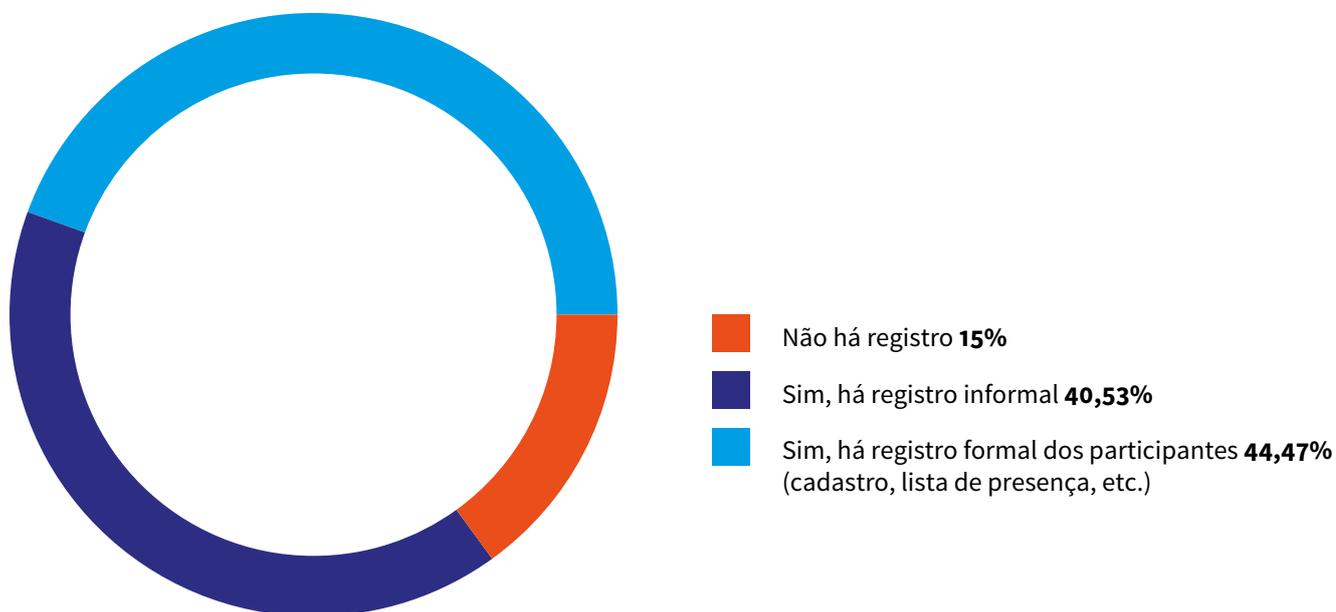


GRÁFICO 41 | Q75: Sobre a existência de registro do número de pessoas atendidas

Q75 Há registro do número de pessoas atendidas?



220.113
pessoas atendidas

380
respostas

579
pessoas atendidas/projeto
(número médio)

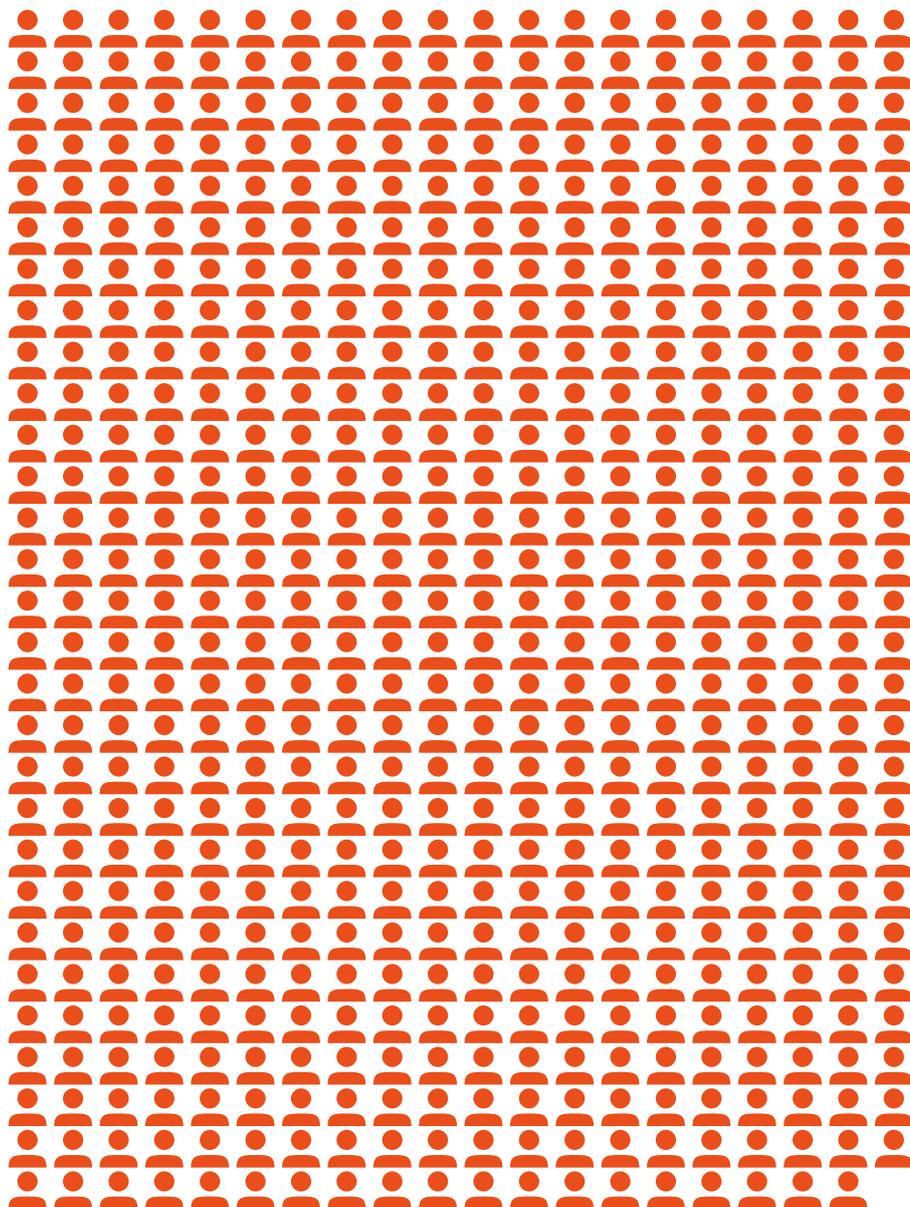


GRÁFICO 43 | Q77: Sobre o impacto social do projeto em termos de práticas de cidadania

Q77 Houve impacto social do projeto em termos de práticas de cidadania (voluntariado/assistência a excluídos/iniciativas de inclusão)?

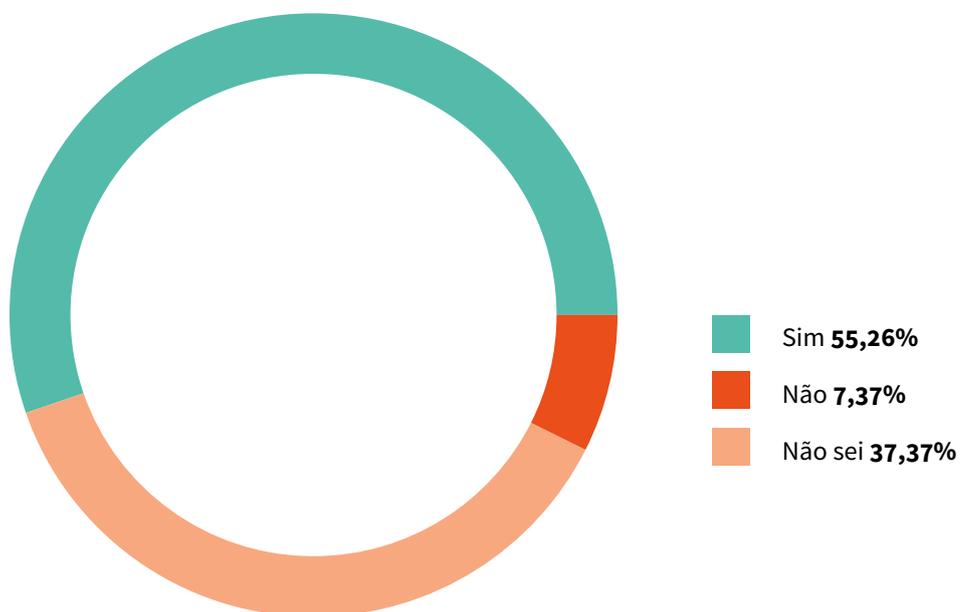


GRÁFICO 44 | Q78: Alterações notáveis no PISA das regiões atingidas pelo projeto

Q78 Houve alterações notáveis no PISA das regiões atingidas pelo projeto?

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), tradução de Programme for International Student Assessment, é um estudo comparativo internacional, realizado a cada três anos.

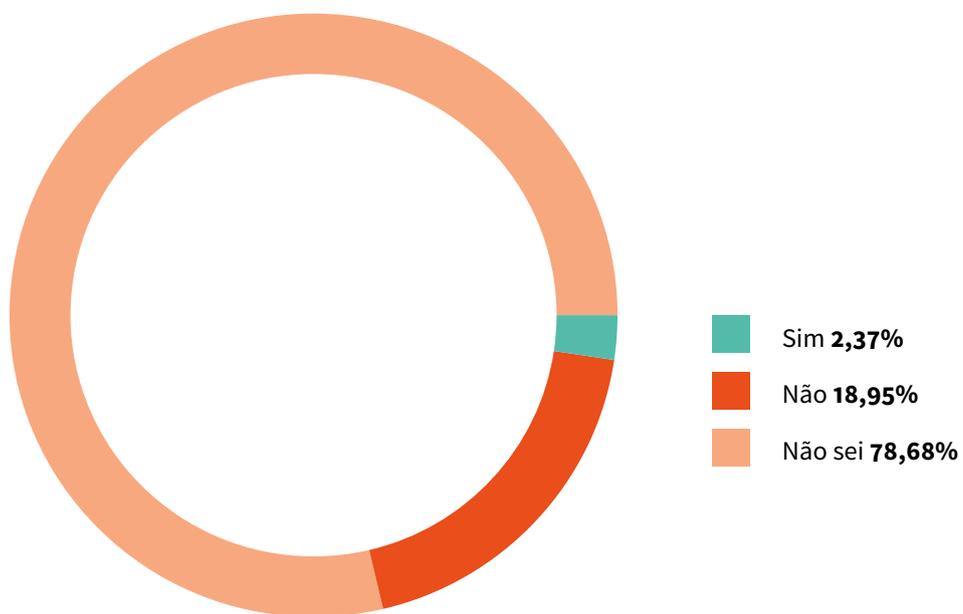


GRÁFICO 45 | Q79: Impacto social do projeto em termos de melhoria da qualidade de vida das populações atendidas

Q79 Houve impacto social do projeto em termos de melhoria da qualidade de vida das populações atendidas?

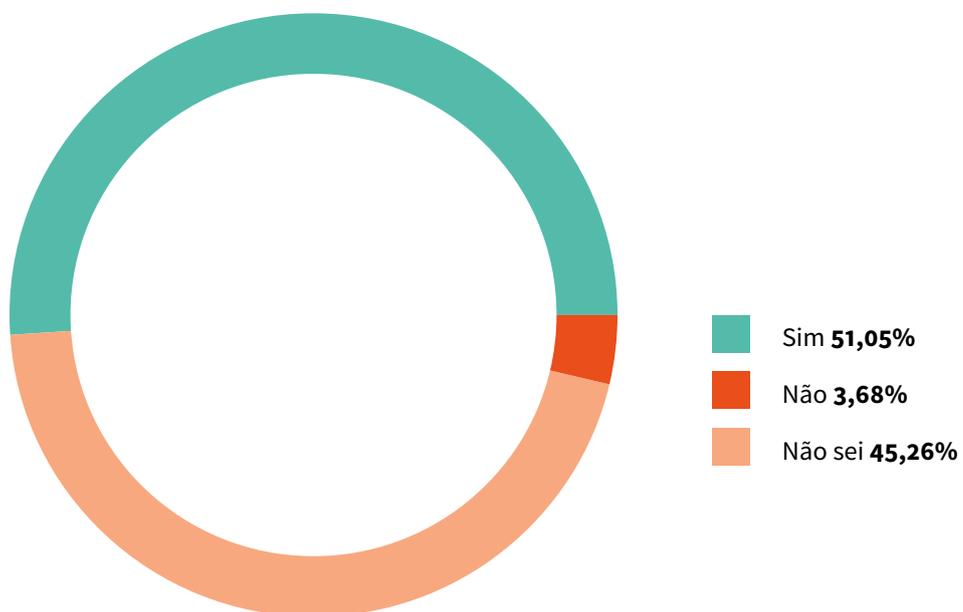


GRÁFICO 46 | Q80: Se houve alguma alteração no IDH ou outro indicativo de melhoria do contexto social

Q80 Houve alguma alteração no IDH ou outro indicativo de melhoria do contexto social?

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano. É uma medida comparativa para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" classificando-os em desenvolvidos, em desenvolvimento ou subdesenvolvidos.

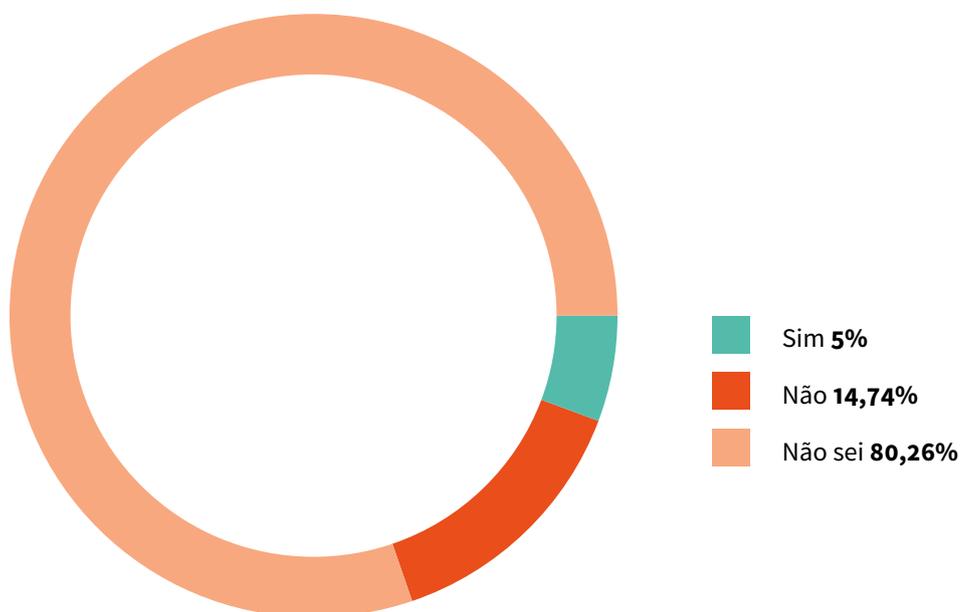


GRÁFICO 47 | Q81: Desdobramentos do projeto

Q81 Há desdobramentos do projeto? Os desdobramentos são fatos ou ações que se desenvolveram a partir das ações ou resultados do projeto; geralmente não são previstos no momento da criação do mesmo.

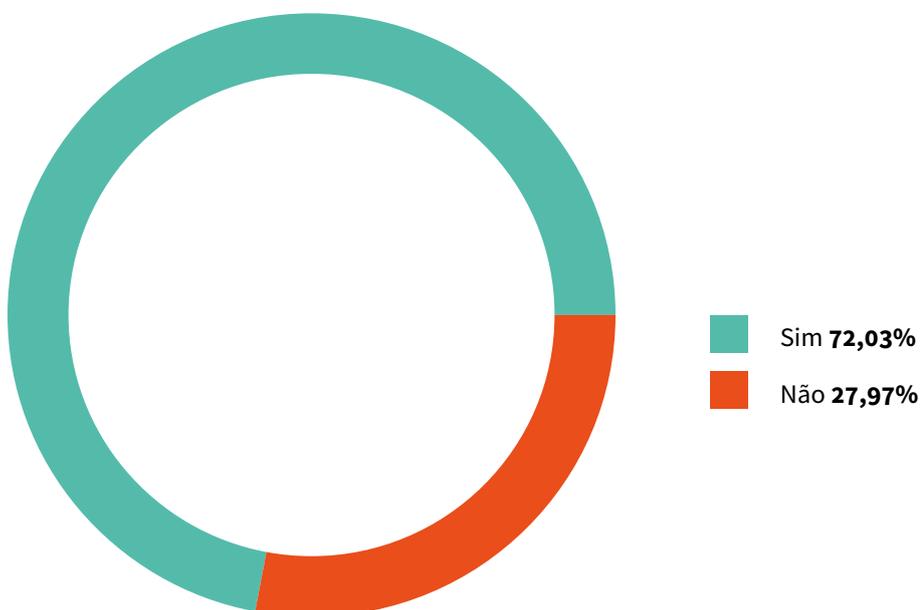


GRÁFICO 48 | Q82: Desdobramentos possíveis para o projeto

Q82 Você vê desdobramentos possíveis para o projeto? Desdobramentos possíveis são aquelas situações que poderão ocorrer a partir dos resultados do projeto ou mesmo de ações em andamento.



GRÁFICO 49 | Q84: Dificuldades enfrentadas pelo projeto



GRÁFICO 50 | Q85: Projetos premiados





2.

Tabulação cruzada considerando perguntas e respostas sobre novas tecnologias, infraestrutura tecnológica e acervos digitais

GRÁFICO 51 | Projetos que utilizam ao menos um canal de mídia social

Gráfico criado a partir das respostas às perguntas Q13, Q14, Q15 e Q17, em que os projetos poderiam indicar os endereços de suas contas nas mídias sociais.

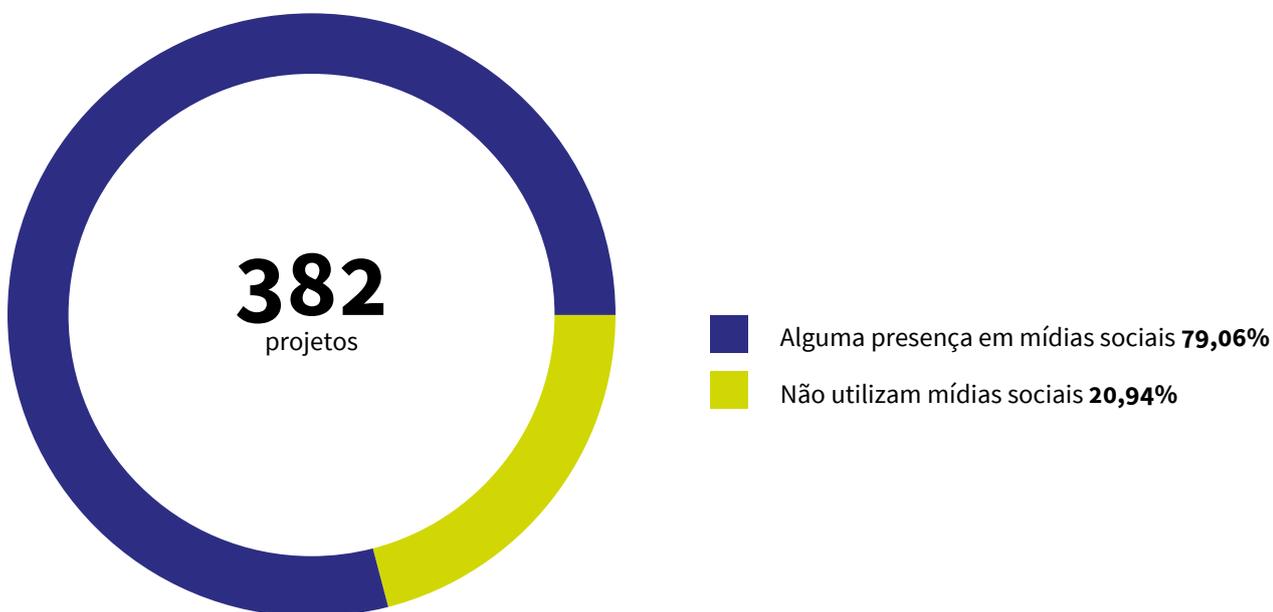


GRÁFICO 52 | Mídias sociais mais utilizadas

Gráfico criado a partir das respostas às perguntas Q13, Q14, Q15 e Q17, em que os projetos poderiam indicar os endereços de suas contas nas mídias sociais.

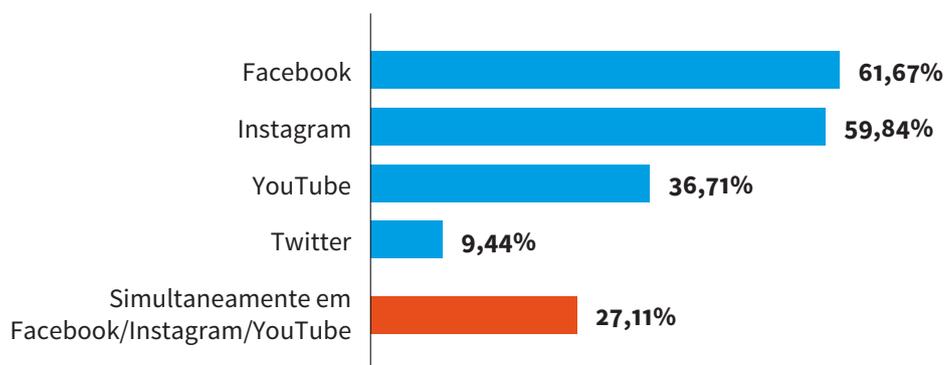


GRÁFICO 53 | Origem dos projetos realizados exclusivamente em plataformas virtuais

Gráfico criado a partir do cruzamento das respostas às perguntas Q32 (Qual a origem do projeto?) e Q37 (O projeto é desenvolvido em: b. Plataformas virtuais).

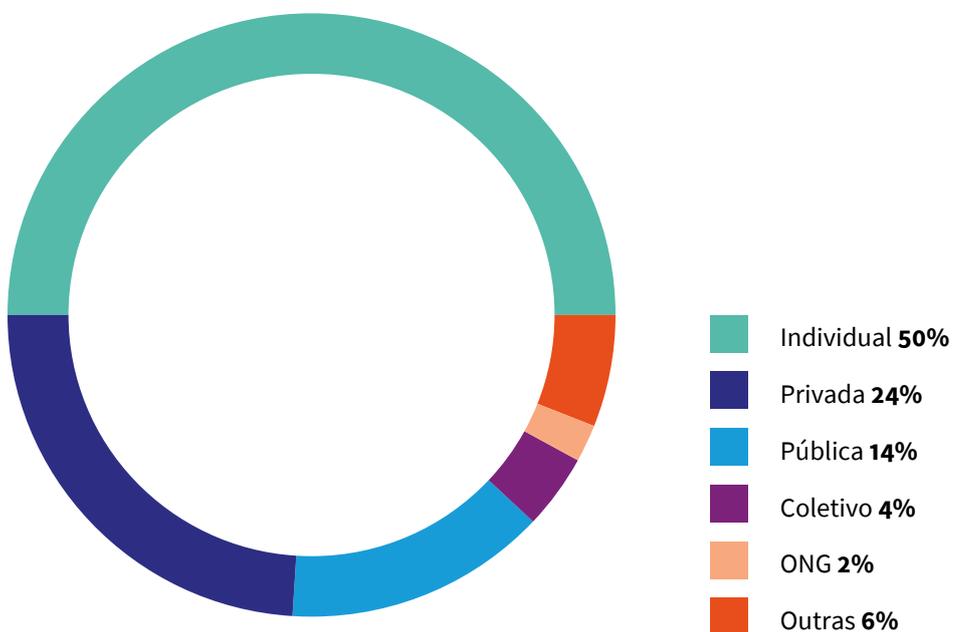


GRÁFICO 54 | Comparação entre dos projetos com website e aqueles com presença nas mídias sociais

Gráfico criado a partir das respostas às perguntas Q12, Q13, Q14, Q15 e Q17.



GRÁFICO 55 | Projetos que apresentam uma conta de WhatsApp em comparação aos projetos que efetivamente usam o WhatsApp na realização de suas atividades de promoção à leitura

Gráfico criado a partir do cruzamento das respostas às perguntas Q16, Q39 e Q40.



GRÁFICO 56 | Principais recursos tecnológicos disponíveis aos projetos

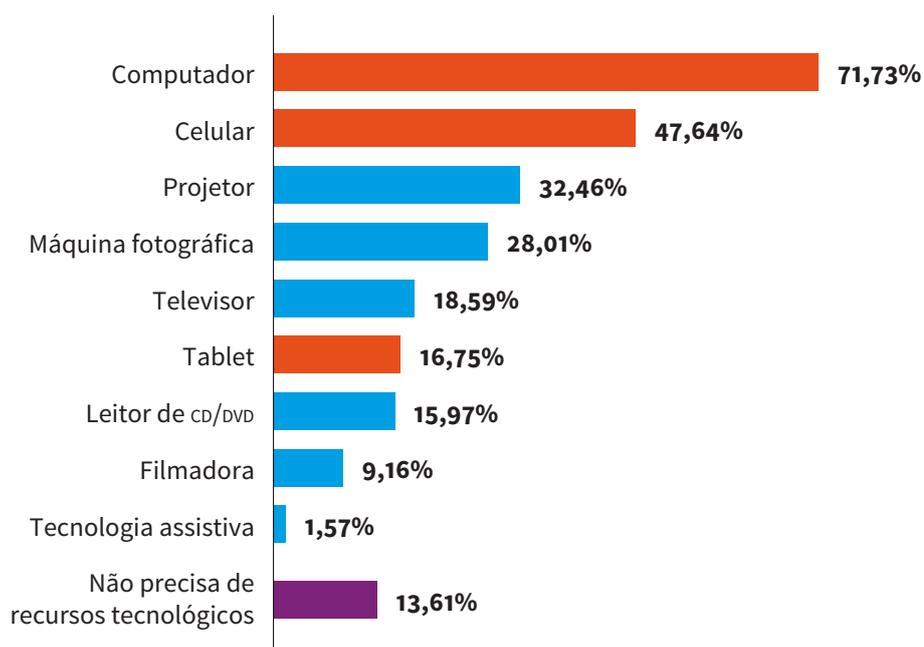


GRÁFICO 57 | Recursos tecnológicos dos projetos de acordo com as macrorregiões geográficas

Gráfico criado a partir do cruzamento das respostas às perguntas Q54 (Recursos tecnológicos disponíveis) e Q10 (Estado onde está sediado o projeto).

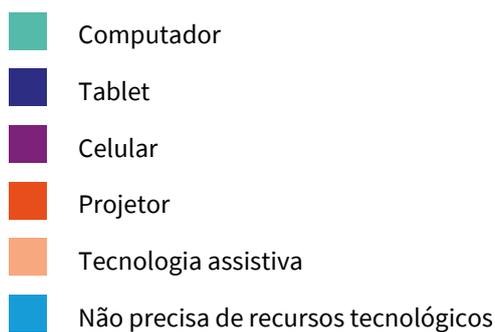
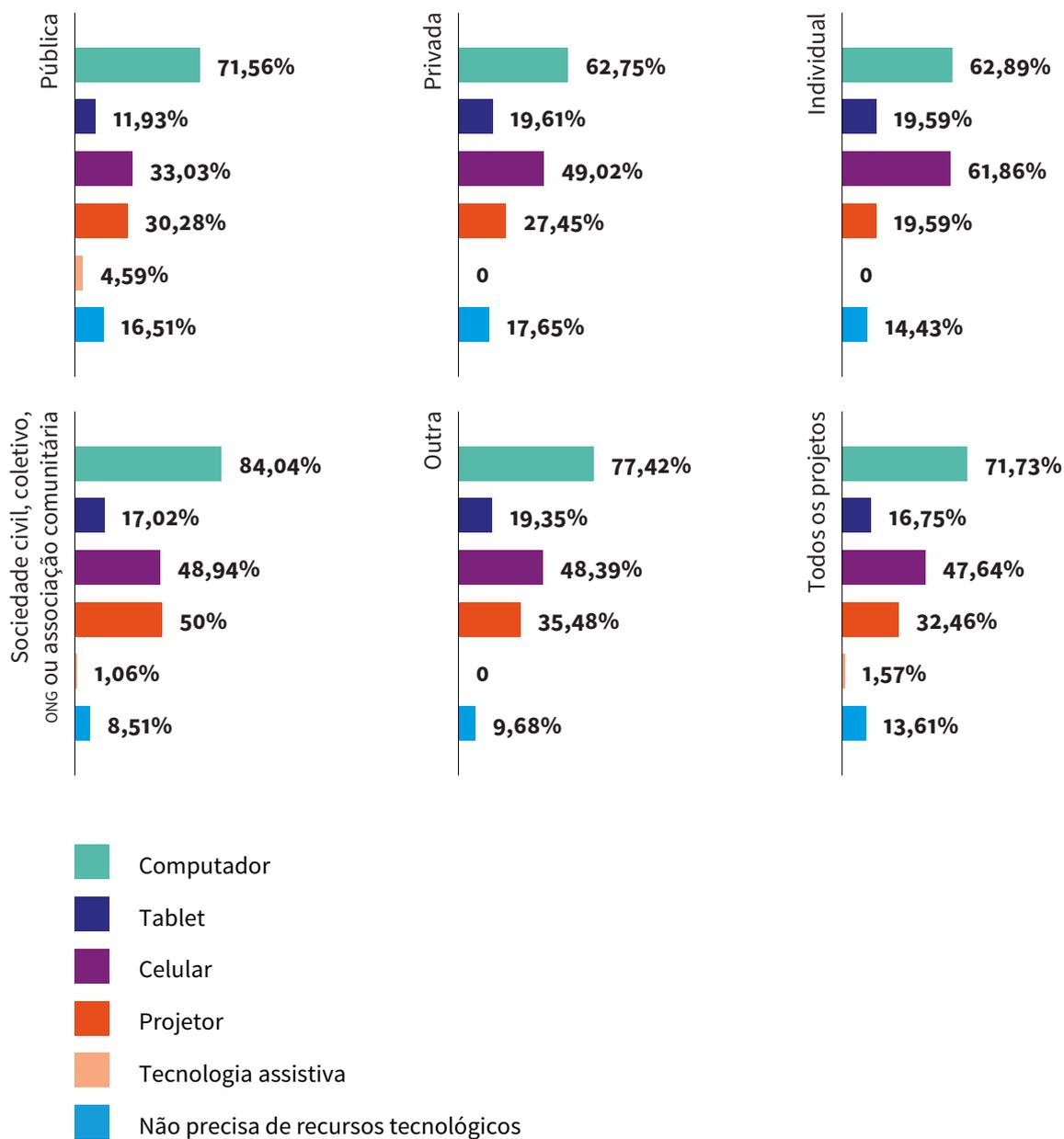


GRÁFICO 58 | Principais recursos tecnológicos segundo a origem do projeto

Gráfico criado a partir do cruzamento das respostas às perguntas Q37 (Qual a origem do projeto) e Q54 (Recursos tecnológicos disponíveis).



Foram agrupados para fins de apresentação dos dados os projetos originários da sociedade civil, de coletivos, ONGs ou associações comunitárias, por se tratarem todos de projetos originários de um grupo de pessoas da comunidade, sem associação a órgãos públicos ou instituições privadas.

GRÁFICO 59 | Principais recursos tecnológicos dos projetos de acordo com o ambiente de realização das atividades

Gráfico criado a partir do cruzamento das respostas às perguntas Q37 (O projeto é desenvolvido em) e Q54 (Recursos tecnológicos disponíveis).

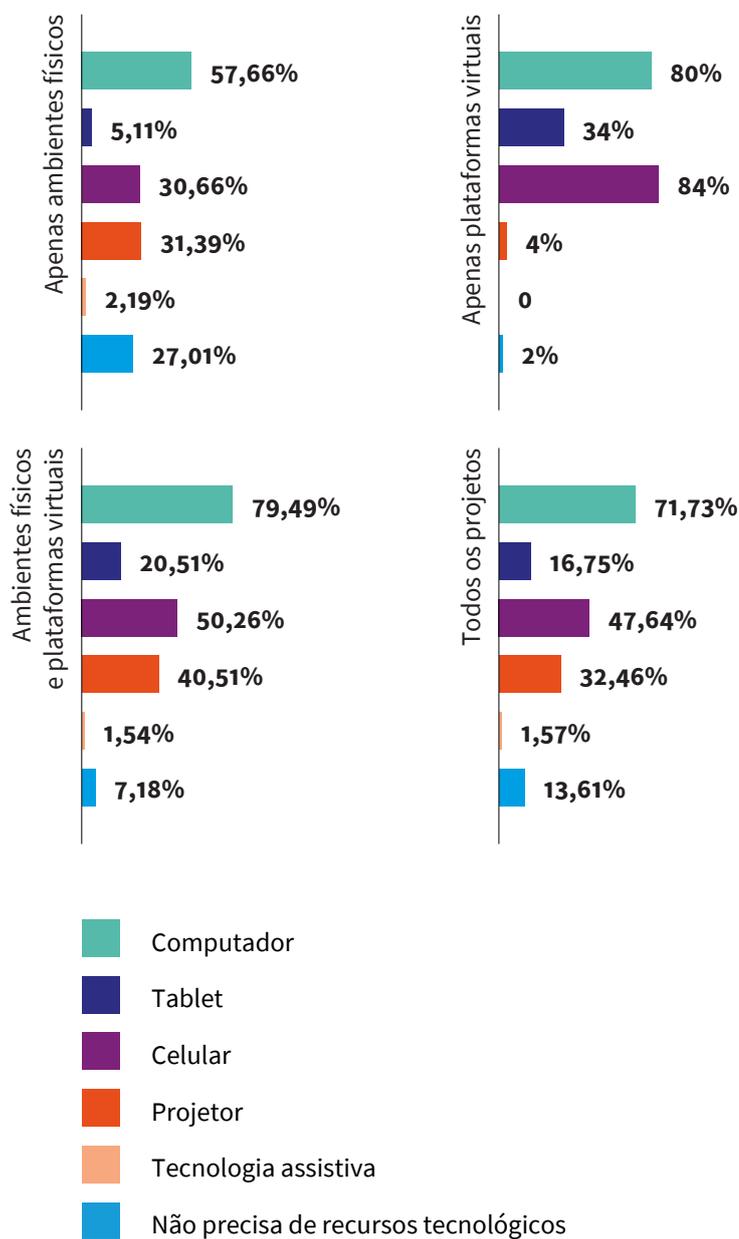
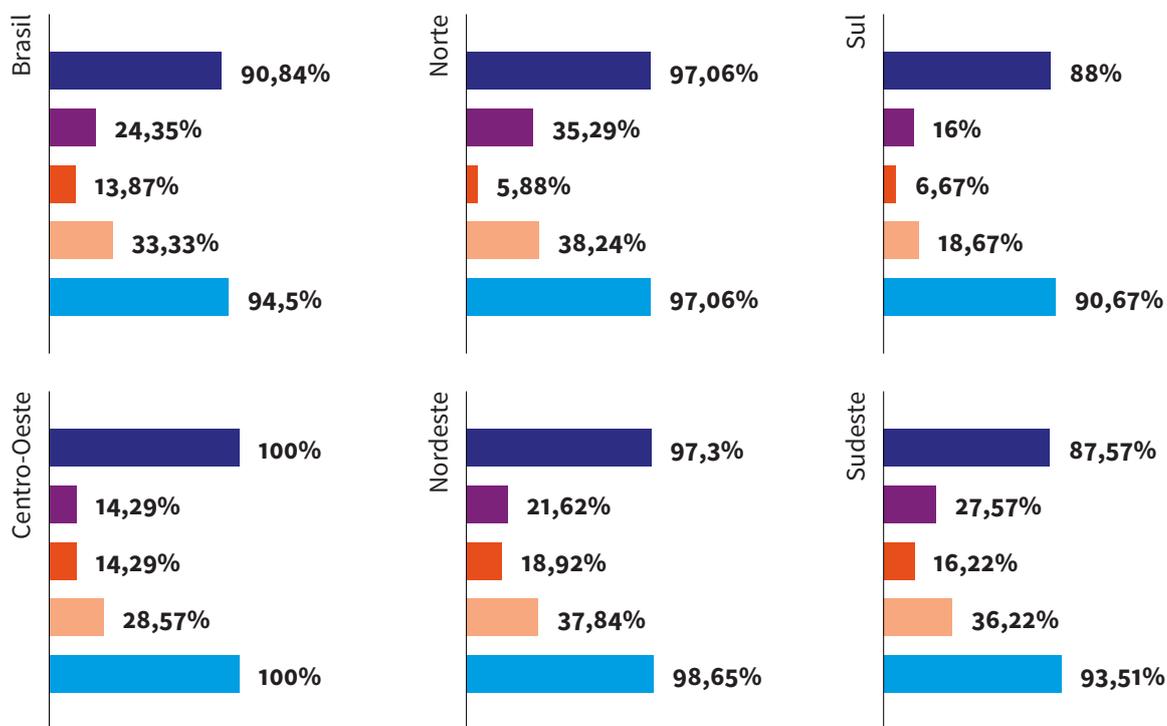


GRÁFICO 60 | Presença de livros nos acervos dos projetos, considerando diferentes mídias e formatos

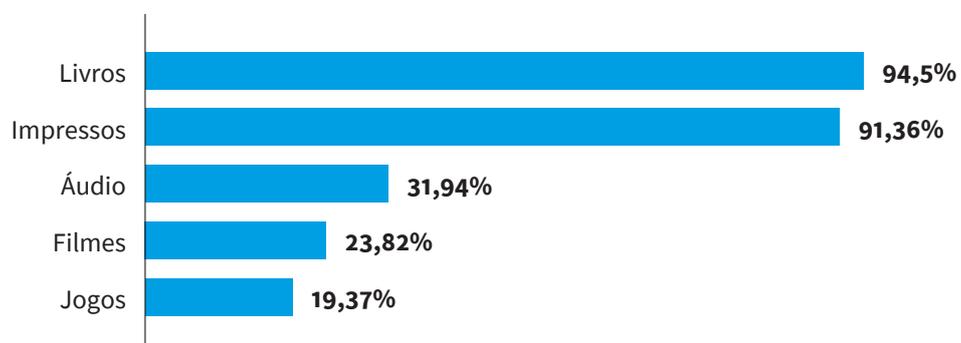
Gráfico criado a partir do cruzamento das respostas às perguntas Q10 (Estado em que está sediado o projeto) e Q52 (Acervos à disposição do projeto).



- Livros impressos
- E-books e aplicativos de leitura
- Audiolivros
- Livros em formato digital (e-books/aplicativos/audiolivros)
- Livros em qualquer formato

GRÁFICO 61 | Itens dos acervos organizados em categorias

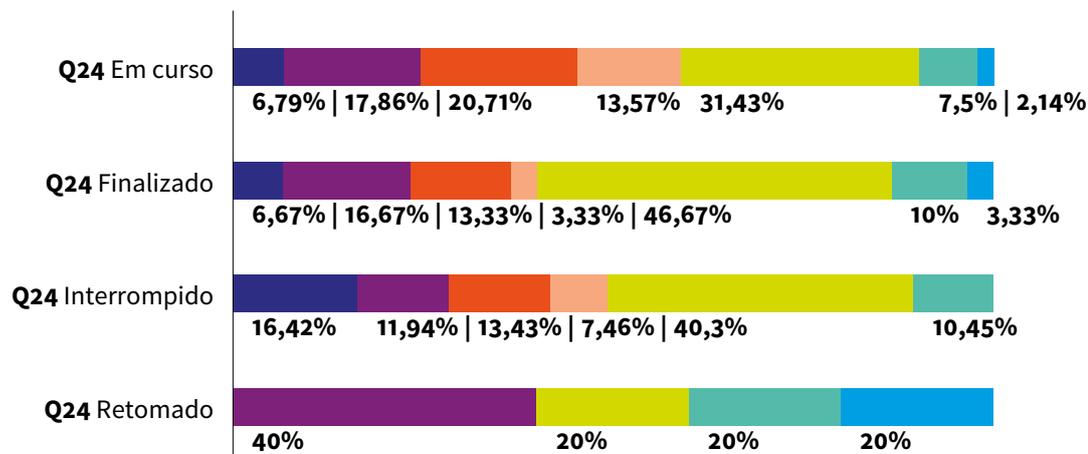
Gráfico criado a partir das respostas à pergunta Q52 (Acervos à disposição do projeto).





3. **Tabulação cruzada considerando o perfil dos mediadores**

GRÁFICO 62 | Realização de formação de mediadores x longevidade dos projetos



- Q60 Sim, formação inicial
- Q60 Sim, formação continuada ao longo do projeto
- Q60 Sim, formação inicial e formação continuada ao longo do projeto
- Q60 Outro tipo de formação
- Q60 Não oferece formação pois os mediadores já têm formação prévia
- Q60 Não oferece formação e os mediadores não têm formação prévia
- Q60 Não sei

GRÁFICO 63 | Tipos de mediadores que atuam em projetos que realizam formação de mediadores

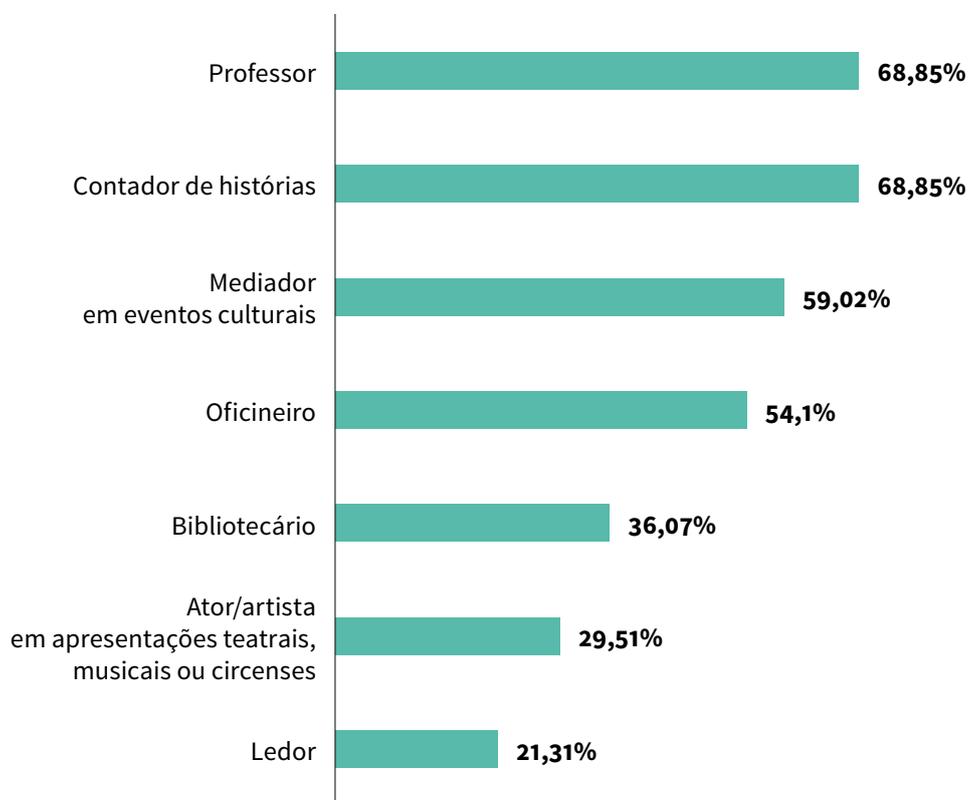


GRÁFICO 64 | Remuneração de mediadores que atuam em projetos que realizam formação de mediadores

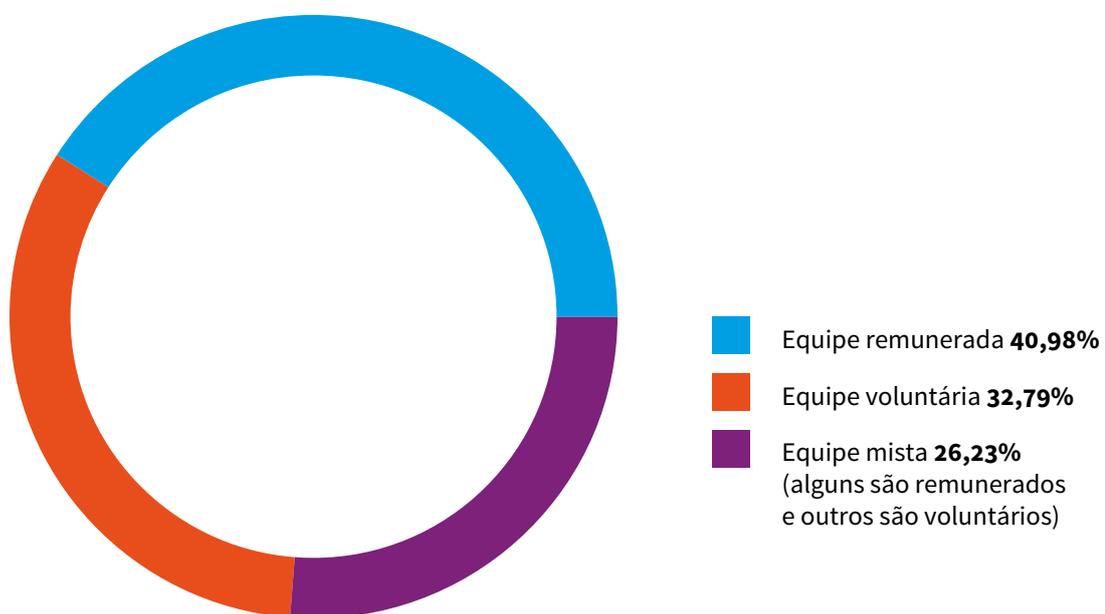


GRÁFICO 65 | Público-alvo dos projetos que realizam formação de mediadores

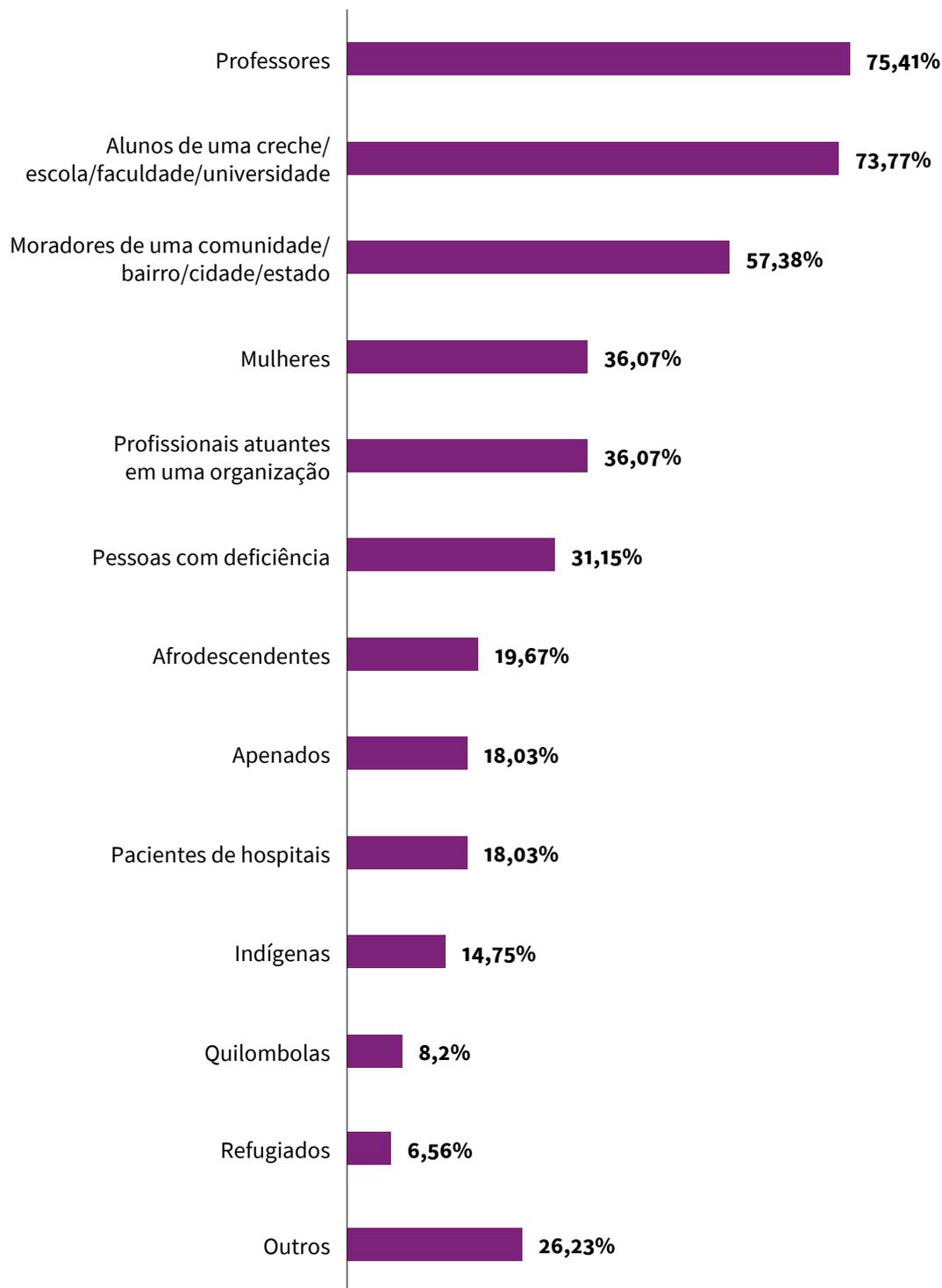


GRÁFICO 66 | Espaços físicos em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos



GRÁFICO 67 | Plataformas virtuais em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos

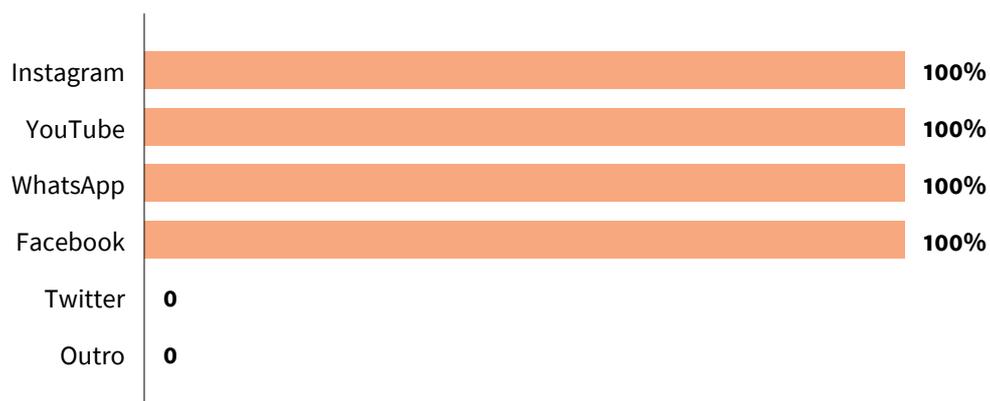


GRÁFICO 68 | Espaços físicos e/ou plataformas virtuais em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos

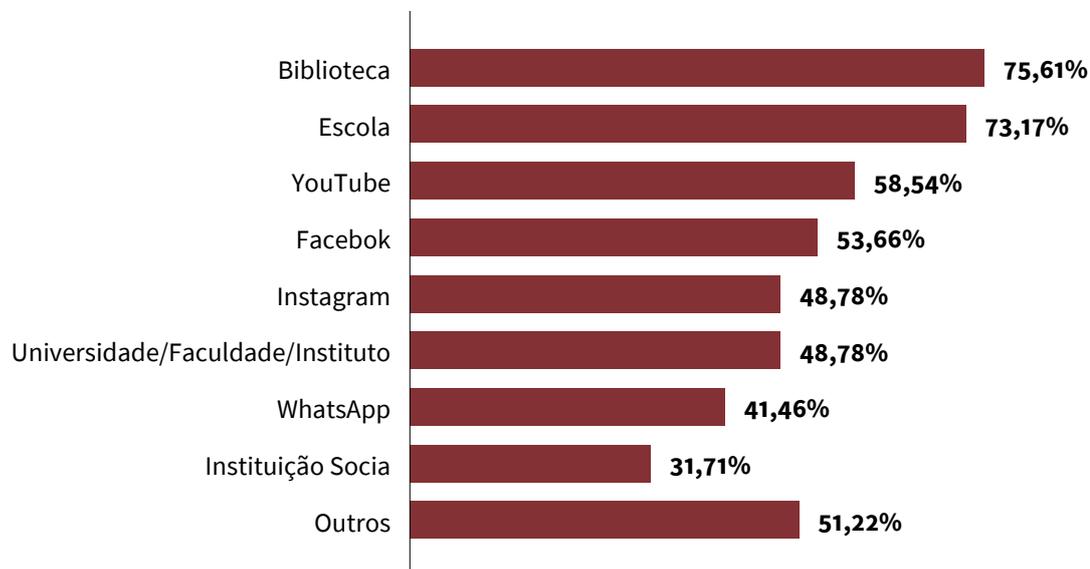


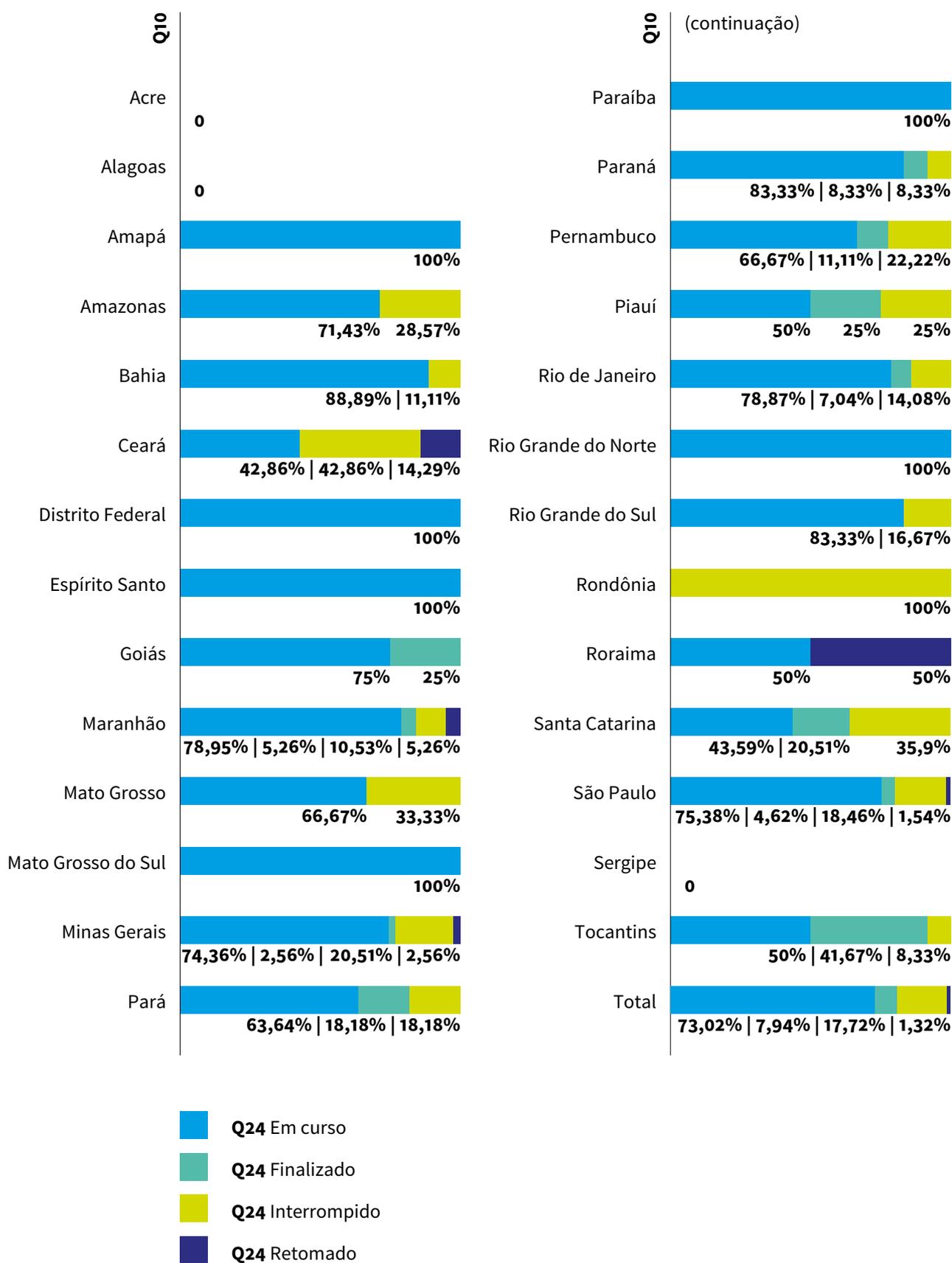
GRÁFICO 69 | Quem desenvolve os projetos que realizam formação de mediadores





4. Tabulação cruzada considerando a pergunta Q10 (Estado do projeto)

GRÁFICO 70 | Q10xQ24: O projeto se encontra



SOBRE A AUTORA

VIVIANE MOREIRA_ é Mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio. Com formação técnica em web design, possui experiência em EAD por meio do trabalho como tutora no Curso de Teologia a Distância da PUC-Rio, experiência profissional com inclusão digital e implementação de métodos de utilização de TICS (Tecnologia de Informação e Comunicação) em comunidades carentes através da ONG SOCID (Sociedade Digital), trabalhando no Projeto Furnas Digital (2007-2009). Atualmente é analista de mídias digitais do iiLer e da Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio, nos quais é diretora da [Revista L.E.R \(Leitura em Revista\)](#), diretora visual da [Revista Cátedra Digital](#) e pesquisadora no Projeto O Brasil que Lê. Também é editora, junto a Eliana Yunes, da Editora Saberes em Diálogo.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2098264844113312>





VI.
O BRASIL QUE LÊ
Relatório de supervisão e
conclusão da pesquisa

Eliana Yunes
José Castilho



Considerações para uma avaliação dos relatórios finais

A pesquisa **O Brasil que Lê** realizada pelo Instituto Interdisciplinar de Leitura e pela Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, sob demanda do Instituto Itaú Cultural e a supervisão da JCastilho Consultoria, teve como objetivo mapear os projetos de formação de leitores que ocorreram nos últimos 30 anos no país e entender como foram criados, se mantiveram ou porque foram encerrados. A incidência da pandemia do coronavírus aportou um dado mais, sobre os que se mantinham ativos e as condições de gerenciamento que os sustentaram.

Uma razão imperativa se impunha: o movimento em torno da leitura que eclodiu no Brasil nos últimos 20 anos do século passado, analisado desde 2006 pela Cátedra UNESCO de Leitura, testemunha uma atividade intensa

de leituras em múltiplas linguagens e suportes, seja em parcerias, com registro de teses, dissertações, ou de iniciativas em diferentes espaços e públicos, seja por consultas a seu acervo feitas por pesquisadores de todo o território nacional. Uma consulta à sua plataforma Cartografias oferece uma história documentada da Leitura no Brasil e dados que já indicavam a dinamicidade do campo com projetos de impacto em todas as regiões. As ações consistentes do Programa Nacional de Incentivo à Leitura — PROLER,¹ criado em 1992 na Fundação Biblioteca Nacional, e da ONG LEIA BRASIL, criada em 1991 e voltada à promoção da leitura, por exemplo, seguem se desdobrando por meio de iniciativas privadas para a promoção de leitores.

A experiência do PROLER como tentativa de se implantar uma política de formação de leitores permanente no país, apesar de descontinuada em 1998, foi suficientemente forte para frutificar em pelo menos dois grandes resultados: a sua continuidade em ações para a formação de leitores seguiu abraçada por professores e voluntários da sociedade civil e permanece até os nossos dias; e seu exemplo que inspirou profundamente a elaboração do Plano Nacional do Livro e Leitura² — PNLL em 2006.

Seguramente alicerçados na experiência do passado recente, e enquadrados por um novo ciclo político e econômico em toda a região ibero-americana, os chefes de Estado desses territórios promulgaram decisões e orientações em 2003 que estabeleceram o objetivo de se buscar uma política de Estado para a formação de leitores e planos nacionais de leitura que dessem conta do desenvolvimento de recursos, estruturas e legislações que cumprissem aquele objetivo. A partir do Ano Ibero-americano da Leitura, aqui denominado VivaLeitura, em 2005, construíram-se Planos Nacionais de Livro e Leitura em dezenove países da região e no Brasil ele foi promulgado como texto consensual e unificador de toda a cadeia criativa, produtiva, distributiva e mediadora do livro e da leitura em dezembro de 2006.

Desde então, principalmente no período de implantação que terminou após quatro anos em 2010, o PNLL obteve grandes avanços e grandes retrocessos, a exemplo dos programas públicos anteriores. No entanto, seu método de construção, baseado em texto que obteve inédito entendimento sobre seus fundamentos e objetivos, e na plena integração e participação ativa da sociedade civil, de especialistas e de militantes pró-leitura, aliado à estratégia de descentralização de seus quatro eixos para criação de PELL (Planos Estaduais) e PMLL (Planos Municipais do Livro e da Leitura), garantiu sua permanência enquanto instrumento norteador e motivador para formar leitores, democratizar o acesso à leitura e às bibliotecas, valorizar o livro em todos seus suportes e incentivar a economia do livro em todos os seus elos.

Em outras palavras, apesar do histórico e notório mal que acompanha as boas políticas públicas implantadas no Brasil, o da descontinuidade, as inspirações de movimentos como o PROLER e o PNLL estão sendo suficientes até hoje para, malgrado o atual poder federal em exercício, alguns Estados e Municípios seguirem construindo PELL e PMLL, assim como a sociedade civil se desdobra em manter e seguir adiante com suas iniciativas formadoras ao mesmo tempo que reivindica do poder executivo federal providências para a retomada de políticas públicas de incentivo à leitura. Um exemplo desta determinação de construir e reivindicar pode ser encontrado na Rede

1 PROLER. **Decreto do Poder Executivo n.º 519**, de 13 de maio de 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0519.htm

2 Plano Nacional do Livro e da Leitura. **Decreto do Poder Executivo n.º 7.559**, de 1 de setembro de 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm

Nacional de Bibliotecas Comunitárias — RNBC, potente organização de formadores de leitores, bibliotecas nascidas nas comunidades periféricas das metrópoles e em rincões diversos do país, que exercem grande relevância nas comunidades em que se instalaram e que se pautam por construção de meios para formar leitores e pela luta pelo direito à leitura e por políticas públicas locais, regionais e nacional em torno dos eixos do PNLL.

3 Política Nacional de Leitura e Escrita PNLE. **Lei Castilho** — Lei n.º 13.696/2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm

Em pesquisas paralelas, a Cátedra UNESCO de Leitura vem anotando a mobilização pró-leitura que, no interior do país, impacta a vida cultural de municípios, inclusive bem distantes das capitais, a partir do esforço por legalizar e tornar realidade o Brasil leitor que pode sustentar o desenvolvimento pessoal e coletivo preconizados pelo PROLER e pelo PNLL.

A pesquisa realizada pela JCastilho Consultoria, em parceria com Renata Costa, da Palavralida Consultoria, para a Rede Leitura e Escrita de Qualidade para Todos — LEQT em 2020, trouxe dados que demonstram o esforço ainda persistente de criação e desenvolvimento de planos de leitura nos estados e municípios. Com o objetivo de mapear os planos existentes em 2019-2020, chegou-se a resultados como esses:

- Apesar do período crítico do primeiro ano da pandemia, obtiveram-se respostas de 18 estados e 833 municípios, todas por meios virtuais.
- 12 estados brasileiros estão construindo ou já construíram seus PELL, 66,66% do total. A maioria deles considera a necessidade de estruturar e realizar adequadamente os planos aprovados.
- 153 municípios já têm PMLL ou estão em fase de construção; dos 54 municípios que têm planos consolidados, 23 têm orçamento previsto, 40 possuem leis específicas e 06 têm decretos ou portarias que os institucionalizam.
- Apesar de uma porcentagem ainda pequena em comparação à quantidade total de municípios, é significativo que esse número de estados e municípios continuem as diretrizes do plano nacional, após o abandono de investimentos federais em políticas de formação de leitores desde 2016, com sua desestruturação tanto pela extinção do Ministério da Cultura como no atual Ministério da Educação.

O conjunto desses dados da pesquisa, somados e interpretados à luz de nossa história recente, nos permite inferir que a força civil dos movimentos pró-leitura nos últimos quarenta anos é o que possibilitou também o avanço da única conquista da política pública de leitura nos últimos seis anos: institui-se a primeira lei que reconhece a leitura como um direito da cidadania e impõe a criação de planos nacionais de livro e leitura decenais sob princípios igualitários e democráticos. Trata-se da Lei 13.696/2018 que criou a Política Nacional de Leitura e Escrita — PNLE³ e que tem capacidade jurídica e política de sintetizar e dar força legal à impulsão de programas, ações e projetos com escala de política pública que cabem ao Estado brasileiro assumir e liderar.

A realidade, neste final de 2021, já caminhando para o último ano do atual mandatário que assumiu o governo federal em 2019, escancara um profundo retrocesso das políticas públicas federais neste desastroso e retrógrado período.

O resultado desse contexto difícilíssimo, que se apresenta nos relatórios já disponibilizados nesse estudo, confirma estas assertivas preliminares nas iniciativas que foram alcançadas e que vieram compor o corpus da pesquisa: a duras penas, abandonado a empreendimentos da sociedade civil, sem recursos financeiros e sem tecnologia que garanta sua extensão, **o Brasil lê**.

A mostra recolhida e inclusive apresentada em webinários com projetos de distintas regiões e com diferentes estratégias para públicos diversos, (<https://youtube.com/TVCatedraUnesco>) leva-nos à consideração de que na sociedade civil, há organização, capacitação e forte interesse em formação de leitores, que vai muito além do sistema educativo. Falta cabalmente apoio, sobretudo de recursos financeiros e ações de Estado que deem a escala necessária para se atingir o conjunto da população brasileira.

Uma das reivindicações principais que aparece nas respostas sobre expectativas e sonhos dos promotores de leitura identificados como os responsáveis pelas referidas ações, é esta: a **continuidade** que perseguem depende não apenas da **formação de novos líderes mediadores**, mas, sobretudo, da possibilidade de desenvolverem um programa constante, mais extenso e intenso **com apoio das instâncias administrativas governamentais incumbidas da área**. Em poucas palavras, da existência de uma política de leitura, que desde os anos 90 vem sendo proposta, enfim aprovada em 2018, que possa garantir recursos e a manutenção dos projetos que, programados de forma estável, venham alcançar **o Brasil que não lê**.

Mesmo que aprovados por governos, os planos têm garantido menos que as ações pertinentes e insistentes que foram destacadas ao longo do *Webinário Arte, Técnica e Paixão* como exemplos de que a sociedade civil sustenta o trabalho por iniciativa própria e com parcerias - em que eventualmente também se insere o poder público. A leitura dos relatórios informa que os brasileiros que se fazem mediadores de leitura sabem formar leitores, dependendo de continuidade que exige a prática de uma política. Suas recomendações e orientações já demonstraram que a existência de uma política central, democraticamente construída e sólida conceitualmente, ajuda as iniciativas da sociedade a focar em ações que sistematizem metas, objetivos e a tecer uma rede de parcerias, colaborações, interações que fortaleçam o propósito de uma sociedade leitora. Contempla-se aí um dos alicerces do PROLER de 1992 e do PNLL de 2006, que entendem a formação de leitores como uma tarefa compartilhada entre o Estado e a Sociedade.

Desde o PROLER até o PNLL, são professores, bibliotecários, voluntários e autodidatas de diversas formações que, destemidamente e sem desânimo, respondem pela maioria das atividades que se estendem por espaços os mais diversos, como creches, asilos, prisões, praças, museus, hospitais, espaços não convencionais criados pelas comunidades, além de iniciativas apoiadas na internet. É importante ressaltar também a multiplicidade, a diversidade do público atendido, como: quilombolas, indígenas, mulheres presidiárias, pessoas com deficiência, em um esforço vital para que a

formação de leitores e leitoras se dirigisse ao conjunto da população brasileira. Uma **política de leitura** está demandando mais do Estado.

4 CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In LIMA, Aldo (org). **O Direito à Literatura**. Recife: Editora Universitária da UFPE/ Catedra UNESCO de Leitura.

Uma decisão desta natureza, obviamente pode ter data inicial, mas não se esgota em período fixado para ser concluída: a sociedade se constitui pela renovação de gerações que carecem de formação, e não apenas de informação, para atuar na qualificação da vida pessoal e coletiva. A condição leitora não pode corresponder à mera alfabetização, pois a capacidade crítica advém da interpretação dos fatos e das narrativas que é gerada na relação com o próprio acervo de vida e com o repertório constituído pelas diferentes perspectivas e horizontes com que o mundo se torna texto. Portanto, nenhum leitor recebe diploma, e nenhuma sociedade é leitora definitivamente. Como na saúde, este é um trabalho constante, como na educação é um trabalho ininterrupto, ao longo da vida.

As respostas discursivas ao questionário puderam alertar sobre as habilidades leitoras que cada circunstância cobra ao leitor. E mais que “saber ler” como um dever social e político, trata-se, como argumentou Antônio Candido,⁴ de modo irrefutável, um direito cidadão que experimentou a dimensão do literário como fenda no sólido muro das ideologias que manipulam o conhecimento. Sair do lugar comum ou da alienação requer esta capacidade crítica que vem tanto da sensibilidade como da razão. Por isso não estranha que grande parte do esforço para levar acervos ao público se constitua em disponibilizar obras de arte mais que livros informativos, pois a finalidade das ações é formar o leitor com observação e discernimento e não apenas conduzi-lo por trilhas definidas de pensamento para a ação alienada.

É preciso ter isto bem claro para entender com que materiais se forma o leitor em um programa nacional de leitura uma vez que há um corolário essencial: escolas dignas, professores com formação continuada e tempo para atender os alunos e se aprimorar, bibliotecas e livrarias por toda parte, museus, cinematecas, auditórios para concertos de música popular e clássica, acesso assegurado aos meios virtuais e disponibilização de conteúdos de qualidade acessível para toda a população; tudo isto fica como exigência de comunidades alijadas destas experiências por distância, falta de transportes, restrições econômicas — e afinal, a realidade explica porque brasileiro não compra livros, não vai a teatro e está confinado à TV, aos *games*, ao celular, quando há internet em sua área. O levantamento dos dados na pesquisa fala do descaso com a cultura e as histórias do Brasil e de como isto afetando a leitura, afeta a cidadania.

Uma pergunta não cala: a quem interessa um povo despreparado para criar riquezas, para alavancar qualidade de vida e produzir saberes que seriam capazes de melhorar o PIB, o IDH, o PISA, o IDEB, sem destituir do devido os que já foram contemplados? Tecnicamente sólido, o conjunto de relatórios é contundente para apontar que há caminhos abertos no seio da sociedade para estender a malha da leitura como base para o país assentar seus projetos de ordem socioeconômica, além da cultural e educacional, uma vez que eles dependem de sujeitos bem formados, vale dizer, leitores, capazes de atuar em seu meio não apenas como exploradores de oportunidades, mas construtores da nação.

Apesar de ficar atestado que barreiras financeiras e de formação de recursos humanos são um obstáculo ao aperfeiçoamento de sociedades leitoras — e sabemos que elas não são ignoradas entre políticos e gestores do desenvolvimento, tornando-se projeto deliberado de exclusão de grande parte da população — as análises demonstram que ler, além de um direito do cidadão e um dever do Estado promovê-la, é de importância estratégica para a participação social dos sujeitos nos destinos do país: o que se entende por desenvolvimento não corresponde apenas às benesses da industrialização e da informática, mas supõe a capacidade de tomada de decisões e de criação de alternativas, com reciprocidades, entre os membros de uma comunidade, movidos a priori pela ativação de suas potencialidades pessoais que a educação habilita e a cultura fortalece, quando não reprimidos.

Este parágrafo remete ao sufocamento intrigante que vive a educação em seu sistema e nas pontas de execução, as escolas, privadas de bibliotecas, de rede de internet, de professores em tempo integral assim como os alunos, de interação ativa com outros espaços culturais e de renovação metodológica e didática, em que a *concorrência e competição* já deveriam ter cedido o espaço para a *co-ocorrência e a colaboração*. É contraditório que, carecendo de maneira absoluta da convivência e da atividade do outro para qualquer ação no cotidiano, mantenha-se uma prática de isolamento na solução de problemas e na busca de compreensão daquilo que afeta a todos. Este dado transparece ao longo das análises dos projetos, desde a luta por criar e fazer circular novos modos de ler, até a dificuldade em manter o interesse dos alunos diante do ordinário escolar. Não resta dúvida de que a leitura literária mobiliza, apesar da precária alfabetização, a curiosidade, as emoções, a reflexão nos cenários que as obras apresentam em tempos e lugares novos.

Para renovar a escola em si, é imperiosa a formação do mediador de leitura, provocador de novos leitores, interessados no conhecimento. A questão que constitui toda uma unidade do questionário põe em relevo o perfil do professor leitor, com habilidades para partilhar seus livros e personagens favoritos, assim como mobilizar a perspicácia de observação na leitura e suscitar a sensibilidade e expressão dos afetos. É quase inacreditável que tantas vozes renomadas, apontando o papel humanizador que dá ao indivíduo uma perspectiva de integridade e integração, não tenham sido escutadas por autoridades gestoras, nem por grupos sociais com poder para intervir neste horizonte.

Em meio a pandemia que afastou alunos da escola, foram estes mediadores os responsáveis por buscar e aprender a lidar com as novas tecnologias para as quais a maioria das unidades escolares estão desparelhadas. Foram professores, bibliotecários, outros educadores informais como mediadores de leitura e contadores de histórias que, em planejamento e com recursos próprios investiram em ações cidadãs para que o atraso na formação não fosse maior. O que se vê das análises é que, a depender de pelo menos quatro centenas de mediadores, dadas condições materiais e apoio de redes experientes, **o Brasil que lê** chegaria a frequentar livrarias, bibliotecas, cinemas, museus que estejam a seu alcance físico. O brasileiro, em situações de carência desde moradia a alimento, de transporte e comunicação, não tem como desfrutar daquilo a que não tem acesso.

Não é de menor importância anotar que também o acesso aos bens culturais, pautado na democratização e no reconhecimento da cultura em suas três dimensões — como valor simbólico, como direito à cidadania e como economia — foi desprezado nos últimos seis anos quando ainda dava seus primeiros passos, após séculos de impedimentos a esta fruição vital para a maioria da população. O desmonte administrativo e conceitual do Ministério da Cultura e o abandono do Plano Nacional de Cultura e suas metas inclusivas são o expoente mais visível do divórcio atual entre o poder central e seus cidadãos nesta área fundamental para o desenvolvimento sustentável.

É urgente considerar o pano de fundo da realidade nacional nas periferias das cidades, no interior pontuado por pequenos povoados, a mercê de exploração política, para dimensionar o efeito que impacta a formação de leitores em múltiplas linguagens, não de livros unicamente. Quando a oportunidade se oferece, mesmo em prisões e asilos, os brasileiros encontram o prazer e a necessidade de ler.

Em um cenário que o IBGE computa a discrepância entre a oferta do Estado e as necessidades da população, desde eletricidade até o saneamento básico, considerados vitais, o lugar dos livros, das artes se mostra secundário nas prioridades que sequer os tomam como relevantes. Contudo, como demonstrado na pesquisa, cerca de 220.000 pessoas, aproximadamente, foram mantidas online, interagindo com promotores sociais responsáveis e comprometidos com a leitura, enquanto exercício de crítica e discernimento, enquanto formação de intersubjetividade cívica.

Diante do quadro que a pesquisa paralelamente anuncia e denuncia, podemos nos perguntar ainda uma vez, porque **o Brasil que lê** é tomado como coisa de poucos e é atribuído como culpa e desinteresse ou despreparo dos brasileiros, o baixo consumo de livros, a baixa frequência a espaços culturais.

Caberia ainda perguntar, se não é este o Brasil que alguns privilegiados querem. O que fazer para mudar este perfil, não mais sendo legítimo considerar que a omissão cabe ao cidadão? A considerar os dados da pesquisa, o esforço de mediadores isolados ou organizados coletivamente pode mudar a face do país, não apenas como leitor, mas como eleitor. O lugar da tolerância, da partilha, da participação tem grandes chances de ser compreendido e aplicado à vida social, a partir de personagens de obras literárias, como se vê nos relatórios. Mas não basta. É tarefa institucional, de organismos e entidades oficiais, públicas e privadas, considerarem sua responsabilidade e obrigação de viabilizar as condições para que estes índices de leitura se expandam e uma atuação cidadã se faça sentir.

As análises dos questionários respondidos (v. relatórios 1, 2, 3, e 4) demonstram que o brasileiro quer ler, conhecer, entender e agir. Os mediadores são esta prova. A criatividade, o domínio da tecnologia, o conhecimento dos acervos, a busca de apoio e parcerias, a presença constante nos editais públicos, e o foco na formação de novos leitores comprovam que dispomos de condições iniciais para alavancar o trabalho de uma política, legalmente aprovada a se pôr em marcha. A existência de um decreto criando um programa nacional de leitura em 1992 — PROLER —, da lei do livro de 2003, a

abrangência da lei da PNLE de 2018 oferecem os termos legais; uma estratégia comum a cargo de estados e municípios foi proposta e dezenas deles a estão colocando em prática com seus planos estaduais e municipais inspirados no PNLL. Esta estratégia poderia apoiar a organização de comitês de atuação, para desburocratizarem os processos de legalidade exigidos que obstruem as condições de atuação mais ampla e produtiva.

Esta requer uma mobilização de entidades civis e empresas que reconheçam e apontem de forma clara a relevância de **um Brasil que lê**, não apenas para formar mão de obra que saiba atender a máquinas, mas que saiba criá-las ou aperfeiçoá-las a serviço de realidades próprias, reconhecidas. O Estado precisa ser pressionado a investir na população, de modo a que seu trabalho possa criar riqueza e não apenas subserviência e desigualdade, como se vê explicitamente ao longo da pandemia. Uma sociedade leitora leria que o depredamento de bens comuns é um desserviço; que o bom serviço público precisa ser valorizado; que os direitos têm canais para serem assegurados; que o trabalho não é servidão; que o ambiente de vida e convívio precisa ser cuidado; que as relações humanas constroem o bem-estar coletivo etc.

A capacidade leitora dos brasileiros, não sendo panaceia para todos os males, obviamente, pode dar a cada sujeito a dimensão de seu papel social na família e no trabalho, na cidade e no campo, fazendo-o protagonista dos espaços e das situações em que está atuando, como colaborador do pensar e do agir para qualificar a vida pessoal e coletiva. Mas esta transformação emancipadora, como a via Paulo Freire,⁵ depende do compromisso dos poderes instituídos em realizar as condições de promulgação deste *direito e dever de ser leitor do mundo e da letra*. O atraso brasileiro no quadro das nações desenvolvidas não se justifica com a riqueza natural disponível, com os recursos materiais e financeiros que resistem à corrupção; ele reside na falta de qualificação de seus cidadãos, usurpados de seu direito a se inserir no movimento social que gera produtividade pela criatividade e envolvimento na vida pública. A existência de política pública é condição necessária e imprescindível para realizar essa transformação para todos os nossos concidadãos.

A leitura de cada relatório, respondendo às questões iniciais propostas para a pesquisa, certamente, poderá levar a muitas outras leituras que ampliem o raio de visão aberto nesta interpretação. Contudo, fica evidente que foram os leitores aqui identificados os que atuaram silenciosamente para que a sociedade e a escola brasileira não tivessem índices mais dramáticos de esvaziamento, desarticulação e atraso cultural. Este custo o Brasil vai computar por um longo prazo.

Há anos, a Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio vem propondo um levantamento sobre **os custos do Brasil que não lê**.⁶ Um levantamento inicial apontava os acidentes evitáveis na economia nacional de malfeitos por conta da ausência de capacidade leitora. Carecemos com urgência, para demonstrar em linguagem inteligível para as autoridades políticas e econômicas, de uma pesquisa de grande envergadura que aponte nos desastres ambientais, na saúde, no trabalho, na educação e na administração, estes custos desperdiçados pelo iletramento que não arruinam apenas sua área de atuação, mas a vida de muitos no presente e futuro.

5 FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2000.

6 YUNES, Eliana. **Cartografias da Leitura**. In ROCHA, Alessandro (org). **Leitura, Inclusão e Desenvolvimento**. São Paulo: Catedra UNESCO de Leitura/Ed. Reflexão, 2017.

A diferença entre nações ricas e pobres passa pela educação e pela cultura, sendo a leitura sua mola mestra para qualquer área do conhecimento. Ela determina, indubitavelmente, a possibilidade de compreendermos e exigirmos todos os direitos humanos, sendo ainda elemento necessário para o desenvolvimento sustentável de uma nação, com a também necessária sustentabilidade e harmonia com a natureza.

Os resultados dessa pesquisa apontam para essas possibilidades, a de sermos uma nação muito melhor em todos os aspectos que a humanidade possa ser. Esses mesmos resultados demonstram também que **o Brasil que Lê** sabe o que fazer. A pergunta é: quando superaremos a barreira política em suas dimensões econômica, moral e de direitos que nos impede de realizar essa tarefa histórica e civilizatória?



SOBRE OS AUTORES

ELIANA YUNES_ Professora universitária (1970-2017) no país e visitante no exterior, com formação em filosofia e letras, doutorados em linguística e literatura, pesquisadora e crítica, com publicações em interpretação, teorias da leitura e formação de leitores, estudos inter e transdisciplinares nas áreas de hermenêutica, letras, educação, artes, teologia e políticas públicas. Orientadora na UFRJ, na UERJ, na PUC-Rio (1975/2017), organizadora do PROLER/Fundação Biblioteca Nacional, co-criadora da Cátedra UNESCO de Leitura no Brasil e da RELER, rede de estudos avançados em leitura. Dirigiu o Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio e participou como conselheira da Política Nacional de Leitura.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4700246374439911>

JOSÉ CASTILHO_ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo — USP, professor aposentado na FCL-UNESP/Araraquara, pesquisador, conferencista, autor, editor e gestor público. Atualmente é consultor na JCastilho — Gestão&Projetos – Livro – Leitura – Biblioteca (<https://www.jcastilhoconsultoria.com.br>). Dirigiu a Editora UNESP por 27 anos, a Biblioteca Pública Mário de Andrade (São Paulo) e foi Secretário Executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (MinC e MEC). Presidiu a ABEU e a EULAC e é consultor de organismos nacionais e internacionais na área acadêmica, educacional e cultural. A Lei n.º 13.696/2018, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita, foi apelidada “Lei Castilho,” em reconhecimento à sua atuação em defesa do livro e da leitura.



APÊNDICE

Questionário O Brasil que Lê



O Brasil que Lê

A Pesquisa

O Instituto Itaú Cultural, com a parceria do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio, da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio e da JCastilho Consultoria, está realizando uma importante pesquisa que pretende mapear projetos de promoção de leitura em todo o Brasil.

Queremos que você nos conte onde e como seu projeto contribui para o desenvolvimento da leitura e da formação de leitores críticos e apaixonados. Queremos dar visibilidade a uma rede de promoção de leitura existente em nosso país. Assim, todos os projetos que integrarem a pesquisa receberão um **Selo** que certificará sua inserção nessa grande rede, possibilitando contatos e intercâmbios.

Antes de começar o preenchimento da pesquisa, **tenha em mãos as informações sobre o seu projeto**, leia e assine o “Termo de Uso e Políticas de Privacidade” a seguir. Também indicamos assistir ao [vídeo tutorial](#). No [site da pesquisa](#) você encontra uma seção com perguntas frequentes, que também pode ajudar em caso de dúvidas e você ainda pode nos contactar por e-mail obrasilquele@catedra.puc-rio.br ou WhatsApp +55 21 99478-5074.

Esperamos que você abrace esta proposta e desde já agradecemos sua adesão ao esforço de alavancar, mediar e promover movimentos de conscientização em prol da leitura.

Contamos com você!

Ao participar da pesquisa você aceita o [Termo de uso de dados e políticas de privacidade](#). Clique no link para ler os detalhes do termo.

Esclarecemos que **sua participação na pesquisa é voluntária** e, portanto, não haverá cobranças ou pagamentos por suas informações, nem tampouco represálias caso decida não participar ou resolva desistir a qualquer momento. Se quiser cancelar sua participação, basta nos contactar pelo e-mail obrasilquele@catedra.puc-rio.br.

Informamos também, que ao responder o questionário, **você declara para os devidos fins que as informações nele contidas são verdadeiras e autênticas**, e que está ciente das responsabilidades pelas informações prestadas.

Agradecemos desde já sua contribuição e participação!



* 1. Aceito as condições do termo acima:

Sim.

Não.

* 2. E-mail:

Contamos com você!

Seja bem-vindo!

Site do projeto: <http://obrasilquele.catedra.puc-rio.br/>

O Brasil que Lê

* 3. Você é o/a responsável pelo projeto?

Atenção: não preencha o formulário sem a autorização do responsável pelo projeto.

Sim, eu sou o/a responsável.

Não, fui designado/a pelo responsável pelo projeto para responder o questionário em seu nome.

O Brasil que Lê

DADOS DO RESPONDENTE

* 4. **Nome** completo:

* 5. **Telefone(s)** de contato:

Utilize o formato (00) 00000-0000

Telefone fixo

Telefone celular

Outro, se houver

* 6. **RG:**

Utilize apenas números (00000000000)

* 7. **CPF:**

Utilize apenas números (00000000000)

O Brasil que Lê

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DAS INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO

1. Antes de começar o preenchimento do formulário, [veja o PDF com as perguntas](#) que você vai encontrar no formulário.
2. **Tenha em mãos as informações sobre o projeto** antes de começar, para facilitar o preenchimento.
3. Você **pode salvar o questionário parcialmente respondido** a qualquer momento e retomar o preenchimento posteriormente, desde que use o mesmo computador. Basta clicar no botão **Salvar e seguir** no pé da página para salvar as informações preenchidas até aquela página. Ao entrar novamente pelo site <https://pt.surveymonkey.com/r/obrasilquele> você encontrará o questionário já contendo as informações enviadas anteriormente. Mesmo que você já tenha terminado todas as questões, será possível editá-las até o dia **15 de janeiro de 2021**.
4. Todas as questões marcadas com **asterisco** são de **resposta obrigatória**.
5. Em **algumas questões**, será possível **assinalar mais de uma opção**. Esta informação constará do enunciado.
6. As **questões discursivas** têm **extensão mínima de 350 e máxima de 700 caracteres** para resposta.
7. Ao final do questionário você poderá **anexar um documento**, por exemplo, relatórios, fotos ou links que tragam mais informações sobre o projeto. Tenha esse material preparado antecipadamente e unificado em um só arquivo. Os formatos aceitos são **PDF, DOC, DOCX, PNG, JPG, JPEG e GIF**, com tamanho total de até **16 MB**.

O Brasil que Lê

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

* 8. **Nome** do projeto:

* 9. **Endereço** do projeto:

Considere a sede do projeto, ou o local tido como a base para a realização do projeto, seja esse local próprio, alugado ou emprestado.

Rua e número

Complemento

Bairro

Cidade

CEP

* 10. Estado

* 11. **Telefone(s)** do projeto:

Utilize o formato (00) 00000-0000

Telefone fixo

Telefone celular

Outro, se houver

12. **Website** do projeto:

Formato sugerido <https://www.nomedosite.com>

13. **Facebook** do projeto:

Copie e cole o link exato aqui. Formato sugerido: <https://www.facebook.com/nomedoprojeto>

14. **Instagram** do projeto:

Copie e cole o link exato aqui. Formato sugerido: <https://www.instagram.com/nomedoprojeto>

15. **YouTube** do projeto:

Copie e cole o link exato aqui. Formato sugerido: <https://www.youtube.com/user/nomedoprojeto>

16. **WhatsApp** do projeto:

Utilize o formato (00) 00000-0000

17. **Twitter** do projeto:

Copie e cole o link exato aqui. Formato sugerido: <https://twitter.com/nomedoprojeto>

O Brasil que Lê RESPONSÁVEL PELO PROJETO

* 18. **Nome** do responsável

* 19. **Gênero**

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não declarar
- Prefiro descrever meu gênero como (especificar):

* 20. **Telefone(s)** de contato:

Utilize o formato (00) 00000-0000

Telefone fixo

Telefone celular

Outro, se houver

* 21. **E-mail** do responsável

* 22. **Nível de formação** do responsável

* 23. **Área de formação** do responsável

O Brasil que Lê STATUS DO PROJETO

* 24. O projeto se encontra:

- Em curso
- Finalizado
- Interrompido
- Retomado

* 25. Projeto em curso

Caso não saiba a data exata, indique uma data aproximada

Data de **início** do projeto

Data

DD/MM/AAAA

* 26. **Duração** do projeto - projeto finalizado

Caso não saiba as datas exatas, indique datas aproximadas

Data de **início** do projeto

Data

DD/MM/AAAA

Data de **encerramento** do projeto

Data

DD/MM/AAAA

27. Por qual(is) **motivo(s)** o projeto foi encerrado?

* 28. **Duração** do projeto - projeto interrompido

Caso não saiba as datas exatas, indique datas aproximadas

Data de **início** do projeto

Data

DD/MM/AAAA

Data da **última atividade** realizada pelo projeto

Data

DD/MM/AAAA

* 29. Por qual(is) **motivo(s)** o projeto foi interrompido?

* 30. **Duração** do projeto - projeto retomado

Caso não saiba as datas exatas, indique datas aproximadas

Data de **início** do projeto

Data

Data de **interrupção** do projeto

Data

Data em que o projeto foi **retomado**

Data

* 31. Por qual(is) **motivo(s)** o projeto ficou interrompido?

O Brasil que Lê

DADOS DO PROJETO

* 32. Qual a **origem** do projeto:

Indique de onde partiu a iniciativa para a realização do projeto.

- Pública
- Privada
- Sociedade civil
- Individual
- Coletivo
- ONG
- Associação Comunitária
- Outra. Qual?

* 33. O projeto tem **parcerias** com:

Assinale todas as opções válidas.

- Instituições públicas
- Instituições privadas
- Instituições da sociedade civil
- Outros projetos
- Não tem parcerias
- Outra(s) parceria(s). Qual(is)?

34. O projeto tem alguma articulação com:

- Plano Municipal de Livro,Leitura e Biblioteca (PMLLB)
- Plano Estadual de Livro,Leitura e Biblioteca (PELLB)
- PROLER
- Agentes de Leitura
- Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)
- Outro(s). Qual(is)?

* 35. Qual(is) a(s) fonte(s) dos **recursos financeiros** do projeto?

Assinale todas as opções válidas.

- Instituições públicas
- Instituições privadas
- Instituições da sociedade civil
- Editais e programas de incentivos à cultura
- Renda arrecadada com a cobrança das atividades realizadas
- Recursos próprios dos responsáveis pelo projeto
- Recursos da comunidade em que está inserido
- Não tem apoios financeiros
- Outra(s) fonte(s). Qual(is)?

* 36. O projeto é **desenvolvido por**:

Assinale todas as opções válidas.

- Biblioteca
- Escola
- ONG
- Instituição social
- Pessoa física
- Universidade/Faculdade/Instituto
- Comunidade
- Outro. Qual?

* 37. O projeto é **desenvolvido em**:

- Ambientes físicos
- Plataformas virtuais
- Ambientes físicos e plataformas virtuais

* 38. Selecione o(s) **espaço(s) físico(s)** em que o projeto é desenvolvido:

- Biblioteca
- Escola
- ONG
- Instituição social
- Hospital
- Universidade/Faculdade/Instituto
- Associação Comunitária
- Espaço Público (praças, ruas, etc.)
- Outro. Qual?

* 39. Selecione a(s) **plataforma(s) virtual(is)** em que o projeto é desenvolvido:

- Facebook
- Instagram
- YouTube
- Twitter
- WhatsApp
- Outro. Qual?

* 40. Selecione o(s) **espaço(s) físico(s)** e/ou a(s) **plataforma(s) virtual(is)** em que o projeto é desenvolvido:

- | | |
|---|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Biblioteca | <input type="checkbox"/> Facebook |
| <input type="checkbox"/> Escola | <input type="checkbox"/> Instagram |
| <input type="checkbox"/> ONG | <input type="checkbox"/> YouTube |
| <input type="checkbox"/> Hospital | <input type="checkbox"/> Twitter |
| <input type="checkbox"/> Universidade/Faculdade/Instituto | <input type="checkbox"/> WhatsApp |
| <input type="checkbox"/> Instituição social | |
| <input type="checkbox"/> Outro. Qual? | |

* 41. O projeto tem **abrangência**:

- Institucional
- Comunitária
- Municipal (caso ocorra em mais de um bairro de uma cidade, o projeto é considerado municipal)
- Estadual (caso ocorra em mais de uma cidade no mesmo estado, o projeto é considerado estadual)
- Distrital (realizado no Distrito Federal)
- Nacional (caso ocorra em mais de um estado, o projeto é considerado nacional)

* 42. Em qual(is) **instituição(ões)** o projeto acontece?

* 43. Liste a(s) **comunidade(s)** atendida(s) pelo projeto:

* 44. Em qual **cidade** e estado o projeto atua?

Formato: Cidade-UF

* 45. Em qual **estado** o projeto atua?

- Acre
- Alagoas
- Amapá
- Amazonas
- Bahia
- Ceará
- Espírito Santo
- Goiás
- Maranhão
- Mato Grosso
- Mato Grosso do Sul
- Minas Gerais
- Pará
- Paraíba
- Paraná
- Pernambuco
- Piauí
- Rio de Janeiro
- Rio Grande do Norte
- Rio Grande do Sul
- Rondônia
- Roraima
- Santa Catarina
- São Paulo
- Sergipe
- Tocantins

* 46. Liste as **idades** em que o projeto atua:

* 47. Liste a(s) **região(ões) administrativa(s)** do Distrito Federal em que o projeto atua:

* 48. Selecione os **estados** em que o projeto atua:
Selecione tantos quantos forem necessários.

- Não sei
- Todos os estados
- Acre
- Alagoas
- Amapá
- Amazonas
- Bahia
- Ceará
- Distrito Federal
- Espírito Santo
- Goiás
- Maranhão
- Mato Grosso
- Mato Grosso do Sul
- Minas Gerais
- Pará
- Paraíba
- Paraná
- Pernambuco
- Piauí
- Rio de Janeiro
- Rio Grande do Norte
- Rio Grande do Sul
- Rondônia
- Roraima
- Santa Catarina
- São Paulo
- Sergipe
- Tocantins

* 49. Liste todas as **idades** em que o projeto atua:

Inclua o estado. Formato: Cidade-UF

O Brasil que Lê

AUDIÊNCIA DO PROJETO

* 50. **Público-alvo** atendido pelo projeto:

Assinale todas as opções válidas

- Moradores de uma comunidade/bairro/cidade/estado
- Alunos de uma creche/escola/faculdade/universidade
- Professores
- Profissionais atuantes em uma organização
- Pacientes de hospitais
- Pessoas com deficiência
- Mulheres
- Apenados
- Refugiados
- Quilombolas
- Indígenas
- Afrodescendentes
- Outro. Qual?

* 51. **Faixa(s)-etária(s)** do público-alvo atendido pelo projeto:
Assinale todas as opções válidas

- Bebês
- Crianças
- Adolescentes
- Jovens
- Adultos
- Idosos

O Brasil que Lê

RECURSOS DO PROJETO

* 52. **Acervos** à disposição do projeto:

Assinale todas opções válidas

- Livros impressos - Literatura infantil
- Livros impressos - Literatura juvenil
- Livros impressos - Literatura geral
- Livros impressos - Didáticos e paradidáticos
- Livros impressos - Científicos
- Livros impressos - Auto-ajuda
- Livros impressos - Livros de arte
- E-books e aplicativos de leitura
- Livros em braile
- Podcasts
- Audiolivros
- Revistas
- Gibis
- Fotografias
- Filmes (VHS)
- Filmes (DVD)
- CDs
- Fitas cassetes
- Discos de vinil
- Jogos analógicos/brinquedos
- Jogos eletrônicos
- Outro(s). Qual(is)?

* 53. Quantidade de **itens no acervo do projeto** como um todo. Entre:

- 1 a 100
- 101 a 500
- 501 a 1000
- acima de 1001

* 54. **Recursos tecnológicos** disponíveis:

Assinale todas opções válidas

- Computador
- Tablet
- Celular
- Televisão
- Leitor de CD/DVD
- Leitor de VHS
- Vitrola
- Toca-fitas
- Projetor
- Tela
- Filmadora
- Máquina fotográfica
- Plataforma digital
- Tecnologia assistiva (As tecnologias assistivas existem para disponibilizar recursos e serviços que possibilitem a ampliação das habilidades funcionais de pessoas com deficiência)
- Drone
- O projeto não necessita de recursos tecnológicos
- Outro(s). Qual(is)?

O Brasil que Lê

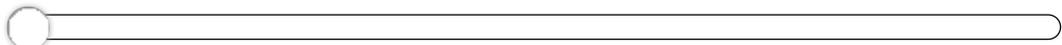
EQUIPE DO PROJETO

* 55. A equipe do projeto é formada por **quantas pessoas** no total?

Deslize a barra para selecionar o número adequado

Considere todos os setores do projeto, incluindo coordenação, mediação, suporte administrativo, etc.

0 100 ou mais de 100 pessoas



A horizontal slider bar with a circular handle on the left and a rounded rectangular end on the right. The bar is currently at the 0 position. To the right of the bar is an empty square box for the selected value.

* 56. O projeto conta com qual(is) **tipo(s) de mediador(es) de leitura**?

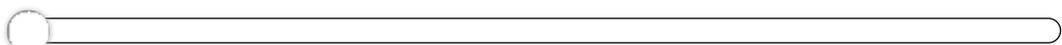
Assinale todas opções válidas

- Contador de histórias
- Bibliotecário
- Mediador em eventos culturais
- Ledor
- Ator/artista em apresentações teatrais, musicais ou circenses
- Professor
- Oficineiro
- Suporte individual aos participantes
- Intérprete de Libras
- Outro(s). Qual(is)?

* 57. **Quantos mediadores** atuam no projeto?

Deslize a barra para selecionar o número adequado

0 100 ou mais



A horizontal slider bar with a circular handle on the left and a rounded rectangular end on the right. The bar is currently at the 0 position. To the right of the bar is an empty square box for the selected value.

* 58. Os **mediadores de leitura** são:

Remunerados

Voluntários

Equipe de mediadores mista (alguns são remunerados e outros são voluntários)

* 59. Os **mediadores** tem **formação** para exercer a sua função no projeto?

- Não
- Sim, alguns
- Sim, a maioria
- Sim, todos
- Não sei

* 60. O projeto **oferece formação** para os mediadores?

Entende-se formação inicial aquela que antecede o início do projeto

- Sim, formação inicial
- Sim, formação continuada ao longo do projeto
- Sim, formação inicial e formação continuada ao longo do projeto
- Não oferece formação pois os mediadores já têm formação prévia
- Não oferece formação e os mediadores não têm formação prévia
- Não sei
- Outro tipo de formação. Qual(is)?

* 61. O projeto conta com qual(is) **tipo(s) de suporte administrativo**?

Assinale todas opções válidas

- Secretaria e infraestrutura
- Comunicação e marketing
- Contabilidade
- Limpeza e manutenção
- Informática e tecnologia
- Outro(s). Qual(is)?

* 62. A **equipe de suporte** é:

- Remunerada
- Voluntária
- Mista (alguns são remunerados e outros são voluntários)

O Brasil que Lê

DESCRIÇÃO DO PROJETO

* 63. **Justificativa** do projeto:

Você deve argumentar de forma lógica, clara e direta por que o projeto vale a pena, por que merece/precisa de investimentos. Qual seria a sua importância para um grupo, comunidade etc.

Resposta entre 350 e 700 caracteres.

* 64. Explique as **razões** que levam seu projeto a contribuir para a promoção da leitura.

Resposta entre 350 e 700 caracteres.

* 65. Qual(is) afirmativa(s) abaixo você considera mais apropriada(s) à **conceituação de leitura** do seu projeto? Assinale as opções prioritárias (até 3).

Leitura como prática escolar / alfabetização

Leitura como ampliação do universo cultural / fonte de conhecimento

Leitura como formação para o pensamento crítico / inserção na vida sócio-política

Leitura como habilidade técnica / instrumental

Leitura como recurso à expressão criadora / acesso a diferentes linguagens

Leitura como prazer e diversão

Outra. Qual(is)?

* 66. Quais são os **objetivos gerais**/macro-objetivos do projeto?

Assinale as opções prioritárias (até 3).

- Ampliar a oportunidade de contato com a leitura
- Facilitar o acesso à leitura com mediação
- Facilitar o acesso ao livro sem preocupação com mediação da leitura
- Contribuir com a educação formal de adultos e crianças
- Formar leitores críticos e atuantes na sociedade
- Formar escritores e/ou criadores em diversas linguagens
- Promover o empoderamento de pessoas excluídas
- Contribuir com a interação e o desenvolvimento comunitários
- Outro(s). Qual(is)?

* 67. Liste os **objetivos específicos** do projeto (no máximo 05 objetivos específicos):

Objetivos específicos são aqueles que detalham os objetivos-macro e os processos necessários para a realização do projeto.

(Exemplo:

- desenvolver habilidades de leitor
- qualificar os processos de leitura e escrita
- conhecer obras de autores consagrados)

Resposta entre 350 e 700 caracteres.

* 68. Descreva a **metodologia** do projeto, ordenando suas etapas de execução, de modo a cumprir os objetivos específicos.

Metodologia é o caminho que será/foi seguido em toda a execução do projeto, a sua implementação e etapas de execução, e em que ordem.

Resposta entre 350 e 700 caracteres.



* 69. Selecione a(s) **atividade(s)** realizada(s) pelo projeto (assinale tantas quantos forem válidas):

- Empréstimos de itens do acervo
- Círculos de leitura
- Clubes de leitura
- Leitura individual / livre
- Leitura em voz alta (letores)
- Contadores de história
- Saraus
- Encontro com escritores/ilustradores/artistas em geral
- Apresentações teatrais/circenses
- Apresentações musicais
- Exposições
- Suporte à pesquisa
- Sessões de filme
- Debates / mesas-redondas sobre literatura
- Debates / mesas-redondas sobre outro(s) tema(s)
- Cursos
- Oficinas de leitura
- Oficinas de escrita
- Outra(s) atividade(s). Qual(is)?

* 70. Qual o número de **ações realizadas** pelo projeto como um todo?

Deslize a barra para selecionar o número adequado

0 1000 ou mais de 1000 ações

* 71. O projeto prevê **ações de acessibilidade, ajuda técnica e/ou tecnologia assistiva?**

As tecnologias assistivas existem para disponibilizar recursos e serviços que possibilitem a ampliação das habilidades funcionais dos alunos com deficiência.

- Não
- Sim. Qual(is)?

O Brasil que Lê

METAS E AVALIAÇÃO

72. Descreva as **metas** do projeto:

As metas do projeto são aspectos quantificáveis e avaliados para aferir se os objetivos foram alcançados.

Resposta entre 350 e 700 caracteres.

* 73. Há algum processo de **avaliação das metas?**

- Sim
- Não

* 74. Selecione a(s) **maneira(s) como essa avaliação é realizada:**

- Preenchimento de questionário
- Observação
- Registro diário/por atividade
- Fotografias
- Vídeos
- Estatísticas de atendimento
- Outra(s). Qual(is)?

O Brasil que Lê

AVALIAÇÃO DO PROJETO:

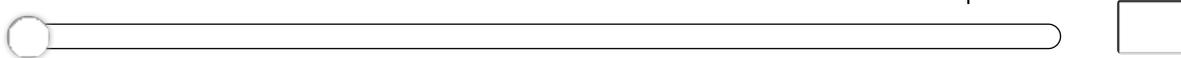
* 75. Há **registro** do número de pessoas atendidas?

- Sim, há registro formal dos participantes (cadastro, lista de presença, etc.)
- Sim, há registro informal dos participantes
- Não há registro

* 76. Número de **pessoas atendidas** no projeto como um todo:

Deslize a barra para selecionar o número adequado

0 mais de 1000 pessoas



O Brasil que Lê

IMPACTOS DO PROJETO

* 77. Houve **impacto social** do projeto em termos de **práticas de cidadania** (voluntariado/assistência a excluídos/iniciativas de inclusão)?

- Não
- Não sei
- Sim. Qual(is)?

* 78. Houve **alterações notáveis no PISA** das regiões atingidas pelo projeto?

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), tradução de Programme for International Student Assessment, é um estudo comparativo internacional, realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

- Não
- Não sei
- Sim. Qual(is)?

* 79. Houve **impacto social** do projeto em termos de **melhoria da qualidade de vida** das populações atendidas?

- Não
- Não sei
- Sim. Qual(is)?

* 80. Houve alguma **alteração no IDH ou outro indicativo** de melhoria do contexto social?
IDH: Índice de Desenvolvimento Humano. É uma medida comparativa para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" classificando-os em desenvolvidos, em desenvolvimento ou subdesenvolvidos.

- Não
- Não sei
- Sim. Qual(is)?

O Brasil que Lê DESDOBRAMENTOS

* 81. Há **desdobramentos** do projeto?
Os **desdobramentos** são fatos ou ações que se desenvolveram a partir das ações ou resultados do projeto; geralmente não são previstos no momento da criação do mesmo.

- Não
- Sim. Qual(is)?

* 82. Você vê **desdobramentos possíveis** para o projeto?

Desdobramentos possíveis são aquelas situações que poderão ocorrer a partir dos resultados do projeto ou mesmo de ações em andamento.

- Não
- Sim. Qual(is)?

* 83. O que você **sonha** para o futuro do projeto?

O Brasil que Lê

INFORMAÇÕES FINAIS

* 84. Quais as **dificuldades** enfrentadas pelo projeto?

- Falta de recursos financeiros
- Falta de recursos humanos
- Falta de itens no acervo
- Falta de espaço
- Falta de participação
- Falta de apoio da comunidade
- Falta de divulgação
- Falta de formação da equipe
- Falta de integração interinstitucional
- Falta de segurança pública
- O projeto não apresenta nenhuma dificuldade
- Outra(s) dificuldade(s). Qual(is)?

* 85. O projeto já recebeu algum **prêmio**?

Não

Sim. Qual(is)?

86. Anexo. Inclua **fotos e outros documentos** que nos ajudem a saber mais sobre o projeto. **Junte tudo em um único documento** de **até 16MB** num dos formatos a seguir: PDF, DOC, DOCX, PNG, JPG, JPEG, GIF.

Caso tenha vídeos que queira enviar, inclua o link na pergunta seguinte ou envie o arquivo para **EMAIL DO PROJETO**.

Selecionar arquivo

Selecionar arquivo

Nenhum arquivo
selecionado

87. **Outras informações**, comentários, links que você julgue relevantes para a avaliação do projeto.

LISTA DE GRÁFICOS

I.

O BRASIL QUE LÊ

Mapeamento analítico de iniciativas de leitura

- 20 GRÁFICO 1 | Distribuição por gênero do responsável pelo projeto
- 20 GRÁFICO 2 | Distribuição por nível de formação do responsável do projeto
- 21 GRÁFICO 3 | Área de formação do responsável
- 22 GRÁFICO 4 | Distribuição de projetos por Estado
- 24 GRÁFICO 5 | Status do projeto
- 25 GRÁFICO 6 | Quem desenvolve o projeto
- 26 GRÁFICO 7 | Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos
- 27 GRÁFICO 8 | Distribuição por tipos de articulação
- 27 GRÁFICO 9 | Distribuição por tipos de parcerias dos projetos
- 28 GRÁFICO 10 | Distribuição por fonte de recurso dos projetos
- 29 GRÁFICO 11 | Distribuição por tipo espaço onde o projeto é desenvolvido
- 30 GRÁFICO 12 | Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos
- 30 GRÁFICO 13 | Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — plataformas virtuais
- 31 GRÁFICO 14 | Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos e/ou plataformas virtuais
- 32 GRÁFICO 15 | Distribuição pela abrangência territorial do projeto
- 33 GRÁFICO 16 | Projetos que atuam em mais de 1 Estado
- 34 GRÁFICO 17 | Público-alvo atendido pelo projeto
- 35 GRÁFICO 18 | Faixa(s)-etária(s) do público-alvo atendido pelo projeto
- 36 GRÁFICO 19 | Acervos à disposição do projeto
- 37 GRÁFICO 20 | Quantidade de itens no acervo do projeto como um todo
- 38 GRÁFICO 21 | Recursos tecnológicos disponíveis
- 39 GRÁFICO 22 | Perfil dos mediadores de leitura do projeto
- 40 GRÁFICO 23 | Quanto à remuneração dos mediadores de leitura
- 41 GRÁFICO 24 | Os mediadores têm formação para exercer a sua função no projeto
- 41 GRÁFICO 25 | Projetos que oferecem formação para os mediadores
- 42 GRÁFICO 26 | Tipo(s) de suporte administrativo com os quais o projeto conta
- 43 GRÁFICO 27 | Equipe de suporte
- 44 GRÁFICO 28 | Conceitos de leitura dos projetos
- 45 GRÁFICO 29 | Objetivos gerais/macro-objetivos do projeto
- 46 GRÁFICO 30 | Atividade(s) realizada(s) pelo projeto
- 48 GRÁFICO 31 | Sobre a disponibilização de ações de acessibilidade, ajuda técnica e/ou tecnologia assistiva
- 50 GRÁFICO 32 | Processo de avaliação das metas
- 50 GRÁFICO 33 | Formas de avaliação

- 52 GRÁFICO 34 | Sobre o impacto social do projeto em termos de práticas de cidadania
- 53 GRÁFICO 35 | Se houve alguma alteração no IDH ou outro indicativo de melhoria do contexto social
- 54 GRÁFICO 36 | Impacto social do projeto em termos de melhoria da qualidade de vida das populações atendidas
- 55 GRÁFICO 37 | Desdobramentos do projeto
- 56 GRÁFICO 38 | Desdobramentos possíveis para o projeto
- 57 GRÁFICO 39 | Dificuldades enfrentadas pelo projeto

III.

O BRASIL QUE LÊ

Mapeamento de perfis de mediadores de leitura

- 101 GRÁFICO 1 | Dificuldades enfrentadas pelos projetos
- 102 GRÁFICO 2 | Realização de formação de mediadores X longevidade dos projetos
- 107 GRÁFICO 3 | Tipos de mediadores que atuam em projetos que realizam formação de mediadores
- 108 GRÁFICO 4 | Remuneração de mediadores que atuam em projetos que realizam formação de mediadores
- 109 GRÁFICO 5 | Público-alvo dos projetos que realizam formação de mediadores
- 111 GRÁFICO 6 | Espaços físicos em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos
- 112 GRÁFICO 7 | Plataformas virtuais em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos
- 112 GRÁFICO 8 | Espaços físicos e/ou plataformas virtuais em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos
- 113 GRÁFICO 9 | Quem desenvolve os projetos que realizam formação de mediadores

IV.

O BRASIL QUE LÊ

Mapeamento da aplicação das novas tecnologias em projetos de leitura

- 125 GRÁFICO 1 | Ambientes em que são desenvolvidos os projetos
- 127 GRÁFICO 2 | Projetos que utilizam ao menos um canal de mídia social
- 127 GRÁFICO 3 | Mídias sociais mais utilizadas
- 137 GRÁFICO 4 | Origem dos projetos realizados exclusivamente em plataformas virtuais
- 139 GRÁFICO 5 | Comparação entre os projetos com website e aqueles com presença nas mídias sociais
- 144 GRÁFICO 6 | Projetos que apresentam uma conta de WhatsApp em comparação aos projetos que efetivamente usam o WhatsApp na realização de suas atividades de promoção à leitura
- 151 GRÁFICO 7 | Principais recursos tecnológicos disponíveis aos projetos
- 152 GRÁFICO 8 | Recursos tecnológicos dos projetos de acordo com as macrorregiões geográficas
- 154 GRÁFICO 9 | Principais recursos tecnológicos segundo a origem do projeto

- 156** GRÁFICO 10 | Principais recursos tecnológicos dos projetos de acordo com o ambiente de realização das atividades
- 160** GRÁFICO 11 | Presença de livros nos acervos dos projetos, considerando diferentes mídias e formatos
- 162** GRÁFICO 12 | Itens dos acervos organizados em categorias

v.

O BRASIL QUE LÊ

Tabulações e gráficos

1. Perfil dos projetos por tabulação simples

- 174** GRÁFICO 1 | Q10: Distribuição de projetos por Estado
- 175** GRÁFICO 2 | Q10: Distribuição de projetos por Região
- 175** GRÁFICO 3 | Q19: Distribuição por gênero do responsável pelo projeto
- 176** GRÁFICO 4 | Q22: Distribuição por nível de formação do responsável pelo projeto
- 176** GRÁFICO 5 | Q23: Distribuição por área de formação do responsável pelo projeto
- 177** GRÁFICO 6 | Q24: Status do projeto
- 177** GRÁFICO 7 | Q25: Ano de início dos projetos por décadas
- 178** GRÁFICO 8 | Q25: Ano de início dos projetos nos últimos 30 anos
- 179** GRÁFICO 9 | Q32: Distribuição por origem do projeto
- 179** GRÁFICO 10 | Q33: Distribuição por tipos de parcerias dos projetos
- 180** GRÁFICO 11 | Q34: Distribuição por tipos de articulação
- 180** GRÁFICO 12 | Q35: Distribuição por fonte de recurso dos projetos
- 181** GRÁFICO 13 | Q36: O projeto é desenvolvido por
- 181** GRÁFICO 14 | Q37: Distribuição por tipo espaço onde o projeto é desenvolvido
- 182** GRÁFICO 15 | Q38: Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos
- 182** GRÁFICO 16 | Q39: Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — plataformas virtuais
- 183** GRÁFICO 17 | Q40: Distribuição por local de desenvolvimento do projeto — espaços físicos e/ou plataformas virtuais
- 184** GRÁFICO 18 | Q41: Distribuição pela abrangência territorial do projeto
- 185** GRÁFICO 19 | Q45: Estado em que o projeto atua
- 186** GRÁFICO 20 | Q48: Projetos que atuam em mais de um Estado
- 187** GRÁFICO 21 | Q50: Público-alvo atendido pelo projeto
- 187** GRÁFICO 22 | Q51: Faixa(s)-etária(s) do público-alvo atendido pelo projeto
- 188** GRÁFICO 23 | Q52: Acervos à disposição do projeto
- 189** GRÁFICO 24 | Q53: Quantidade de itens no acervo do projeto como um todo
- 190** GRÁFICO 25 | Q54: Recursos tecnológicos disponíveis
- 191** GRÁFICO 26 | Q55: Número de pessoas que formam a equipe do projeto
- 191** GRÁFICO 27 | Q56: Perfil dos mediadores de leitura do projeto
- 192** GRÁFICO 28 | Q57: Número de mediadores
- 192** GRÁFICO 29 | Q58: Remuneração dos mediadores
- 193** GRÁFICO 30 | Q59: Os mediadores têm formação para exercer a sua função no projeto
- 193** GRÁFICO 31 | Q60: Projetos que oferecem formação para os mediadores

- 194 GRÁFICO 32 | Q61: Tipo(s) de suporte administrativo com os quais o projeto conta
- 194 GRÁFICO 33 | Q62: Remuneração da equipe de suporte
- 195 GRÁFICO 34 | Q65: Conceitos de leitura dos projetos
- 196 GRÁFICO 35 | Q66: Objetivos gerais/macro-objetivos do projeto
- 197 GRÁFICO 36 | Q69: Atividade(s) realizada(s) pelo projeto
- 198 GRÁFICO 37 | Q70: Número de ações realizadas pelo projeto como um todo
- 199 GRÁFICO 38 | Q71: Sobre a disponibilização de ações de acessibilidade, ajuda técnica e/ou tecnologia assistiva
- 200 GRÁFICO 39 | Q73: Processo de avaliação das metas
- 200 GRÁFICO 40 | Q74: Formas de avaliação
- 201 GRÁFICO 41 | Q75: Sobre a existência de registro do número de pessoas atendidas
- 202 GRÁFICO 42 | Q76: Número de pessoas atendidas no projeto como um todo
- 203 GRÁFICO 43 | Q77: Sobre o impacto social do projeto em termos de práticas de cidadania
- 204 GRÁFICO 44 | Q78: Alterações notáveis no PISA das regiões atingidas pelo projeto
- 205 GRÁFICO 45 | Q79: Impacto social do projeto em termos de melhoria da qualidade de vida das populações atendidas
- 206 GRÁFICO 46 | Q80: Se houve alguma alteração no IDH ou outro indicativo de melhoria do contexto social
- 207 GRÁFICO 47 | Q81: Desdobramentos do projeto
- 207 GRÁFICO 48 | Q82: Desdobramentos possíveis para o projeto
- 208 GRÁFICO 49 | Q84: Dificuldades enfrentadas pelo projeto
- 208 GRÁFICO 50 | Q85: Projetos premiados

2. Tabulação cruzada considerando perguntas e respostas sobre novas tecnologias, infraestrutura tecnológica e acervos digitais

- 210 GRÁFICO 51 | Projetos que utilizam ao menos um canal de mídia social
- 210 GRÁFICO 52 | Mídias sociais mais utilizadas
- 211 GRÁFICO 53 | Origem dos projetos realizados exclusivamente em plataformas virtuais
- 211 GRÁFICO 54 | Comparação entre dos projetos com website e aqueles com presença nas mídias sociais
- 212 GRÁFICO 55 | Projetos que apresentam uma conta de WhatsApp em comparação aos projetos que efetivamente usam o WhatsApp na realização de suas atividades de promoção à leitura
- 212 GRÁFICO 56 | Principais recursos tecnológicos disponíveis aos projetos
- 213 GRÁFICO 57 | Recursos tecnológicos dos projetos de acordo com as macrorregiões geográficas
- 214 GRÁFICO 58 | Principais recursos tecnológicos segundo a origem do projeto
- 215 GRÁFICO 59 | Principais recursos tecnológicos dos projetos de acordo com o ambiente de realização das atividades
- 216 GRÁFICO 60 | Presença de livros nos acervos dos projetos, considerando diferentes mídias e formatos
- 217 GRÁFICO 61 | Itens dos acervos organizados em categorias

3. Tabulação cruzada considerando o perfil dos mediadores

- 219** GRÁFICO 62 | Realização de formação de mediadores x longevidade dos projetos
- 220** GRÁFICO 63 | Tipos de mediadores que atuam em projetos que realizam formação de mediadores
- 221** GRÁFICO 64 | Remuneração de mediadores que atuam em projetos que realizam formação de mediadores
- 222** GRÁFICO 65 | Público-alvo dos projetos que realizam formação de mediadores
- 223** GRÁFICO 66 | Espaços físicos em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos
- 223** GRÁFICO 67 | Plataformas virtuais em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos
- 224** GRÁFICO 68 | Espaços físicos e/ou plataformas virtuais em que os projetos que realizam formação de mediadores são desenvolvidos
- 224** GRÁFICO 69 | Quem desenvolve os projetos que realizam formação de mediadores

4. Tabulação cruzada considerando a pergunta Q10 (Estado do projeto)

- 226** GRÁFICO 70 | Q10XQ24: O projeto se encontra



O Brasil que Lê

\C ItaúCultural



iiLer
Instituto
Interdisciplinar
de Leitura
PUC-Rio



PUC
RIO

JCA
STI
LHO